Sônia Barreto de Novaes

**Lugares de Memória e Mídias Digitais:
a narrativa transversal de Batatuba**

São Paulo

2014

Sônia Barreto de Novaes

Lugares de Memória e Mídias Digitais:
a narrativa transversal de Batatuba
(versão revisada)

Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Meios e Processos Audiovisuais.

Área de Concentração: Meios e Processos Audiovisuais

Linha de Pesquisa: Cultura Audiovisual e Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Gilson Schwartz

São Paulo

2014

Catálogo na Publicação

NOVAES, Sônia Barreto de

Lugares de memória e mídias digitais: a *narrativa transversal* de Batatuba. / Sônia Barreto de Novaes; orientação Prof. Dr. Gilson Schwartz. São Paulo: ECA/USP, 2014.

f; il. (contém mídia)

Versão revisada.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação Meios e Processos Audiovisuais. Área de Concentração: Meios e Processos Audiovisuais – Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2014.

1. mídias audiovisuais 2. narrativas 3. lugares de memória
4. Batatuba. 5. mapa colaborativo. I. Título. II. Autor

NOVAES, Sônia Barreto de

Lugares de Memória e Mídias Digitais: a *narrativa transversal* de Batatuba

Tese apresentada à Escola de Comunicações e Artes, da Universidade de São Paulo, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutor em Meios e Processos Audiovisuais.

Área de Concentração: Meios e Processos Audiovisuais

Linha de Pesquisa: Cultura Audiovisual e Comunicação

Aprovada em: ____ / ____ / 2014

Banca:

Prof. Dr. Gilson Schwartz (orientador)

*“Tudo tem o seu tempo determinado,
e há tempo para todo propósito debaixo do céu.”
Eclesiastes 3:1*

*“O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome:
sabedoria”
Walter Benjamin*

Dois seres

Duas singularidades

***perfazendo* a minha transversalidade**

Ian & Nathan

Agradecimentos

Por ordem de evocação da lembrança o que não quer dizer que uma seja mais importante que outra. **Foram tantas as pessoas**, que é bem possível “falhar a memória”.

Meus pais que me encantam com suas narrativas de vida e me ensinam a ouvir.

Gilson Schwartz, meu orientador sinalizador de *possibilidades*.

Rubens Paschoal – pelas dicas, pela força sempre com os filhotes, pelas fotos...

Vera Lúcia Camargo, parceira perfeita para vivenciar o lugar.

Seu Fio, um encontro casual no portão.

Luiz Henrique, pela abertura da visita à fábrica.

Andréa Rahal– pela luz sobre a transversalidade.

Doralice Domingues – um encontro fabuloso.

Francisco Smid – por me permitir ouvir suas histórias de Batatuba.

Grupo Suavidade (Inês, Cristina, Dorotéia, Lina, Zica...)

Grupo de jovens, em especial: Yasmim e Lureny.

Balia (Ana Maria) – um alegre reencontro professora e aluna.

Paty – Psicóloga do Grupo Suavidade e dos Jovens.

Escolas: EMEFEI “Marie Bata” e “José Siqueira Bueno”.

O Pessoal do “Sarau do Bata”, principalmente à Dona Luciana.

GENN – Grupo de Estudos Novas Narrativas.

Sérgio Basbaum – pelas dicas bibliográficas.

PRINCIPALMENTE À FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Pela Bolsa de doutorado e pela disponibilidade de reserva técnica

Resumo

Categorias como *Memória e Tempo*, *Ser e Narrativa* são mobilizados em favor da construção de uma dinâmica, mediada tecnologicamente, entre o *Singular* e o *Transversal*. A trama entre real e virtual se refaz ou reapresenta na medida em que a internet e os meios audiovisuais tecem narrativas ora singulares, ora transversais constituindo um definido *Lugar de Memória*. Esse lugar é reapresentado como um objeto que se manifesta e se torna operacional entre a teoria e a empiria, como um lugar da prática, do projeto, do cuidado. Para chegar a esse resultado, a pesquisa exige iniciativas colaborativas, locais, comunitárias (em especial na rede social Facebook). A mídia digital torna-se experiência de criação e apropriação da memória pela comunidade de Batatuba – Piracaia/SP. Um personagem e as intrigas de sua trajetória: Jan Antonin Bata e seu legado: a vila operária, a fábrica. A mediação dialógica e digital revela-se efetiva e o trabalho teórico se traduz em reapresentações das lembranças, das identidades em narrativas, num jogo entre singular e transversal que atualiza a memória e contribui para a postulação de outras narrativas e projetos.

Palavras-chave: mídias audiovisuais, narrativas, lugares de memória, Batatuba, mapa colaborativo.

Abstract

Categories such as Memory and Time, Being and Narrative are mobilized in favor of building a dynamic, technologically mediated sphere between the Singular and the Transversal. The connections between the real and the virtual reconfigure or re-present the narratives (singular or transversal) constituting a definite “Place of Memory”. This place is re-presented as an object that manifests itself as well as becomes an operational level between theory and empiricism, as a place for new practices, projects and care. To reach this result, the research requires collaborative local initiatives, community-led (especially on Facebook). Digital media becomes an experience of creation and ownership by the community of memory related to Batatuba - Piracaia / SP. There is this character and the intrigues of his brilliant career: Jan Antonin Bata and your legacies: the vile and the factory: the dialogic and digital mediation proves to be effective as the theoretical work translates in representation of the reminding, of the identities in narratives, in a language game between the singular and the transversal narratives that updates the memory and contributes to the postulation of others narratives and projects.

Keywords: audiovisual media, narratives, lugares de memória, Batatuba, collaborative map

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	3
... <i>Chegando à questão...</i>	3
... <i>Piracaia de uma maneira geral...</i>	4
<i>Apresentação da tese</i>	6
Organização do Trabalho	10
Parte – 1 Memória, Ser e Narrativa	12
1.1 Da Memória...	12
1.2 Do Ser	22
1.2.1. Ser-no (<i>Tempo</i>)	32
1.3 Das Narrativas	48
1.3.1. A Narrativa em relação ao Ser e ao Tempo	48
1.3.2. Da representação à <i>reapresentação</i>	63
1.3.3. Das <i>Narrativas Singulares à Narrativa Transversal</i> : <i>reapresentação da Memória Coletiva</i>	74
Lugar e Memória	87
Parte – 2 Lugar e Memória	88
2.1 Lugar	88
2.2. Lugares de Memória	98
2.3 O Ser <i>Entre</i> o Real e o Virtual: atualizações e possibilidades	103
2.3.1. A rede social: Facebook	126
2.3.2. YouTube	138
2.3.3. Google Map Engine	146
2.3.4 A possibilidade, a negociação, a responsabilidade da reapresentação de Lugares de Memória 158	
<i>Revelando Batatuba: a reapresentação em mídias audiovisuais</i>	171
Parte – 3 <i>Revelando Batatuba: a reapresentação em mídias audiovisuais em três tempos.</i> ...	172
3.1 Ontem: Jan Antonin B'ata: Ser de seu tempo e o projeto Batatuba	172
3.1.1 Jan Antonín Bat'a	174
3.1.2 Projeto Batatuba	189
3.2. Hoje: Batatuba e seus Lugares de Memória	203
3.3 Futuro do Pretérito: O Mapa Narrativo Mnemônico	224
Considerações finais	229
Referências	233

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Esquematização da noção de Tempo Humano	49
Figura 2 Configuração Narrativa	66
Figura 3: Narrativa Singular.....	76
Figura 4: Estrutura complexa do lugar de memória: material, simbólico e funcional	102
Figura 5: Cone de Bergson	123
Figura 6: Quadro do processo de abertura à reapresentação	160
Figura 7: Emblema: Família Bata - data de início do Mundo	Figura 8: Emblema da Indústria ao redor do Mundo 175
Figura 9: Zlín 1930 #batavintage	176
Figura 10 e 11: Casas Bata em Praga (Fonte desconhecida).....	189
Figura 11: "A imagem da cidade" por Kevin Lynch	Figura 12: início da Vila Operária de Batatuba - foto: Jan Bata..... 189
Figura 13: vista parcial de Batatuba a partir da Rodovia "Jan Antonin Bata" Foto - Sônia Novaes	195
Figura 14: Casarão Bata - Acervo Massa Falida – Sapaco	204
Figura 16: Casarão Bata Abandonado - Foto de Gabriel Marra	205
Figura 17: Casarão Bata - Escritório Balagro - Foto Sônia Novaes	205
Figura 18: Lareira com os emblemas da Família Bata - Foto de Rubens Paschoal	205
Figura 19: Casa Rosa - foto de Rubens Paschoal.....	205
Figura 20: Wagner - um dos colaboradores do "Sarau do Bata"	214
Figura 21: Yasmim - Jovem do CRAS e que participa de todas as atividades.....	214
Figura 22 Dona Cristina e parte de seu mapa georeferenciado.....	218
Figura 23 Visita à Fábrica - fotos de Sônia Novaes.....	223

INTRODUÇÃO:

... Chegando à questão...

—*Não há evocação sem inteligência do presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair de determinações atuais.*” (BOSI, 1994, p. 81)

A acessibilidade cultural sempre me foi uma questão recorrente desde a graduação em biblioteconomia quando estudava sobre *percepção sinestésica e visual* em espaços de cultura voltados ao público adolescente. Já no mestrado desenvolvi com a equipe de pesquisa do ColaborI (Colaboratório em *Infoeducação*), sob orientação do Prof. Dr. Edmir Perrotti, o conceito operacional de *Mediação Cultural dialógica*. Nestes percursos, por vários motivos, tanto pessoal como profissional, a Cidade de Piracaia esteve, de alguma maneira, presente como campo representativo daqueles questionamentos acerca da cultura, da sua acessibilidade e das suas marcas dentro de uma comunidade. Foi trabalhando nessa cidade - Piracaia - onde vivi a seguinte história:

—*O garoto entrou na Biblioteca Pública Municipal e, passando pelo acervo infantil, seguiu diretamente à ala de literatura para adultos. Curiosa, a bibliotecária observava à distância. Quando percebeu a impaciência do menino que não encontrava o que procurava se dispôs a auxiliá-lo. – Então ele lhe disse que uma amiga lhe disse que havia ali na Biblioteca um livro que contava a história de Piracaia e que este livro havia sido escrito por Monteiro Lobato. – A bibliotecária admirada com tal indicação procurou não transparecer que estava um tanto quanto intrigada. Se propôs a citar os títulos do autor até ele dizer qual era. Quando citou ‘Cidades Mortas’, prontamente o garoto disse: ‘É este! É este!’*”

Já em vias de entrar no doutorado este episódio do menino na biblioteca veio à tona juntamente com a percepção, durante o mestrado, da falta de equipamentos culturais na mencionada cidade. Então, percorri as páginas do livro “Cidades Mortas” em busca de alguma citação sobre Piracaia e, embora não encontrando nada sobre esta, o seguinte trecho me chamou a atenção:

A grande preocupação de todos é matar o tempo. Matam-no, os homens, pitando cigarrões de palha, e as mulheres, gestando a prole enfermiça. E assim escorregam-se para o Nirvana os dias, os meses, os anos, como lesmas de Cronos, deixando nas memórias um rastilho dúbio que rapidamente extingue. (LOBATO, 1956, p.80)

Busquei no “Google” esta conexão “Piracaia+Cidades Mortas” e encontrei um estudo que relacionava a queda da economia cafeeira à morte das cidades que sobreviviam daquela... Todavia, andava por Piracaia, tanto nas ruas do Centro como nas de seus bairros rurais, buscando nas prosas das pessoas algo que justificasse a tal “falência” desta cidade, ou que pelo menos demonstrasse a “grande preocupação destas pessoas em „matar o tempo”” e com ele *lugar*. Assim, comecei a me perguntar onde estaria “cidade morta” e, qual relação poderia haver com uma cidade de conhecimento, já que agora eu fazia parte do grupo de pesquisa “Cidade do Conhecimento” sob a orientação do Prof. Dr. Gilson Schwartz.

Então, falemos um pouco de Piracaia, para que mais adiante, possamos situar Batatuba.

... Piracaia de uma maneira geral...

Piracaia¹ esta situada a 85 quilômetros da capital paulista e conta com a população estimada em 22.335 habitantes² em uma área de 385 km². Faz divisa com Atibaia, Joanópolis, Bom Jesus dos Perdões, Nazaré Paulista e Bragança Paulista. Sua economia é basicamente rural e sua população, predominantemente, católica. É uma cidade que possui uma narrativa própria e estas são transmitidas quase em sua totalidade pela oralidade e, quando há registros, estes são particulares, cabendo à família salva guardá-los, como é o caso do acervo fotográfico de Tetê Brandão³, embora a maior parte deste seja, hoje, acervo permanente da UNICAMP.

Há, também, certo número de jornais e documentos de época “garimpados” e selecionados segundo critérios de “Seu Dito” (o senhor responsável pela Biblioteca Pública). Esses documentos recuperados, dentre eles o livro “*O mundo compreenderá*”⁴ encontravam-se em um depósito da prefeitura municipal em condições sofríveis. Os quadros do artista plástico da cidade – Tazula – podem ser apreciados pelos corredores e salas da Prefeitura Municipal, da Câmara dos vereadores e no Fórum. Quanto aos espaços destinados à cultura são dois: Centro Cultural Walter Puccinelli (Prédio

¹ Vídeo de Roberto Banfi que narra um pouco da história de Piracaia a partir de fotografias antigas e atuais. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=aHTHw0FevGk> > Acesso em: 16 out. 2010.

² IBGE – Disponível em: < http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2009/POP2009_DOU.pdf > Acesso em: 13 dez 2010.

³ <https://www.facebook.com/media/set/?set=oa.513529325329595&type=1>

⁴ Referência básica para entender a história de “Jan Antonin Bat’a”

tombado pelo CONDEPHAAT e aguardando reformas) e a Biblioteca Pública Municipal, cujo acervo não está em prédio próprio. Esta ausência de equipamentos culturais e de políticas que viabilizem ações culturais pode ser percebida como uma insuficiência ao desenvolvimento da cidadania plena, comprometendo o circuito de valores culturais.

A descoberta da vocação de uma determinada cidade, ou mesmo uma localidade, está diretamente relacionada à vivência comum de seus cidadãos em seus ideais e práticas. Anulando-se os valores simbólicos destas, anula-se a busca significativa, comprometendo assim o desenvolvimento local. Por outro lado, as novas formas de ações coletivas e colaborativas requerem um potencial emancipatório que não diferencia gênero, faixa etária, raça, credo, etc. Neste aspecto vale ressaltar as demandas geradas pelas tecnologias e a exigência, cada vez maior, de competências múltiplas que geram novos desafios aos relacionamentos sociais, cujas estruturas sociais são alcançadas e permeadas por diferentes formas de engenharias, dentre elas as de softwares e de hardwares, perfazendo as redes sociais e alargando os potenciais humanos.

A princípio, este projeto de pesquisa permeou a cidade em quatro grupos de narrativas, a saber: MOMA – Movimento Meio Ambiente; “Conselho Municipal de Cultura” (do qual eu era secretária); o grupo de “Mulheres Gaia” e o Grupo da rede social Facebook “Piracaia tem histórias”⁵. Destes envolvimento surgiu um material bastante complexo que, em todas as suas desdobras, já indicava que a Cidade poderia ser qualquer coisa, menos “morta”. Com esta demanda tendendo a exaustão a pesquisa solicitava um momento de pausa para refletir qual o foco seria mais adequado tanto para o Programa de Pós-Graduação no qual está inserida – “Meios e Processos Audiovisuais”, bem como para alimentar práticas em determinado local conectando-o a outros. Foi naquele momento de pausa que escrevemos um artigo sobre o “lado negro da narrativa” tendo em vista a rede de intrigas vivida por *Jan Antonín Bat’a*, idealizador de Batatuba, bairro que fora visitado no início desta pesquisa e tido, preliminarmente, como um dos pontos que compunha a narrativa da cidade. Assim, foi nos aberta a percepção para o *Lugar*, para a *Memória* e para as *Narrativas* contempladas em Batatuba. Com esta percepção e a partir da *metodologia colaborativa* de pesquisa

⁵ <https://www.facebook.com/groups/486843984664796/>

caminhamos tanto no sentido teórico quanto empírico para responder: à seguinte questão:

- *Quais as implicações das mídias digitais no processo de legitimação de lugares na representação da memória?*

Apresentação da tese

—[...] Ora, a lembrança está do lado da percepção, quanto à tese de realidade. [...]”
(RICOEUR, 2007, p. 38)

Quais as implicações das *mídias digitais* no processo de legitimação de *lugares* na *representação* da memória?

Nesta questão se inserem:

- a) “sobre o quê?” – *narrativas*;
- b) “de quem?” – pessoas cujas *memórias* compõem o *lugar*;
- c) “como?” – os *meios*, as *mídias digitais*. Portanto, desde já as *mídias digitais* são entendidas enquanto instâncias, dispositivos constitutivos e constituintes de todos os passos de entendimento do objeto de pesquisa, seja seu viés:

- Teórico – A mídia de uma *Narrativa Transversal*
- Empírico – A re(a)apresentação dos *lugares de memória* na mídia digital

É pertinente lembrar que a empiria não é “ateórica” no sentido de estar desprovida de conhecimentos que avizinham questões pautadas no dia a dia. A diferença destas para com a atitude teórica está, não somente em que uma *age* e a outra contempla e em que, para não deixar de lado o conhecimento/teorias, o agir faz uso dos conhecimentos teóricos, mas, sobretudo, porque originalmente tanto o contemplar é uma ocupação como o agir possui contemplação.

As variáveis que envolvem esta pesquisa sobre a relação mídia digital/lugar de memória/narrativas se mostraram complexas quando estudadas a partir da *metodologia*

colaborativa de pesquisa e, com isto optamos pela memória como uma tecnologia social⁶.

In social and cultural history, memory has been used to great effect in the gathering of data to formulate alternative histories or to uncover marginalised accounts of particular events or periods of time (Leydesdorff 1999) despite its rather low ranking on the scale of traditional historiographical credibility. The motivation for using memory as a way of generating data in all of these instances is in large part due to the striking and vivid detail that memory narratives provide. (KEIGHTLEY, 2008, p. 180)

Segundo, Keightley, a memória vem sendo usada nos estudos culturais desde 1980 por Richard Johnson e o Grupo de Memória Popular Birmingham, usando narrativas como uma forma de construção de uma memória feminista socialista popular e antirracista. A autora ressalta que o uso da memória foi, enquanto método, desenvolvido, na Alemanha, na década de 1980, por Frigga Haug. Veremos que a memória é usada como forma de recordação, uma forma de “escavação” de relações sociais passadas e que residem em camadas do individual ao coletivo, democratizando, assim o passado. Neste sentido, coube-nos também explorar o conceito de memória, afinal é dela que vamos nos servir de informações necessárias que compreendem o lugar.

A memória narrada é colocada, juntamente com outras fontes tais como documentos oficiais, num circuito de elementos que nos fornecem dados, neste sentido, abordamos aquela tanto no sentido teórico quanto no sentido empírico. Adentraremos, então, nos conceitos de temporalização e do ser desta temporalização, o que se torna crucial no entendimento do que as pessoas estão fazendo com seus recursos temporais na memória contemporânea. O trabalho⁷ realizado por Garde-Hansen oferece uma revisão das principais teorias da memória e estabelece alguns parâmetros na compreensão da memória na era digital e as “tecnologias de arquivar”. As questões

⁶ “[...] Todo processo, método ou instrumento capaz de solucionar algum tipo de problema social e que atenda aos quesitos de simplicidade, baixo custo, fácil reaplicabilidade e impacto social comprovado.” (MELLO apud MUSEU DA PESSOA, 2009, p. 11)

⁷ *Media and Memory*, Joanne Garde-Hansen. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2011. A Review by Elena Caoduro, University of Southampton – Garde-Hansen Organiza o desenvolvimento de estudos de memória em três fases: Primeira, a era fundamental, o boom de memória caracterizada pelos franceses (Halbwachs, Bergson, Ricoeur, Le Goff e Nora). “For these thinkers, memory, remembering and recording are the key to existence, becoming and belonging”. (Garde-Hansen apud Caoduro, 2012, p. 2) A segunda fase está marcada pela lembrança, de como lidar com esta, os traumas e o esquecimento (Connerton e Huyssen). Essa onda de estudos de memória tem cruzado com estudos de Mídia e de Cultura. Terceira fase – a primeira década do século XXI testemunhou um ressurgimento do interesse em memória e meios de comunicação, e as indústrias criativas como pretendido tecnologias, Que são cada vez mais maleável, digital e global. (Caoduro, 2012)

sobre práticas informacionais, culturais e comunicacionais requerem, segundo Miège⁸, múltiplos suportes na medida em que as práticas vão se constituindo, ou seja, na duração do *fazer*, sustentada por normas e valores carregados de representações sociossimbólicas.

Enquanto práticas, abordamos também a questão da apropriação das mídias sob as perspectivas fundamentais de dois filósofos (dentre tantos outros imprescindíveis, às compreensões aqui abordadas) sejam eles: Martin Heidegger (*ser e o tempo*) e Paul Ricoeur (*tempo e narrativa*). Assim, aquela questão existencial de uma “cidade morta” se desdobra numa série de *possibilidades* indo do teórico ao prático e do prático ao teórico, num encontro valorativo entre os objetos empírico e epistemológico validando a hipótese inicial de que: **o conhecimento e as práticas tecidas em redes sociais sobre temas históricos alimentam o capital social local ao colocar em cena o discurso extraoficial ao mesmo tempo em que favorece a representação da memória e projeções de cidadania *singular* e coletiva tanto no contexto local como no global.**

Registramos por meio de recursos audiovisuais certo número de narrativas de determinadas pessoas que tiveram alguma relação com Jan Antonín Bat’a e com Batatuba – Piracaia e procuramos entender o que significa viver, morar nesse lugar que “parece ter parado no tempo”. As narrativas se beneficiaram do audiovisual e seus campos foram estendidos da *performance* corporal e, mais particularmente da voz a âmbitos outrora inimagináveis, indo, por exemplo, de uma “simples” postagem na rede social ao desenvolvimento de redes sociais colaborativas, estas, por sua vez, constituintes das mudanças substanciais de comportamento e de interações de diferentes naturezas.

As maneiras como os espaços se desenvolvem sob as intervenções de processos fundamentais pertencem ao povo que ali habita. Cada lugar é pensado, julgado e sentido segundo as dimensões dadas por pessoas que estão ou estavam nesse lugar de modo que este recebe um sentimento de centralidade. Procuramos entender e provocar, em alguns casos, o interesse dessa comunidade pelo rememorar, pela preservação e pela intervenção, quando necessária, em seu patrimônio sociocultural. As narrativas foram vistas, tanto como forma de alimentar o “sentimento” de centralidade e de pertencimento, como conteúdos para uma toponálise da história local e a suas relações

⁸ MIÈGE, 2009, p. 177.

com a universal. Vale ainda ressaltar que, o interesse pelas narrativas de algumas pessoas envolvidas com a localidade de Batatuba, está mais para a afetividade para com o local, entendido como *lugar*, que para qualquer atestado de veracidade das falas acolhidas.

Essas redes de relacionamento se desenharam também entre a escuta da pesquisadora (repostas/ações dos protagonistas) e algumas ações provocativas, como foi o caso do “Sarau do Bata”. Este intercâmbio de informações vem contribuindo para propostas voltadas à valorização do lugar.

Ficou claro que “‘teoria’ e ‘prática’ são possibilidades ontológicas de um ente cujo ser deve determinar-se como cura. [...]” (HEIDEGGER, 2009, p. 215) O que difere o homem de outros entes é exatamente a sua natureza ontológica. A partir do momento que nos dispomos a entender algo, escolhemos as lentes com as quais veremos este algo. Trata-se aqui de uma *atualização privilegiada* do objeto do projeto científico dentro de um mundo de possibilidades e de descobertas dos seres.

Pois bem, a lente escolhida para “ver” foi o “ouvir” as narrativas de pessoas que tiveram alguma afinidade com Sr. Jan Antonin Bata e com seu “projeto” Batatuba.

Organização do Trabalho

Esta Tese está dividida em três partes, além da Introdução. Embora nos detenhamos mais na conceitualização nas duas primeiras partes, é na terceira parte que conseguimos vislumbrar a empiricidade da teoria quando apresentamos a *narrativa transversal* sobre Jan Antonin Bata por meio de *narrativas singulares* das pessoas que tiveram alguma afinidade com a história de Batatuba.

Sobre a metodologia empregada preferimos “diluí-la” a partir do segundo tópico da Parte – 2 e estendê-la pela Parte – 3. Pensamos que assim facilitamos a leitura desta tese.

Memória, Ser e Narrativa

*o delicado fio de segurar mundos
prestes a se romper
— onde estão as aranhas
que já não tecem mais
suas teias?
carregarão o fardo
da culpa pelo caos
de um universo destecido e sem
leveza*

Nydia Bonetti

Parte – 1 Memória, Ser e Narrativa

Nesta Parte, os conceitos de *Memória*, de *Ser* e de *Narrativa* são abordados de maneira interdependentes, sendo que, o conceito de *Narrativa* é operacional a partir do conceito de *Tempo*, também tratado neste capítulo. Desta maneira pretende-se chegar ao que denomino *Narrativas Singulares* como “suportes” à *Narrativa Transversal*. O que quer dizer que: as narrativas são, em sua essência, *representações* diretas da *memória* e que ao serem enunciadas, mediadas, trazem consigo outras duas potências, duas virtuosos do tempo sejam elas a *atenção* e a *expectativa* (análogo da memória). A partir dos percursos filosóficos traçados por Heidegger, Ricoeur, dentre outros, é que traçamos este ambiente teórico no qual o conceito de *Lugares de memória* (Parte – 2) estará aportado e delineado.

1.1 Da Memória...

- A memória, o que é a memória pra senhora?
 - A memória...? ... ahh, eu não lembro.
 (Dona Cristina)

—Mnemosyne, revelando ao poeta os segredos do passado, introdu-lo nos mistérios do além.” (EINAUDI, v.1, p. 21)

Dizem os gregos que Mnemosine passou noites com Zeus, nas quais foram geradas as nove musas: Calíope (Poesia Épica); Clio (Historia); Érato (Poesia Romântica); Euterpe (Música); Melpômene (Tragédia); Polímnia (Hinos); Terpsícore (Dança); Tália (Comédia); Urânia (Astronomia) – por esta geração percebemos, logo de entrada, o forte vínculo entre memória e poesia e a “liberdade pensante”⁹.

Os latinos designam a memória por *memoria* quando ela se reúne as percepções dos sentidos, e por *reminiscentia* quando os restitui. Mas designavam da mesma forma a faculdade pela qual formamos imagens, a que os gregos chamavam *phantasia*, e nós *imaginativa*, e os latinos *memorare* [...]. Os gregos contam também na sua mitologia

⁹ RICOEUR, 2007, p. 381.

que as musas, as virtudes da imaginação, são filhas da memória.
(VICO apud LE GOFF, 2013, p. 424)

O poeta e o profeta são aqueles que apelam à memória desde os “tempos antigos” – tanto um, como o outro, tem seu lugar entre os mestres do saber (*sophia*) e da verdade (*alétheia*). Das origens da poética grega, esta inscrição viva que se grava na memória como no mármore: para Homero, “versejar era lembrar”¹⁰. A narrativa, o versar, de quem lembra requer certa cadência e ritmo. O ouvido de quem ouve tende a entrar neste campo sonoro com a mesma afinidade de quem dança e assim permitir a visualidade dos gestos de quem narra, *fi*e também cadeias imaginativas. “A memória e a imaginação partilham do mesmo destino.”¹¹

Mnemosine “caminha” no imaginário humano e, nos exercícios de *buscas*, do “lembrar até...” vai passando de camadas a camadas, como percebemos no desenvolvimento, ao longo dos tempos, das concepções sobre o complexo conceito de Memória, o que quer dizer que estas buscas alteram significativamente o modo de entendê-la. Por exemplo, na busca por vidas anteriores e reencarnações, a memória passa de um plano cosmológico para outro escatológico e se distancia da história e da experiência temporal. Aristóteles distingue a memória propriamente dita, *mnemê*, como a faculdade de conservar o passado e; a faculdade de evocar voluntariamente¹² esse passado de *anamnesis*. Esta última era, para ele, a memória laica, dessacralizada e incluída no tempo, mas um tempo que permanece rebelde à inteligibilidade¹³, há aqui uma distância temporal entre o que é conservado – a sua impressão e aquilo que a recordação percorre. “Nesse sentido, o tempo continua sendo a aposta comum à memória-paixão e à recordação-ação.” (RICOEUR, 2007, p. 37) Retornaremos a esta proposição de Ricoeur quando tratarmos da questão da representação, ou seja, o “como” da recordação que é também o “como” desta pesquisa.

Santo Agostinho também nos conduz por um caminho de imagens mentais ao entendimento de tempo, ou das aporias deste. Avançamos nos meandros do seu “palácio

¹⁰ LE GOFF, 2013, p. 401.

¹¹ Ricoeur, 2007, p. 27.

¹² Podemos inferir que, evocar voluntariamente consiste a dimensão cognitiva da memória e seu caráter de saber.

¹³ VERNANT apud LE GOFF, 2013, p. 402.

da memória” e encontramos a introspecção e os exames de consciência numa requintada descrição que vale trazê-la aqui:

[...] as sensações que aí penetraram cada uma por sua porta: a luz, todas as cores, as formas dos corpos, pelos olhos; toda espécie de sons pelos ouvidos; todos os odores, pelas narinas; todos os sabores, pela boca; enfim, pelo sentido que se estende por todo o corpo, o duro e o brando, o quente e o frio, o suave e o áspero, o pesado e o leve, quer seja extrínseco, quer seja intrínseco ao corpo. A memória recolhe todas as percepções em seus vastos receptáculos, em suas secretas e inefáveis sinuosidades, para lembrá-las e retomá-las de acordo com a necessidade. [...]

Tudo isso realizo interiormente, no imenso palácio de minha memória. Ali eu tenho às minhas ordens o céu, a terra, o mar, com todas sensações que neles pude perceber, com exceção das de que já me esqueci. Ali me encontro comigo mesmo, e me recordo de mim e de minhas ações, de seu tempo e lugar, do estado de espírito em que estava, e dos sentimentos que me dominavam quando as praticava. Ali estão todas as lembranças do que aprendi ou pela crença ou pela experiência. Deste mesmo tesouro procedem as analogias formadas de acordo com as crenças que essas experiências me fizeram aceitar; ligo umas e outras com o passado, e, à luz desses conhecimentos, medito no futuro, nas ações, nos acontecimentos, nas esperanças, e tudo como se fosse presente. [...] (SANTO AGOSTINHO, 1961, p. 286-288)

A Memória sempre ocupou um papel primordial em toda história da humanidade. Ela é “um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento.” (BOSI, 1994, p 39)

Não há como não nos reportarmos à figura de *Mnemosine* na busca do entendimento de quem somos e qual nossa relação com o presente e onde nos situamos e que devemos, ou pelo menos deveríamos, projetar. Certamente há fatos que devem quedar no esquecimento e lá se degradar. Mas há no esquecimento uma perda de si, da memória familiar que é nosso lugar, nosso caminho quando o cursamos, quando percorremos na trilha de nossos pais, onde as sensações nos reportam a memórias olfativas, palativas, visuais, auditivas – retalhos de lembranças que se entrelaçam e formam um tecido a nos enredar. Enredamos e não voltamos iguais. Contudo, antes deste “enredar” a lembrança é como uma semente que permanece em estado latente, virtuosa em sua potencialidade. É precisamente neste reino virtual que se assenta o tesouro da memória.

O campo da memória é extensivo, porquanto trata de nossa capacidade de conservar certas informações, bem como a manipulação destas dentro de um complexo

conjunto de funções psíquicas aportados nos estudos das ciências neurológicas e afins. O conceito de memória versado aqui não é uma propriedade da inteligência, mas, aquela que no sentido lato é a base sobre a qual se inscrevem a concatenação de atos situada no campo da memória social. Neste sentido, e para nós, a memória é, desde já, uma configuração cultural.

Percebe-se que, quanto maior o universo da memória perpetuado a partir da oralidade, menos são os procedimentos mnemotécnicos. Sempre passando por ciclos de construção generativa, estas memórias, ou a rememoração – palavra por palavra –, cumprem papel importante na dimensão narrativa e na ordem dos acontecimentos. O aprender “de cor” – aprender do coração – também é a transmissão (trans-missão, um dever/cuidado *perpassando* ao longo do tempo) de certos conhecimentos considerados secretos, ou simplesmente, uma maneira de manter a memória “ativa”.

Da memória oral implicada nos mitos de origem da memória coletiva¹⁴ das sociedades à passagem para a memória escrita – temos o desenvolvimento de duas formas de memória: a) A monumental, ou seja, a comemoração – a celebração por meio de monumentos dos acontecimentos importantes para uma determinada sociedade e; b) A memória documental – diretamente ligada à memória escrita, cujas funções principais é a perpetuação e a comunicação de informações por meio do armazenamento das mesmas, o que assegura a passagem da informação antes auditiva (oral) à visual (escrita) o que gera uma avanço, posto que agora é “permitido” **reordenar**, **reexaminar**, **retificar**, dentre outras ações, inclusive a de **reapresentar** – ação que trataremos mais adiante. Ora, organizar, armazenar e difundir – fundamentais das instituições-memória (museus, bibliotecas, arquivos) – são ações de logísticas próprias do desenvolvimento urbano, como ressalta Leroi-Gourhan:

Não é, pois, pura coincidência o fato de a escrita anotar o que não se fabrica nem se vive cotidianamente, mas sim o que constitui a ossatura duma sociedade urbanizada, para a qual o nó do sistema vegetativo está numa economia de circulação entre produtos, celestes e humanos, e dirigentes. A inovação diz respeito ao vértice do sistema e engloba seletivamente os atos financeiros e religiosos, as dedicatórias, as genealogias, o calendário, tudo o que nas novas estruturas das cidades não é fixável na memória por completo, nem em cadeias de gestos, nem produtos. (LEROI-GOURHAN apud LE GOFF, 2013, p. 396)

¹⁴ Deve-se a Maurice Halbwachs o pensamento que atribui a memória a uma entidade coletiva que ele chama de grupo ou sociedade forjado em “quadros sociais da memória” – “para se lembrar, precisa-se dos outros”. (RICOEUR, 2007, p. 130)

Com a passagem da oralidade à escrita nos aportamos na “memória artificial” cujo início é creditado a Simônides de Ceos¹⁵ (556 – 468 a. C.), poeta grego e inventor do sistema de auxílios mnemônicos. Simônides atribuía dois princípios à memória artificial, o da lembrança das *imagens* e o do recurso à *organização* ou de uma *ordem*, ambos necessários à memória. A Simônides também se credita a distinção mnemotécnica entre *Lugares de memória*, conceito que será abordado adiante, mas que desde já, entendido como o “onde” *dispor* os objetos da memória e; as imagens – símbolos que permitem a recordação mnemônica.

Desde a concepção da escrita e o seu par a leitura já implicando em modificações no interior psíquico/linguístico e aptidões intelectuais, assiste-se à progressão da exteriorização da memória individual. Progressão essa, que se acelera com o desenvolvimento das ciências.

Não é pretendido desfilar aqui a história deste progresso. No entanto, a título da demanda desta pesquisa, convém ressaltar alguns momentos dessa expansão da memória. Iniciando pelos métodos mnemônicos – a teoria hermética – Lúlio, Giordano Bruno – que pressupunha a *mens* do homem divina e daí as teorias ocultistas da memória; a substituição de antigas técnicas de memória por outras fundadas na “ordem dialética” (reivindicação da inteligência em detrimento da memória, ou daquelas matérias ditas “de memória”, ou como referimos acima, “de cor”) – posição que Jean Piaget combateu ao afirmar que memória e inteligência se apoiam mutuamente; *Novum organum* (Francis Bacon – 1620) “[...] consiste em comunicar o conhecimento de tal forma que quem não tenha cultura pode rapidamente pôr-se em condições de poder mostrar a quem tem.”¹⁶; a *Cogitationes privatae* de Descartes (métodos lógicos para dominar a mente); ainda em relação a Lúlio e sua *arte di memoria*, Leibniz qualifica-a como “combinatória” com a ciência moderna. As “rodas de memória” de Lúlio movidas por sinais, notas, caracteres e selos fazem das *notas* a linguagem matemática universal: “matematização da memória, ainda hoje impressionante, entre o sistema luliano medieval e a cibernética modernas.”¹⁷

¹⁵ A Simônides se atribui a origem da Arte Memorativa, assim reza a lenda, citada por Cícero in: *De Oratore*, que Simônides sobreviveu ao desabamento de um edifício no qual se realizava um banquete. Deste acidente foi impossível o reconhecimento das vítimas, no entanto, Simônides recordando a estrutura interior do edifício pode recordar a ordem e que cada um estava sentado à mesa, possibilitando assim o reconhecimento. (LE GOFF, 2013, p. 402)

¹⁶ BACON apud LE GOFF, 2013, p. 421.

¹⁷ LE GOFF, 2013, p. 421.

A memória (Mnemosine) em expansão continua seu caminho alargando a memória coletiva a partir dos dicionários e das enciclopédias – a *Grande Encyclopédie* (1751) “uma memória alfabética parcelar na qual cada engrenagem isolada contém uma parte animada da memória total.”¹⁸ A memória acumulada encontra na Revolução Francesa (1789) outro propulsor – o tempo dos calendários de festas e das comemorações que se apropriam de novos instrumentos de suporte como as moedas, as medalhas, os selos de correio, as estatuas.

O decreto de 25 de junho de 1794, na França, ordena a pública disponibilidade dos arquivos, dos documentos da memória nacional. Na Inglaterra (1881), o Papa Leão XIII abre ao público o arquivo secreto do Vaticano, criado em 1611. Dentro desta expansividade da memória, vale ainda ressaltar o acolhimento da memória popular nos países escandinavos na abertura de museus de folclore na Dinamarca desde 1807.¹⁹ Paralelo ao florescimento dos museus, vê-se o desenvolvimento de bibliotecas.

Das manifestações da memória coletiva, Le Goff observa duas importantes e significativas: a) a construção de monumentos aos mortos e a comemoração funerária no entre guerras – coesão da nação em torno de uma memória comum (início do sec. XIX) e; b) o surgimento da fotografia (sec. XX) e com ela a evolução da memória e mais um passo decisivo na sua democratização. Falaremos sobre a importância da fotografia e do álbum de família quando tratarmos sobre Batatuba.

Às analogias e metáforas advindas da expansividade do conceito de memória aportam a memória eletrônica seu desenvolvimento e o aparecimento da cibernética e o desenvolvimento de estudos que as contemplem na física, na biologia molecular – investigações acerca da biologia molecular e a hereditariedade, informações genéticas no DNA. Claro, que não é só o advento das tecnologias que se dá o desenvolvimento humano, o percurso do seu conhecimento ao longo dos tempos traz esta marca que nada é novo. Tudo intercambia o tempo todo. Somos produtos, não da era tecnológica, somos produtos de séculos e séculos de caminhada. Uma descoberta leva a outra, a complexidade reside em nós, mas o que trazemos do passado é a herança que só será pertinente a partir da nossa ação sobre ela. “[...] Essa noção-chave de herança

¹⁸ LEROI-GOURHAN apud LE GOFF, 2013, p. 422.

¹⁹ LE GOFF, 2013, p. 425.

transmitida e assumida constitui o eixo da análise. Permite perceber que todo retorno para trás procede de uma resolução essencialmente voltada para frente. [...]”²⁰

Ainda, sobre o conceito de memória cumpre-nos ressaltar, dentro da abordagem dada por Joël Candau, dois conceitos²¹ que permitiram o desenho das ações colaborativas em Batatuba:

a) Memória de alto nível

essencialmente uma memória de recordação ou reconhecimento: evocação deliberada ou inovação involuntária de lembranças autobiográficas ou pertencentes a uma memória enciclopédica (saberes, crenças, sensações, sentimentos etc.) A memória de alto nível, feita igualmente de esquecimento, pode beneficiar-se de extensões artificiais que derivam do fenômeno geral da expansão da memória.

b) Metamemória

é, por um lado, a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória, o conhecimento que tem dela e, de outro lado, o que diz dela. Dimensões que remetem ao modo de filiação de um indivíduo a seu passado e igualmente... a construção explícita da identidade. A metamemória é, portanto, reivindicada, ostensiva.

No vasto campo conceitual que a memória abrange, ficou claro que não estávamos tratando de qualquer memória, mas exatamente destas tratadas por Candau. Além disso, o uso de recursos audiovisuais possibilitou observar, também com este autor o que ele chama de: “tripla confusão” em relação à memória comum: a) entre as lembranças manifestadas e as lembranças memorizadas; b) entre a metamemória e a memória coletiva e; c) entre o ato de memória e o conteúdo deste ato.

[...] a existências de um discurso metamemorial é um indicador precioso, revelador de uma relação particular que os membros de um grupo considerado mantêm com a representação que eles fazem da memória desse grupo, e, de outro lado, esse discurso pode ter efeitos performáticos sobre essa memória, pois, retomado por outros membros, esse discurso pode reuni-los em um sentimento de que a memória coletiva existe e, por esse mesmo movimento, conferir um fundamento realista a esse sentimento. [...] (CANDAU, 2012, p. 34)

Momentos qualificados como origem daquele lugar, daquela comunidade são maneiras de se vincular ao passado, constituem fundamentos da história local e da

²⁰ RICOEUR, 2010, v. 3, p. 126.

²¹ CANDAU, 2102, p. 23.

identidade cultural, considera-se, por outro lado, também os momentos de experiências fenomenológica dos acontecimentos, trajetórias permeadas de referências comuns vindas à tona por meio de narrativas. São “aquelas coisas” dignas que marcam épocas dotando-as de singularidades e de evocação e, “entram” para memória, até mesmo como forma de manutenção das tradições. “[...] a força das memórias dependerá da coerência geral do campo memorável, quer dizer da estruturação mais ou menos homogênea do conjunto de lembranças a partir de um momento de origem e de uma sucessão de fatos. [...]”²²

Toda memória fechada, sedimenta-se e tende à morte porque não está aberta às interpretações. Não é uma memória autorizada às especulações, indagações (ainda que de um “pesquisador²³”), portanto não são passíveis de serem compartilhadas, muito embora sejam passíveis de observações nas “entrelinhas”, nas pausas oferecidas pelos suspiros e silenciar das vozes. Diferentemente é a memória viva que, ao ser partilhada, repete os saberes sempre com alguma variação gerando laços entre os membros de uma comunidade. Como tal, podemos afirmar que se trata de uma memória criativa, mediadora e disponível. No entanto, cabe-nos ressaltar, e adiantar, que a multiplicidade de memórias e, mais ainda, de metamemórias tornam “arriscadas” as versões públicas das representações.

Por outro lado, seja qual for a razão, esta estará de alguma maneira ancorada na memória e desta se alimentando e se projetando.

Ressalto agora três razões pelas quais a memória foi o fio condutor desta pesquisa:

- a) A memória como **antídoto ao esquecimento** e também como fonte de imortalidade é imprescindível àquela situação que mencionamos na introdução, seja ela: a morbidez de um determinado local, ou mais exatamente – “a cidade morta”. Neste sentido, a memória favorece a *atualização* (termo tratado adiante) de informações históricas e de conhecimentos passados, narrados por pessoas que tiveram a ver com aqueles momentos;

²² CANDAU, 2012, p. 100.

²³ Papel difícil cumpre o pesquisador – conduzir a passagem de uma memória viva para uma memória fria, mais intelectualizada e distante.

- b) Por meio da memória o homem intervém não só na classificação de vestígios²⁴/marcas como na **ressignificação** destes ao trazê-los para o presente;
- c) No sentido estrito e lato; metafórico e literal – podemos dizer que a memória compreende o ponto central de toda a faculdade e de todas as catedrais do conhecimento. Deste ponto convergimos e divergimos em todas as ciências. A memória é, então, constitutiva da **trans e inter disciplinaridade**, permitindo, assim, o encontro de ciências como é o caso aqui da Ciência da Informação e dos Meios e Processos Audiovisuais;

Essas três razões indicam que:

- a) As narrativas como forma de expressão das memórias trazem aos seus narradores **competências imaginativas**, posto que versam sobre imagens sejam elas *vestígios* ou *sinais*²⁵, ambas enigmáticas, como salienta Paul Ricoeur. Imagens circunscritas no universo cultural de seus *actantes* (narrador e ouvinte), sendo assim, a memória pode estar atrelada a convenções;
- b) A memória (seja ela: de alto nível, ou a metamemória) representada em linguagens tem como **ato mnemônico** fundamental o ato de *narrar* e com este a sociabilidade e a comunicação de algo, cujo objeto está ausente. O registro dessas linguagens em suportes garante o corpo físico, mas não garante, no entanto, a divulgação, a acessibilidade e a apropriação daquelas. Percebe-se, então, a necessidade de um **agenciamento das narrativas em mídias digitais** conferindo-lhes visibilidade e autonomia;
- c) A inscrição da memória em suportes, a evolução e a proliferação destes permitiram não só seu armazenamento como também sua comunicação ao longo dos tempos. Por isso, podemos afirmar que a evolução da memória, a memória como função social, e os cuidados

²⁴ O conceito de “vestígio” é usado por Paul Ricoeur como “tentativa de reconstruir as pontes cortadas por Heidegger entre o conceito fenomenológico de tempo e o que ele [Heidegger] chama de conceito ‘vulgar’ de tempo.” (RICOEUR, 2010, v. 3. p.133, nota de rodapé) veremos mais sobre este conceito “vulgar de tempo” mais adiante.

²⁵ Estes conceitos de imagens são abordados quando tratamos do conceito de “Lugares de memória”.

para com esta estão diretamente relacionados ao **desenvolvimento social** e, mais particularmente, ao desenvolvimento urbano.

Voltando um pouco em relação ao ato mnemônico do item “a” acima, importa aqui mencionar a obra de Edward Casey, *Remembering*, da qual Paul Ricoeur²⁶ traz os “três modos mnemônicos”, a saber:

- a) *Reminding* – indicadores que visam proteger contra o esquecimento, distribuídos entre a interioridade – recordação de uma coisa por outra que foi associado na aprendizagem – e a exterioridade – pontos de apoio exteriores para recordação, ex. fotos, cartões postais;
- b) *Reminiscing* – reviver o passado evocando-o entre várias pessoas, uma ajudando a outra a rememorar acontecimentos ou saberes compartilhados. A lembrança de uma pessoa servindo de *reminder* às lembranças da outra e;
- c) *Recognizing* – reconhecimento como complemento importante da recordação. Por meio deste fenômeno²⁷ somos remetidos à lembrança.

Estes três modos mnemônicos são de importância capital para o entendimento de “como” as mídias digitais, mais particularmente a Rede Social “Facebook”, foram abordadas nas ações em Batatuba. Contudo, vale ressaltar aqui o modo *recognizing* – tem seu lado cognitivo que diz respeito ao reconhecimento que conclui a busca bem-sucedida e, tem seu lado pragmático quanto ao esforço e ao trabalho realizado. Assim, o ato de “fazer memória”, ou o “entrar pra memória” está diretamente relacionado ao poder, às capacidades e às competências do “eu posso”.

[...] The private and public dimensions of remembering as a representational practice and memory as representation of temporalised experience can be made explicit, and the oscillations between them rendered visible, allowing the individual, the social and

²⁶ Ricoeur, 2007, p. 55-56.

²⁷ Sobre o termo “fenômeno” – acredito que seja interessante abordá-lo a partir de Heidegger, para o quem esse conceito vem de um verbo em grego que diz respeito aquele que mostra, o que se revela e, ainda, trazer para a luz do dia, por no claro. “[...] φαίνω pertence à raiz φα, como φως, a luz, a claridade, isto é, o elemento, o meio, em que alguma coisa pode vir a se revelar e a se tornar visível em si mesma. Deve-se *manter*, portanto, como significado da expressão ‘fenômeno’ o que se revela, o que se mostra a si mesmo. [...]” (HEIDEGGER, 2009, p. 67)

the cultural to be seen in their mutualities. The particular and the general are brought to bear, not by the exclusion of one to illuminate the other, but in twin focus. Memory is central to understanding cultural life, not because it *is* the past, **but because it is the modality of our relation to it.** (TERDIMAN apud KEIGHTLEY, 2008, p. 179, negrito nosso)

Toda a nossa vida se insere nessa coisa do “fazer”, do saber fazer, engendrado em estruturas de poder. Em relação à memória, o ser capaz de desenhar, ou redesenhar o futuro que é próprio do *ser* que está *lançado* dentro de um arcabouço de informações, de experiências e recursos que o provocam a fazer, mas fazer o quê?

“Todo questionar é um buscar. Toda busca retira do que se busca sua direção prévia. [...]”²⁸ Toda busca necessita de uma orientação “[...] para isso, o sentido de ser já nos deve estar, de alguma maneira a disposição. [...]”²⁹

[...] Assim, a iniciativa da busca está na dependência de um ‘poder buscar’ que é nosso. O ponto de partida fica em poder do explorador do passado, mesmo que o encadeamento que se segue dependa da necessidade ou do hábito. Além disso, durante o trajeto, diversos caminhos permanecem abertos a partir do mesmo ponto inicial. A metáfora caminhada é então induzida pela mudança. Eis por que a busca pode se perder em falsas pistas e a sorte pode conservar o seu papel. Mas a questão do tempo permanece a vista no decorrer desses exercícios de memória metódica: „O ponto mais importante é conhecer o tempo. (RICOEUR, 2007, p. 38)

1.2 Do Ser

A questão do “Ser” é complexa e sempre pautou o pensamento humano. “Ser ou não ser” já pressupõe escolhas. Mas o ser em si, livre dos elementos que o *enformam*, dos elementos que o definem, o ser não tem escolha, ele só pode ser, ele **tem** de ser³⁰. É neste sentido que Heidegger coloca o peso da facticidade e da responsabilidade, daí as derivações, de cuidado, de cura, de presença... Mas vamos por partes, porque o que nos importa aqui é perceber e se apropriar de alguns “elementos” que definam o *ser* para, após isso, o relacionarmos ao nosso objeto empírico.

²⁸ HEIDEGGER, 2009, p. 40.

²⁹ *Idem*, p. 41.

³⁰ *Ibidem*, p. 194.

[...] No dizer “eu”, a presença se pronuncia como ser-no-mundo. [...] A auto interpretação cotidiana, porém, tem a tendência de se compreender a partir do “mundo” das ocupações. Ao significar onticamente a si mesma, ela *não vê* o modo de ser daquele ente que ela mesma é. E isso vale, sobretudo, para a constituição fundamental da presença, isto é, para o ser-no-mundo. [...] (HEIDEGGER, 2009, p. 405-406)

Heidegger começa sua investigação sobre o “Ser” a partir do esclarecimento de três preconceitos³¹ sobre o sentido do “Ser”, a saber:

- 1) “Ser” é o conceito “mais universal”, a “universalidade” do ser “transcende” toda universalidade genérica – isso não quer dizer que o conceito de ser não mereça uma discussão;
- 2) O conceito de “Ser” é indefinível – de fato, o “ser” não pode ser concebido enquanto um ente, no entanto isso não o dispensa da questão de seu sentido;
- 3) O “Ser” é o conceito evidente por si mesmo – “Por vivermos sempre envolto em obscuridade, demonstra-se a necessidade de princípio a retomar a questão sobre o sentido de „ser””.

O “estar envolto” atrapalha o entendimento do ser, que não consegue ver a si próprio a partir de si mesmo, mas sempre relacionado a. Nestes “relacionar”, mensuramos o ser, mas não exatamente o definimos, ou seja, definimos o ser pelo *ente*³². É como aquele ditado: “diga com quem tu andas que direi quem tu és”, trata-se, portanto, de uma compreensão vaga e mediada, são modos de ser de um determinado ente, assim como o visualizar, o compreender, o escolher, etc. são atitudes constitutivas do questionar “[...] *daquele* ente que nós mesmos, os que questionam, sempre somos. Elaborar a questão do ser significa, portanto, tornar transparente um ente – que questiona – em seu ser. [...]”³³ Ser atingindo essencialmente pelo questionado pertence ao sentido mais autêntico da questão do ser.³⁴

Sobre a questão do ser, Heidegger estabelece dois primados constitutivos da presença³⁵ do ser em relação a todos os outros entes:

³¹ Idem, p. 38-39

³² “[...] Ente é tudo que falamos dessa ou daquela maneira, ente é também o que e como nós mesmos somos. [...]” (HEIDEGGER, 2009, p. 42)

³³ *ibidem*, p. 42.

³⁴ *ibidem*, p. 44.

³⁵ Desde já, Presença = Dasein, assim traduzido o termo do alemão pela tradutora da obra que aqui utilizamos. “[...] A palavra *Dasein* passa a ser usada na língua filosófica alemã no século XVIII como

- o primado ontológico – a presença em si é, em si mesma, “ontológica”.

[...] *Por mais rico e estruturado que possa ser o seu sistema de categorias, toda ontologia permanece, no fundo, cega e uma distorção de seu propósito mais autêntico se, previamente, não houver esclarecido, de maneira suficiente, o sentido de ser e não tiver compreendido esse esclarecimento como sua tarefa fundamental.* (HEIDEGGER, 2009, p. 47. Itálico do autor)

- o primado ôntico: a presença é um ente determinado em seu ser pela existência³⁶.

[...] A presença não é apenas um ente que ocorre entre outros entes. Ao contrário, ela se distingue onticamente pelo privilégio de, em seu ser, isto é, sendo, *estar em jogo* seu próprio ser. [...] *A compreensão de ser é em si mesma uma determinação de ser da presença.* O privilégio ôntico que distingue a presença está em ela ser ontológica. (*idem*, p. 48. Itálico do autor)

Destes dois primados ele, Heidegger, firma o terceiro, seja ele: “a condição ôntico-ontológica da possibilidade de todas as ontologias”. Dessa maneira a presença, enquanto ente ontológico tem a primazia sobre o questionamento.

Sobre a presença, Heidegger traz dois pontos de análise³⁷: 1) “*A _essência_ da presença está em sua existência.* [...] As características constitutivas da presença são sempre modos possíveis de ser e somente isso. [...]” e; 2) “*O ser que está em jogo* no ser deste ente, é sempre meu. Neste sentido, a presença nunca poderá ser apreendida ontologicamente como caso ou exemplar de um gênero de entes simplesmente dados.”

À presença consiste sempre sua possibilidade. Sendo, assim, a presença pode “escolher-ser” e conjuntamente todas as suas derivações. Um ponto interessante aqui na análise de Heidegger é que a presença, enquanto possibilidade *própria*, ela é chamada a apropriar-se de si mesma. Então, os dois modos de ser *propriedade* e *impropriedade* fundamentam-se no caráter determinante da presença ser sempre minha. Quanto a *impropriedade* da presença, não é um aspecto inferior da mesma, trata-se antes de um modo de se portar em relação às ocupações, aos estímulos e aos interesses no dia a dia.

Entre o próprio e o impróprio, há o grau de *medianidade*, para o qual Heidegger também não atribui um valor negativo. A medianidade diz respeito à indiferença na

tradução da palavra latina *prasentia*. [...]” (SCHUBACK, 2009, p. 561) Estar é ato de ser – portanto é uma instância, uma “*ex-sistencia abierta al ser*” e não uma essência. Já Linares usa o termo “*estar-en-el-mundo*” como tradução para *Dasein*. “El ‘estar-en-el-mundo’ vincula al *Dasein* con los entes que ‘salen al encuentro’ en el entorno. [...]” (LINARES, 2008, p. 57)

³⁶ “Chamamos existência ao próprio ser com o qual a presença pode se relacionar dessa ou daquela maneira e com a qual ela sempre se relaciona de alguma maneira. [...]” (HEIDEGGER, 2009, p. 48)

³⁷ HEIDEGGER, 2009, p. 85-86.

cotidianidade da presença e não é negativo porque pode representar um “salto” ou até mesmo um distanciamento, não se trata, por outro lado, de um “simples aspecto”, nele está igualmente em jogo o ser da presença.

Acostumamos a pensar o cotidiano de maneira corriqueira, lugar onde a rotina impera. Nesta maneira de pensar está, talvez, também embutido o “atrapalhar” do “estar envolto”, diríamos absorvidos pelos afazeres diários. Mas estes “afazeres” estão também imersos no campo das práticas culturais, onde a presença se move e se manifesta. Agora, se pensarmos como Heidegger de que “a cotidianidade é justamente o ser “entre” nascimento e morte,”³⁸ veremos que é neste “entre” que o ser se constitui e, como abordaremos mais adiante, não só entre o nascimento e a morte, mas entre coisas dadas em todos os aspectos e da mais variadas naturezas.

Então, voltando às condições de propriedade e impropriedade da presença do ser, Heidegger afirma que o ser só existirá num desses modos. Daí a tríplice visualização³⁹ do ser-no-mundo como constituição fundamental da presença:

1. O “*em-um-mundo*” – indaga-se sobre a estrutura ontológica de „mundo’ e determina a ideia de *mundanidade*⁴⁰;
2. O *ente*, enquanto modo de ser-no-mundo – numa demonstração fenomenal determina-se *quem* (?) é e está no modo da cotidianidade mediana da presença.
3. O *ser-em* como tal;

“[...] O ser-em não pode significar que uma coisa simplesmente dada está, espacialmente, “dentro de outra” porque, em sua origem, o “em” não significa de forma alguma uma relação espacial desta espécie; “em” deriva-se de *innan-*, morar, habitar, deter-se; “*an*” significa: estou acostumado a, habituado a, familiarizado com, cultivo alguma coisa; possui o significado de colo, no sentido de *habito* e *diligo*. O ente, ao qual pertence o ser-em, neste sentido, é o ente que sempre eu mesmo sou. A expressão “sou” conecta-se a “junto”; “eu sou” diz, por sua vez: eu moro, detenho-me junto... ao mundo, como alguma coisa que, deste ou daquele modo, me é familiar. Como infinitivo de “eu sou”, isto é, como existencial, ser significa morar junto a, ser família com. O *ser-em* é, pois, a expressão formal e existencial do ser da presença que possui a constituição essencial de ser-no-mundo.” (HEIDEGGER, 2009, p. 100)

³⁸ HEIDEGGER, 2009, p. 305.

³⁹ *Idem*, p. 98-99.

⁴⁰ “„Mundanidade’ é um conceito ontológico e significa a estrutura de um momento constitutivo de ser-no-mundo. [...]” (*Ibidem*, p. 111) É a determinação existencial da presença.

Antes de nos adentrarmos as particularidades com as quais Heidegger trata o “*ser-no-mundo*”, vamos nos deter um pouco mais na questão da cotidianidade que muito nos interessará quando tratarmos da memória em Batatuba.

Da cotidianidade média, ou *medianidade*, perdido em seus afazeres, o ser só percebe o mundo a partir de sua sustentação fenomenal. Ora, indagamos: *Quem* é a presença na cotidianidade? “[...] Todas as estruturas de ser da presença, e também o fenômeno que responde à pergunta quem, são modos de seu ser. Sua característica ontológica é ser um existencial. [...]”⁴¹ O que se quer dizer é que: responder “o quem” da questão é responder por meio dos modos e não dizer sobre o ser em si, assim, “o quem da presença não é apenas um problema *ontológico*, mantendo-se também *onticamente* encoberto.”⁴² Então a resposta para este quem, talvez esteja no tornar visível o fenômeno e então interpretá-lo. “[...] *Para que possa ser uma constituição essencial da presença, o –eu– deve ser interpretado existencialmente.* Desse modo, a pergunta sobre o quem só pode ser respondida na demonstração fenomenal de um determinado modo de ser da presença. [...]”⁴³ Um destes fenômenos, é o fenômeno da *cura* enquanto modo de lidar da “circunvisão” da ocupação. Mais adiante nos deteremos sobre a “cura”, questão esta que é uma das fundamentais desta pesquisa.

Ainda em relação ao “quem”, há os ‘*co-pre-sentes*’ na convivência cotidiana, este **outro** que é o “quem” neutro, o *impessoal*. Este coloca em jogo a medianidade, ele se atém a ela e ao que é conveniente, ao que se admite como valor ou desprovido de valor.

Essa medianidade, designando previamente o que se pode e deve ousar, vigia e controla toda e qualquer exceção que venha a impor-se. Toda primazia é silenciosamente esmagada. Tudo o que é originário se vê, da noite para o dia, nivelado como algo de há muito conhecido. O que se conquista com muita luta torna-se banal. Todo segredo perde sua força. O cuidado da medianidade desvela também uma tendência essencial da presença, que chamaremos de nivelamento de todas as possibilidades de ser. (HEIDEGGER, 2009, p. 184)

É interessante observar que toda presença tem seu lado impessoal – “*impessoal-si-mesmo*”, na medida em que se dispersa. Ora, a dispersão também é um modo de ser como ocupação no *mundo que vem ao encontro* e é familiar, conjuntural nos limites

⁴¹ HEIDEGGER, 2009, p. 169.

⁴² *Idem*, p. 172.

⁴³ *Ibidem*, p. 172-173.

estabelecidos pela medianidade. No entanto, quando a presença descobre o mundo e o aproxima de si, este descobrimento de “mundo” e esta abertura desobscurecem e rompem com distorções em que a presença trazia para ou em si mesma. Assim, ser „esclarecido’ significa: “estar em si iluminado *como* ser-no-mundo, não através de um outro ente, mas de tal maneira que ele mesmo *seja* a clareira.”⁴⁴

O *mundo que vem ao encontro*, aquele que permitimos vir ao encontro é, primariamente, uma circunvisão e não simplesmente sensação ou observação. Numa ocupação dotada de *circunvisão*, deixar e fazer vir ao encontro tem o caráter de ser atingido a partir da *disposição*. O *ser-em* é aquele que pode ser *tocado*, porque está disposto, ou melhor, se funda na disposição ao que vem ao encontro dentro do mundo devido à sua capacidade de abertura. Dentre os modos de disposição, modos de também se sustentar, o medo é uma delas, assim como sua compreensão afinada pelo humor.

A abertura consiste em *compreender* e na significância deste se funda. Esta é a perspectiva em virtude da qual o mundo se abre como tal. Daí a atribuição de que a presença é um ente em que, como ser-no-mundo, seu poder-ser e a sua possibilidade estão em jogo seu próprio ser.

Sendo essencialmente disposta, ou seja, é condição da presença a disposição, a presença já se encontra em determinadas possibilidades e dentro de cada possibilidade de ser cabe sua responsabilidade. Por que compreender, enquanto abertura, conduz sempre a possibilidades? Porque em si mesmo, o compreender, possui, segundo Heidegger, a estrutura existencial que é o *projeto*, ora é próprio do projeto o “estar-lançado”, “[...] e isso de maneira tão originária como para a significância, entendida como mundanidade de seu mundo. [...]”⁴⁵ No projetar se antecipa a concepção de ser e no projeto o ser é compreendido. O ser-no-mundo tem a compreensão de ser como um constitutivo de seu ser, em outras palavras, a *disposição* e a *compreensão* abrem possibilidades a partir das quais a presença é. “a compreensão é ato individual de ver-coisas-juntas e nada mais.”⁴⁶

Compreender é ter visão e visão no sentido de iluminação. Vale lembrar que a “intuição” e o “pensamento” são derivados distantes da “compreensão”.

⁴⁴ HEIDEGGER, 2009, p. 191.

⁴⁵ *Idem*, p. 205.

⁴⁶ RICOEUR, 2010, v. 1; p. 264.

[...] O que está à mão *surge expressamente* na visão que compreende. Todo preparar, acertar, colocar em condições, melhorar, completar, se realiza de tal modo que o manual dado na circunvisão é interpretado em relação aos outros em seu ser-para- e vem a ser ocupado segundo essa interpretação recíproca. [...] (HEIDEGGER, 2009, p. 209)

A interpretação de algo como algo está ancorada numa posição prévia, visão prévia e concepção prévia. A interpretação, nunca é isenta de pré-suposições, portanto, ela é recortes dentro das possibilidades, cujo caráter corresponde ao “modo” de serem compreendidas. A interpretação se alimenta da compreensão e a partir desta elabora as possibilidades. Contudo, como bem lembra Heidegger, se trata aqui de um círculo, mas um *circulus vitiosus*, que faremos, pois? Entraremos no círculo “de modo adequado” e apenas “tolerar” esse “*vitiosum*”, até porque nele se esconde a possibilidade positiva do conhecimento originário que “[...] só pode ser apreendida de modo autêntico se a interpretação tiver compreendido que sua primeira, única e última tarefa é de não se deixar guiar, na posição prévia, visão prévia e concepção prévia, por conceitos populares e inspirações. [...]”⁴⁷ E, no entanto, assegurar o “rigor” do tema científico.

A interpretação fundada no compreender é articulada pelo sentido preliminar como possibilidades. Da interpretação deriva o *enunciado*, sobre o qual nos deteremos quando tratarmos sobre as “representações”. É certo, todavia, que estas representações, com todas as suas deturpações e que são comuns às interpretações, são também modo de ser-no-mundo, modos de ocupar o mundo.

Compreender → Significância → Ocupação

Da ocupação e da pré-ocupação

É *próprio* do ser se ocupar, mas este ocupar também pode se dar de maneira *imprópria*. Todavia tanto de um modo como de outro, estes modos de ocupar tem a ver com as providências, com o arranjar das coisas no dia a dia, afinal sempre estamos em dívida, ou um passo atrás nas ocorrências dos eventos. Ter débitos é também um modo de *ser-com* os outros no âmbito das ocupações, ou ainda, ter a ocasião para alguma coisa; ter o rabo preso; são o que Heidegger denomina de sentidos vulgares para a “falta” ou “fazer-se culpado” “[...] Esta falta está em não se satisfazer uma exigência do ser-com os outros existentes.”⁴⁸ “[...] o ser e estar em dívida não resulta

⁴⁷ HEIDEGGER, 2009, p. 214-215.

⁴⁸ HEIDEGGER, 2009, p. 362.

*primordialmente de uma causa, ao contrário, a causa só é possível —fundamentada— num ser e estar em dívida originário. [...]*⁴⁹ Este “ser e estar em dívida originário” é caracterizado pelo fato da *presença*, ser necessariamente, existência enquanto projeto, ou melhor, o *estar-lançado*, e assim sempre está a partir de seu fundamento e contando com as possibilidades inerentes a este. Ora, o que faz o ser endividado, senão pagar a dívida, saldar, *curar* uma falta? Lembremos, “o ser da presença é a cura.”⁵⁰ “Um ente cujo ser é cura não apenas carrega faticamente uma dívida, como, no fundo de seu ser, é e está em dívida. [...]⁵¹

A *cura*, como ser da presença, é o modo de lidar da “*circunvisão*” da ocupação. Sendo assim a cura será sempre ocupação e preocupação. Trata-se de um fenômeno ontológico-existencial cuja estrutura *não é simples*. O “ser-no-mundo” tem a cunhagem de „cura’, na medida do ser. A *cura* nos diz que algo ainda está *pendente*, que insiste no inconcluso que só é possível em sua totalidade. É o “ainda-não-ser” e o “anteceder” no sentido existencial. “[...] No centro dessas considerações acha-se a caracterização ontológica do ser-para-o-fim em sentido próprio da presença e a conquista de um conceito existencial da morte. [...]⁵²

O que nos interessa aqui, para esta pesquisa, em termos heideggerianos, não é o conceito da morte em si, mas a parte que diz respeito a não-totalidade, à cura, o “ainda-não” do processo conceitual que Heidegger desenvolve a partir do ser-para-o-fim. “[...] *O ente em que alguma coisa ainda está pendente tem o modo de ser do que está à mão. [...]*”⁵³

Vimos que é próprio da cotidianidade o impessoal. No ser-para-a-morte o impessoal não permite assumir a morte, apenas diz-se “morre-se”, sem duvidar e nem assumir o “estar-certo” da morte, o que, de certa maneira, alivia o sentido do ser-para-a-morte⁵⁴. Se não se tem a morte como própria, é sempre o outro que se morre e não eu, então a ideia de cotidianidade, do *durante* entre a polaridade do nascer e do morre, se perde. A *cotidianidade*, vimos acima, entra numa *medianidade*. “[...] A cotidianidade

⁴⁹ *idem*, p. 363.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 364.

⁵¹ *Ibidem*, p. 366.

⁵² *Ibidem*, p. 311.

⁵³ *Ibidem*, p. 317.

⁵⁴ Voltaremos a tratar um pouco mais desta noção de “ser-para-a-morte” quando abordarmos a temporalidade do ser da presença.

decadente da presença conhece a certeza da morte, mas escapa do *estar-certo*. Esse escape, no entanto, atesta fenomenalmente que a morte, aquilo de que se escapa, deve ser compreendida como a possibilidade mais própria, irremissível, insuperável, *certa*.”⁵⁵

Todavia, as coisas se perdem no impessoal que encobre as possibilidades e, até mesmo, o estar dispensado de escolhas. Esta perda não é visível, não é sentida, aparentemente, porque está envolvida, camuflada em tarefas, regras, rotinas, que na verdade “calibram” o viver conferindo-lhe uma ordem, ainda que seja monológica. Assim, *perdida* que está a presença no impessoal, ela deve primeiro *encontrar-se*, ela dever “mostrar-se” a si mesma em sua possível propriedade. Então, a presença necessita do testemunho de um poder-ser a si mesma. Possibilidade que ela sempre é. Este testemunho tem a ver com um apelo à *consciência*. Ora, a busca do autêntico não pode ser conduzida sem um constante apelo ao *testemunho* do existenciário. Veremos mais adiante que este apelo está atrelado, de certa maneira, ao estado de espera. Preferimos tratar sobre este modo de estar no mundo dentro do tópico que disserta sobre o tempo.

Os atos do “eu” ou ser são de tal natureza que eles se ultrapassam a si mesmos, por isso, por conta do “ato” em si, não podemos dizer que a consciência é passiva, mas ativa, ativa e transcendente na medida das suas transposições. Ou seja, toda consciência é, em certo grau, perceptiva.

A constituição fundamental do *querer-ter-consciência* configura-se na abertura da própria presença pela disposição da angústia na abertura de uma estranheza; na abertura da fala e também da silenciosidade (podendo surgir aqui a discussão negociadora do que se diz) e o projetar-se nestas (angústia, fala e silêncio). A essa abertura, Heidegger dá o nome de “*decisão*” – “[...] A decisão recupera a presença para seu poder-ser-si-mesma mais próprio. [...]”⁵⁶ Não podemos esquecer que, todavia, para Heidegger, esta decisão se dá a partir da compreensão do ser-para-morte enquanto possibilidade mais própria do poder-ser próprio. “O querer-ter-consciência significa prontidão para reclamar o ser e estar em dívida mais próprio, que sempre já se determinou, de fato, a presença, *antes* de toda e qualquer culpabilização e *depois* de sua quitação. [...]”⁵⁷

⁵⁵ HEIDEGGER, 2009, p. 334.

⁵⁶ *Idem*, p. 389-390.

⁵⁷ *Ibidem*, p. 386.

As decisões – estamos o tempo todo neste “existenciário” de escolhas concreta de um modo de ser-no-mundo, em engajamentos éticos, políticos, socioculturais, envolvimento com as comunidades. O termo “existencial”, no entanto, caracteriza “[...] qualquer análise que vise explicitar as estruturas que distinguem o ser-aí de todos os outros entes, relacionando assim a questão do sentido do ser do ente que somos com a questão do ser como tal, na medida em que, em seu ser está em jogo o sentido de seu próprio ser.”⁵⁸

Quando as decisões são tomadas reiteramo-nos da realidade como seres providos das facticidades e das possibilidades, a tal ponto que nos compreendemos com aquele poder-ser-próprio no possível e no impessoal. Decidida a cada possibilidade faz-se a *situação* que permanece fechada para o impessoal, porque este conhece apenas as “condições gerais” que se perdem nos detalhes do “a cada possibilidade” que é imediata. “Do ponto de vista ontológico, a presença é, em princípio, diversa de todo ser simplesmente dado e de todo real. Seu “teor” não se funda na substancialidade de uma substância e sim na “*autoconsciência*” do *si-mesmo* existente e cujo ser foi concebido como cura. [...]”⁵⁹

Até aqui tratamos a questão do ser a partir das reflexões de Heidegger. Cabe-nos agora, antes de nos determos sobre o “*Tempo*”, trazer algumas observações reflexivas de Paul Ricoeur sobre a obra “Ser e Tempo”. Dito isto para que possamos entender, adiante, o ser em termos da *ontologia da historicidade* (Heidegger) e da sua *condição histórica* (Ricoeur)

Considerações de Ricoeur⁶⁰ em relação à obra –Ser e Tempo” de Martin Heidegger:

- 1) O discurso heideggeriano da preocupação não deixa margem ao existenciário particular da carne, do corpo animado, do corpo como meu; mas parece implicado na meditação sobre a morte, sobre o nascimento e sobre esse entremeio do intervalo entre o nascimento e a morte;
- 2) Ricoeur adota a ideia condutora de Ser e Tempo, de acordo com a qual a temporalidade constitui não somente uma característica principal de ser que

⁵⁸ RICOEUR, 2010, v. 3, p. 109-110.

⁵⁹ HEIDEGGER, 2009, p. 390.

⁶⁰ RICOEUR, 2007, p. 359 - 361

somos, mas também aquela que, mais que qualquer outra, assinala a relação desse ser enquanto ser. [...] Além disso, ser e potência têm a ver com tempo [...] nesse sentido, o tempo figura como uma metacategoria de mesmo nível que a preocupação em Ser e Tempo [...] a preocupação é temporal, e o tempo é o tempo da preocupação;

- 3) Enquanto Santo Agostinho considera os três tempos dando ênfase ao presente – triplo presente – como princípio organizador da temporalidade num eterno presente, em Heidegger, a análise da temporalidade que articula as três instâncias temporais (passado, presente e futuro), a ênfase recai sobre o futuro, porquanto ao regime de preocupação adere a antecipação, isto é, reduz a relação com o presente à preocupação atarefada. Esta relação com o futuro tem a ver com o ser-para-morte, como veremos mais adiante.
- 4) À tripartição da experiência temporal, Heidegger propõe uma hierarquização, a saber: a) a temporalidade propriamente dita ou temporalidade fundamental voltada para o futuro – o **ser-para-a-morte**; b) historicidade introduzida pelo **intervalo que se estende** entre o nascimento e a morte, a referência ao passado, à memória; c) Intratemporalidade – o **ser-no-tempo**, em que predomina a preocupação que nos torna dependentes no presente das coisas manejáveis “junto” das quais existimos no mundo.
- 5) *Dasein*⁶¹ – lugar filosófico do “[...] „este sendo que nós mesmos somos a cada vez’ (Ser e tempo) Trata-se do homem? Não, se por homem designarmos um sendo indiferente a seu ser; sim, se este sai de sua indiferença e se compreende como esse ser para o qual o ser está em jogo. [...]”⁶²

1.2.1. Ser-no (*Tempo*)

—[...] Afirma-se que o tempo do mundo é mais objetivo que todo objeto possível’ e mais subjetivo que todo sujeito possível’. [...]

(HEIDEGGER *apud* RICOEUR, 2007, p. 395)

⁶¹ “[...] pode-se então dizer que o *Dasein* existe ‘nativamente’ como se diz que existe ‘mortalmente’. Ora, o que é o intervalo, senão a preocupação? „Enquanto preocupação, o *Dasein* é o entremeio.” (RICOEUR, 2007, p. 386)

⁶² RICOEUR, 2007, p. 366.

Que é o tempo do homem senão *duração*?

Que é a duração do homem senão *ocupação* e *preocupação*?

Que é a ocupação e a preocupação do homem senão a *cura/cuidado*?

Que é o cuidado do homem, senão o *existir*?

Que é o existir do homem, senão seu *tempo*?

Parece brincadeira de criança, uma parlenda, mas não é. Bem sabemos que a vida é se entregar a questionamentos sem fim, porque como encontramos as repostas nas questões, estas vêm com seus interiores carregados de outras questões. Mas, como diria Caetano Veloso: “Existirmos, a que será que isto se destina?” Pois bem, o destinar é o que dissemos acima, o estar-em-jogo, o ser como projeto configurado no tempo.

Falar de tempo significa pensar imediatamente na tão citada descrição de Santo Agostinho. Talvez porque toda a problemática humana esteja em se manter equilibrada entre duas extremidades de uma cadeia temporal, sejam elas: a do tempo da alma (que podemos atribuir a Kairós e também às *Meditações* de Santo Agostinho) e a do tempo do mundo (Cronos e também à *Poética* de Aristóteles).

[...] Que é pois, o tempo? Se ninguém mo pergunta, eu o sei; mas se me pergutam, e quero explicar, não sei mais nada. Contudo, eu declaro sem hesitar, e sei que se nada passasse, não haveria tempo passado; que se nada sucedesse, não haveria tempo futuro; e que se nada existisse atualmente, não haveria tempo presente. Como então esses dois tempos, o passado e o futuro, existem, se o passado não existe mais e se o futuro ainda não existe? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, se não se fosse juntar ao passado, não seria tempo, mas eternidade. Portanto, se o presente, para ser tempo, deve unir-se ao passado, como podemos declarar que existe, se não pode existir senão deixando de existir? Tanto que o que nos autoriza a afirmar que o tempo existe é a sua tendência para deixar de existir. (SANTO AGOSTINHO, 1961, p.348-349)

Os tempos em Santo Agostinho

A medida do futuro

Suponhamos que eu queira cantar uma melodia que conheço: antes de começar, minha atenção se estende pela melodia em conjunto. Quando começo, tudo o que deixo cair no passado passa para a memória. A atividade de meu pensamento se divide em memória, em relação ao que já disse, e em espera, em relação ao que vou dizer.

Contudo, é um ato presente de atenção que faz passar o que era futuro ao estado do tempo passado. Quanto mais se prolonga essa operação, tanto menor se torna a espera e tanto maior a memória, até o momento em que a espera se esgota completamente, e, terminada, a ação passa inteiramente para a memória. (SANTO AGOSTINHO, 1965, p.365)

A medida do passado

É em ti, meu espírito, que meço o tempo. Não me objetes nada: é um fato. Não me objetes as ondas desordenadas de tuas impressões. É em ti, digo, que meço o tempo. A impressão que produzem em ti as coisas que passam, persistem ainda depois que passam: essa impressão é que eu meço, porque está presente, e não as vibrações que a produziram e passaram. É ela que meço quando meço o tempo. Mas quando medimos o silêncio, e dizemos que este silêncio teve a mesma duração que determinada palavra, como se ela ainda não fizesse ouvir, a fim de podermos avaliar, no espaço de tempo, o intervalo do silêncio? Com efeito: sem o auxílio da voz ou dos lábios, fazemos mentalmente poemas, versos, discursos, e avaliamos a extensão de seu movimento, sua duração, uns em relação aos outros, exatamente como se recitássemos em voz alta. (SANTO AGOSTINHO, 1965, p. 364)

Santo Agostinho mede o futuro pela espera. À medida que está vai caindo para a memória e ele mede o passado pelas impressões. Mensuráveis são os modos de ser e apreender. Ora, como podemos medir ou dimensionar o tempo, o ser? Obviamente não se trata de medir, mas de refletir com estes autores, nos alimentar da mesa teórica destes na tentativa de compreender os modos de ser num lugar que resiste e persiste na espera. Por isso colocamos o tópico tempo entre parênteses. Porque ao falar em passado e presente, o que está em jogo aqui é a duração, a espera, a suspensão, então o tempo nos “entres” – o tempo da cotidianidade manifesta nos afazeres e nos cuidados. Então, como percorremos com a memória e o ser, vamos discorrer sobre o tempo...

O tempo para Aristóteles⁶³ é: 1) “relativo ao movimento sem se confundir com ele”, no entanto ele é; 2) *algo* do movimento e; 3) o *número* do movimento, segundo o antes e o depois. Entre as grandezas do *antes* e do *depois* o que existe é o movimento e as sensações desse “decorrer” do presente. Presente para Aristóteles é o “instante *situado*”. Na perspectiva agostiniana “o antes-depois”, isto é, a relação de sucessão, é alheia às noções de presente, de passado e de futuro e, portanto, à dialética de intenção e distensão se insere nessas noções. Tanto em Aristóteles como em Agostinho percebemos que não é possível entender o tempo pelas suas extremidades, seja pelo

⁶³ RICOEUR, 2010, v. 3; p. 19-22.

movimento, seja pela alma. “[...] Apenas a distensão da alma não pode produzir a extensão do tempo; apenas o dinamismo do movimento não pode gerar a dialética do triplo presente.”⁶⁴

A poética da narrativa, tratada no capítulo seguinte, “[...] necessita tanto da cumplicidade como do contraste entre a consciência interna do tempo e a sucessão objetiva para tornar mais urgente a investigação das mediações narrativas entre a concordância discordante do tempo fenomenológico e a simples sucessão do tempo físico.”⁶⁵ A noção fenomenológica de presente, como o hoje em função do qual há um amanhã e um ontem é que nos permite dar sentido à ideia um *acontecimento* novo que rompe com o anterior e inaugura um caminho diferente daquele que precedeu. Por outro lado, “a sucessão do tempo físico” permite-me contar com o tempo de maneira constitutiva. Contando com o tempo, descobrimos a “circunvisão” nas ocupações que vem ao encontro, o “manual” no dizer heideggeriano.

Estamos, portanto, em duas vias temporais, o tempo fenomenológico e o tempo das sucessões. Todavia, estes tempos não estão de maneira alguma separados, nem mesmo dissonantes. Temos, no tempo, o horizonte das nossas compreensões e interpretações, de nós mesmos e dos entes que nos avizinham. Mas para que isso se dê, se evidencie é necessário que nos reportemos ao conceito de *temporalidade*, “[...] *como ser da presença, que se perfaz no movimento de compreensão de ser.* [...]”⁶⁶

Só a elaboração da temporalidade da presença enquanto cotidianidade, historicidade e intratemporalidade proporciona a visão plena das *implicações* de uma ontologia originária da presença. Enquanto ser-no-mundo, a presença existe, faticamente, com e junto a entes que vêm ao encontro dentro do mundo. [...] (HEIDEGGER, 2009, p. 418)

Falávamos da noção do “*impróprio*” heideggeriano, ora, também para o conceito de temporalidade Heidegger o emprega e assim, de uma temporalidade imprópria deriva o que ele denomina de conceito “vulgar de tempo”. “[...] Os conceitos de “futuro”, “passado” e “presente” nascem, imediatamente, da compreensão imprópria de tempo. [...]”⁶⁷ Trata-se de uma nivelção do tempo do mundo pela compreensão vulgar do

⁶⁴ RICOEUR, 2010, v. 3; p. 35.

⁶⁵ *Idem*, p. 36.

⁶⁶ HEIDEGGER, 2009, p. 55.

⁶⁷ HEIDEGGER, 2009, p. 411.

tempo, porque a interpretação cotidiana do tempo se mantém unicamente na direção das ocupações.

Ao conceito heideggeriano de temporalidade, Paul Ricoeur se posiciona:

[...] „a maneira pela qual esses fenômenos [a história dos historiadores e a memória das pessoas comuns] são fundamentados existencialmente a preocupação [e na temporalidade da preocupação]’. Meu medo, digo sem rodeios, é que a hierarquização, em ser e tempo, das instâncias temporais – temporalidade fundamental, historicidade, intratemporalidade – em termos de originariedade decrescente e de inautenticidade crescente, seja obstáculo de reconhecimento dos recursos da condicionalidade – e nesse sentido da legitimidade – dispensado progressivamente de instância fundamental para instância fundamentada. [...]. (RICOEUR, 2007, p. 367)

Como dissemos acima, Paul Ricoeur traz para o âmbito da história uma diferenciação primordial, a saber:

ontologia da historicidade (Heidegger) → *condição histórica* (Ricoeur)

Queremos dizer aqui que, Ricoeur contrapõe, ou melhor, “adiciona” um elemento também fundamental dentro da ideia de “ser” da presença. E ele o faz embasado em seus estudos, desde a metáfora viva e aos estudos sobre a narrativa. De fato, não devemos negar que dentro de toda ontologia, impera também uma *condição* pela qual o homem está inserido num contexto histórico, social, cultural, etcetera, dado. Mas de certa forma, quando Heidegger, ao definir o *ser-com*, já está colocando a ideia de mundo compartilhado. É verdade que mundo compartilhado não é a mesma coisa que mundo enquanto condição. À visão transcendental de que “o mundo vem ao encontro” a partir do nosso posicionamento “*disposição*”, pensamos que este posicionamento não é estático. Trata-se, isso sim, de uma busca, ou seja, um deslocamento significativo em relação à. Nas derivações destas buscas, destes deslocamentos não vamos preenchendo-as com momentos, como se fossem se esses fossem pontos estanques. Há uma confluência de acontecimentos permeando todo o trajeto. No movimento do acontecer da presença dá-se o estender-se, o alargar-se. Abertura e interpretação se dão na *ex-tensão*⁶⁸, no acontecer da presença.

⁶⁸ *Erstreckung* – “A palavra alemã é uma intensificação de *strecken* = alargar, estender. A palavra extensão diz a mesma coisa com o realce sobre o movimento de desdobrar-se e pôr-se para fora.” (SCHUBACK, 2009, p.582).

Ainda sobre a questão histórica, Paul Ricoeur apresenta a noção do “ser-para-morte” dentro de um “possível diálogo” entre o filósofo e o historiador e, em relação à morte em história, propõe aberturas⁶⁹ em direção ao espaço comum de confronto:

1ª abertura – “consciência moral” (*Gewissen*) de poder-ser-um-todo e de poder-ser-para-a-morte, antecipação da preocupação em sua capacidade de “atestação” para o futuro. Aqui é possível manter o **testemunho sob suas formas retrospectivas, na vida cotidiana**, no tribunal ou na história. O testemunho que é a atestação que trata do poder-ser apreendido sob a figura da antecipação. Soma-se a atestação ao modo verbal de todos os verbos de ação e de paixão que, em “*Si mesmo como um outro*”, descrevem o homem capaz: capaz da palavra, ação, narrativa, imputação; “essa certeza no presente enquadra a atestação no futuro e o testemunho no passado. A força do texto heideggeriano é permitir à atestação se expandir do futuro da antecipação para o passado da retrospecção.”⁷⁰

2ª abertura – Cabe à antecipação, segundo *Ser e tempo*, implicar a preteridade. “[...] O elo entre futuridade e preteridade é garantido por um conceito ponte, o de estar em dívida. A resolução antecipadora só pode ser um assumir a dívida que marca nossa dependência do passado em termos de herança. [...]”⁷¹ **Compreender-se significa assumir o ser-em-dívida, por outro lado o assumir o ser-lançado significa ser autenticamente o Dasein tal como ele já era a cada vez.**

Destas aberturas podemos retirar dois princípios, para os quais retornaremos oportunamente, que podem nortear nosso entendimento de narrativa aplicada ao contexto específico de Batatuba, e de uma maneira geral aos lugares de memória permeados pelas mídias digitais:

1) O testemunho sob suas formas retrospectivas, na vida cotidiana – o si mesmo como um outro – força do homem capaz e;

⁶⁹ RICOEUR, 2007, p. 373-380.

⁷⁰ *Idem*, p. 373.

⁷¹ *Ibidem*, p. 373.

2) Compreender-se significa assumir o ser-em-dívida, por outro lado o assumir o ser-lançado significa *ser* autenticamente o Dasein *tal como ele já era a cada vez*.

[...] o caráter não manejável, indisponível do passado parece efetivamente corresponder, na esfera prática, à ausência, na esfera cognitiva da representação. Aqui, a junção entre ser-em-dívida – categoria ontológica – e representância – categoria epistemológica – mostra-se fecunda, na medida em que a representância eleva ao plano da epistemologia da operação historiográfica o enigma da representação presente do passado ausente que [...] constitui o enigma primário do fenômeno mnemônico [...]. (RICOEUR, 2007, p. 375)

O ser como testemunha é um dos modos de ser imprescindíveis das narrativas. E aqui retomamos o viés do ser-no-mundo em sua forma temporal, ou seja, *ser-no-tempo*. *Ser-no* significa ser-junto – junto das coisas do mundo. É a maneira de “contar com o tempo” que resume todas as nossas relações com o mesmo. A presença dos “homens-memórias” são fontes em si de uma vida completa rica de experiências de todo tipo de natureza que se revela em autobiografias que buscam inscrever suas singularidades dentro de patamares mais amplos por meio de arquivos pessoais, de diários, de trocas de cartas, de postagens em blogs e em redes sociais, dentre outros. Neste sentido, o ato de memória é bem mais que uma reprodução “fiel” do acontecimento, buscando ser algo acabado – trata-se de uma construção que requer funções psicológicas elevadas, unindo traços dispersos, desordenados, fragmentados em uma linearidade temporal na tentativa de recapitulação de uma vida inteira que ainda não está conclusa no ser-todo, posto que este só se “conclui” quando “se morre”.

Responder ao *Quem*⁷² da questão é contar a história de uma vida. É assumir uma noção de identidade dentro de uma narrativa. Nessa identidade que é na verdade múltipla, afinal fazemos parte de múltiplos grupos e nos relacionamos com cada qual de maneira diferenciada. O primeiro grupo com o qual nos relacionamos tem a ver com o nome próprio – memória genealógica – é a inscrição identitárias e memorial do indivíduo a determinado grupo no tempo e no espaço, uma forma de controle social do sujeito representada, podendo ser tanto uma redução como uma restauração. “[...] Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição dos nomes próprios. [...]”⁷³

⁷² Hannah Arendt in: *Condição humana*.

⁷³ CANDAU, 2012, p.68.

Por que é importante para nós a nomeação? Respondendo pelas palavras de Candau: “[...] isso se deve ao fato de que a memória de um sobrenome, quer dizer, a permanência no tempo de uma identidade atribuída, é uma fonte essencial da totalização existencial.”⁷⁴ A questão da nomeação ficou evidenciada nas oficinas que fizemos e das quais falaremos no terceiro capítulo. O que interessa neste momento é que a nomeação confere, dentro da temporalidade, uma lembrança que se dispõe na existencialidade verbalizada. Ou seja, faz nos ver que a memória, envolvida na arte de narrar, traz para o seio da enunciação o sujeito que possui uma identidade a partir de um nome, nome este que também lhe confere um lugar. Esta lembrança caracteriza dentre outras coisas a tentativa de evitar o declínio seja ele, das ideias, das emoções, da própria condição histórica e, afinal, declínio da memória em si. Interessante observar com Candau, que as pessoas “[...] ao envelhecer tornam-se muito falantes ou então definitivamente silenciosas, após terem aceitado o inevitável.”⁷⁵

Nisto consiste o fundamento ontológico originário da existencialidade da presença na *temporalidade*. A lembrar, pontuando acontecimentos a cotidianidade vai se desvelando enquanto modo desta temporalidade. Assim, é possível compreender por que a presença, no fundo de seu ser, é e pode ser histórica e, *enquanto histórica*, pode construir uma historiografia de si integrada a historiografia mais universal. Constituímos dentro de um universo de acontecimentos.

Ora, lembrar é também um modo do ser, pelo qual, o ser se ocupa junto ao “mundo” – guiado pela circunvisão. O seu “trabalhar” e o por se a “fiar” enredos que não vieram do nada, antes se trata de uma herança (ter-sido⁷⁶) *trans*-mitida e agora é (re) *trans*-mitida (porvir) também não vão se deparar com o nada ou com um instrumento isolado, preliminarmente dado.

[...] O vigor de ter sido surge do porvir e isso de tal maneira que o porvir do ter sido (melhor, do que tem sido) deixa vir-a-si a atualidade. Chamamos de *temporalidade* este fenômeno unificador do porvir que atualiza o vigor de ter sido. Somente determinada como temporalidade é que a presença possibilita para si mesma o poder-ser toda em sentido próprio da decisão antecipadora. *Temporalidade desvela-se como o sentido da cura propriamente dito.* [...] (HEIDEGGER, 2009, p. 410-411)

⁷⁴ *idem*, p. 69-70.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 69-73.

⁷⁶ Por-vir, ter-sido, tornar-presente – “Autenticamente o por-vir é o ser-aí autenticamente tendo-sido.”(HEIDEGGER apud Ricoeur, 2010, v. 3, p.118)

Grande intensidade está no ato de lembrar e, principalmente, no ato de narrar o que se lembra. Um dos pontos altos desta intensidade é que, enquanto narro ou transmito algo a outras pessoas, na fala vem embutida “o como” todo o proceder de como foi tal situação, tal envolvimento, o desenrolar, o que se tinha “à mão”, a circunvisão... Dentro deste único ato – narrar – também vamos nos encontrar com a *cura*, porque se a narrativa configura a temporalidade (Ricoeur) e a estrutura da *cura* reside na *temporalidade* (Heidegger), então a cura reside na narrativa.

É oportuno narrar agora uma fábula sobre o *humus*, melhor dizendo, sobre o *homem* – a cura, o cuidado enquanto existir.

Certa vez, atravessando um rio, Cura viu um pedaço de terra argilosa: cogitando, tomou um pedaço e começou a dar-lhe uma forma. Enquanto refletia sobre o que criara, interveio Júpiter. A Cura pediu-lhe que desse espírito à forma de argila, o que ele fez de bom grado. Como a Cura quis então dar seu nome ao que tinha dado forma, Júpiter a proibiu e exigiu que fosse dado o nome. Enquanto Cura e Júpiter disputavam sobre o nome, surgiu também a Terra (tellus) querendo dar o seu nome, uma vez que havia fornecido um pedaço de seu corpo. Os disputantes tomaram Saturno como árbitro. Saturno pronunciou a seguinte decisão, aparentemente equitativa: Tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves receber na morte o espírito e tu, Terra, por teres dado o corpo, deves receber o corpo. Como, porém, foi a Cura quem primeiro o formou, ele deve pertencer à Cura enquanto viver. Como no entanto, sobre o nome há disputa, ele deve chamar Homo, pois foi feito de húmus. (antiga fábula: Poema de Herder in: HEIDEGGER, 2009, p.266)

CUIDADO E TEMPORALIDADE

Vincular a estrutura autêntica do tempo à do cuidado é, desde já, arrancar a questão do tempo da teoria do conhecimento e leva-la para o nível de um modo de ser que 1) conserva a cicatriz de sua relação com a questão do ser, 2) tem aspectos cognitivos, volitivos e emocionais, sem se reduzir a nenhum deles e nem mesmo se situar no nível em que a distinção entre esses aspectos é pertinente, 3) recapitula os principais existenciais, tais como *projetar*, *ser lançado no mundo*, *ser decadente*, 4) oferece a esses existenciais uma unidade estrutural que desde já coloca a exigência de um “ser-um-todo”, ou de “ser-integral” (*Ganzsein*), que introduz diretamente na questão da temporalidade. (RICOEUR, 2010, v. 3; p. 107)

É comum ao homem proferir palavras sem lhe dar a devida atenção. As palavras caem assim na banalização e perdem em suas essências. O termo “cuidado”, como

entendida acima, é cara e rica em todo o seu significado e mais, de acordo com termo empregado, tanto por Heidegger como por Paul Ricoeur ela é própria do homem. O “cuidado” é um gerador de formas e conteúdos. O cuidado está para o atual, para o presente, para o campo da atenção. O passado e o futuro só podem ser cuidados e receberem a devida atenção no presente. Daí dizer que o ser da presença é o poder-ser constitutivo do cuidado revelado em sua originalidade. Ainda, o recurso ao cuidado é o que “[...] „possibilita’ a temporalidade – a unidade plural das três ek-stases da temporalidade. [...]”⁷⁷

São as três ek-stases, o *porvir*, o *vigor de ter sido* e a *atualidade*, constitutivas da unidade de *esquema horizontal*. É importante para nós compreender tal unidade, uma vez, que sobre ela vamos “repousar” nosso plano de trabalho acerca de Batatuba e do nosso “como”, ou seja, as mídias digitais. Este *horizonte* que o Heidegger conceitua é onde a “[...] *condição existencial e temporal da possibilidade de mundo reside*. [...]”⁷⁸ A ele pertence o “para onde” da *ekstase*. Essa unidade dos esquemas, as três ek-stases, funda-se na unidade ekstática de temporalidade. É, também, esta unidade horizontal dos esquemas das ekstases que possibilita o nexos originário entre as remissões de ser-para e de ser em virtude de. “[...] Isto implica que: com base na constituição horizontal da unidade ekstática da temporalidade, algo como um mundo aberto pertence ao ente que, cada vez, é o seu pre.”⁷⁹ Assim entendemos como a transcendência é, para Heidegger, fundada de modo ekstático e horizontal.

[...] O próprio Heidegger abre caminho para essa interrogação quando declara que os três graus de temporalização são co-originários, retomando propositalmente uma expressão que aplicara às três ek-stases do tempo. Ora, se elas são co-originárias, o futuro não tem necessariamente a prioridade que a análise do Cuidado lhe confere. Por isso, futuro, passado e presente predominam sucessivamente quando se passa de um nível para outro. Nesse sentido o debate entre Agostinho, que parte do presente, e Heidegger, que parte do futuro, perde muito de sua acuidade. [...] (RICOEUR, 2010, v. 3, p. 163)

A maneira como “portar” *no* mundo, para a grande maioria, tem muito mais a ver com o portar *o* mundo e suas derivações: *com*-portar; *su*-portar; *a*-portar. Mas, o *ser-no-mundo*, como define Heidegger, é o ser que se **importa**, ou seja, está em dívida, antes com o *próprio*, com o que lhe diz respeito (poderíamos elucubrar em noções de

⁷⁷ RICOEUR, 2010, v. 3, p. 121.

⁷⁸ HEIDEGGER, 2009, p.454.

⁷⁹ *Idem*, p.454.

público/privado) enquanto ser que existe – *Dasein* – presença e, neste sentido, *cura/cuidado*. O *ser-no-mundo* não “dá de ombros” quando *percebe* que há algo que não se “encaixa”. A sua consciência é o *apelo* da cura diante da estranheza à presença assume o seu poder ser e estar.

Podemos considerar um estado de espera, que é um modo de ser-no-mundo, como uma estranheza quando este modo é um estado de suspensão “aparentemente paralisado” e assim configurar uma perda. Alias, manter-se envolto na medianidade é uma forma de lidar enquanto se espera. Este ponto de reflexão heideggeriana é bastante importante quando formos tratar desse “estado de suspensão” que parece residir em Batatuba.

“[...] Toda espera compreende e “tem” o seu possível comprometimento com o se, como e o quando ele se realizará enquanto algo simplesmente dado. Esperar não é apenas desviar ocasionalmente o olhar do possível para a sua realização mas é, em sua essência, *esperar por ela*. Também na espera se dá um abandono do possível e um tomar pé no real e com vistas a ele que o possível é absorvido no real pela espera.” (HEIDEGGER, 2009, p. 339)

Então o “possível é absorvido no real pela espera”, ora o que é este real senão a cotidianidade, ou melhor, a medianidade desta. O que pode fazer o ser-em-estado-de-espera? Talvez “antecipar” a compreensão do que “poderia-ser” assumindo um poder-ser-si-próprio dentro do que está em jogo. Uma compreensão própria da sua *disposição*, da sua “datação”, a data é uma morada onde o tempo se *perfaz*, tempo do que se empreende no “dia a dia” na sequencia duradoura de agoras, ao invés de tomar por justo o “ir vivendo”, frase/modo-de-ser tão conhecida no tempo de esperar.

Aqui surge a noção de “*apelo*”, que não é planejado, como antídoto à espera. “[...] Quem apela também não é familiar ao impessoalmente-si-mesmo da cotidianidade – é algo como uma voz *estanha*. [...]”⁸⁰ É oportuna a abordagem heideggeriana a qual coloca o *apelo* na contramão da falação (outro modo de ser do impessoal) falaremos disso quando tratarmos da rede social Facebook.

⁸⁰ HEIDEGGER, 2009, p. 355.

Um estado de espera pode ser considerado normal desde que não exceda limites, padrões, normas temporais. Mas quem determina estas normas, leis, será que está ciente da temporalidade do ser-outro? Voltaremos a esta questão, porque o que ocorre em Batatuba é um caso a ser verificado sobre este prisma, muito embora fuja do escopo desta tese que pretende verificar legitimidade a partir da mídia digital, então, será que podemos atribuir às tecnologias de comunicação e informação este papel, o papel de “apelo”, no sentido de evocação? Ora se o “apelo” é o apelo da cura, então a resposta é sim, podemos atribuir este papel a estas tecnologias, todavia com o cuidado de uma mídia *responsiva*. Dissertaremos sobre este tema no tópico “o ser entre o real, o possível, o atual e o virtual”.

O apelo é da *cura* porque esta é constituída da dívida do ser-no-mundo. “[...] A reclamação apeladora da consciência oferece para a presença a compreensão de que ela, na possibilidade de seu ser, é o fundamento nulo de seu projeto nulo, devendo recuperar-se para si mesma da perdição no impessoal, ou seja, de que ela *é e está em dívida*.”⁸¹ Agora, compreender esta interpelação significa: *querer ter-consciência*⁸².

Para Heidegger, “querer-ter-consciência” é o compreender que “corresponde ao apelar” e estas determinações “[...] não podem ser meramente harmonizadas com a interpretação vulgar da consciência. [...]”⁸³ Heidegger, chama de vulgar a interpretação da consciência porque ela se atém à consciência *impessoal* determinando, impessoalmente, como ela a obedece ou não. Que quer dizer isto? Quer dizer que: o apelo, embora se dê no impessoal, não se atém a este, ao contrário, é no apelo que o ser pretende recuperar-se da “perdição nos afazeres do impessoal”. Ora, o que é o impessoal senão uma rede de intencionalidades, melhor dizendo, uma rede de intencionalidades na qual impera o impessoal. Cabe ao ser-no-mundo mais uma vez, às escolhas.

Escolhas são possíveis e convivemos com elas o tempo todo, porque o mundo não é uma soma de coisas e o tempo não é uma soma de “agoras” pontuais⁸⁴. As coisas e os tempos articulam se em redes e em camadas dessas redes, cujas naturezas são múltiplas. Cada coisa e cada tempo que as compõem só podem se oferecer ou se prestar

⁸¹ *Idem*, p. 367.

⁸² *Ibidem*, p. 368.

⁸³ *Ibidem*, p. 369.

⁸⁴ MERLEAU-PONTY, 1994, p. 446

às escolhas se estiverem “conectadas” a essa complexidade e assim, a cada escolha, infinitas aberturas se dão, sempre obedecendo a intenções das objetividades e também das subjetividades. Assim se dão os acontecimentos e,

[...] não há acontecimento sem alguém a quem eles advenham, e do qual a perspectiva finita muda sua individualidade. O tempo supõe uma visão sobre o tempo. Portanto ele não é um riacho, ele não é uma substância fluente. [...] Ele [tempo] nasce de *minha* relação com as coisas. Nas próprias coisas, o porvir e o passado estão em uma espécie de preexistência e de sobrevivência eternas. [...] (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 551)

Merleau-Ponty nos dá uma noção de temporalidade cuja visualização é facilitada quando ele “liga” uma palavra à outra por meio do hífen. “[...] A temporalidade se temporaliza como **porvir-que-vai-para-o-passado-vindo-para-o-presente**. [...]” (*Idem*, p. 563, negrito nosso) Assim como em Agostinho, o presente não é encerrado em si mesmo, ele transcende em dupla direção, para o passado e para um porvir. “[...] Portanto passado não é passado, nem futuro é futuro. Eles só existem quando uma subjetividade vem romper a plenitude do ser em si, desenhar uma perspectiva, ali introduzir o não-ser. Um passado e um porvir brotam quando eu me estendo em direção a eles. [...]” (*Ibidem*, p. 564) Ora, se estender caracteriza um movimento em direção a, um trânsito, uma maneira particular de passar por “entre”.

“[...] Essa sensação (percepção) [do tempo] consiste no fato de que a marca da anterioridade implica a distinção entre o antes e o depois. Ora, o antes e o depois só existem no tempo (*en khronōi*) [...] segundo a física é percebendo o movimento que percebemos o tempo; mas o tempo só é percebido como diferente do tempo do movimento quando nós o determinamos (*horizomen*)”, isto é quando podemos distinguir dois instantes, um como anterior, o outro como posterior.” (RICOEUR, 2007, p. 35)

Se pensarmos o tempo em termos de relações, ou seja, relativizá-lo vamos percebê-lo que nunca está totalmente constituído. O que temos do tempo são **registros como resultado de sua passagem**, ou seja, fragmentos “postados”, “depositados” em algo. Poderíamos dizer que estes registros constituem aquele “cabedal” do qual falara Ecléa Bosi em sua definição de memória? Temos razões para crer que sim. O tempo constituído – a série das relações possíveis, segundo um antes e um depois, não é o tempo em si. Isto é o resultado/registro de sua *passagem* que o pensamento objetivo

sempre pressupõe e não consegue apreender⁸⁵. Ora só temos acesso a este “ambiente temporal” quando ocupamos nele uma situação e quando o apreendemos por inteiro por meio dos horizontes dessa situação⁸⁶. É como se estivéssemos em um campo cuja visibilidade se estenderia para todos os lados e assim tivéssemos uma noção clara sobre tal empreendimento e, então afirmamos: “Agora eu compreendo”.

No âmbito da duração a palavra *Zeitbewusstesein* pode ser traduzida para o português como consciência-tempo sem intervalo entre consciência e o tempo, fazendo se assim algo totalizado em si – por a “nus” tempo e duração. Nesse conceito husserliano encontramos a perplexidade dos tempos e nesta os grandes achados da fenomenologia husserliana do tempo: “[...] a descrição do fenômeno de retenção – e de seu simétrico, a protensão –, e a distinção entre retenção (ou lembrança primária) e relembração (ou lembrança secundária).”⁸⁷ Para ilustrar seu conceito Husserl faz uso do termo “som”⁸⁸ – que é objeto e identificação de si mesmo. Todavia o que nos importa neste achado e a parte que diz respeito ao fenômeno da retenção (do segurar firme). “[...] A retenção é precisamente o que mantém juntos o presente pontual (*Jetzpunkt*) e a série das retenções conectadas a ele. [...] A função da retenção é estabelecer a identidade do presente pontual e do objeto imanente não pontual. [...]”⁸⁹ Gostaríamos de trazer este fenômeno para a ideia de lembrança, ou lembrança primária daquele momento que para ter certeza do lembrado, ou para “recuperá-lo” na memória com mais acuidade, fechamos os olhos. Não é preciso ir muito longe para que derivemos “guardar na retina”; “foi num piscar de olhos”, a ideia de momentos significativos.

“piscar de olhos” → retina → reter

Então, que são estes registros senão momentos significativos que vão permear e compor toda a narrativa, as histórias e compor arquivos, museus, bibliotecas, as redes sociais, momentos significativos de pesquisas conferindo-lhes palavras-chaves, tags, andamentos particulares/privados que se tornam cada vez mais públicos e “democratizados” graças à presença das mídias digitais?

⁸⁵ MERLEAU-PONTY, 1994, p. 556.

⁸⁶ *Idem*, p. 445.

⁸⁷ RICOEUR, 2010, v. 3; p. 43.

⁸⁸ “[...] Devido à sua própria natureza temporal, o som nada mais é que sua própria incidência, sua própria sucessão, sua própria continuação, sua própria cessação.” (RICOEUR, 2010, v. 3; p. 43)

⁸⁹ *Idem* p. 47.

Da retenção (lembança) caminhamos para protensão (expectativa), isso quer dizer que a presença do presente aparece, “[...] como tal na medida em que *compõe continuamente* com uma não-presença, a saber, a lembrança e a expectativa primárias (retenção e protensão)”⁹⁰

Do tempo absoluto e universal de Newton que distingue o tempo em: tempo relativo – “aparente” e “vulgar” e; tempo absoluto – “verdadeiro” e “matemático” a Einsten que relativiza o tempo físico e considera acontecimentos simultâneos, admitindo tantos “relógios” quantos fossem os sistemas de relação entre eventos no Universo. Tempo e espaço deixam de ser grandezas imutáveis e fixas e passam a ter uma interdependência, quer dizer que: “entre dois eventos simultâneos não existe uma relação espacial absoluta ou uma relação temporal absoluta.”⁹¹ Esta relativização do tempo e do espaço físico para Einsten abre a possibilidade de “dimensionar” outros tempos, dentre eles aquele que varia de indivíduo para indivíduo, o tempo dito psicológico, o tempo das durações interiores que é o tempo do vivido; o tempo e o espaço nas lembranças; tempos sociais da memória...

Associados a esse entendimento de tempo advêm atitudes valorativas em relação à realidade temporal. Para Landes, a mensuração do tempo, assim como o uso de instrumentos de cartografias “[...] foi simultaneamente um signo da criatividade recém-descoberta e um agente e catalisador do uso do conhecimento para a obtenção de riqueza e poder. [...]”⁹²

Além da realidade temporal, outras dimensões cíclicas como a religiosa e a política e, em relação ao tempo histórico (pluridimensional) o passado e o futuro situam-se a partir do tempo presente num discurso linear: “[...] Na história muitos eventos podem desenrolar-se ao mesmo tempo. Mas o discurso deve obrigatoriamente colocá-los um em seguida a outro; uma figura complexa se encontra projetada sobre uma linha reta”⁹³ Esta maneira discursiva “linear” dá ao homem a noção de um tempo linear, “começa do começo”.

A memória forte, tal como definida por Candau, é assegurada pelo tempo cíclico ou pendular. É o tempo do calendário que abriga o eterno retorno de um passado estável

⁹⁰ HUSSERL apud RICOEUR, 2010, v. 3; p. 48.

⁹¹ EINSTEIN apud Nunes, 1995, p.18.

⁹² LANDES apud HARVEY, 2006, p. 207.

⁹³ TODOROV, apud NUNES, 1995, p. 14.

e previsível – lê-se o calendário como se aprendeu a ver as horas⁹⁴. Neste tempo são atribuídas datas de lembranças acumuladas – acontecimentos datados – pela memória coletiva graças à sua reinscrição no tempo calendário.

O tempo perdido não carece de recuperação, afinal tudo está sempre a se repetir em datas e comemorações, assim, a memória é dispensada de recuperar o tempo passado. Por outro lado a Memória longa ignora datas precisas, o que se recorda são momentos vividos em determinados ciclos individuais e que de certa maneira são articulados a acontecimentos. O tempo é, então, assimilado em sua *duração*, não pela quantidade, mas pela “qualidade associativa e emocional que remete às representações que fazem os membros de um grupo sobre sua identidade e sua história.”⁹⁵

A manipulação da pluralidade de durações pelo historiador é comandada por uma correlação de três fatores no tratamento da dimensão temporal da ação social, a saber: a) a natureza específica da mudança considerada (ex. econômica, política, cultural etc.); b) a escala que circunscreve esta mudança e; c) o ritmo apropriado à escala. “Estamos em um tempo construído, feito de durações estruturadas e quantificadas. [...]”⁹⁶

Que diremos, pois, a sociedade pode eleger um tempo para si? Seria mais apropriado dizer ser-do-tempo, ao invés de dizer ser-no-tempo? Seja como for, o homem é um ser temporal e, como tal „aparece’ num certo modo de *passagem*, que de uma maneira, ou de outra está sempre mudando, e o objeto no seu modo de passar é “[...] incessantemente de novo um outro nessa mudança, embora digamos que o objeto e cada ponto de seu tempo e esse próprio tempo são uma única e mesma coisa.”⁹⁷ Assim no denominado *Tempo humano*, “[...] se conjugam a representância do passado pela história e as variações imaginativas da ficção, tendo como pano de fundo as aporias da fenomenologia do tempo. [...]”⁹⁸

Em busca da resposta para questão “*Que é o tempo?*” Paul Ricoeur opõe o conceito de Aristóteles ao de Agostinho; de Kant a Husserl e, tudo o que se sabe sobre tempo „vulgar’ a Heidegger. Assim, como o próprio Ricoeur afirma, não se trata mais

⁹⁴ “Essas divisões ‘se impõem de fora de todas as memórias individuais precisamente porque elas não têm origem em nenhuma delas’ O mesmo vale para ‘as datas marcadas no mostrador da história.’ ” (HALBWACHS apud RICOEUR, 2007, p. 405)

⁹⁵ CANDAU, 2012, p. 87.

⁹⁶ RICOEUR, 2007, p. 194-195.

⁹⁷ HUSSERL apud RICOEUR, 2010, v. 3; p. 47.

⁹⁸ RICOEUR, 2010, v. 3, p. 328.

de um processo de entendimento pela fenomenologia, mas de **um conjunto de pensamentos reflexivo e especulativo em busca da resposta para “que é o tempo”**⁹⁹. “[...] não se pode pensar o tempo cosmológico (o instante) sem, sub-repticiamente, restabelecer o tempo fenomenológico (o presente) e vice-versa. [...]”¹⁰⁰ Daí não se tratar de “aporias da fenomenologia do tempo”, mas sim da “**aporética da temporalidade**”.

Por fim, em relação ao tempo e ao ser, não devemos esquecer, todavia, que: “[...] o abismo entre tempo do mundo e tempo vivido só é transposto por intermédio da construção de alguns *conectores* específicos que tornam o tempo histórico pensável e maneável. [...]”¹⁰¹ Um destes elementos e que vamos tratar a seguir, é a Narrativa, a qual não nos permite esquecer que: todos os tempos, pelo menos para a presente tese, são tempos humanos.

1.3 Das Narrativas

—[.] Contamos histórias porque, afinal, as vidas humanas precisam e merecem ser contadas. Essa observação ganha toda a sua força quando evocamos a necessidade de salvar a história dos vencidos e dos perdedores. Toda a história do sofrimento clama por vingança e pede narração.” (RICOEUR, 2010, v. 1; p.129)

1.3.1. A Narrativa em relação ao Ser e ao Tempo

... o tempo sempre precisa de corpos para se exteriorizar, para se tornar visível... ”
(RICOEUR, 2010, v. 3, p. 230)

Todos os tempos são tempos humanos. O que conta aqui são os acontecimentos e como estes nos afetam e, se por algum motivo, eles nos afetam quereremos saber onde estão alocados e de que maneira procederam. Esta é uma das principais indicações para caminharmos por meio das narrativas as quais nos permite adentrar o *Tempo Humano*, porque é a narrativa que torna acessível a experiência humana do tempo e este só se torna humano por meio da narrativa¹⁰², “[...] entre a atividade de narrar uma história e o caráter temporal da experiência humana, uma correlação que não é puramente acidental,

⁹⁹ *Idem*, p. 165.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 165.

¹⁰¹ *Ibidem*, p. 313.

¹⁰² RICOEUR, 2010, v.1, p. xi

mas apresenta uma forma de necessidade transcultural. [...]” (RICOEUR, 2010, v.1, p. 93)

Este *Tempo Humano* está no **entrecruzamento** das Narrativas Histórica e Ficcional e estas duas provêm do Tempo Histórico que é, por sua vez, a soma do Tempo Fenomenológico ao Tempo Cosmológico.

De acordo com o esquema abaixo, o tempo humano é a configuração que abrange: a soma do Tempo Fenomenológico (TF) ao Tempo Cósmico (TC) resultando o Tempo Histórico (TH), deste Tempo Histórico deriva a Narrativa Histórica somada à Narrativa de Ficção.

Esquematisação da noção de *Tempo Humano*

Figura 1: Esquematisação da noção de Tempo Humano

“[...] Dessas trocas íntimas entre historicização da narrativa de ficção e ficcionalização da narrativa histórica, nasce o chamado tempo humano, que nada mais é que o tempo narrado. [...]”¹⁰³

O tempo histórico faz a mediação entre o tempo vivido e o tempo cósmico. Porque a prática histórica reinscreve o vivido no tempo cósmico por meio de calendários, dos documentos, da sequência de gerações, dos arquivos, dos vestígios, ou seja, estes “instrumentos do pensamento” “[...] desempenham o papel de conectores entre o tempo vivido e o tempo universal. Nesse sentido demonstram a função poética da história e trabalham para a solução das aporias do tempo. [...]”¹⁰⁴

¹⁰³ RICOEUR, 2010, v. 3, p. 173.

¹⁰⁴ *Idem*, p. 176.

Entendemos desde já, as narrativas se oferecendo, de acordo com Paul Ricoeur, como “uma **resposta poética**’ às aporias da reflexão do tempo.”¹⁰⁵ Como se dá esta resposta? Trata-se na verdade de entender como a intriga (*mýthos*)¹⁰⁶ e a atividade mimética (*mímesis*)¹⁰⁷ da “Poética de Aristóteles” se compõem. O conceito de *mímesis* permite perceber a imitação criativa na esteira da intriga. Deste par: *mímesis- mýthos* entende-se a Poética enquanto “a arte de compor intriga”¹⁰⁸

Portanto, se reservarmos para a *mímesis*, o caráter de atividade que a *poiésis* lhe confere, e se, ademais, nos agarrarmos ao fio da definição da *mímesis* pelo *mýthos*, então não há porque hesitar em compreender a ação – complemento de objeto da expressão: *mímesis práxeos* – como correlato da atividade mimética regida pelo agenciamento dos fatos (em sistema). [...] (RICOEUR, 2010, v.1, p. 62)

As palavras *poiétiké* e *poiésis*, o mesmo que *poiétés* – poeta, se formam diretamente sobre *poiein* – fazer e, é neste sentido que dizemos que: –, a *poética* trabalha o tempo todo com a polissemia das palavras. Colhemos as narrativas como uma *resposta poética* uma resposta que nos leva a ação, ao fazer em meio à *prosaística* a qual pressupõe a importância do comum, do cotidiano, as narrativas nos presenteiam com a memória dos acontecimentos em determinado lugar, neste caso – Batatuba.

Por meio da fala localizada em tempo e espaço, a presença re-significa o lugar. A fala da presença não é simplesmente dada, antes, ela é configurada dentro de uma determinada temporalidade, cujo sentido ontológico é a cura. A fala – o dizer do ser estabelece conexões *transversas* como veremos adiante, mas que, por ora, cumpre nos ressaltar que esta ação de dizer, de proferir, de narrar, dentre outras ações que contam a respeito do modo de ser da presença enquanto comunicativa – está associada a todos os outros elementos perceptivos. Ao se verbalizar, a presença diz respeito daquilo que se ocupa, interpretando alguma coisa que pronuncia. Esse dizer e discutir que também interpreta a si está fundado numa *atualização* e só é possível como tal e abrindo, portanto, também seus campos para significações.

Assim quando, ao observar uma fotografia dos anos 20, uma pessoa mostra a maneira como um senhor anda no meio da rua calçada de paralelepípedos e, diz da ausência de automóveis e compara com o dia de hoje onde todo o meio fio comporta os

¹⁰⁵ RICOEUR, 2010, v.1, p. xviii, grifo nosso.

¹⁰⁶ “É o agenciamento dos fatos em sistema” (Aristóteles apud Ricoeur, 2010, v. 1, p. 59); “[...] definição aristotélica como ‘imitação de uma ação’. [...]” (RICOEUR, 2010, v.2, p. 16)

¹⁰⁷ “Imitação ou representação”. RICOEUR, 2010, v.1, p. 59.

¹⁰⁸ *Idem*, p. 59.

carros estacionados e, então a pessoa observa dizendo: “*Olha a calma daquele tempo*”. Esta pessoa está levando seu “olhar” muito além da percepção visual. Seu campo abrange todos os outros sentidos. Olhar é também cuidar e tributar atenção. Neste caso, o olhar é um sentido de atenção e de distância. Olhamos e escutamos o tempo com elementos que compõem as memórias associativas, relacionando o lá e o cá.

O tempo não é um mero parâmetro, mas um operador. Ele preenche os acontecimentos tanto quanto os acontecimentos o preenchem. E, se isso vale para os acontecimentos físicos, geológicos e biológicos, vale evidentemente ainda mais para os acontecimentos sociais e culturais. [...] (MORSON; EMERSON, 2009, p.66)

Arrancar o tempo narrado da indiferença por meio da narrativa. Por meio de seu grande dispensário e do que se compreende, o narrador traz para a cena justamente a noção de sentido, no momento que a narrativa visa representar o “sem sentido” coloca-o no ambiente da explicação. Tirar o tempo da indiferença significa estabelecer uma relação entre sua qualidade (momentos de interesses dos eventos narrados) e sua quantidade (repetição das narrativas por diferentes narradores). Da produção à reprodução, o enveredar por processos mnemônicos. A reprodução ao repetir-se se abre para a indeterminação, este é seu potencial implícito. A indeterminação se dá exatamente porque toda a vida está dentro de contextos, inserida em múltiplas culturas. Portanto não estamos falando de linearidade, mas de complexidade, na medida em que, a cada replicar, redobrar há várias combinações, conexões, e evidentemente, exclusões, isto sem contar aquelas áreas de penumbra até o encobrimento total de certos fatos. Ora o que é esse “dobrar” senão “por em contato o que estava separado”¹⁰⁹? – Neste sentido, criamos zonas, tanto de contato, como de distâncias e até exclusões. “Complexificar é o meio de inovar; mutamos porque nos redobramos, nos reinventamos [...]”¹¹⁰ e mudamos também, porque o lugar não mais nos comporta.

Dito isto, devemos trazer a noção de *sentido* pertinente ao conceito de narrativa com o qual estamos trabalhando, seja ele, segundo Heidegger:

[...] o contexto no qual se mantém a possibilidade de compreender alguma coisa, sem que ele mesmo seja explicitado ou, tematicamente, visualizado. Sentido significa a perspectiva do projeto primordial a

¹⁰⁹ OLIVEIRA, 2008, p. 78.

¹¹⁰ *Idem*.

partir do qual alguma coisa pode ser concebida em sua possibilidade como aquilo que ela é. O projetar possibilidades, isto é, o que possibilita [...] A questão do sentido da cura é pois “[...] *o que possibilita a totalidade articulada do todo estrutural da cura na unidade desdobrada de suas articulações.*” (HEIDEGGER, 2009, p. 408)

Nesta noção está o “para quê” de um projeto, seja ele qual for, o sentido traz a possibilidade de algo que pode ser concebido. Nele está contida também a unidade de significância, ou constituição ontológica do mundo, a qual é fundada na temporalidade. O “voltar para”, o “estar compreendendo”, é o sentido existencial do deixar vir ao encontro atualizador dos entes, ou seja, os “*intramundanos*”¹¹¹. Esta atualização é a abertura pela qual nós percebemos e nos posicionamos, nela está circunscrita toda a problemática das interpretações daquilo que constituímos como “mundo”.

Entendemos por *fenomenologia hermenêutica* a interpretação descobridora que pressupõe algo “encoberto” pelo tempo. Esta interpretação é guiada pela *antecipação* de sentido que temos e, também, por querer se livrar dele [do sentido] no esquecimento e na simulação. Estabelece-se, assim, um dilema entre o que está visível e o que está invisível no qual o ver cede lugar ao compreender.¹¹² O vestígio, enquanto um *efeito-signo*, alimenta esse dilema porque combina em si uma relação de *significância* (passagem) e uma relação de *casualidade* (coisidade da marca). Essa dupla vinculação do vestígio faz dele um conector de dois regimes de pensamento e de duas perspectivas sobre o tempo. Estamos falando aqui de vestígio enquanto documento conservado, *datado*, diferente daquele “deixado”. Esse vestígio tem a propriedade de marcar no espaço a passagem do objeto da busca, ou seja, ele está implicado no tempo do calendário e, para além deste, no tempo astral.¹¹³

Assim, o vestígio é um dos instrumentos pelo qual a narrativa histórica vai „refigurar’ o tempo. Por meio daquele opera-se a uma *junção*, que pode ser vista também como mediação, entre o recobrimento do existencial e do empírico na significância. Assim, o vestígio é:

[...] uma possibilidade que deve não só habitar a pura atualidade do „agora’, mas constitui-la pelo próprio movimento da diferença que

¹¹¹ HEIDEGGER, 2009, p.455.

¹¹² RICOEUR, 2010, v. 3; p. 105.

¹¹³ *Idem*, p. 205

nela introduz. [...] Esse vestígio é, se pudermos empregar essa linguagem sem contradizê-la e rasurá-la imediatamente, mais „originário” que a própria originariedade fenomenológica. (DERRIDA apud RICOEUR, 2010, v. 3; p. 48)

Em relação à atualidade voltaremos a ela na Parte 2 desta tese. No entanto, é importante ressaltar aqui que a *configuração* narrativa está para uma *refiguração* da experiência temporal. Assim, o tempo da narrativa vê-se conduzido ao nível de confrontação entre uma *aporética da temporalidade* e uma *poética da narrativa*.¹¹⁴ Ora, os recursos da poética narrativa, neste caso, de uma narrativa histórica, são os documentos/vestígios tidos como “coisas dadas”, mas tanto estes como aqueles que foram se constituindo ao longo desta pesquisa colaborativa foram selecionados em função da problemática aqui abordada concordando com Paul Ricoeur de que “[...] a história só é conhecimento pela *relação* que estabelece entre o passado vivido pelos homens de outrora e o historiador de hoje. [...]”¹¹⁵

O trabalho do narrador é uma mediação, a mídia digital, como o próprio nome o diz, também estabelece este papel. É próprio do mediador provocar (pelo menos há intensão de) à apropriação, no sentido de afetar o espectador ou ouvinte à aplicação. Ora, mediar, se apropriar e protagonizar são partes *orgânicas* dentro de qualquer projeto hermenêutico. A organicidade, termo abordado mais adiante, caracteriza o arranjo, a forma de apresentação. Vale lembrar que *órganon*, é *inteligência* – composição como formas de apresentar as narrativas. Neste sentido, retomamos a “composição” em sua poética. Além disso, o “arranjo configurante” transforma uma sucessão de acontecimentos em uma totalidade significante.

“*Poética da composição*” – termo usado por Boris Uspenski – é a “[...] possibilidade de adotar **pontos de vista variáveis** – propriedade inerente à própria noção de ponto de vista – dá ao artista a ocasião, sistematicamente explorada por ele, de variar os pontos de vista no interior da mesma obra.”¹¹⁶ Essa abertura a pontos de vista variáveis dota a obra de uma *polifonia* onde várias vozes são autoras da mesma obra.

Dentro do “enquadramento”, da perspectiva temos o plano espacial e o plano temporal sem os quais é impossível conduzir o universo narrativo. E, dentro de cada

¹¹⁴ RICOEUR, 2010, v. 3; p. 5

¹¹⁵ *Idem*, v. 1; p.163.

¹¹⁶ *Ibidem*, v. 2; p. 162, negrito nosso.

plano, camadas não excludentes se comunicam e cada qual, ao se modo, vão enriquecendo toda a obra. Ora, se estamos falando de polifonia, então estes planos, tanto um como o outro, são múltiplos o que resulta na complexidade narrativa. Cada “ponto de vista” é uma “marca” combinada com pontos alheios dentro da sincronia da ação daquela narrativa do autor. Assim, há uma relação dialógica entre o narrador propriamente dito e os demais. Há uma *conversa*, portanto *dialogização* da narrativa. Com o diálogo vem o fator do não-acabamento e da inlcompetude – a “*não-finalizabilidade*”, para usar o termo bakhtiniano.

Que diremos, usando a metáfora da janela? Que a perspectiva da paisagem que se oferece é uma abertura ao “mundo” que se abre e, ao se abrir oferece inúmeros elementos suscetíveis de serem “habitados”. Enquanto que, quem olha, ou melhor, “quem observa” diz a respeito daquilo que se observa – se *pro-posiciona*, quem observa é uma pró-posição ao que está disposto, ou seja, a janela em si é um dispositivo. E “nossa janela” é teórica e empírica, é a perspectiva de *meios e processos audiovisuais* sobre *lugares de memórias*. Estamos, pois, num “funcionamento dialogal” onde toda referência é co-referência, portanto, é dialógica. *Esta é a relação que procede em mídias digitais entre a narrativa, o ser e o tempo, numa palavra, dialógica.*

Na frase narrativa há, segundo Paul Ricoeur, *três posições temporais* implicadas: “[...] a do acontecimento descrito, a do acontecimento em função do qual o primeiro é descrito, a do narrador – as duas primeiras concernem ao enunciado, a terceira à enunciação. [...]”¹¹⁷ Entre a frase narrativa e o texto narrativo há uma distância, cuja noção de história “que se pode *acompanhar*” tenta preencher.¹¹⁸ Estes preenchimentos/manifestações feitos por parte de quem acompanha são os “trends”.

Na qualidade de narrativa, toda história versa. [...] „Toda história (*history*) é, como a *saga*, fundamentalmente uma narrativa de acontecimentos nos quais o pensamento e a ação humana desempenham um predomnante’. Mesmo quando a história versa sobre correntes, *„trends*’, é o ato de acompanhar a narrativa que lhes confere uma unidade orgânica. O *„trend*’ só se manifesta na sucessão de acontecimentos que acompanhamos. É uma qualidade de forma desses acontecimentos particulares. [...] (RICOEUR, 2010, v. 1; p. 251)

¹¹⁷ RICOEUR, 2010, v. 1; p. 241.

¹¹⁸ *Idem*, p. 247

É preciso, contudo, reconhecer que as conjunturas culturais não se deixam superpor facilmente às conjunturas econômicas, mesmo no “*trend*” secular.¹¹⁹ O que evidencia a potência das culturas é exatamente a sua perpetuação que persiste para além de planos econômicos e governamentais, percebe-se isso claramente por meio das tradições orais e da cultura imaterial. Esse ato de “acompanhar” histórias é o trabalho daquele que ouve. O “ouvir” e o “dizer” são como duas agulhas compondo o tecido narrativo composto pelas complexas camadas temporais. Daí as narrativas ter muito mais a ver com as pessoas de mais idade, pessoas que experienciaram mudanças e que muito podem nos dizer do porque estamos assim e não de outro modo. Dizer o que aconteceu é dizer por que aconteceu. Assim, a história tem que ser aceitável. “[...] A partir daí, a compreensão narrativa mais elementar já confronta nossas expectativas reguladas por nossos interesses e nossas simpatias com as razões que, para ganharem sentido, têm de corrigir nossos preconceitos. [...]”¹²⁰

O porquê das mímesis: estágios representativos que estabelecem a mediação entre tempo e narrativa.¹²¹

Mímesis I – Enraizada numa pré-compreensão do mundo da ação.

A inteligibilidade (relação de intersignificação e compreensão prática) ancora:

1. em nossa competência para utilizar significativamente a **rede conceitual** que difere os domínios da ação;
2. no domínio das regras que governam suas ordens sintagmática e diacrônica histórica. Da passagem de uma ordem à outra os termos da ação adquirem integração e atualidade.

Há, portanto, uma relação entre inteligência narrativa e inteligência prática, porque ao compreender uma história, compreende-se, ao mesmo tempo, a linguagem do „fazer’ e a tradição cultural da qual procede às intrigas.

Mímesis II – “como se” – é o reino da ficção¹²². Possui a função de mediação por três motivos;

¹¹⁹ RICOEUR, 2010, v. 1; p. 350.

¹²⁰ Idem; p. 252.

¹²¹ Ibidem, p.122.

1. faz mediação entre *acontecimentos* (diferente de ocorrência) ou incidentes individuais e uma história tomada como um todo “[...] a composição da intriga é a operação que tira de uma simples sucessão uma configuração.”¹²³;
2. porque compõe juntos fatores heterogêneos como agentes, objetivos, meios, circunstâncias...;
3. por seus caracteres temporais próprios, estes “[...] autorizam a chamar a intriga, por generalização, de *síntese do heterogêneo*. [...]”¹²⁴

Mímesis III – *mímesis práxeos* – marca a intersecção entre o mundo do texto e o mundo do ouvinte ou do leitor.

Destas três mímesis, Ricoeur dá ênfase maior à mímesis II. Para ele, a composição da intriga é muito mais que um nível entre outros: é ela que faz a **transição** entre narrar e explicar. A intriga qualifica um acontecimento como histórico enquanto uma “mistura” mais humana de casos e acasos e menos científica de causas.

[...] „Os fatos só existem nas e pelas intrigas, onde ganham a importância relativa que lhes impõe a lógica humana do drama’. [...] Um acontecimento histórico não é só o que acontece, mas o que pode ser narrado, ou que já foi narrado em crônicas ou lendas. [...] só se faz intriga com o que sabe; a intriga é por natureza „conhecimento mutilado’. [...] (RICOEUR, 2010, v. 1; p. 282)

O ato narrativo é, pois uma construção colaborativa de enredos e, no caso das narrativas trabalhadas nesta tese, elas estão para as duas pressuposições que compõem a narrativa, segundo Ricoeur¹²⁵: 1 – de uma “poética” do discurso histórico. “*ficção e história pertencem à mesma classe* quanto à estrutura narrativa”; 2 – A aproximação entre história e ficção acarreta outra entre história e literatura.

O interesse em ouvir histórias e o contar sobre algo que aconteceu (cuja importância se inscreve na ordem das temporalidades) carregam uma polifonia – o universo de várias vozes e não apenas a do narrador, embora a voz deste seja, de longe, a mais importante. Nesse universo a presença do homem é esse modo de ser

¹²² Designa aqui “[...] a configuração da narrativa cujo paradigma é a construção da intriga, sem levar em consideração as diferenças que concernem apenas à pretensão à verdade das duas classes de narrativa. [...]” (RICOEUR, 2010, v.1, p. 113)

¹²³ *Idem*, p. 114.

¹²⁴ *Ibidem*, p. 115.

¹²⁵ *Ibidem*; p. 267.

possibilitado pela fala. Este é seu “*fundamento ontológico-existencial da linguagem*,”¹²⁶ a fala que se dispõe, é trabalhada como se *pronuncia*, isto é, no pronunciamento em si que se comunica as possibilidades existenciais da disposição, melhor ainda, da abertura da existência. Esta comunicação “pode tornar-se a meta explícita da fala *,poética*”¹²⁷. Das possibilidades desta *fala poética*, fala que constrói, temos também a presença que escuta porque compreende. A fala é, como dissemos acima, parte da configuração do “*querer-ter-consciência*”, que também carrega consigo o *silêncio*, afinal este é outra possibilidade constitutiva da fala e possuidor do mesmo fundamento existencial.

Dentro deste campo conceitual da fala, Heidegger traz uma noção muito pertinente a esta pesquisa, seja ele: o da *falação*. A falação está diretamente relacionado ao que se ouviu falar de um outro, um outro que não temos certeza onde está, apenas que ele está “por aí” e sabemos dele pelo que se fala a seu respeito e, principalmente, se fala secretamente, sob máscaras, minimamente triangulando (um que fala a outro de um terceiro que não está ali). Esse “outro” é, no dizer heideggeriano, o *impessoal*. Assim, a falação vai gerando uma curiosidade e uma ambiguidade. Ora, estar curioso e estar ambíguo também são modos de ser da presença que se realiza no cotidiano.

A essas maneiras de ser Heidegger aproxima o termo decadência, não no sentido negativo do termo, mas no sentido de perder-se da presença *junto* e no “mundo” das ocupações. É a impropriedade da presença. Será, para nós, muito importante esta definição quando falarmos das redes sociais. “[...] A decadência é uma determinação existencial da própria presença e não se refere a ela como algo simplesmente dado, nem a relações simplesmente dadas com o ente do qual ela “provém”, ou com o qual ela posteriormente acaba entrando em um *commercium*.”¹²⁸ Essa decadência também não é negativa no sentido ôntico, não se trata, portanto de um estágio menos desenvolvido da vida ou desprovido de alguma cultura. Entendemos aqui a falação e a decadência apenas como modo de ser, não estamos atribuindo-lhes juízo de julgamento.

Reside neste modo de ser da falação uma oscilação sem solidez porque seu compreender está, tanto em termos de curiosidade como de ambiguidade, para os outros e para consigo mesma configurando-se, assim, uma “perda”. “[...] A curiosidade abre toda e qualquer coisa, de maneira que o ser-em esteja em toda parte e em parte nenhuma. A ambiguidade não esconde nada à compreensão de presença, mas só o faz

¹²⁶ HEIDEGGER, 2009, p. 223.

¹²⁷ *Idem*, p. 225.

¹²⁸ *Ibidem*, p. 241.

para rebaixar no ser-no-mundo ao desenraizamento do em toda parte e em parte nenhuma.”¹²⁹

Tentadora, tranquilizante e também alienante é a decadência (desvio de si) um conceito ontológico de movimento → *precipitação*.

Assim como não atribuímos juízos de julgamento à falação, não trataremos também as narrativas como verdades estabelecidas ou certezas impassíveis de contestações. “[...] há mimética verídica ou mentirosa porque há, entre *eikōn* e a impressão, uma dialética de acomodação, de harmonização, de ajustamento que pode ser bem sucedida ou fracassar. [...]”¹³⁰

Então da verdade que não atribuiremos diremos, pois, a respeito dessa o porquê deste nosso modo de “ver” as narrativas em Batatuba.

Não se trata de conhecer melhor, mas, contudo ter o devido cuidado ao caminhar entre os preconceitos que acarretam compreensões equivocadas, visões distorcidas. Afinal, ter por verdadeiro é uma perspectiva e não uma obediência cega, todavia há o reconhecimento de uma superioridade dentro de um quadro de representações, que poderíamos chamar de fala situacional, quem fala, por que fala o que fala e de onde fala e, por outro lado, temos a quem se fala. Deste modo, a “verdade” encontra ancoragem no enunciado (o juízo), e sua essência reside na “concordância” entre o juízo e seu objeto, vale lembrar, também, que Aristóteles “[...] colocou em voga a definição de verdade como „concordância””¹³¹.

Se verdade é concordância, então ela é uma relação, embora nem toda relação seja uma concordância. A concordância pertence a uma espécie de perspectiva, tem a ver com o “assim como”, o mesmo “assim como” do conhecimento que permite apresentar um dado, tal como ele-o-é. Neste sentido, é também juízo. O conteúdo julgado, enquanto conteúdo *ideal*, é “verdadeiro” porque se acha numa relação de concordância. Então, o “assim como” da concordância e do conhecimento é também o “assim como” da *confirmação* que se pauta entre aquele que visa e aquele que é visado. Portanto, ser *descoberto* no “assim como” considera um *ser descobridor*. Descobrir é um modo de ser-no-mundo.

¹²⁹ HEIDEGGER, 2009, p. 242.

¹³⁰ RICOEUR, 2007, p. 32.

¹³¹ HEIDEGGER, 2009, p. 284.

Que diremos, pois, estamos tratando do enunciado?

Da interpretação ontológica-existencial do fenômeno da verdade resultou, portanto: 1. Verdade no sentido originário é a abertura da presença à qual pertence a descoberta dos entes intramundanos. 2. A presença é e está, de modo igualmente originário, na verdade e na não-verdade.

No horizonte da interpretação tradicional do fenômeno da verdade, essas proposições só podem ser inteiramente entendidas quando se mostra que: 1. Compreendida como concordância, verdade tem sua origem na abertura, e isso através de uma modificação determinada. 2. O próprio modo de ser da abertura propicia que, primeiro, se faça visível sua modificação derivada e que vigore a explicação teórica da estrutura da verdade. (HEIDEGGER, 2009, p. 294)

A fala pertence, essencialmente, à presença que se pronuncia enquanto ser-descobridor para o ente. É o enunciado que comunica o ente no modo de sua descoberta, de sua revelação.

Dentro de processo de descobrir de se revelar, temos a “tradição” que ao transmitir seus saberes e fazeres, se enuncia e se insere como forma de representação de determinados grupos.

Nos caminhos percorridos pela noção de tradição, segundo Paul Ricoeur, encontramos:¹³²

- 1) a *tradicionalidade* designando um estilo formal de encadeamento que garante a continuidade da recepção do passado;
- 2) os conteúdos transmitidos na qualidade de portadores de sentido – as tradições são *proposições de sentido* e;
- 3) uma instância de legitimidade que designa pretensão à verdade

À ideia de tradição se aproxima a ideia de vestígio, no sentido de que são duas formas de mediação comparáveis entre o passado e nós – da significância do vestígio *percorrido* e da eficiência da tradição *transmitida*. Entre uma e outra temos o “documento” que ao recolher e conservar o vestígio já o constitui como tradição porque o transmite, ou dissemina seu conteúdo. Ora, se é transmitido, se é perpassado seus

¹³² RICOEUR, 2010, v. 3; p. 386-387.

conteúdos, nem o documento, nem a tradição e, muito menos o vestígio, devem ser dados por mortos. Caso isso aconteça o presente entra em crise. O presente entra em crise também caso a expectativa venha a se refugiar na utopia. Dizemos isso, porque um dos pontos fortes da interpretação tanto dos vestígios como das tradições é o porvir, o refigurar-se e lançar-se em projetos. É nos paradigmas da tradição que o trabalho da imaginação se ampara em busca de inovação.

Se a tradição e o vestígio trazem em seus bojos conteúdos cheios de significância, é porque testemunha determinada época. Já falamos sobre o testemunho quando abordamos sobre o ser. Agora, no entanto, convém avançar em sua função, seja ela, testemunhar é o ato de narrar.

Dulong define o ato de testemunhar como: “uma narrativa autobiográfica autenticada de um acontecimento passado, seja essa narrativa realizada em condições informais ou formais”. O autor determina ainda os desdobramentos desta operação¹³³:

- a) Confiabilidade presumida – autenticidade da declaração pela experiência do autor;
- b) Testemunha que desde o início se declara enquanto tal: “eu estava lá”;
- c) Autodesignação inscrita numa “troca” – estrutura dialogal do testemunho “acredite em mim”;
- d) Possibilidade de criar espaço à controvérsia – “se não acredite em mim, pergunte a outra pessoa”;
- e) Dimensão suplementar de ordem moral destina a reforçar a credibilidade do testemunho – “A testemunha confiável é aquela que pode manter seu testemunho no tempo”;
- f) Fator de segurança no conjunto das relações constitutivas do vínculo social.

Em relação ao item “a” – confiabilidade, Ricoeur nos chama a atenção:

[...] É contra esse fundo de confiança presumida que se destaca de maneira trágica a solidão das “testemunhas históricas” cuja experiência extraordinária mostra as limitações da capacidade de compreensão mediana, comum. Há testemunhas que jamais encontram

¹³³ DULONG apud RICOEUR, 2007, p. 172-174.

a audiência capaz de escutá-las e entende-las. [...] (RICOEUR, 2007, p. 172)

De fato, ainda há muito para ser realizado *nos campos* onde estas “testemunhas históricas” se encontram. Esta pesquisa foi, neste sentido, ao encontro destas testemunhas, em busca de suas histórias orais, e da maneira mais própria de conduzi-las num entrecruzamento de instâncias que as potencializasse. Falaremos mais destes desdobramentos no segundo tópico da Parte 2 e em diante. Por ora, vale ressaltar que o ato de testemunhar é o ato de compartilhar e neste sentido ele só pode acontecer dentro de uma esfera comum de interesses, intensões e objetivos. A esta esfera comum denominamos “*campo da atenção*”.

Quando dizemos *campo da atenção*, estamos querendo dizer que esta é impreterivelmente situacional. Sua primeira operação é gerar um campo, perceptivo ou mental, que possa dominar, “[...] em que movimentos do órgão explorador, em que evoluções do pensamento sejam possíveis, sem que a consciência perca na proporção daquilo que adquire, e perca-se a si mesma nas transformações que provoca. [...]”¹³⁴ São próprios deste campo: a linguagem, a escuta e o silêncio, sendo que estes dois últimos as possibilidades intrínsecas da primeira.

Neste campo a co-presença se revela, essencialmente, na disposição e no compreender comuns. O ser-com é *partilhado* “expressamente” na fala, no entanto ainda não sabemos sobre sua apreensão e sua apropriação, não são processos simultâneos. A atenção é, portanto, uma capacidade geral que se coloca a cada momento, dirigindo-se a este ou aquele conteúdo da consciência. A expressão “sou todo ouvido” diz a respeito desta atenção, da capacidade de acompanhar a história, preenchendo-a com os *trends*. A atenção é análoga, junto com a expectativa, à memória. Estas três capacidades são constitutivas da narrativa. Contudo, é no ato presente de atenção que se passa de um estágio ao outro.

É por meio da narrativa que dimensionamos as variáveis do tempo e do espaço. Essas são retrospectivas e prospectivas numa presença privilegiada pelo *hic et nunc* (aqui e agora) que são reais em sua plenitude. As narrativas trazem ao presente imagens vivas (presentificação), revivendo o passado retira o presente do curso delineando-o na nostalgia de um tempo que parece perdido enquanto conserva e representa o passado.

¹³⁴ MERLEAU-PONTY, 1994, p. 57.

Na temporalidade respondo a questão do *ser*, e a questão da *temporalidade* é respondida na *narrativa*. Justamente devido à introdução do “*outro*” o tempo passa a ser temporalidade, fugidio a “*cronolização*” da representação linear. Desenvolvem-se, assim, níveis de tempos não “distendidos”, mas cada vez mais “estendidos”.

Vimos a narrativa como um conceito interdependente do conceito de memória e, agora vincularemos esse aos conceitos de *Ser* e de *Tempo*, abordando-o de maneira operacional. É importante esta abordagem na medida em que objetivamos entender as mídias digitais e na emergência de lugares. Porquanto alguns lugares se dizem “dormindo” (ex. cidade dormitório) ou, pior, “mortos”. O que significa estar presente e serem, na medida possível, autênticos para tais lugares? Em que momento suas histórias se encontram? Elas dialogam? – *Fíamos* então o tecido narrativo como um *agenciamento* de fatos com expectativas alinhadas em uma inteligência que considere a *distention animi*¹³⁵. Em que consiste então a distensão senão no próprio contraste entre três tensões, a saber: a memória (passado), a atenção (presente) e a expectativa (futuro). Neste movimento, distensão-intensão, que é a capacidade de acompanhar a história, há uma construção conjunta, em que tanto o narrar quanto o ouvir o que se narra constitui essa “*solução poética*”¹³⁶ que “caminha” entre distensão e intensão.

Mas de qual distensão estamos falando? Da *distensão psíquica* e da *distensão da alma*. A primeira tem seu ponto mais alto no tédio que, para Walter Benjamin, é o esquecer-se de si mesmo¹³⁷, tanto mais o ouvinte se esquece, tanto melhor ouvirá o que se conta. Quem ouve se entrega. A outra distensão chega-nos por meio das *Confissões* de Santo Agostinho, no entanto, toma corpo teórico e argumentativo com Paul Ricoeur. Trata-se da *distensão da alma* que, para Agostinho, é a alma do mundo. Todavia, Ricoeur coloca esta distensão como a própria passagem dialética do “triplo presente” (extensão do tempo) agostiniano. “[...] O espírito espera e se lembra, no entanto a expectativa e a memória estão „na’ alma, na condição de imagens-vestígios e imagens-sinais. [...]” (RICOEUR, 2010, v. 1, p. 36) A *distentio* se conduz em virtude de uma *intentio*, a qual devido ao triplo presente (*atenção*) se move para o futuro e para o passado. No entanto quanto mais elementos são tirados da expectativa, quanto mais a ação avança,

¹³⁵ Termo aplicado por Agostinho e estudado por Paul Ricoeur, ao qual ele denomina: “*antítese sonora*” (“Tempo e narrativa”, vol. 1) no entendimento do conceito de Tempo.

¹³⁶ RICOEUR, 2010, v.1, p. 117.

¹³⁷ BENJAMIN, 1994, p. 204.

mais se abrevia a expectativa e mais alonga a memória, “até que a expectativa inteira se consuma, quando a ação inteira acabou e passou para a memória.”¹³⁸

Toda essa movimentação de passagens, assim como a *duração* (em Heidegger) e a temporalidade se temporalizando como “**porvir-que-vai-para-o-passado-vindo-para-o-presente**” (Merleau-Ponty) nos traz a importância de destacar os meios e processos audiovisuais como potencializadores destes movimentos em todas as suas camadas, visto que opera além do áudio e do visual, os campos temporais e espaciais, dentre outros elementos fundamentais à constituição das memórias e dos projetos.

A título desta tese nos interessa como a narrativa compõe um campo significativo, tanto para a comunidade representativa de situações de diferentes naturezas, e também, em constituindo este campo, respondemos às questões de ordem teórica e prática do audiovisual por meio deste estudo de narrativa. A questão que nos chega agora é: Como esta narrativa compõe? O que vem embutido no ato de narrar? Como se apropriar de histórias e fazê-las ressoar por maior tempo e espacialização? As respostas a estas questões estão inter-relacionadas e são partes orgânicas dentro um arranjo. Afinal, se há histórias sendo contada e devem ser perpassadas, hoje em tempos de mídias digitais – quando qualquer pessoa pode se aventurar a produzir, a divulgar além de consumir – este quesito (o que fazer com as narrativas para que se prolongue o tempo de vida e salve o narrador) deve ser orientado no sentido da representação, ou como veremos, da reapresentação. Porém, antes, vamos imaginar as narrativas compondo um tecido vivo que transforma uma sucessão de acontecimentos em uma totalidade significativa.

1.3.2. Da representação à reapresentação

A imagem que nos vem em relação ao tecido narrativo não transparece se não por meio de seu arranjo, de certa maneira, agenciamos os fatos narrados objetivando-o, e, embora, arranjo e agenciamento sejam formas de combinar elementos, aquele diferencia deste, ou seja, o arranjo é uma maneira de organizar elementos tendo em vista a apresentação de algo. Apresentar é colocar em evidência, é trazer para o presente e

¹³⁸ SANTO AGOSTINHO apud RICOEUR, 2010, v.1, p. 37.

dispor aos sentidos. Os elementos narrativos são arranjados a partir de um agenciamento de fatos. Durante as “combinações” de cada ator – enquanto ouve, fala, grava, escreve, capta imagens – possibilidades são articuladas e trazidas para a superfície do terreno. No arranjar de cada um, as lembranças das memórias vêm ao território por meio da linguagem.

Há pontos, todavia, onde esses arranjos se encontram e este encontro se dá no presente. Vamos compreender estes pontos como pontos-fontes definidos por Husserl na colocação de Ricoeur:

[...] O presente é chamado de ponto-fonte (Quellpunkt), precisamente porque o que dele escoia 'ainda' lhe pertence: começar é começar a continuar; o próprio presente é assim 'uma continuidade em crescimento contínuo, uma continuidade de passados'. Cada ponto da duração é o ponto-fonte de uma continuidade de modos de escoamento e a acumulação de todos esses pontos duradouros faz a continuidade do processo inteiro. (RICOEUR, 2010, v. 3, p. 50)

A *continuidade* é reforçada em uma percepção ampliada na reconstituição temporal no qual o “passado útil” se estende no *presente ampliado*. As narrativas vêm sendo demonstradas como fontes de informações capazes de alterar quadros estáticos, provocando ora rupturas, ora elos (narrativas como acesso a banco de dados, por exemplo, como veremos na Parte – 2). O conhecimento advindo daí é o nutriente que toda história precisa. Histórias alimentando histórias em um *continuum* – como o anel de Moebius.

Como histórias alimentam sonhos dormidos ou acordados, esse tecido narrativo que envolve todos os seres *acontece* dentro dos sistemas dos objetos e das ações e, para além destes, porque a narrativa possui o condicionante de ser dialógica e de fazer emergir os lugares. Assim, o acontecimento vivido ao ser narrado, abre para dimensões que se estendem tanto para o passado como para o futuro. O ato mnemônico é um ato de criação tributado a um acontecimento memorizado, vindo do contexto passado, mas que encontra no contexto presente elementos que se oferecem como suportes na reapresentação do acontecido. A representação marca de forma visível e perpetuada a existência do grupo.

Voltemos à herança grega que nos traz Paul Ricoeur a respeito da representação:

[...] Sobre esse tema, a filosofia socrática nos legou dois *topoi* rivais e complementares, um platônico, o outro aristotélico. O primeiro centrado no tema da *eikōn*, fala da representação presente de uma coisa ausente; ele advoga implicitamente o envolvimento da problemática da memória pela imaginação. O segundo, centrado no tema da representação de uma coisa anteriormente percebida, adquirida ou apreendida, preconiza a inclusão da problemática da imagem na lembrança. É com essas versões da aporia da imaginação e da memória que nos confrontamos sem cessar. (RICOEUR, 2007, p. 27)

Aprender, concluir, reconhecer a forma, dentre outras ações, fazem parte da inteligência da imitação (ou da representação) que é o “como se”. Representação não é mera cópia, porque a cada representação algo é acrescentado. Então entendemos, desde já, esta representação como um fenômeno de intervenção, onde o fazer acontecer, descartar, impedir... para produzir exige articulação. A intervenção opera por meio do “poder-fazer” que se coloca na própria estrutura dos sistemas ou sem seus desvios e, o sentido da produção é a certeza de que se podem produzir mudanças no mundo.

[...] Não se pode, pois confundir o valor *icônico* da representação do passado com um modelo [...] pois não existe original ao qual comparar o modelo [...] É por isso que, entre uma narrativa e um curso de acontecimentos, não há uma relação, de equivalência, e sim uma relação metafórica: o leitor é dirigido para o tipo de figura que assimila (*liken*) os acontecimentos narrados a uma forma narrativa que nossa cultura tornou familiar. [...] (RICOEUR, 2010, v. 3, p. 261)

O “como se” é metáfora, ou como expresso acima por Ricoeur, estabelece uma relação metafórica. Pois bem, só por este argumento poderíamos validar a ideia de que ao imitar, ao reproduzir, ao contar “como foi”, há nestas ações criatividade. E se há criatividade há um desejo de atingir não meramente um outro plasmado, ou um outro qualquer, mas exatamente aquele de carne e osso e que é capaz de transcender, por meio de uma catarse. Aqui consiste a *responsividade* de quem transmite.

A narrativa, entendida como representação, é também mediação simbólica na qual estão incorporadas as memórias identitárias. Estas se oferecem como recursos ao trabalho de configuração narrativa, na qual os personagens são apresentados simultaneamente à história, quer dizer, na medida em quem os acontecimentos vão se delineando os personagens vão surgindo em cena. Temos assim a configuração narrativa

que “[...] contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação. [...]”¹³⁹

Figura 2 Configuração Narrativa

[...] Evidentemente a multiplicidade de memórias e metamemória torna muito arriscado o jogo de alternâncias entre versões mentais e versões públicas das representações, que, quando obtém êxito, autoriza um compartilhamento relativo dessas representações sob a forma, por exemplo, de um sentimento de pertencimento fundado sobre a uma filiação genealógica, uma suposta comunidade de crenças, uma herança histórica etc. Tanto numa escala grupal como na individual, esse retrocesso dos grandes centros de gravidade da memória pode resultar tanto em uma irreversível anomia quanto na assunção liberadora de uma maior autonomia. [...] (CANDAU, 2012, p.202)

As memórias identitárias são metamemórias porque (como dissemos a partir de Candau) é a representação que cada indivíduo faz de sua própria memória. Ao narrar assume um papel e se identifica com ele, no entanto cabe nos ressaltar que, embora falemos de identidade no singular, ela é plural, posto que todos nós fazemos parte de inúmeros grupos e transitamos por eles. Sendo assim, a nossa identidade só pode ser múltipla e na medida em que os relacionamentos vão se compondo em laços sociais ao longo do tempo.

¹³⁹ RICOEUR, 2007, p. 38.

Se a narrativa é mediação, desde que é representativa de algo, então ela necessita de *conectores de representatividades*:

- a) Que estão na ordem das normas, dos costumes; regras de direito, bem como toda a sua hermenêutica;
- b) Outros elementos conectores pertencem às escalas de eficácia e coerção; escala de grandeza na estima pública, escala de durações encaixadas.

A partir destes conectores o legível, o audível e o visível se desdobram nitidamente. Um caminho vai assim se constituindo plano discursivo e a energia das coisas humanas. “[...] entre a metáfora viva e a existência viva. [...]”¹⁴⁰. Confirma-se, então, a *resposta poética* enquanto ciência da produção de discursos.

Desde Platão e Aristóteles, a fenomenologia da memória propõe uma maneira de interpretar o fenômeno mnemônico, seja ele:

[...] o poder da memória de tornar presente uma coisa ausente acontecida anteriormente. Presença, ausência, anterioridade, representação formam assim a primeiríssima cadeia conceitual do discurso da memória. Assim, a ambição de fidelidade da memória antecederia a ambição de verdade da história, cuja teoria distinta ainda estaria por fazer. (RICOEUR, 2007, p. 241)

Na citação acima está implícita a noção de verdade, no sentido de compreensão, assim é a ambição de fidelidade da memória. Consequentemente, esta ambição revela-se também nas formas de representações.

A função cognitiva das narrativas será mais bem reconhecida se estiver ligada à representação de um passado histórico, na medida em que a representação não é uma cópia, uma *mimēsis* passiva, mas um compreender/explicar que configura a composição da trama, como já o dissemos.

Há uma distância entre narrativa e informação. A informação está alocada em foros de discussões com quem está a verdade, enquanto que a narrativa salta a esta concepção e vai se assegurar na afetividade, nas vibrações próprias de quem vive determinadas situações. A voz, a entonação, o gesticular e o pausar conferem graus de perceptividades e aberturas ao ouvinte. A narrativa, ao contrário da informação, não está presa ao “novo” à “inauguração”, o seu tempo é extensivo ao passado e ao futuro, em

¹⁴⁰ RICOEUR, 2007, p. 277 – nota de rodapé.

seus meandros ela é artesanal e inscrita na história de quem conta. Filosofamos e teorizamos até aqui em relação ao ser, ao tempo e à memória, mas a verdadeira filosofia consiste em “[...] reaprender a ver o mundo, e nesse sentido uma história narrada pode significar o mundo com tanta ‘profundidade’ quanto um tratado de filosofia”.¹⁴¹ E da história, bem sabemos que, enquanto uma vivência, dela não se foge, ao contrário estamos sempre presentes seja nos encontros ou desencontros de lembranças, pausas e silêncios.

Narrar é representar algo do passado vivido e que ainda vive em algum lugar em nossa mente, quando um detalhe no contexto presente pode nos chamar a atenção e trazer toda a configuração passada, claro que não tal e qual, muito se perde pelo caminho da temporalidade. O que queremos dizer a partir de agora é que: esta representação é *re-(a)presentada*. Encontramos em Paul Ricoeur, discípulo de Heidegger, uma noção-teórica próxima do que percebemos na realidade-prática ao usar a rede social Facebook para o contexto de Batatuba, lugar que nos chamou a atenção, porque “*parece que parou no tempo*”.

Por ora, reportamo-nos ao *recognizing* - reconhecimento como complemento importante da recordação, este “*pequeno milagre do reconhecimento é uma grande cilada para a análise fenomenológica*” pelo qual somos lançados às lembranças e, cujo valor cognitivo conclui a *busca bem sucedida*, ou como a denomina Ricoeur – aquela “memória feliz” de ter realizado o trabalho. E servimo-nos, igualmente da abordagem sobre a *re-(a)presentação* na compreensão das narrativas.

[...] É nisso que a lembrança é re-(a)presentação, no duplo sentido do re-: para trás e de novo. Esse pequeno milagre é, ao mesmo tempo, uma grande cilada para a análise fenomenológica. Na medida em que essa re-(a)presentação corre o risco de encerrar de novo a reflexão na muralha invisível da representação supostamente encerrada em nossa cabeça, “*in the Mind*”. [...] Não esqueçamos a famosa descrição, por Kant, da tripla síntese subjetiva: **percorrer, ligar, reconhecer**. Assim, a reconhecimento assegura a coesão do próprio percebido. É em termos similares que Bergson fala do desdobramento do esquema dinâmico em imagens como de um retorno à percepção. [...] (RICOEUR, 2007, p. 56, negrito nosso)

Neste modo mnemônico, *recognizing*, Casey vai conferir três graus de diferenciamento e distanciamento do presente em relação ao passado. É, para nós,

¹⁴¹ MERLEAU-PONTY, 1994, p. 19.

importante considerar estes graus, porque a eles nos reportaremos quando tratarmos da importância da mídia digital no desenvolvimento do sentimento de pertencimento ao lugar. Pois bem, são estes graus: 1) grau zero – a *alteridade é vizinha do sentimento de familiaridade*, “como se estivesse em casa”; 2) a *alteridade está no grau mais elevado* quando há “inquietante estranheza” e; 3) grau médio – quando o acontecimento rememorado é “trazido de volta”. Destes três ressaltamos o “grau médio” porquanto é neste plano que a fenomenologia da memória anuncia “[...] a operação crítica pela qual o conhecimento histórico restitui seu objeto ao reino do passado decorrido, fazendo dele o que Michel de Certeau denominou o ‘ausente da história’.”¹⁴² Entendemos neste grau o “para além” do protagonismo a partir das lembranças – o “ausente da história”. Esse objeto/lembrança duplamente significante e trazido de volta, é o produto de uma ação que reivindica sua legitimidade dentro de um contexto complexo.

Do conhecimento histórico ao reconhecimento de determinados objetos como sendo portadores de histórias, a economia psíquica¹⁴³ irá se valer como reguladora das condutas que rege, também, a distribuição das pulsões, dos sentimentos e das representações e equilibra tensões. Então, aquelas lembranças, melhor dizendo, os objetos físicos destas lembranças, a partir de um reconhecimento institucionalizado, são incorporados a outros sistemas de objetos e, assim por diante, fazendo parte de um rol de maior amplitude.

A maneira como se recorda é individual, mas a partir do momento que se apresenta, ou seja, que se narra esta lembrança, ela se torna social. Trata-se de uma construção partilhada, onde cada parte colabora com aquilo que lhe significou em determinado momento de sua vida, que pontuou no tempo das vivências uma experiência, um acontecimento. Contudo, estando em construção conjunta, as “amarrações”, os nós e os enredamentos das tramas são sempre coerentes e considerados à guisa da interpretação de fatos dentro do universo dos enunciados, onde impera o universo dos significados. Portanto, a *colaboratividade* é decisiva no processo de lembrar, porque se extrapola primeiras e secundas impressões das imagens/evocações apresentadas.

¹⁴² RICOEUR, 2007, p. 56.

¹⁴³ Sinônimo de *habitus*, por Norbet Elias, “[...] consiste assim numa regulação sancionada pelo equilíbrio entre desvios extremos. [...]” (RICOEUR, 2007. P. 217) Trata-se de manter a maioria “civilizada” dentro de uma linha mediana de padrões de conduta, ou tendências satisfatórias, gerando, assim, para Bourdieu, um “sistema de classificação” que determina “escolhas” e “estilo de vida”. (*idem*, p.219)

O enredamento é a “pré-história” da história contada, quer dizer que, anterior à história a ser narrada há um campo que a aguarda ao mesmo tempo em que a envolve e o momento ideal deste envolvimento é escolhido pelo narrador.

Essa “pré-história da história” é o que liga esta a um todo mais vasto e lhe dá um “pano de fundo”. Esse pano de fundo é feito da imbricação viva de todas as histórias vividas umas nas outras. Portanto, é preciso que as histórias contadas possam ‘emergir’ (auftauchen) desse pano de fundo. Com essa emergência, o sujeito também emerge. [...] A consequência principal dessa análise existencial do homem como “ser enredado em histórias” é que narrar é um processo secundário, o do “tornar-se-conhecido da história”. Narrar, acompanhar, entender histórias é apenas a “continuação” dessas histórias não ditas. (RICOEUR, 2010, v. 1, p. 129)

A memória pode ser assim, conservação ou elaboração do passado, “[...] mesmo porque o seu lugar na vida do homem acha-se a meio caminho entre o instinto, que se repete sempre, e a inteligência que é capaz de inovar.”¹⁴⁴

[...] Na maioria das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. Se assim é, deve-se duvidar da sobrevivência do passado, ‘tal como foi’, e que se daria no inconsciente de cada sujeito. A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. [...] (BOSI, 1994, p. 55)

Ora, a repetição¹⁴⁵ não impede a alteração, a transformação, daí a ideia de reapresentação pontuada por um grau de pertinência contido nos enunciados os quais, por vezes, são colocados em julgamento e com isto gerando dúvidas entre os membros de um determinado grupo, até porque uma representação total é inviável. Todavia, Candau sugere categorias organizadoras de representações e dentre elas privilegia a memória, cujo efeito será proporcional a sua força, assim temos a:

a) *Memória forte* –

[...] memória massiva, coerente, compacta e profunda, que se impõe a uma grande maioria dos membros de um grupo, qualquer que seja o seu tamanho, sabendo que a possibilidade de encontrar tal memória é maior quando o grupo é menor. Uma

¹⁴⁴ STERN apud BOSI, 1994, p. 68.

¹⁴⁵ “A ideia de ‘repetição’, compreendida segundo a palavra de Heidegger como a ‘força do possível’[...]” (RICOEUR, 2007, p. 393) a esta ideia podemos ainda vincular a “transmissão” – passagem de saber...

memória forte é uma memória organizadora no sentido de que é uma dimensão importante da estruturação de um grupo e, por exemplo, da representação que ele vai ter de sua própria identidade. Quando essa memória é própria de um grupo extenso, falarei de uma memória organizadora. (CANDAU, 2012, p. 44)

E quando a memória de acontecimento não pode mais contar com um grupo forte como suporte, ela se dispersa para alguns elementos e se fragmenta. É nesse quadro que questões patrimoniais surgem como reivindicação, cujas evocações possuem diversos argumentos que procuram dar conta desta “mutação”. Este é momento que, como veremos na Parte – 3, se inicia a partir do uso da rede social *Facebook*.

- b) *Memória fraca* – memória cujos contornos não estão bem definidos, desorganizadora e contribui para o enfraquecimento do grupo.

O ponto alto da reapresentação é “escuta compartilhada”, na qual se percebe necessariamente um ouvir ↔ falar complementando-se entre si e, configurando um “enquadramento sensorial”. Assim se dá a construção de uma *memória compartilhada* que só é possível quando a memória individual se abre às demais tendo em vista um objetivo e um horizonte de ações comuns. Veremos adiante que dessa memória surge os *lugares de memória*.

A narrativa da memória se constrói entre a boca e a orelha, quando as lembranças perdem, no momento da evocação, seu caráter de isolamento e se configuram como instância de regulação se apoiando na memória do outro e “domesticando” um passado ao apropriar-se dele, incorporando-o e colocando nesse a sua marca como memorial.

Por outro lado, não devemos esquecer que a narrativa, enquanto prática de linguagem é, também, sede de distorções, da compreensão equivocada e tanto mais salutares sejam estas quanto maior for a separação, ou o distanciamento entre a fala e a condição social de seu exercício. Além desse distanciamento, consideremos também que, primeiramente, antes de representações, o sujeito falante possui em si o seu estilo de *ser-no-mundo* e de *ser-com* que ele visa, a partir dos quais ele interpreta.

Falávamos acima que a interpretação fundada no compreender é articulada pelo sentido preliminar como possibilidades. Da interpretação deriva o *enunciado* que como tal, Heidegger atribui três significados inter-relacionados¹⁴⁶:

- a) **Demonstração** – mostrar por e a partir de si mesmo. Quando o mostrar visa o próprio ente e não uma mera representação;
- b) **Predicação** – o predicado *determina* o sujeito e;
- c) **Comunicação** – declaração, deixar-se ver no conjunto que se mostra a partir de si e por si mesmo num modo de determinar-se.

Destes três significados de “enunciado” temos que: “[...] o enunciado é um mostrar a partir de si mesmo e por si mesmo, que determina e comunica. [...]”.¹⁴⁷ Então, o enunciado é um modo de interpretação? Sim, porque necessita de uma posição prévia e de uma visão prévia. Por meio da visualização tenho acesso às *propriedades* e ao “como” delas serem articuladas no enunciado. Esta é a vantagem do enunciado que, “[...] consiste nesse nivelamento que transforma o ‘como’ originário da interpretação, guiado pela circunvisão, no ‘como’ de uma determinação do que é simplesmente dado. Somente assim o enunciado adquire a possibilidade de pura visualização demonstrativa. [...]”¹⁴⁸ A este “como” originado na interpretação compreendida numa circunvisão do enunciado, Heidegger chama de *hermenêutico-existencial*.

[...] Enunciados sobre acontecimentos no mundo circundante, descrições, “relatos de situação”, apreensão e fixação de uma “ocorrência”, descrição de uma conjuntura, narração de ocorrências, estas “proposições” não podem ser reduzidas a enunciações teóricas sem que ocorra uma deturpação essencial de sentido. Assim como estas, elas têm “origem” na interpretação da circunvisão. [...] (HEIDEGGER, 2009, p. 220-221)

Como se dá a hermenêutica-existencial em tempos de redes sociais? Será que o narrador está realmente morto, como “profetizava” Walter Benjamin? Sobre isto também falaremos na Parte – 2.

As narrativas com as quais trabalhamos para elaborar a ideia aqui apresentada tanto em termos conceituais como práticos, são aquelas colhidas o mais “naturalmente” possível, desta maneira nos aproximamos das línguas naturais, tais como, analisadas por

¹⁴⁶ HEIDEGGER, 2009, p. 216-217.

¹⁴⁷ *Idem*, p. 218.

¹⁴⁸ *Ibidem*, p. 220.

Weinrich¹⁴⁹, citado por Ricoeur¹⁵⁰. Aquele autor considera as *transições temporais* das línguas naturais sob três eixos os quais se articulam sintaticamente. Resumidamente:

Eixo I - Situação de locução – corresponde a duas atitudes de locução diferentes. Estas são caracterizadas, no comentário, pela tensão ou engajamento e na narrativa, pela distensão ou distanciamento.

a) Pela narrativa (*mundo narrado*): os interlocutores não estão envolvidos; eles não entram em cena. Representam o mundo narrado: o conto, a lenda, a novela, a narrativa histórica. Tempos verbais: presente, pretérito perfeito (*passé composé*) e o futuro.

b) Pelo comentário (*mundo comentado*): os interlocutores estão envolvidos, engajados; o conteúdo narrado lhes diz respeito e, por isso, há uma atitude de tensão. Todo comentário é um fragmento de ação. Representam o mundo comentado: o diálogo dramático, o memorando político, o editorial, o testamento, o relatório científico, o tratado jurídico e todas as formas de discurso ritual, codificado e performático. Tempos verbais: pretérito perfeito (*passé simple*), o imperfeito, o mais-que-perfeito, o futuro do pretérito.

Eixo II – Perspectiva de locução – trata-se da relação de antecipação, de coincidência ou de retrospecção entre o *tempo do ato* e o *tempo do texto*, o antes e o depois na fala. Regida por diferentes tempos verbais, assim: “[...] o narrador associa-se aos acontecimentos, quer esteja engajado neles (primeira pessoa), quer seja apenas sua testemunha (narrativa em terceira pessoa). [...]”¹⁵¹

Eixo III – Realçamento – consiste em projetar certos contornos em primeiro plano – usando para tanto o pretérito perfeito (*passé simple*), deixando os outros no plano de fundo, cujo tempo verbal é o pretérito imperfeito, guia em relação às expectativas.

Tais situações não são estáticas e excludentes, ao contrário, os três eixos operam simultaneamente numa narrativa, ora tendendo mais que outro. Veremos como isto se aplica quando tratarmos das reapresentações alocadas no *Youtube*. Também gostaríamos de evidenciar o papel da *retenção*:

[...] o fato de que eu possa representar para mim mesmo uma vivência anterior não é algo vão. A liberdade da representação não é um componente negligenciável da constituição do tempo: sozinha, a

¹⁴⁹ “Harald Weinrich distribui os tempos das línguas naturais, que ele considera segundo três eixos que são, sem exceção, eixos da comunicação.” (RICOEUR, 2010, v.2, p. 115)

¹⁵⁰ WEINRICH apud RICOEUR, 2010, v.2, p. 115-121.

¹⁵¹ RICOEUR, 2010, v. 2, p. 119.

retenção se aproximaria da *Selbstaffektion* segundo Kant. A lembrança, com sua mobilidade, junto com sua capacidade de recapitulação torna-se então “um livre percurso” que pode conferir à representação do passado um andamento [tempo], uma articulação, uma clareza variáveis. [...] (RICOEUR, 2010, v. 3; p. 58)

Como o reproduzir representa (representar com pretensão à verdade) o passado – o objeto parece depender desse “retorno” e este, por sua vez, depende de um fazer parte da significação do rememorado, ressignificando-o num encadeamento circunscrito temporal e espacial.

Estas reapresentações compreendem signos e significações, códigos e conhecimentos que permitem suas interpretações, tanto sobre as práticas (atos mnemônicos) como sobre os materiais (memoriais). Importante salientar que tal compreensão pouco importa se é em termos de senso comum cotidiano ou do jargão por vezes impenetrável das disciplinas acadêmicas que tratam as práticas espaciais.

A linguagem, entendida como “sistema de comunicação que utiliza signos ordenados de modo particular”, pertence a certos enquadramentos daí a ideia de sua finitude. Então, ao “*transpor*” a noção de acontecimentos para a noção de textos, temos também implicada naqueles o enquadramento e, portando sua finitude. Todavia, o acontecimento pode e deve ser visto, metaforicamente, como o ponto central de um jogo de círculos concêntricos que propaga em suas camadas espaciais e temporais a inteligibilidade de seus “assuntos/temas”. Neste sentido, podemos “visualizar” o acontecimento como “algo” fixo que sugere uma transgressão, ou melhor, uma travessia.

Travessia, transgressão, transpor são palavras que dão ideia de movimento também implicado sobre o nosso entendimento de narrativas como forma de re-(a)-apresentação (para trás e de novo) do qual avançaremos no próximo tópico para a compreensão dos percursos das *narrativas singulares* para a composição de uma narrativa transversal.

1.3.3. Das Narrativas Singulares à Narrativa Transversal: reapresentação da Memória Coletiva

—[...] O homem está presente em toda parte e com ele um pulular de acontecimentos sintomáticos: a montanha figura ali como refúgio e como abrigo para homens livres. [...]”

(RICOEUR, 2010, v. 1; p. 344)

Trabalhando com uma “consciência do conjunto” de narrativas que representam e reapresentam um determinado lugar, não estaremos encarregados de prever o futuro, nem presos ao peso de estagnações passadas, nosso tempo presente é o tempo da coletividade e da colaboratividade, cuja função primordial é criar uma duração própria na qual as pessoas se inserem e se reencontram tanto nos fazeres como nos saberes. A harmonia daquela “consciência” está diretamente relacionada à singularidade de cada dizer das *narrativas singulares*, que converge em determinados pontos constitutivos de uma narrativa configurante, a qual denominamos de *Narrativa Transversal*. Mas, como se constrói uma narrativa transversal?

Pretendemos responder esta questão a partir das narrativas singulares. Portanto, será necessário que primeiro se defina essas.

De início as narrativas são fugidias, parecem ter vida própria e, quando falamos de pontos convergentes parece-nos que estaríamos andando na contramão da sua liberdade fluida. Agora, como compor redes narrativas senão fixa-las, senão fazê-las convergir, para depois divergir e, daí sim alcançar transcendências?

Há narrativas que nos assaltam. Elas contêm em si uma urgência por socorro, porque sempre um narrador se vincula a outro por meio de frases: “*Você precisa ouvir tal pessoa*”; “*Você já falou com fulano?*”; “*Ah, isso? Ciclano é quem sabe.*” Ao mesmo tempo há uma necessidade de arrolar *testemunhas*, de ter álibis que comprovem o que está sendo dito. Por outro lado, frases como: “*Por que mesmo que estou falando isso?*” “*Onde que eu estava mesmo?*” “*É, mas isso não tem nada a ver com o que eu estava dizendo*”, indicam o diálogo entre as narrativas.

Palavras que também definem a singularidade: particularidade, peculiaridade, raridade, especialidade, novidade, criatividade, originalidade, unidade e estranheza, por estas percebemos que a narrativa singular é própria, e se associamos ao termo antônimo imprópria na conceituação heideggeriana, então podemos dizer que esta narrativa não se perde na cotidianidade nem tão pouco na medianidade. No entanto, não há como chegar àquela sem antes nos enveredarmos por essas. O que envolve a narrativa singular é exatamente a questão do *ser* que diz e no dizer já se posiciona. Aí está implicada a definição da narrativa singular: o ser que diz, sobre o que diz e quando diz. Então somos amparados pelas teorias anteriormente apresentadas sobre: a memória, o ser, o tempo e, vamos nos lançando à seguinte, ou seja, vamos nos encaminhando para a conceitualização de *lugares de memória*. Por ora, tratamos este conceito que é

operacional situacional e triádico, porquanto envolve um ser, um tempo e um acontecimento. Estes elementos se interseccionam e com cruzamento temos a *narrativa singular*.

Figura 3: Narrativa Singular

Temos até aqui abordados os conceitos de ser e tempo filosoficamente e a partir das concepções heideggerianas e ricoeurianas, mas aqueles só se evidenciarão com maior nitidez quando estivermos falando das práticas realizadas em Batatuba. Agora vamos salientar alguns pontos que se oferecem como sustentação desta ideia da narrativa singular.

O mundo se deu naturalmente organizado, mas coube ao homem reorganizá-lo de acordo com suas necessidades. Dentro desta reorganização o homem se situou como sujeito, objetivamente e subjetivamente, de conhecimento e de ação. Então, a si dotou de forma de representação e modos de se colocar no mundo. Certamente a narrativa declara muito sobre estes modos de ser. Assim, vimos que a narrativa, devido a sua natureza, enquanto constitutiva do “*tempo humano*”, permite um diálogo entre a *memória* (características do passado); as *expectativas* (características do futuro) e a *atenção* (característica do presente). Assim, o ato de narrar se dimensiona como: *inteligência* de tempos; *agenciamento* histórico e; providencia o *mundo* em discursos/vozes/*polifonia*.

Atos de memória coletiva verificável por meio de dados empíricos tais como: narrativas, comemorações, museus, mitos, passeios, dentre outros, não é a memória coletiva, porquanto a memória compartilhada são as *representações* de cada memória individual. A “[...] singularidade de cada cérebro humano faz com que eles não sigam necessariamente o mesmo caminho. [...]”¹⁵² Ainda que possuam a mesma fonte onde as lembranças se nutrem. Essa singularidade aporta na experiência fenomenológica, ou seja, é na primeira pessoa que tais processos de lembranças ocorrem e, esta pessoa certamente trará à narrativa suas experiências pessoais, conferindo, assim uma dimensão singular à narrativa. Para Russell, “não há absolutamente nada que não seja visto por dois espíritos simultaneamente.”¹⁵³ A cada versão uma interpretação de uma representação pública que, por sua vez é a expressão de uma representação mental particular.

Acontecimento

Devemos também ter em consideração que antes de um objeto do conhecimento se tornar um objeto histórico, o acontecimento é objeto do conhecimento narrativo. Será, então, que um acontecimento “pobre” gera uma narrativa pobre, nos dizer de uma senhora: “*eu não tenho nada pra contar, minha vida sempre foi assim...*”? Ora, todo acontecimento tem seu caráter breve e singular, daí seu contraste com conceito de “longa duração”. O que domina é a “„intuição’ de uma oposição [...] viva no cerne da realidade social entre o instante e o „tempo que demora a passar’. [...]”¹⁵⁴

Podemos afirmar que a narrativa de uma determinada comunidade é uma coletânea de acontecimentos pontuais e também uma forma de transmissão destes acontecidos, gerando, portanto, uma cultura ou maneiras de “habitar”, de se corresponder com o meio. Estamos a tratar aqui, menos da maneira de falar – seja ela gestual ou mesmo em relação à linguagem –, mas mais das questões episódicas, os acontecimentos e a interpretação de fatos que ela integra. Todavia, cientes de que dentro de uma narrativa há inúmeras interpretações, o que leva em certas línguas a um corte epistemológico no conceito de história contada (*stories*) e histórias edificadas a partir de

¹⁵² CANDAU, 2012, p. 35.

¹⁵³ RUSSELL apud CANDAU, 2012, p. 36.

¹⁵⁴ RICOEUR, 2007, p. 252.

vestígios documentais (*history*), a língua portuguesa é uma destas que aboliu essa diferenciação tornando as “estórias” histórias.

Segundo Dilthey, citado por Ricoeur, a história pode ser “tomada em conjunto”, dotando-a de inteligibilidade, ou seja, não se trata de conferir a narrativa um critério de intersubjetividade, mas antes de aderir àquela um caráter de “coligação” considerada dentro do todo dos acontecimentos. Portanto, a narrativa é um “instrumento cognitivo” que configura uma “coerência narrativa” que é preciso distinguir, de um lado, do que Dilthey chamava de “[...] „coesão de uma vida’, em que podem reconhecer traços pré-narrativos, e de outro lado, da noção de „conexão (ou de conexidade) causal ou teológica’ que está ligada à explicação/compreensão. [...]”¹⁵⁵ A coerência narrativa tem raízes na primeira e se articula com a segunda. O diferencial deste “conjunto” é o que Dilthey chama de “*síntese de heterogêneo*” – coordenação entre acontecimentos múltiplos seja daquelas causas, intensões, e também acasos numa mesma unidade de sentido. A intriga é a forma literária dessa coordenação.

A partir da abordagem de Dilthey, Paul Ricoeur aponta três implicações:

- a) O acontecimento é o que faz a ação avançar: ele é uma variável da intriga; neste sentido “[...] qualquer discordância que entre em competição com a concordância da ação tem valor de acontecimento. [...]” (RICOEUR, 2007, p. 255) O quer dizer que, um acontecimento pode extrapolar a ideia do “tempo breve” no que tange à duração.
- b) As personagens compostas em intriga ganham a mesma amplitude que a do acontecimento ao mesmo tempo em que a história narrada;
- c) Há uma avaliação moral das personagens, tanto no âmbito da historicidade como na de um julgamento.

Contudo há uma dimensão temporal entre o acontecimento e a narrativa que o relata, daí necessitar dos arquivos e dos testemunhos dos vivos.

A testemunha que interpreta e a interpretação¹⁵⁶ são componentes da explicação, dentro de um complexo das linguagens, das enunciações. A preocupação é ser claro ao desdobrar um conjunto de significados que anteriormente eram obscuros. Daí o

¹⁵⁵ RICOEUR, 2007, p. 255.

¹⁵⁶ Como tal está presente em todos os estágios de uma investigação, de uma pesquisa ou de uma atividade historiográfica.

reconhecimento de que é sempre possível haver diferentes interpretações sobre o mesmo fato. Assim, uma das complexidades da narrativa é a sua *condição polifônica*.

Essa condição polifônica está aliada, ou de certa maneira atrelada, a aspectos da cotidianidade e também tem a ver com aquilo que Eduardo Nicol chama de “razão da força maior”. É certo que vivemos num mundo polifônico, mas é preciso que cuidemos para que tal polifonia não se transforme em cacofonia.

[...] as forças sociais que agem por trás das ações individuais são no sentido próprio da palavra, anônimas. Essa é uma pressuposição cujo valor o “individualismo epistemológico”, segundo o qual toda mudança social pode, em princípio ser resolvida em ações elementares, atribuíveis a indivíduos que são seus autores e responsáveis últimos, parece ignorar. [...] (RICOEUR, 2010, v. 1; p. 318)

A reunião de narrativas singulares sobre determinado tema tem essa particularidade de “força anônima”, porque está tanto para o sujeito quanto para o coletivo. Poderíamos dizer que tal reunião é um arranjo sistemático dos incidentes da vida, mas não só destes, porque considera os costumes engendrados à vida. Assim o é com a tradicionalidade, cuja constituição repousa num “jogo entre inovação e sedimentação”¹⁵⁷ é também, segundo Paul Ricoeur, o fenômeno:

[...] que permite que a crítica se mantenha a meio caminho entre a contingência de uma simples história dos “gêneros”, dos “tipos” ou das “obras” singulares que fazem parte da função narrativa e uma eventual lógica dos possíveis narrativos que escaparia a toda história. A ordem que pode surgir dessa autoestruturação da tradição não é nem histórica nem a-histórica, mas trans-histórica, no sentido de atravessar a história de um modo mais cumulativo que simplesmente aditivo. [...] (RICOEUR, 2010, v. 2, p. 24)

Paul Ricoeur caminha com a conceitualização da narrativa tanto a ficcional como a histórica desenvolvendo e posicionando um pensamento filosófico a respeito dessa. Ampara-se também na filosofia heideggeriana sobre o tempo e sobre o ser. Em seu trajeto epistemológico percebe a função narrativa, tomada em toda a sua amplitude, abarcando os desenvolvimentos da epopeia ao romance moderno bem como da lenda à historiografia e, assim, Paul Ricoeur refigura a *condição* histórica e leva-a à categoria

¹⁵⁷ RICOEUR, 2010, v. 2, p. 24.

de *consciência* histórica¹⁵⁸. Saímos, assim, do determinismo dos dados, dos arquivos e aprendemos a conjugar estes com a potencialidade da trama da vida.

Buscamos visualizar, mais adiante, em linhas coloridas essa “trama” que se estendeu em Batatuba, e daí entender a inteligência (do latim: *interligare*) constitutiva deste lugar. As narrativas ao se cruzarem em determinado ponto devido ao grau de convergência tem na variação deste grau a maior ou menor pertinência ao discurso narrativo, então temos marcos de pensamentos que indicam as experiências vividas por tal comunidade. Assim teremos uma *inteligência narrativa*

Acontece, porém que pensamos, onde e como se dará esta inteligência? Qual a finalidade de sua organização de narrativas singulares se elas continuarão aportadas em seus pontos elementares, claro continuam dialogando com outras, contribuem *pontualmente* para enriquecimento da história... Mas a *mimesis* continua latente e a força da reapresentação insiste em incidir e transpor e conectar pontos comuns que venham a constituir uma transversal que cobre sem tirar a autonomia de cada ponto.

Neste momento é oportuno retomar a etimologia do prefixo „*trans*“ apontada pela tradutora de Heidegger:

[...] “*Trans*” significa ser e estar a caminho, uma movimentação para além de si mesmo, um lançar-se ao entre da movimentação. *Trans* diz propriamente transcendência. [...] Transcendência é, para Heidegger, o modo em que “*Dasein*” existe, a saber, finitamente. [...] Transcendência da existência significa infinção, o que Heidegger define como estrutura da “cura”, como estrutura de anteceder a si mesma já sendo em... junto a.. o mundo. [...] (SCHUBACK, 2009, p. 18-19)

Por esse prefixo “*trans*” podemos deslumbrar o que vem a ser a *Narrativa Transversal* e compreender a complexidade dos encadeamentos (narrativas singulares) que, ao se cruzarem em determinados pontos, permitem que estes transcendam e, em outra dimensão espacial, formam uma imagem que permite a visualização da história de uma maneira mais completa, como um todo.

¹⁵⁸ RICOEUR, 2010, v. 3, p. 173.

Toda narrativa, não importa a tipologia, se explica por si mesma, porque narrar o que aconteceu já é explicar (justificar, orientar a atenção) o que aconteceu. Neste a menor história já incorpora generalizações.

[...] As histórias especiais, por sua vez, têm por tema aspectos abstratos da cultura, tais como a tecnologia, a arte, a ciência, a religião, que, por não terem uma existência contínua própria, só estão ligados entre si pela iniciativa do historiador responsável pela definição do que conta como arte, como ciência, como religião, etc. [...] (RICOEUR, 2010, v. 1; p. 321)

É certo que estamos aqui às voltas com uma história especial (Batatuba) e, como fenômeno social, pode ser analisado por aspectos/facetas que podem, por sua vez, ser relacionadas ao fenômeno social global devido às características que este tem de ser constituído por redes de instituições e poderes cujas camadas se prestam a investigações de escalas variadas. Trata-se aqui de um *empréstimo de continuidade* (que pode estar e, geralmente começa, no plano da imaginação) e uma vinculação das “histórias especializadas” as “histórias gerais” ou globais. Quanto ao vínculo, este elo participativo, é o que qualifica e autoriza a ação dos membros a... Este vínculo que pode ser constituído de diferentes naturezas é reconhecido por meio da linguagem e das mediações simbólicas, mediante as quais o reconhecimento é comprovado e os *status* atribuídos aos indivíduos, derivando daí – Quem pode narrar.

Ainda, em relação à continuidade, em termos de imaginação, Weber diz que para esclarecer as relações causais reais, “*construímos outras irreais*”¹⁵⁹. “As relações causais são dispersas, não se organizam em sistema, de tal modo que não se aplicam umas às outras como leis hierarquizadas de uma teoria da física.”¹⁶⁰

É necessário, pois, que se *imaginem* situações que sejam, todavia configuradas e coerentes: a) **configuradas** [segundo esta tese] em planos, jogos de escalas e camadas como veremos adiante em termos audiovisuais e; b) **coerência** – entre a história mais específica e a história mais geral – sendo a primeira como operadora de mudanças, em relação à noção de acontecimento. Ainda, em relação à configuração, é bom lembrar que, se há uma estratificação de planos, cabe à narrativa entrelaçá-los. Esse entrelaçar configurado e coerente – parte da construção das narrativas de maneira geral – é

¹⁵⁹ WEBER apud RICOEUR, 2010, v. 1; p. 307.

¹⁶⁰ RICOEUR, 2010, v. 1; p. 307.

também uma poética da narrativa. Além de organizar, no sentido de ser orgânico, as narrativas são “*totalidades altamente organizadas*”¹⁶¹.

Três traços da revolução metodológica acerca da produção das narrativas ¹⁶²

1. Aproximação dos modelos construídos de maneira axiomática: a) infinitas expressões narrativas (orais, escritas, gestuais, audiovisuais...) e; b) classes narrativas (mito, fábula, folclore, drama, história, pintura, conversaçoão...)
2. Aproximação dos modelos construídos em torno da linguística – semiótica narrativa: “A narrativa é uma grande frase, assim como toda frase constativa é, de certa maneira, o esboço de uma pequena narrativa.”¹⁶³
3. Das propriedades do sistema linguístico ressalta-se seu caráter orgânico, no qual se observa a narrativa enquanto “hierarquia de instâncias”. É neste caráter que inscrevemos a ideia de inteligibilidade narrativa¹⁶⁴ e, derivamos a narrativa transversal, dentro do qual defendemos as noções singulares e transversais como propriedades intrínsecas do processo narrativo que configuram espaços, entendidos aqui como lugares e, tempos entendidos aqui como temporalidade.

Dos trabalhos desenvolvidos sobre narrativas no capítulo intitulado de “*injunções semióticas da narratividade*”, Paul Ricoeur trata de: “*A semiótica narrativa*” de A. J. Greimas – e, sobre os “jogos das injunções semióticas”¹⁶⁵ coloca a seguinte “ordem” que muito nos interessa: primeiro, as *estruturas profundas* definem as condições de inteligibilidade dos objetos semióticos – trata-se aqui da “**estrutura elementar de significação**”; depois, as **estruturas medianas ou superficiais**, por contraste com as anteriores, a *narrativização* encontra suas articulações efetivas; e, então, as **estruturas de manifestação**, particulares a essa ou àquela língua e a esse ou aquele material expressivo.

Mas o que nos interessa nestas “*estruturas*” de Greimas?

¹⁶¹ RICOEUR, 2010, v. 1; p. 257

¹⁶² *idem*; p. 254.

¹⁶³ BARTHES apud RICOEUR, 2010, v. 2, p. 53

¹⁶⁴ Dentro desta ideia de inteligibilidade narrativa Ricoeur situa os estudos de: a) Todorov os quais comportam: os níveis de integração (ações e personagens) e o nível do discurso (tempos, aspectos e os modos narrativos); b) Barthes, sobre nível de funções ou segmentos de ação “formalizados no sentido de Propp e de Bremond, depois das *ações* e dos *actantes* (como em Greimas)” (RICOEUR, 2010, v. 2, p. 55)

¹⁶⁵ *Idem*, p. 54

Na estrutura profunda ou “*estrutura elementar de significação*” nos interessa as relações¹⁶⁶ que aí se estabelece diante de um signo, sejam elas de: contradição, contrariedade e de pressuposição. Relações estas tratadas por Paul Ricoeur por *operações*, o que significa dizer que há transformações “por meio das quais um conteúdo é negado ou afirmado.” Daí dizer que a primeira condição da narratividade é: “por em movimento este modelo taxonômico por operações orientadas”¹⁶⁷, o qual dá conta do caráter *instável* do processo narrativo no nível da manifestação.

Na segunda estrutura, ou melhor, das “*estruturas superficiais*” encontramos o “fazer” do *enunciado narrativo simples* (alguém fez algo → sujeito, verbo, objeto) transformando-o em *enunciado-programa* quando são acrescentadas as modalidades que potencializam aquele, como: “o querer fazer” e daí “querer ser”, “querer saber”, “querer poder” (fazer → pode fazer). Assim, surge a complexidade dos enunciados que passam a ter mais que um *programa* e, o mero fazer entra no campo das performances, da “*sequência performancial*” “onde podemos ver o esqueleto formal de toda narrativa”¹⁶⁸ Ainda nesta sequência e acordando com as operações acima citadas, Ricoeur afirma que “essa sintaxe topológica das transferências é o verdadeiro motor da narração ,enquanto processo criador de valores’.”¹⁶⁹

[...] A vantagem essencial de tratar a dimensão cognitiva em termos de fazer consiste em poder submeter as operações de conhecimento às mesmas regras de transformação que as ações propriamente ditas. (Aristóteles já incluíra em seu *mythos* os “pensamentos” dos personagens na categoria de *diánoia*); assim, as inferências do parecer ao ser, em que consiste a interpretação, são formas do fazer suscetíveis de se inscrever como as outras num percurso narrativo. Do mesmo modo, a relação polêmica pode afrontar não apenas dois fazer pragmáticos, mas dois fazeres persuasivos, por exemplo, na discussão, ou ainda dois fazeres interpretativos, por exemplo, na acusação ou na denegação de culpabilidade. A partir de então, quando se fala de relação polêmica, é preciso ter em mente toda essa rica palheta do fazer. (RICOEUR, 2010, v. 2; p. 93)

Então temos dentro da narrativa operando o plano semiótico e o plano prático numa relação mista. Devemos entender estes dois planos como aquelas camadas que se comunicam em suas complexidades de maneira que uma não isole ou exclua a outra. Há uma distância entre um plano e outro e é neste interim que colocamos a ideia de

¹⁶⁶ Estas relações dizem respeito ao “*quadrado semiótico*” de Greimas.

¹⁶⁷ RICOEUR, 2010, v. 2; p. 85

¹⁶⁸ *Idem*, p. 87.

¹⁶⁹ *Ibidem*

apropriação. Ora, para que algo me comunique é necessário que encontre dentro de mim já um campo, de certa maneira “preparado” para esta semente, caso contrário ela não germina. Assim o é em relação a qualquer forma de recepção autêntica que considere as percepções do “receptor” – termo este ultrapassado, assim como aquele termo “usuário”, vamos considerar: ninguém, nenhum ser é um ser-vazio, todos estamos envolvidos o tempo todo por sistemas de comunicação e de informação para os quais temos que nos portar de uma maneira ou de outra, então caminhamos no sentido da apropriação e do protagonismo em relação à obra da cultura...

[...] O conhecimento de transição é o de ‚pessoa’, outro ‚nome deste si’. O que faz dele sinônimo do si, apesar do seu caráter ‚alheio’? O fato do si ‚confiar’ (*reconcile*) e ‚apropriar’ (*appropriate*), isto é atribuir, adjudicar à consciência a propriedade de seus atos. O vocabulário é aqui extremamente denso: o termo ‚apropriar’ joga com o possessivo e com o verbo que significa ‚confessar como seu’ (*own*). (RICOEUR, 2007, p. 117)

A questão da apropriação, em “*si mesmo como um outro*” é também uma questão de responsabilidade, de assumir o feito do outro ou de se responsabilizar por outro. Há na apropriação um distanciamento entre a propriedade apropriada e aquele que dela se apropria e, neste sentido, a apropriação é um movimento que ocorre tanto no passivo (a presença da lembrança no espírito) quanto no ativo (a busca pela lembrança) inclui, segundo Paul Ricoeur¹⁷⁰, *pathos* e *práxis*. Essa mobilidade envolve três propostas distintas:

1) que a atribuição possa ser suspensa ou operada; 2) que esses predicados conservem o mesmo sentido em duas situações de atribuição distintas, 3) que essa atribuição múltipla preserve a assimetria entre adscrição a si mesmo e adscrição ao outro (*self-ascribable/other-ascribable*) (RICOEUR, 2007, p. 135)

Percebemos na apropriação aquele tecido vivo, orgânico e com suas particularidades, foi assim que nos aproximamos de Batatuba para entender suas dinâmicas e o que a sua memória poderia “revelar”.

A memória é um caso particular e também singular; particular porque fala de afecções e ações dentro de um universo cultural onde se encontra um repertório de predicados psicossociais disponíveis; por outro lado, ela é singular porque, lembrar-se

¹⁷⁰ RICOEUR, 2007, p. 135.

de algo é lembrar-se de si, porque se experimenta a linguagem comum num nível mais reflexível e mais avançado. A atribuição a outrem é coextensiva a si. É singular também porque se cria uma assimetria entre o *si* e o *outro*, na medida em que se requer o preenchimento ou a confirmação da atribuição repousada na compreensão e na interpretação dos discursos e até no plano do comportamento de outrem, aqui vale considerar o “*trends*” mencionado acima.

[...] Essas operações indiretas dependem do que Carl Ginzburg chamará mais tarde de “método indiciário”; este é guiado pela imaginação afetiva – pela *Einfühlung* –, que nos transporta para perto da experiência viva de outrem, no modo que Hurssel denomina “apresentação” (*Appräsentation*), e que não pode ser igualado a um “re-viver” efetivo. No caso da atribuição a si mesmo, o “preenchimento” – é seu nome – é direto, imediato, certo; ele imprime em meus atos a marca de uma possessão, de minhadade sem distância; uma aderência pré-temática, pré-discursiva, antepredicativa subtema o juízo de atribuição ao ponto de tornar inaparente a distância entre o si e suas lembranças, e de dar razão às teses da escola do olhar interior. [...] Por outro lado, é esse sutil distanciamento que justifica o emprego do próprio termo “preenchimento” que depende de uma teoria geral da significação. É por estes traços que o “preenchimento da significação “atribuível a si” distingue-se da “apresentação” (*Appräsentation*) característica da significação “atribuível a outrem”. Ele não é conjectural, indireto, mas certo, direto. [...]” (RICOEUR, 2007, p. 137)

Do campo proximal e das distâncias no processo narrativo podemos afirmar que o distanciamento é uma variável que modula outras variáveis, ativas e passivas, dentro de um jogo de relações dinâmicas e constantemente em movimento. No campo destas variáveis encontramos a memória compartilhada e suas respectivas grandezas modulares que são aqueles acontecimentos que limitam a vida humana: nascimento (foge à minha memória) e morte (barra meus projetos) e, entre estes o crescer e envelhecer..., a duração, no dizer heideggeriano. Aqui vale lembrar o não-distanciamento da “minhadade” (ao se lembrar de algo, alguém se lembra de si – “minhas lembranças não são suas lembranças”) e, então a inserção da memória individual nas operações da memória coletiva “[...] não impõe uma conciliação semelhante entre tempo de alma e tempo do mundo. Por enquanto, basta-nos ter ancorado a questão do „quem’ na do *animus*, sujeito autêntico do *ego memini*. [...]”¹⁷¹ Resta-nos então, nestas inserções, trazer mais uma vez a questão sobre os

¹⁷¹ RICOEUR, 2007, p. 112.

acontecimentos “que ficam” e “que repousam” na memória, são aquelas “coisas/momentos” datados de uma maneira muito peculiar e identificados como o “não acontece de novo” – são os acontecimentos singulares, aqueles que não se repetem. De qualquer maneira, um acontecimento, como tal, é uma ocorrência que tem seu *lugar* por onde passa e causa, como *causalidade necessária* ou procede da liberdade como *causalidade espontânea*¹⁷². Assim, em sua singularidade, os acontecimentos se dão e são narrados, seja em história, ficção, poesia, dramatização... O que nos interessa é dizer aqui que: a singularidade, na sua composição elabora elementos constitutivos da universalização. Ou seja, o acontecimento carrega em si “marcas” de conexão necessitadas de inteligência que os interligará em termos narrativos.

A *Narrativa Transversal* será, então, como uma resposta de coletivo singular à memória coletiva tal como preconizada por Halbwachs¹⁷³.

Por último, vale ressaltar que uma narrativa transversal carrega em si todo o potencial de ser uma narrativa singular para uma outra transversalidade. É o que veremos e indicaremos quando tratarmos da Narrativa Transversal de Batatuba, o *lugar de memória* para esta tese.

¹⁷² RICOEUR, 2007, p. 41-42

¹⁷³ [...] O nascimento do conceito de história como coletivo singular sob o qual se reúne o conjunto das histórias particulares marca a conquista da maior distância concebível entre a história uma e a multiplicidade ilimitada das memórias individuais e a pluralidade das memórias coletivas enfatizadas por Halbwachs. [...]” (RICOEUR, 2007, p. 314)

Parte 2 – Lugar e Memória

*nostalgia
tempo/espço
esfumados
na memória
possível*

Nydia Bonetti

Parte – 2 Lugar e Memória

A partir da conceitualização aferida no capítulo anterior, mais particularmente no que diz respeito à memória é que aportamos este capítulo que possui a particularidade de estar **entre** uma parte totalmente teórica e outra mais prática. Por este motivo trará além de conceito também um pouco das práticas ou, pelo menos, delinear como estas se dão enquanto contextualizadas em lugares de memória. Assim, a metodologia começará a ser desenhada aqui a partir do tópico 2.3 quando começamos a contextualizar mídia digital por meio da sua apropriação pela comunidade de Batatuba, lugar que se revelou fértil tanto como recepção de toda teoria por nós aqui abordada, como pelas práticas que ali foram constituídas colaborativamente. O lugar é nosso “*por onde*” o ser-no-mundo faz as coisas acontecerem e como tal pode ser: virtual, atual, real e possível.

2.1 Lugar

"[...] Em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém [...]"
(TUAN, 1908, p. 130)

Começemos assim: o lugar é “algo que reúne”, portanto está para movimento e não como um ponto fixo esperando passivo por intervenções.

Recordemos o que nos trouxe até aqui em termos de pesquisa sobre memória e mídia digital: uma brincadeira infantil de que Piracaia estaria entre as “cidades mortas”. Uma brincadeira que, como não poderia ser o contrário, carrega em seu bojo uma questão muito séria, seja ela a do pertencimento e da legitimidade que configuram o ser em seus espaços, sejam eles quais forem. Ora, se algo nos *afeta*, queremos saber por que, como isso se deu e passamos a *buscar* os motivos, as fontes, as vozes que falam a respeito e, então, encontramos a *presença* daquele que nos responde e, tanto esta como a

minha presença se encontram em um *mundo circundante*, cuja espacialidade vamos “percorrer” em três etapas definidas por Heidegger¹⁷⁴:

1. **A espacialidade do manual intramundano** - possui o caráter de *proximidade*, leva em conta a circunvisão, na qual cada lugar se determina como lugar do instrumento para. Daí a espacialidade *dada por meio de uma instrumentalidade* que está “a mão” no mundo circundante. Neste sentido, o lugar e sua multiplicidade não são o “onde” as coisas são dadas, mas “[...] o “aqui” e o “lá” determinados, a que *pertence* um instrumento. [...]”¹⁷⁵

2. **A espacialidade do ser-no-mundo** – concebida como o “ser-no-espço” no sentido de *lidar familiarmente com as ocupações*. Esta espacialidade do *ser-em* apresenta caracteres de:

- a) *dis-tanciamento* (não se trata de distância/proximidade nos sentido mensurável, mas no sentido de ativo e transitivo de um ente com que lidamos numa circunvisão e ocupação.) e;
- b) *direcionamento*.

[...] Toda aproximação toma antecipadamente uma direção dentro de uma região, a partir da qual o dis-tanciado se aproxima para poder ser encontrado em seu lugar. [...] É ele que mantém expressamente abertas as regiões utilizadas na circunvisão, cada destino do pertencer, do encaminhar-se, do ir buscar e levar. [...]”¹⁷⁶

3. **A espacialidade da presença e o espaço** - O espaço se descobre previamente na presença, enquanto *→região” de encontro a qual possivelmente pertence o conjunto instrumental à mão e também as direções e dis-tanciamentos, isto é, em um lugar.*

A descoberta de uma *região* que dá direções pertence à *arrumação*, ao arranjo de um espaço que é próprio da presença. Segundo Heidegger, região é “o para onde” a que pertence um instrumento e, portanto, passível de localização. Esse pertencer caracteriza uma *conjuntura*¹⁷⁷, em outros termos, um referencial. O mundo não é

¹⁷⁴ HEIDEGGER, 2009, p.155-164.

¹⁷⁵ *Idem*, p.156.

¹⁷⁶ *Ibidem*, p. 162.

¹⁷⁷ *Ibidem*, p.458.

simplesmente dado no espaço e, este, no entanto, só pode ser descoberto no seio do mundo e isto dentro de sua temporalidade.

[...] É justamente a temporalidade ekstática da espacialidade inerente à presença que torna compreensível a independência entre espaço e tempo e, inversamente, também a “dependência” entre presença e espaço. Esta última se revela no fenômeno já conhecido da ampla predominância de “representações espaciais” na auto-interpretação da presença e no teor significativo da linguagem. Este primado do espacial na articulação de significados e conceitos não tem seu fundamento num poder próprio do espaço e sim no modo de ser da presença. [...] (HEIDEGGER, 2009, p.459)

Compreendemos na Parte – 1 desta tese, os modos pelos quais o “poder” da presença se constitui em relação à memória, ao tempo e às formas de se representar. Agora, cabe nos pensar também em termos de espacialidade e, acordar com Heidegger quando diz que o primado do espaço está na articulação de significados e de conceitos. E, assim, pensamos o termo conjuntural destacando da espacialidade do ser-no-mundo acima: a instrumentalidade e a familiaridade das ocupações como sendo modos de *habitar* este mundo que se desdobra em suas utilidades, “boas” ou “ruins” (dependendo das finalidades) conferindo obstáculos ou permissões, portanto, a noção de circunstância articula-se com a de nossos poderes, na medida em que designa o que *circumscreve* – limita e situa – a potência de agir, o lugar proporciona o meio de centrar os fenômenos.

Cada lugar é constituído de maneira única a partir da significação a ele atribuída, o lugar, por sua vez, e em contrapartida, nos favorece como apoio, como campo aberto solicitando mais de nós, assim constituímos um mundo espacial e, enquanto o constituímos os “meios” para tal vão sendo dispostos, assim como meu corpo vai se posicionando e obtendo certo poder sobre o mundo a partir de minhas percepções alcanço “[...] um espetáculo tão variado e tão claramente articulado quanto possível, e quando minhas intenções motoras, desdobram-se, recebem do mundo as respostas que esperam. [...]”¹⁷⁸

Nosso mundo físico é múltiplo e, em cada parte suas *camadas* complexas, indicam maneira de nos situar em ambientes sejam da terra, do ar ou da água. Temos em nosso torno estradas, plantações, povoados, igrejas, utensílios, inscrições, artes... e, em cada um desses objetos, implicitamente, combinam a ação humana e o para quê. Mas esse “nosso” do nosso mundo é diferente para cada ser, variando de acordo com as suas

¹⁷⁸ MERLEAU-PONTY, 1994, p. 337.

particularidades, assim, como por exemplo, o mundo “parece estático para o surdo e contingente para o cego”¹⁷⁹. Por outro lado, são nossos pontos de vistas e, claro nossas necessidades, desejos, sonhos individuais somados a outros que ganham amplitude e aumentam as possibilidades de respostas.

O lugar “[...] não é indiferente à ‘coisa’ que o ocupa, ou melhor, que o preenche, da forma pela qual o lugar o constitui. [...] São alguns desses lugares notáveis que chamamos de memoráveis. [...]”¹⁸⁰

No início desta pesquisa imaginávamos estudar uma cidade que se dizia morta numa fala infantil amparada pela escrita de autor célebre de nossa literatura. Monteiro Lobato considerou que as personagens das cidades assoladas pela queda da economia cafeeira passavam seus dias a se... e, foi por conta desta narrativa ficcional que começamos a indagar onde estariam estas pessoas, ou que lugar é este que passa tal concepção. Então, começamos o estudo por entender o que é uma cidade e o que decretaria sua falência. Com a finalidade de nos situarmos mais adiante, é oportuno apresentar a cidade como um lugar que compreende outros tantos lugares, dentre eles o bairro e, neste caso o bairro de Batatuba.

A cidade enquanto lugar

Como *localidade* ou sede econômica, ou como *trama de rede social* a cidade é antes de tudo um espaço e como tal se define historicamente. O que pode ser facilmente observado pelos modos como a chamam, atribuindo-lhes cognomes que retratam a respeitabilidade e a posicionam em relação a outras cidades em termos culturais e econômicos.

Yi-Fu-Tuan relata que:

[...] nos primeiros centros urbanos mundiais as cidades surgem não somente como respostas às forças econômicas e comerciais, mas também como resposta à necessidade de criação de espaço sagrado, modelado segundo o cosmo. [...] A cidade, o templo, ou mesmo as habitações podem se tornar um símbolo da totalidade psíquica, um microcosmo capaz de exercer uma influência benéfica sobre os seres humanos que entram no lugar ou que aí vivem. (TUAN, 1980, p. 20)

¹⁷⁹ TUAN, 1980, p. 59.

¹⁸⁰ CASEY apud RICOEUR, 2007, p. 59.

Suas indagações (atenções) serão sempre no sentido da sua produção (expectativa) e da sua formação (memória). “A cidade é ao mesmo tempo, uma região e um lugar, porque ela é uma totalidade, e suas partes dispõem de um movimento combinado, segundo uma lei própria, que é a lei do organismo urbano, com a qual se confunde. [...]”¹⁸¹ O organismo urbano é tecido¹⁸² no cotidiano e permeado de *singularidades* que vão conferindo ao sistema material e aos comportamentos obrigatórios (formas, concretudes, padrões e códigos) modos de se relacionar com o tempo e com o espaço. Este modo está no campo das mediações que busca desvendar o mistério das formas (lugares, símbolos, significados). O homem se apropria do mundo como apropriação do espaço – com todos os sentidos, isto é com todo o seu corpo. Dentro dessa “localização” de seu corpo encerra o conteúdo social constituído pelas relações. O homem, enquanto *ser-no-mundo*, existe e seu compreender é um compreender que interpreta¹⁸³.

Por meio de um processo de interação *eu-tu* o mundo se constitui e ganha sentido em algo *comum* – sendo esta uma relação dialógica em termos Buberianos. Assim, do particular ao mais universal, inferimos que o local tem seu lugar no global, ou seja, à medida que vivemos *o local*, atribuímos-lhe significação quando nos apropriamos de seus espaços tornando-o *lugar*, onde cada lugar é ao seu modo “um mundo” e pode ser percebido em sua história cotidiana que redimensiona o local por meio de, dentre outros elementos, suas ações e narrativas. Portanto, o lugar transcende as fronteiras.

[...] Assim, em vez de pensar lugares como áreas de fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como o lugar em si, seja uma rua, uma região ou um continente. Isso, por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma *consciência de suas ligações como mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e local*. (MASSEY, 1994, p. 184, *itálico meu*)

¹⁸¹ SANTOS, 1994, p. 71.

¹⁸² Para Lefebvre o conceito/metáfora de tecido urbano [...] é o suporte de um “modo de viver” mais ou menos intenso ou degradado: a **sociedade urbana**. Na base econômica do tecido urbano aparecem fenômenos de uma outra ordem, num outro nível, o da vida social e “cultural”. Trazidas pelo “tecido urbano”, a sociedade e a vida urbana penetram nos campo. Semelhante modo de viver comporta sistemas de objetos e sistemas de valores. [...] (LEFEBVRE, 1969, p.16-17)

¹⁸³ HEIDEGGER, 2009, p. 215

Da conceitualização de *Lugar* construída por Massey¹⁸⁴ encontramos elementos fundamentais para nossa compreensão do mesmo e, mais adiante para lugares de memória. A saber, *lugares* são:

- a) *Processos* – por conta das interações que aí acontecem, conferindo-lhes dinâmicas;
- b) *Sem fronteiras*, porquanto suas relações: econômicas, políticas e socioculturais estendem-se em todos os níveis: da família à área local e internacional;
- c) *Com especificidades continuamente produzidas*, porque a globalização, além de ocasionar a homogeneização, também é uma fonte (da reprodução) do desenvolvimento geográfico desigual e, assim, da singularidade do lugar.

Estes elementos com os quais Massey define lugar foram identificados quando de nossas ações colaborativas em Batatuba o que contribuiu também para nosso entendimento sobre lugar enquanto mídia digital.

Além deste conceito, nossa pesquisa encontrou um solo fértil na concepção de *Topofilia* do geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan. Em sentido amplo, a topofilia inclui:

[...] todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente em intensidade, sutileza e modo de expressão. A resposta ao meio ambiente pode ser basicamente estética: em seguida, pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza igualmente fugaz, mas muito mais intensa, que é subitamente revelada. A resposta pode ser tátil: o deleite ao sentir o ar, água, terra. Mais permanentes e mais difíceis de expressar, são os sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o *locus* de reminiscências e o meio de se ganhar vida. (TUAN, 1980, p.107)

A maneira pela qual Tuan vai definindo o lugar nos leva as dimensões da *poética do espaço* de Bachelard. Ora, se falávamos da *poética da narrativa* (Paul Ricoeur), como não pensar no lugar também de maneira poética, o que quer dizer, no sentido de sua construção, ou melhor, de entender a constituição deste lugar? A topofilia preconiza o *amor ao lugar* que se dá e se enriquece por meio da realidade do meio ambiente e quando a este se soma “[...] um amor religioso ou com a curiosidade

¹⁸⁴ MASSEY, 1994, p. 184-185.

científica. [...]”¹⁸⁵ Muito bem, a segunda opção é o nosso caso e, por outro lado, este “nosso amor e curiosidade científica” encontrou o elo forte do “amor local com a religiosidade”. A pesquisa se viu assim fortalecida, estimulada e investida por uma “paixão curiosa” no sentido de querer fazer para saber e, no sentido inverso, querer saber para querer fazer. Portanto, esse conceito foi perfeitamente verificável e mais ainda praticável como comprovam as ações mnemônicas.

Em que consiste esse amor ao lugar? Enquanto uma reunião de elementos, a disposição como estes se apresentam, ou melhor, a maneira pela qual as coisas são organizadas conferindo meios de apropriação e de facilitação da atividade humana. Esta noção, enquanto arranjo é o que constitui a “paisagem”.

[...] A palavra *landscape*, originária do holandês, designava alguns lugares comuns como “um conjunto de fazendas ou campos cercados, às vezes uma pequena propriedade ou uma unidade administrativa”. Somente quando foi transplantada para a Inglaterra, em fins do século dezesesseis, é que a palavra perdeu raízes terrenas e adquiriu o significado valioso de arte. Paisagem chegou a significar um panorama visto de um determinado ponto. Depois, foi a representação artística desse panorama. Paisagem também foi o pano de fundo de retratos oficiais; o “cenário” de uma “pose”. Com esse significado a palavra se integrou inteiramente no mundo do faz-de-conta. (TUAN, 1980, p.153)

Dentro desse esquema de “faz-de-conta” paisagístico, o qual é, entre outras coisas, uma representação de como espaços físicos e naturais, passam por determinações estéticas, estas muitas vezes se sobrepõe à ética causando grandes danos. Embora, não tratemos destes aspectos nesta tese, devemos considerar que nosso trabalho de campo se situou numa região que vem sofrendo com as demandas governamentais e seus programas de desenvolvimento nacional, contudo ainda não alcançou um desenvolvimento, enquanto local de turismo, o que poderia ser de utilidade social e benéfica à economia, ainda mais se considerasse uma união entre o homem e a natureza em termos de apreciação da paisagem mesclada a lembranças ou que as gerasse de alguma maneira.

[...] Este sentimento de fusão com a natureza não é simples metáfora. Os músculos e as cicatrizes testemunham a intimidade física do contato. A topofilia do agricultor está formada desta intimidade física, da dependência material e do fato de que a terra é um repositório de

¹⁸⁵ TUAN, 1980, p. 143.

lembranças e mantém a esperança. A apreciação estética está presente, mas raramente é expressada. (TUAN, 1980, p. 111)

O lugar está para nossas experiências e para as marcas que carregamos dali, assim nos tornamos portadores do lugar. Nosso corpo é a sede dessas experiências e nossas percepções são diretamente afetadas. Assim, nos vinculamos e desenvolvemos o *habitus*¹⁸⁶ e com ele nossas memórias. Memoráveis são nossas formas de habitar.

O ato de habitar [...] constitui a mais forte ligação humana entre a data e o lugar. Os lugares habitados são, por excelência, memoráveis. Por estar a lembrança tão ligada a eles, a memória declarativa se compraz em evocá-los e descrevê-los. Quanto a nossos deslocamentos, os lugares sucessivamente percorridos sevem de *reminders* aos episódios que aí ocorreram. São eles que, a posteriori, nos parecem hospitaleiros ou não, numa palavra, habitáveis. (RICOEUR, 2007, p. 59)

Não só atribuímos significados aos lugares como estes acabam por se constituírem como repositórios daqueles assim como de seus símbolos. Ao mesmo tempo em que trago o lugar comigo de alguma maneira representado, deixo-o onde está, trata-se de uma situação, minimamente duplicada e aberta, porquanto entrará em relações com outros participando de esquemas mais ou menos fluídos ou codificados. “[...] Os lugares servem de matriz adequada para organizar significado. O povo, as coisas e seus lugares, inclusive a memória, tudo retém status ontológico.”¹⁸⁷

Os significados emergem das experiências mais profundas que vão se sedimentando ao longo do tempo. O ser inundado por experiências transcende o vir-a-ser quando ele encontra memórias nostálgicas. Estas experiências profundas podem ter, muitas vezes, um caráter sagrado e, assim atribuir aos céus, às estrelas, pedras, água... outras interpretações que não as naturais ou de ordem física, certo que tais interpretações estão ancoradas em sistemas culturais, econômicos, políticos e sociais e, assim por diante.

Quanto à noção de santidade ou de sacralidade que um lugar traz em si tem a ver também com aquele sentimento de pertencimento e, como tal, de centralidade orgânica onde a maioria das coisas está ligada ou, ao menos organizada de maneira a criar uma

¹⁸⁶ [...] uma capacidade infinita de engendrar produtos – pensamentos, percepções, expressões, ações – cujos limites são fixados pelas condições histórica e socialmente situadas de sua produção, a liberdade condicionante e condicional que ele garante está tão distante de uma criação da novidade imprevisível quanto o está de uma reprodução mecânica simples dos condicionamentos iniciais. (BOURDIEU apud HARVEY, 2006, p. 202)

¹⁸⁷ HILLIS, 2004, p. 133.

ideia de unicidade, podendo ainda ser compartilhada. O lugar é assim “produzido”. Essa produção examina novos sistemas, reais ou imaginários e o surgimento de novas modalidades de representação, daí a dinâmica do lugar e o seu *reapresentar*, como vimos em relação às narrativas que se re-(a)-presentam. Portanto, o lugar, como bem o caracterizou Mansey, possui isto de ter suas “*especificidades continuamente produzidas*”, contudo isto só é passível de verificação, em determinados casos, olhando bem de perto e, de certa maneira, se envolvendo em seus processos, este foi o caso de Batatuba.

Temos que levar em consideração, ainda, que os significados atribuídos aos lugares podem e são vistos em sua totalidade, mas que, todavia, também são e devem ser vistos em suas particularidades. Assim se dão os cuidados para com as coisas circundantes. Neste arrolar de coisas e interpretações estão aquelas que se constituem como *vestígios* ou, como já o dissemos, como um *efeito-signo*, que tem em si o caráter de se fazer *corresponder*.

Tanto o romance quanto a história pretendem oferecer uma imagem verbal da realidade, ambas visam à *coerência* e à *correspondência*. “[...] É nesses dois sentidos gêmeos que todo discurso escrito é cognitivo quanto as suas finalidades e mimético quanto a seus meios. [...] A história é uma forma de ficção tanto quanto o romance é uma forma de representação histórica. [...]”¹⁸⁸ Paul Ricoeur nos diz ainda que, a relação entre história e ficção, tratada por ele como “*referência cruzada*”, é complexa e os preconceitos advindos dessa relação devem ser combatidos. Ele concorda com Hayden White quando este diz que: “Só podemos conhecer o efetivo (*the actual*) contrastando-o com o imaginável.”¹⁸⁹

Em relação à *correspondência* e à *coerência*, Paul Ricoeur trata estes termos como “*metáforas vivas*” no emprego do “*como*” de acordo com a perspectiva ontológica do “ser-como...” correspondendo ao “ver-como...” Que quer dizer este “*como*”? Quer dizer que o próprio ser tende a ser metaforizado e essa capacidade de colocar as palavras em discurso, versadas em metáforas vivas permite aumentar a capacidade polissêmica daquelas. Neste sentido, o Análogo é vinculado neste jogo complexo do “Mesmo” e do “Outro”, a analogia busca no “ter-sido” os possíveis elos identitários.

¹⁸⁸ WHITE apud RICOEUR, 2010, v. 3, p. 263.

¹⁸⁹ RICOEUR, 2010, v. 3, p. 263.

“[...] O Análogo, precisamente, conserva em si a força da refutação e da colocação a distância, na medida em que ser-como é ser e não ser. [...]”¹⁹⁰

É exatamente neste caminho percorrido pelo Análogo que encontramos o “como” da nossa tese em termos de representação.

Olhando para trás surge o vestígio e este estabelece, enquanto *efeito-signo*, uma relação causal, no plano físico e de significância, no plano semiológico. O vestígio concede-nos o “ver como...” e na sua representância temos, então, três momentos – o Mesmo, o Outro, o Análogo – os quais acrescentam à problemática da reinscrição do tempo fenomenológico no tempo cósmico a questão da *distância temporal*. Ora, ***a distância temporal é aquilo que o vestígio desvela enquanto atravessa***, diríamos que se trata do próprio percurso da *busca significativa*, estabelecendo aí uma representância. “[...] A relação de representância nada mais faz senão *explicitar* essa travessia do tempo pelo vestígio. Mais precisamente, explicita a estrutura dialética da travessia que converte o espaçamento em mediação.”¹⁹¹

Ora quem busca o quê, busca também o seu por quê. Assim se faz o exercício da memória. Em seu trabalho de lembrar as coisas vai constituindo os lugares por onde passa, seja mentalmente, seja no imaginário, seja fisicamente nos seus mais diversos recursos mnemônicos. Está assim impregnada de poética, porquanto é operadora e agenciadora de recursos. Seu impulso é a nostalgia¹⁹², este agente que ajusta e calibra em tempos de crises, capaz de reforçar a identidade quando a confiança enfraquece.

[...] E se é verdade que o tempo é sempre memorizado não como um fluxo, mas como lembranças de lugares e espaços vividos, a história deve realmente ceder lugar à poesia, o tempo ao espaço, como material fundamental da expressão social. Assim, a imagem espacial (em particular a evidência da fotografia) afirma um importante poder sobre a história. [...] (HARVEY, 2006, p. 201)

[...] la modalidad auténtica del habitar (*wohnen*) es el cultivar la apertura a la verdad del ser por medio del pensar o el poetizar. El modo inauténtico es el mero construir (*bauen*), en el sentido de levantar edificaciones y de construcción técnico-material. El construir típico de la vida moderna produce edificaciones para “estar de paso” sin que la vida pueda arraigar. [...] (LINARES, 2008, p. 88)

¹⁹⁰ RICOEUR, 2010, v. 3, p. 264.

¹⁹¹ *Idem*, p. 265.

¹⁹² HEWISON apud HARVEY, 2006, p. 85

2.2. Lugares de Memória

Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia. O sentimento também gosta de acompanhá-la para que ela não seja uma repetição de um estado antigo, mas uma reaparição. (CHAUI in BOSI, 1994, p. 21)

A busca por informações do passado faz com que “eu” me disponha a ouvir o outro enquanto testemunha de algo. Trata-se do caminho da *recordação* e do *reconhecimento*, dois fenômenos mnemônicos da lembrança que nos permite deparar com a memória do outro. Neste caminho encontramos as lembranças compartilhadas, ou seja, as comuns. “[...] As mais notáveis dentre essas lembranças são aquelas de lugares visitados em comum. Elas oferecem a oportunidade privilegiada de se recolocar em pensamento em tal ou tal grupo. [...]”¹⁹³ Por certo que as lembranças para os adultos permitem seus deslocamentos no tempo e no espaço, reconhecer um amigo no retrato é nos reportamos a ele no meio em que o vimos e daí inúmeras associações nos cercam nos fazem dizer, contar, narrar... “[...] é no quadro do pensamento coletivo que encontramos meios de evocar a sequência e o encadeamento dos objetos. Somente o pensamento coletivo pode realizar essa operação.”¹⁹⁴

[...] De um lado, as lembranças distribuem-se e se organizam em níveis de sentido, em arquipélagos, eventualmente separados por abismos, de outro, a memória continua sendo a capacidade de percorrer, de remontar no tempo, sem que nada, em princípio, proíba prosseguir este movimento sem solução de continuidade. É principalmente na narrativa que se articulam as lembranças no plural e na memória singular, a diferenciação e a continuidade. [...] (RICOEUR, 2007, p. 38)

As lembranças são plurais e a memória é singular, por isso *lugares de memória*, porque será a memória, a *Mnemosine*, que vai percorrer espaços e fincar lugares.

[...] os espaços de representação são invenções mentais (códigos, signos, “discursos espaciais”, planos utópicos, paisagens imaginárias e até construções materiais como espaços simbólicos, ambientes

¹⁹³ RICOEUR, 2007, p. 131.

¹⁹⁴ *Idem*, p. 133.

particulares construídos, pinturas, museus, etc.) que imaginam novos sentidos ou possibilidades para práticas espaciais. (HARVEY, 2006, p. 201)

Lugares de memória são lugares permeados de sinais mnemônicos, são lugares reais inscritos na geografia e história, mas não somente, Temos hoje uma imbricação de ciências investigando sobre esse legado.

Retomando a “lenda” de Simônides observamos que a noção de “Lugares de memória” remonta a arte da memória artificial dos gregos, para os quais esses lugares eram “sítios de uma escrita mental”¹⁹⁵. São lugares marcados pelo imaginário envolvendo a história, daí nosso dilema entra a ficção e não ficção quando o tratamos, em caso de documentários por meio da história oral, a melhor posição, a nosso ver, é deixar que as vozes falem e quanto a nós, nos cabe saber (se não souber, aprender) a ouvir.

As coisas lembradas são associadas aos lugares, mais exatamente aqueles onde se habitou e com ele toda a memória corpórea e as lembranças das sensações que povoam a imaginação.

O fenômeno dos “lugares de memória” acontece antes destes se tornarem uma referência ao conhecimento histórico. Esses lugares funcionam como *reminders*, sítios dos vestígios de recordação, como apoio contra o esquecimento e até mesmo contra a “memória morta”. Trata-se das “regiões-memória” (*memoryscape*) – lugares que são vistos com os olhos da memória voltados para estas cidades e mesmo bairros-memória. Pode-se, a partir deste olhar, buscar conservar sistematicamente vestígios, construções de patrimônio e daí por diante, conservar e construir a própria identidade. É também graças aquele parentesco entre as lembranças e os lugares que a espécie de *ars memoriae* pode ser estabelecida como método dos *loci*.¹⁹⁶ Assim, se deu com esta pesquisa que encontrou nesta conceitualização, somada à prática do audiovisual, a negação total de uma ideia de “cidade morta”, até mesmo uma suplementação tácita da memória morta. Os lugares permanecem como inscrições, monumentos e potencialmente como documentos. Neste sentido cabe o alerta de Paul Ricoeur:

Se a história monumental pode ajudar os fortes a dominar o passado para criar grandeza, a *história no modo antiquário* ajuda os homens comuns a persistirem em tudo o que uma tradição bem enraizada num solo familiar oferece de *habitual* e de *venerável*. *Preservar e venerar*:

¹⁹⁵ RICOEUR, 2007, p. 77.

¹⁹⁶ *Idem*, p. 58

essa divisa é entendida instintivamente no interior de uma casa, de uma geração, de uma cidade. [...] Mas o perigo ronda: se tudo o que é antigo e passado for igualmente venerável, a história, uma vez mais fica lesada, não só pela visão curta da veneração, mas pela mumificação de um passado que o presente já não anima, já não inspira. **A vida não quer ser preservada, mas ampliada.** (RICOEUR, 2010, v. 3; p. 404, negrito nosso)

Alberto Magno escreveu um comentário sobre o *De memoria et reminiscência* de Aristóteles. A partir da doutrina clássica de *lugares (loci)* e das *imagens (imagines)* formulou quatro regras mnemônicas¹⁹⁷:

- 1) É necessário encontrar “simulacros adequados das coisas que se deseja recordar” e “é necessário, segundo este método, inventar simulacros e imagens porque as intenções simples e espirituais facilmente se evolvem da alma, a menos que estejam, por assim dizer, ligadas a qualquer símbolo corpóreo, porque o conhecimento humano é mais forte em relação aos *sensibilia*; por esta razão, o poder mnemônico reside na parte sensitiva da alma”. A memória está ligada ao corpo.
- 2) É necessário, em seguida, dispor “numa ordem calculada as coisas que se deseja recordar de modo que, de um ponto recordado, se torne fácil a passagem ao ponto que lhe sucede”. A memória é razão.
- 3) É necessário “aderir com interesse vivo às coisas que se deseja recordar. A memória está ligada à atenção e à intenção”.
- 4) É necessário “meditar com frequência no que se deseja recordar”. “*A meditação preserva a memória*”.

Estas quatro regras são perfeitamente aplicáveis nos lugares por nós estudados como veremos teoricamente a partir do próximo tópico e configurando-se em práticas mais enfaticamente no terceiro capítulo desta tese.

Falar de *Lugares de memória* é falar mais do memorial que do histórico, trata-se de uma tentativa de atribuir a face ou a expressão do narrador ao acontecimento. Uma relação estreita marcada pelo sujeito do enunciado. Temos em Pierre Nora o início dos estudos sistematizados sobre Lugares de memória, este filósofo é seu grande precursor.

¹⁹⁷ LE GOFF, 2013, p. 416.

Sobre a sua conceitualização Paul Ricoeur aborda três variáveis da memória em relação à história¹⁹⁸.

- a) A **ruptura da memória com a história** – passagem de uma memória integrada. “A memória é um fenômeno sempre atual, um vínculo vivido no presente eterno, e a „história, uma representação do passado””; “„A memória é absoluta, e a história só conhece o relativo”; “a história é a delimitação do passado vivido.”
- b) A **perda da história-memória** - “Só se fala tanto da memória porque ela não existe mais.” “A memória perdida não era uma memória individual, nem uma simples memória coletiva, mas já era uma memória instruída na sacralidade: „história sagrada porque nação santa. É pela nação¹⁹⁹ que nossa memória se manteve no sagrado””.
- c) **Memória apreendida pela história** – O “*reinado do arquivo*”. O arquivo “não é mais o saldo mais ou menos intencional de uma memória vivida, mas a secreção voluntária e organizada de uma memória perdida. [...] Quando a memória não está mais em todos os lugares, ela não estaria em nenhum lugar se uma consciência individual, numa decisão solitária, não decidisse dela se encarregar novamente.” (NORA apud RICOEUR, 2007, p. 414-415)

Passamos de um passado de fácil acesso à memória para um passado vivenciado como fratura e fragmentado, necessitado de escavações múltiplas com buscas a partir de marcas exteriores, geográficas até, diríamos, e na colocação das proposições se firmar em algum *topus* – talvez até das condutas cotidianas.

[...] Certamente, é em lugares de memória que “se cristaliza e refugia e a memória”, mas trata-se de uma “memória dilacerada”, cujo dilaceramento não é na verdade, tão completo que a referência à memória possa ser apagada. Nela, o sentimento de continuidade é simplesmente “residual”. „Os lugares de memória são primeiramente restos’. [...] (NORA apud RICOEUR, 2007, p. 415)

Os lugares de memória é “*uma outra história*”, ele requer a intenção de ser buscado e, por isto, retiram seu “poder existir” da memória e da história. Portanto o

¹⁹⁸ NORA apud RICOEUR, 2007, p. 413-415.

¹⁹⁹ no caso aqui, a francesa, mas podemos estender esta concepção a outras nações que tem como base doutrinas religiosas.

lugar existe em função de uma “vontade” da memória; “basta que falte essa intenção de memória para que os lugares de memória sejam „lugares de história””²⁰⁰

Se pensarmos nestes lugares, desta maneira, fragmentados, com rupturas, de fato a memória passa a ser o resto, assim como são os restos de um tecido, são retalhos, recortes. Mas também podemos pensar que em cada aresta destes retalhos há pontuações repletas de conexões abertas a “se encaixar” num outro retalho. Acredito que esta metáfora em termos de tecido é perfeita para o que entendemos aqui em termos de narrativa, memória e lugar. Assim, a memória sendo o “fio” com ao qual narramos “fiamos” e con-fiamos (fiar juntos e também confiar = acreditar) e; onde – lugar – estivermos, física e mentalmente, sendo reportados e despertados por imagens, cheiros, gostos, sensações térmicas, nossa “confeção” é pura conexão.

Esta conexão do lugar de memória possui uma estrutura complexa e composta também por elementos complexos em si, sejam eles: a) Material – realidades dadas e manejáveis; b) Simbólica – garante a cristalização das lembranças e sua transmissão e; b) Funcional – liga os ritos fundadores. Ora, as engrenagens que colocam tais elementos em movimento são: vontade/desejo; decisão/escolha; busca/curiosidade.

Figura 4: Estrutura complexa do lugar de memória: material, simbólico e funcional

²⁰⁰ RICOEUR, 2007, p. 416

Esta estrutura será melhor compreendida a partir do tópico seguinte quando vamos pensar o “ser-entre” vivendo e experienciando estes lugares, cuja razão fundamental é, observa Pierre Nora, “a de deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte.”²⁰¹ Foi neste sentido de deter e “imortalizar” que sugerimos as ações mnemônicas em Batatuba (grupo em rede social, mapa colaborativo, início de web-série e investidas no local como a “Santa Trilha” e o “Sarau do Bata” – Assim, Batatuba foi e ainda é o *lugar* onde a memória trabalha, mas devemos considerar que, todavia, dentro deste lugar pode haver pontos de *lugares de amnésia* – “onde somente o esquecimento trabalhou, dado que a lembrança era muito pesada para ser carregada.”²⁰² – mas está será “uma outra história”.

Por ora, devemos levar em consideração que estas investidas perfazem o lugar constituindo-o como *campo de acontecimento*²⁰³, porquanto aí entrecruzam itinerários possíveis. Esses estão investidos da realidade das lembranças que estão nas fronteiras de nossa história pessoal e de uma pré-história indefinida em lugar que parece se desprender do mundo e voltar a nascer nos modos de suas reapresentações.

2.3 O Ser *Entre* o Real e o Virtual: atualizações e possibilidades

—[.] pode-se então dizer que o Dasein existe *‘nativamente’* como se diz que existe *‘mortalmente’*. Ora, o que é o intervalo, senão a preocupação? *‘Enquanto preocupação, o Dasein é o entremeio.’*”

(RICOEUR, 2007, p. 386)

“*Enquanto preocupação, o Dasein é o entremeio*”... Vimos na Parte – 1 que o *ser* se define em virtude de sua ocupação e não como ser em si. A sua interpretação é a interpretação das ocupações e preocupações, enfim seus modos de ser, por isto diz-se que o ser é o ser da presença, da existência que *dura*. A *duração*, o *enquanto* são os entremeios onde a presença se dá (entre nascimento e morte). Não vamos retomar a conceitualização heideggeriana aqui, todavia, cabe-nos agora trazer apenas alguns dos elementos fundamentais que caracterizam o ser, para que o compreendamos entre tantos

²⁰¹ NORA apud CANDAU, 2012, p. 157.

²⁰² CANDAU, 2012, p. 157.

²⁰³ VEYNE apud CANDAU, 2012, p. 101

“meios”, já que quando se diz: “eu” – o diz pronunciando a si como ser-no-mundo. Assim, enquanto ser que lida com as ocupações, temos a *instrumentalidade*, o “à mão”. Por outro lado, temos o ser-no-mundo envolvido numa cotidianidade carregada de processos de decisões sobre o isso ou o aquilo. Acontece, porém, que esta instrumentalidade que está “à mão” não é mais o “mero martelo”²⁰⁴ dentro da cotidianidade. Hoje, o meio é híbrido e a tecnologia, dispositivo, exige competências múltiplas as quais, por sua vez, estão sempre a se alterar.

Quando se “tem” determinadas competências as coisas parecem bem simples de se resolver, parece que nascemos dotados de tal competência, talvez os “nativos digitais”, mas não é bem assim. Por trás de cada competência, inúmeros são os processos de adaptações, de idas e vindas em nossos sistemas cognitivos, volitivos e habilidades cada qual sendo conduzida “sabidamente” por sistemas neurológicos e sinapses que extrapolam os esquemas desta pesquisa e que, no entanto, não podem passar sem ao menos ser citado porque fazem parte do *ser* em questão, ainda mais quando falamos de memória e de desenvolvimento de ações mnemônicas que envolvem competências comunicacionais e informacionais. Assim, a esfera técnica/tecnológica, que é também social, está articulada à complexidade social em seus diferentes encadeamentos, configuração, causalidade e casualidade.

Sabemos que o papel da mídia não interessa apenas por sua função de difusão, “mas também pelas operações de reconceitualização e metaforização que realiza em conexão com outros campos da vida social”²⁰⁵, e o campo associado aqui é o da memória e a maneira pela qual ela se expressa. Então, quando estamos falando sobre o “ser *entre*”, estamos falando da *presença* de pessoas, protagonistas ou não, envolvidas com o mundo (cotidianidade/medianidade/cura) que hoje se coloca em movimento e, em contínua transformação em seus meios que são: *real*, *possível*, *virtual* e *atual*, sendo que estas características não são excludentes. Quando falamos de ser “entre” é isso que quer dizer, que este ser “caminha” por todas as formas do meio, que se alimenta deste meio, que de certa maneira é um *meio ambiente*.

Os termos *Real*, *Possível*, *Atual* e *Virtual* são os quatro modos de ser que, representados no quadro abaixo, caracterizam movimentos ou *transformações*

²⁰⁴ Uma ferramenta citada por Heidegger para o entendimento do “à mão”.

²⁰⁵ CANCLINI, 2012, p. 74.

conceitualizados por Pierre Lévy²⁰⁶ e que possuem causalidade e temporalidades diferentes. Pareceu-nos oportuno, este quadro, para considerar o “entre” na *realidade* contextual de Batatuba. Então, assim como o autor, não entendemos estes modos de ser estanques, mas sim enquanto movimentação e transformação. Portanto, não iremos posicioná-los aqui em subtópicos, antes faremos uma transição dialógica entre eles e consideramos que, enquanto modos de ser, nenhum modo sobrepõe ao outro ou são mais positivo ou negativo. São apenas modos de ser, no dizer heideggeriano do termo.

Tabela 1: Quatro Passagens (quadro de Pierre Lévy)

	LATENTE	MANIFESTO
SUBSTÂNCIA	Possível (insiste)	Real (subsiste)
ACONTECIMENTO	Virtual (existe)	Atual (acontece)

Os modos de ser são maneiras pelas quais nos vinculamos ao mundo; constituímos-nos nele enquanto o constituímos – modo de ser é uma relação que pode ser dialógica ou não com o outro. Em termos de comunicação e processos audiovisuais colocamos este modo de ser a partir de sua linguagem para estabelecer uma relação viva consigo mesmo ou com seus semelhantes, portanto “[...] a linguagem não é mais um instrumento, *não é mais um meio, ela é uma manifestação, uma relação do ser íntimo e do elo psíquico que nos une ao mundo e aos nossos semelhantes.* [...]”²⁰⁷ Assim como a memória, a linguagem está presente em todos os campos da humanidade e é por meio dela que temos acesso a estes, a suas representações e rerepresentações.

Quando se fala em linguagem pensamos invariavelmente na sua forma operacional verbalizada, tanto na oralidade como na escrita. E isso não é por acaso, afinal a palavra escrita ou falada, “*logos*” (λόγος), é também um conceito vinculado a nossa capacidade de racionalização individual e de estudos. Tanto a oralidade, quanto a escrita são atos mnemônicos que auxiliam e favorecem *memória forte* e a *metamemória* dentro de uma comunidade que está constantemente vivendo mudanças, por mais tradicionais que suas atividades sejam. Neste sentido, a socialização da memória, o armazenamento da informação e os processos de seleção do que deve ou não ser preservado e transmitido, é que operam lógicas cognitivas e sociais nas manifestações

²⁰⁶ LÉVY, 2003.

²⁰⁷ MERLEAU-PONTY, 1994, p. 266.

destas extensões da memória humana. Ainda há que se considerar, para além das lógicas, o fascínio pelo tempo real – religião do efêmero (imediatismo, instantaneidade) e, por outro lado a expansão descontrolada da memória. Quanto o primeiro, não há muito que ser feito, cada pessoa ama, adora, idolatra o que lhe convém, no entanto, quanto ao segundo – a expansão descontrolada da memória, apesar dos mecanismos ainda serem escassos e falhos, provavelmente por conta de sua complexidade, estudos em diferentes áreas vem se compondo nesta direção. Nesta pesquisa enquanto ouvíamos as narrativas, vivenciamos esse dilema, e então sugerimos procedimentos básicos e simplificados nesta contenção da memória por parte da comunidade nos perfis de Batatuba.

Os esquemas de contenção são também de controle, uma maneira acentuada de vigiar. Assim, uma rede social é, dentre outras coisas, uma maneira de vigiar o real e, portanto, de controla-lo. Vigiar é, também, o modo de estar atento e pronto a qualquer chamado. Mas, também sobre este “vigiar” deve haver algum domínio que o regule e o normalize, para que a comunidade enquanto grupo vigilante, identificável e de um “Nós” profundamente interessado em seu desenvolvimento não venha a ser um ruidoso enxame de “Eus”²⁰⁸ (a *falação*, em termos heideggeriano) e, os laços de fidelidades secundárias se tornem por demais frouxos para deter a desintegração e a desarticulação de daquela comunidade.

Mumford descreveu como começara as cidades a partir de aldeias que vigiavam seus entornos e criavam muros. Hoje isto não é simples, e os muros são outros. Por mais simples que seja a ação, estar pronto, vigiar e agir em territórios que se propagam no mundo digital e real, significa compreender uma gama de ações que, de certo modo, pode causar um sentimento de ser inferior (estar aquém) em relação às tecnologias que se apresentam.

A ilusão de superioridade e centralidade provavelmente é necessária para a manutenção da cultura. Quando a crua realidade despedaça essa ilusão, é possível que a própria cultura decline. No mundo moderno de comunicações rápidas é difícil para as pequenas acreditarem que estejam, em qualquer sentido literal, no centro das coisas, embora algo dessa fé seja necessário se elas desejam prosperar. [...] (TUAN, 1980, p. 36)

Ora, que é um enxame de “eus” senão a tentativa de se colocar no centro das ações, mas não no sentido de protagonismo e sim de mais um figurante. Esta é a ilusão

²⁰⁸ MUMFORD, 1998, p.22.

que nos diz Tuan, mas também esta “ilusão” é forma de calibrar aquela sensação, sentimento e até mesmo realidade de abandono, de esquecimento, de estagnação. Então, uma rede social corresponde nos dois sentidos, tanto na proliferação de vozes sem sujeitos, como de sujeitos cujas vozes nunca teriam sido ouvidas, caso não fosse o “estar” numa rede social.

Se a realidade, enquanto fato social, é opaca, há zonas privilegiadas, indícios que nos permitem evidenciá-la e constituir uma série de relações significativas de vínculo social que é, considerado em todas as suas dimensões, ponto das práticas de representações.

As representações nos dizem, enquanto dados, tanto de sua constituição quanto das experiências nelas perpassadas até se tornar o produto de uma prática. As narrativas, formas de representação rerepresentadas em mídias digitais trouxe esse dispensário do qual se serve não só está pesquisa, como já está servindo a outras e, para além destas, ele serve ao capital social e ao sentimento de pertencimento da comunidade onde se desenvolveu. As narrativas, por sua vez, se alimentam do real e da ficção, como já o vimos e nisto dá-se o configurar do tempo, a temporalidade. Há neste sentido um enfrentamento constante com a realidade concreta, porque após narrar, o narrador sai daquele campo/ambiente nostálgico para se encontrar em sua cotidianidade novamente a sua circunstância, que é sua realidade imediata, que “[...] não é apenas *um* modo de ser *entre* outros, mas que, ontologicamente, acha-se num determinado nexo de fundamentação com presença, mundo e manualidade. [...]”²⁰⁹

A realidade se apresenta assim, segundo Heidegger, como problema e condições limites²¹⁰, a saber:

1. *Realidade como problema do ser e da possibilidade de comprovação do —mundo externo—;*
2. *Realidade como problema ontológico;*
3. *Realidade e cura*

Problema no sentido de algo a resolver, evidentemente, já que, para Heidegger, o ser é o *ser-em* dívida (ocupação/preocupação) a curar, cuidar do meio, do seu mundo circundante, daquilo que se lhe mostra, traz a sua circunvisão um conjunto instrumental

²⁰⁹ HEIDEGGER, 2009, p. 270.

²¹⁰ *Idem*, p. 271.

à mão e, que pode até mesmo principiar num movimento de descoberta. “[...] Aquilo que é tomado como **sinal** só se torna acessível através de sua manualidade. [...]”²¹¹ “[...] Como constituição do instrumento, a serventia (**referência**) também não é o ser apropriado de um ente, mas a condição ontológica da possibilidade para que possa ser determinado por apropriações. [...]”²¹²

Ora, **sinal** e **referência** são atributos da imagem. Bem sabemos que, somos nós quem referenciamos certas “coisas” e dotamos imagens de poderes, e são dois os poderes que lhes atribuímos: *fazer referência ao passado* e *sinalizar um futuro*. Nisto constitui o vestígio que em si arrola significados. São estas imagens que nos permitem comparar dimensões temporais, como o tempo curto e o tempo longo. Para imagem-vestígio, “[...] o verbo importante já não é passar (*transire*), mas permanecer (*manet*). Nesse sentido, os dois enigmas – o ser/não ser e o da medida do que não tem extensão – são resolvidos ao mesmo tempo. [...]”²¹³ Enquanto “permanece” podemos dizer que a imagem-vestígio é uma *substância real* porque subsiste e resiste é manifesta. Estamos aplicando aqui o quadro apresentado por Pierre Lévy. Mas onde está esta a imagem-vestígio nas proposições desta tese?

[...] como é possível que as imagens-vestígios, os *vestigia*, que são coisas presentes, gravadas na alma, sejam ao mesmo tempo “a respeito do” passado? A imagem do futuro coloca uma dificuldade semelhante; diz que as imagens-sinais “já são”. Mas “já” significa duas coisas: “o que já é não é futuro e sim presente”. [...]

Respondendo: as imagens-vestígios às quais recorremos estão nos lugares de memória nos termos de suas definições acima. No entanto, ainda carece de “como” agenciar em tempos de tecnologias de comunicação e de informação estas imagens, ou pelo menos, apresentar as possibilidades deste desenvolvimento colaborativo em uma determinada comunidade, neste caso Batatuba. Nosso campo se apresenta como referente de um passado não tão distante, mas que persiste de alguma maneira. Por meio das narrativas, certamente está “gravado na alma” e foi graças a esta inscrição que pudemos captar um pouco da sua essência e transpô-las em mídias digitais.

Nosso “objeto referente” é algo que não é mais, mas foi. É uma articulação com dois momentos anteriores de explicação/compreensão e de documentação, e,

²¹¹ HEIDEGGER, 2009, p. 130.

²¹² *Idem*, p. 134.

²¹³ RICOEUR, 2010, v.1, p. 35.

permite aprofundar a busca, na articulação da história com a memória. Lembrando que toda operação de reunião de documentos e mesmo de narrativas, e até dentro destas narrativas, impera o processo de decisão e seleção daquilo que pode vir a constituir um arquivo – nem todo testemunhar é fazer história, nem mesmo memória. “[...] „Todos os rastros estão no presente. Nenhum deles exprime ausência, muito menos anterioridade. Então é preciso dotar o rastro de uma dimensão semiótica, com um valor de signo, e considerar o rastro como um efeito-signo, signo da ação do sinete sobre a impressão’. [...]”²¹⁴ Se entendemos a dimensão semiótica dentro de um sistema de signos e de significação, então chegamos ao ponto de que é no seio da cultura que tais objetos/rastros se constituem. E o que é a cultura, senão cultivar, cuidar, curar... e, voltamos a Heidegger:

[...] Chamamos de significância o todo das remissões dessa ação de significar (*Bedeuten*). A significância é o que constitui a estrutura do mundo em que a presença já é sempre como é. *Em sua familiaridade com a significância, a presença é a condição ôntica de possibilidade para se poder descobrir os entes que num mundo vêm ao encontro no modo de ser da conjuntura (manualidade) e que se podem anunciar em seu em-si*. A presença como tal é sempre esta presença com a qual já se descobre essencialmente um contexto de manuais. Sendo, a presença já se referiu a um “mundo” que lhe vem ao encontro, pois pertence essencialmente a seu ser em *referencialidade*. (HEIDEGGER, 2009, p. 138)

Então, o passado e o porvir vêm ao meu encontro quando eu me estendo em direção a eles. No presente realizamos, por meio das narrativas, este duplo movimento. Dentre outras maneiras de se “estender” e conhecer, as mídias digitais se constituem como instâncias intrínsecas às demandas das ações. Concebe-se a tecnologia como um modo de conhecimento que potencializa os sujeitos cuidando para que não caiamos no tecnodeterminismo²¹⁵. “Potencialmente, as Tic trazem consigo uma grande riqueza comunicacional, mas também uma grande complexidade de ordem técnica que não deve ser abordada a partir de considerações abstratas e proféticas.”²¹⁶ Neste sentido, Miège alerta para que não confundamos embaralhamento tecnológico com convergência tecnológica.

²¹⁴ CHANGEUX apud RICOEUR, 2007, p. 434.

²¹⁵ Caracterizado por: antecipação dos usos; embaralhamento tecnológico; convergência postulada; profecia autorrealizadora – Miège, 2009.

²¹⁶ MIÈGE, 2009, p. 49.

Quanto à convergência das técnicas de comunicação, vale lembrar que essas comportam, além do componente tecnológico, as “dimensões econômicas, sociais, jurídicas e políticas. [...]”²¹⁷ que quer dizer que, para se realizar levará sempre estas dimensões em consideração. A convergência se inscreve na duração, ou seja, é uma construção social marcada por sucessos e fracassos. Portanto estes dispositivos são também configurações e precisariam ser apreendidos como tais.

Para Miège²¹⁸ é preciso pensar as técnicas por meio das lógicas sociais de comunicação e, analisar as mudanças e as mutações sociais relativas à informação. Ainda, segundo este autor, as TICs:

- 1- Emanam e participam de um meio quase inteiramente mercantil e industrializado;
- 2- Permitem cumprir funções múltiplas;
- 3- Incitam a individualização das práticas sociais nas esferas privada, profissional e pública;
- 4- Não formam um todo homogêneo e desenvolvem cooperações com as mídias estabelecidas.

Das posições acima é pertinente que sempre tenhamos em mente estamos sempre obedecendo a sistemas corporativos que, por sua vez, obedecem a outras lógicas, dentre elas a de mercado e a política. Salutar saber responder às questões locais e até desenvolver ações incorporando-as a outros processos e maneiras de ser e estar. Porque “[...] uma inovação só vale em função do seu crescimento social que a sustenta e a impõe. [...]”²¹⁹ Seria, pertinente que nos colocássemos esta questão, ou melhor, essa proposição sempre que nos aventurássemos em dizer “isso é novo”, como por exemplo, “*novas tecnologias de comunicação*”.

As TICs são, além de base tecnomaterial e suportes de inscrição, meios por onde se dão o “como” do se relacionar. As mídias enquanto dispositivos sociotécnicos e sociossimbólicos estão baseados, cada vez mais, “[...] no conjunto de técnicas (e não mais de uma técnica, como antigamente), que permite emitir e receber programas de informação, de cultura e de entretenimento, com regularidade [...]”²²⁰ Sem dúvida, dispositivos como: blogs, sites de informação espaços colaborativos, são colocados a

²¹⁷ MIÈGE, 2009, p. 37.

²¹⁸ *Idem*, p. 18.

²¹⁹ BRAUDEL apud MIÈGE, 2009, p. 52.

²²⁰ MIÈGE, 2009, p. 110.

serviço das ações comunicacionais alteram profundamente (tanto no sentido positivo como negativo) as relações seja em que nível for. Uma das tendências positivas é a de empoderar as pessoas politicamente quando se emite e recebe informações de qualquer parte do mundo apesar de limitações cognitivas, em certos casos. Todavia, o indivíduo é “portador ultimo da mudança histórica”²²¹.

No decorrer da Segunda Guerra Mundial temos, finalmente, o desenvolvimento das máquinas de calcular e com estas o computador, cuja memória somada à escrita e à leitura compõe suas três operações fundamentais. Evidentemente esta memória difere daquela que conceituamos aqui e, embora não seja o tema tratado aqui, ressaltamos a diferença quanto à maleabilidade e à flexibilidade da memória humana. Neste sentido, Leroi-Gourhan, aponta um aspecto interessante em relação ao desenvolvimento do chamado “cérebro artificial”, seja ele: “[...] a constatação de que o córtex cerebral, por muito admirável que seja, é insuficiente, como a mão ou a vista. [assim] O homem é conduzido progressivamente a exteriorizar faculdades cada vez mais elevadas.”²²² Talvez esta constatação e outra que veremos a seguir conduza o homem a uma atitude tecnofóbica que proclama o determinismo tecnológico, como já o dissemos. No entanto, não podemos descartar a autonomia inerente às essas tecnologias e, portanto, sua imprevisibilidade tanto de seu progresso quanto de seus resultados, apesar de serem sistemas tecnológicos de alt complexidade, ainda assim “[...] imponen a los agentes humanos sus propias condiciones y reglas, y sólo permiten limitadas elecciones de uso.”²²³

[...] La razón tecnológica configura ahora las condiciones de la experiencia humana: la forma en que nos representamos el mundo, la manera en que actuamos en él y los criterios que usamos para valorarlo. Es una matriz a partir de la cual se nos revela el mundo y desde la cual lo concebimos y actuamos en él. (LINARES, 2008, p. 37)

Pensando as razões e suas condições para que experiência humana aconteça, o filósofo Jorge Linares aborda o lado ético destas tecnologias a partir de outros cinco filósofos aos quais ele denomina: *Los anunciadores del Riesgo Mayor*”. Deste estudo retiramos algumas partes que nos interessam para entender e corroborar os elementos que configuram esta tese.

²²¹ RICOEUR, 2007, p. 252

²²² LEROI-GOURHAN apud LE GOFF, 2013, p. 429.

²²³ LINARES, 2008, p. 29.

- 1) Em **Heidegger**: O encontro com a essência da *técnica* ou o “ser-la-mano” instrumento. A essência da técnica, seu imperativo²²⁴ *a priori* – *Ge-stell*, pelo qual os seres humanos dominam a natureza, não se confunde com a técnica – objetos e sistemas técnicos.

Não se confunde, mas não se separa. Porquanto a técnica não é só um *instrumento* controlado e dominado pelo homem, como o martelo (exemplo de instrumentalidade familiar citado por Heidegger). O instrumento tornou-se:

[...] en un imperativo que lo conmina²²⁵ a transformar tecnicamente su entorno. [...] Este plano esencial de la técnica no lo percibimos cotidianamente y se nos oculta en la praxis. Pero ambas dimensiones de la técnica son correlativas: la de la técnica como objeto “a-la-mano” y la técnica como fuerza o imperativo de transformación de la naturaleza. (LINARES, 2008, p. 55)

A técnica em um plano ontológico e não empírico – Heidegger é pioneiro em pensar a ontologia de um objeto técnico, porque percebe neste a essência para além do material e vai abordá-la no sentido simbólico que consiste exatamente na “utilidade” do objeto circunscrita numa *circunvisão* – ver entorno, assim, percebe que o instrumental refere-se ao domínio dos fins e dos meios, entre causas e efeitos o instrumental remete a causalidade. Neste ponto, o que Linares observa em relação ao risco colocado por Heidegger é que o *Dasein* pode perder-se em meio à utilidade instrumental e até ser absorvido por ela. O mesmo que temos observado ao longo desta tese, em termos de cotidianidade, medianidade e impróprio. O caráter técnico do ente “[...] (un objeto técnico, por más rudimentario que sea) se funde en la intencionalidad con que lo „experienciamos’ (*erfahern*) en el mundo.”²²⁶

Todavia, Heidegger adverte contra o fascínio contemporâneo pelo poder tecnológico. Linares cita ainda textos de Heidegger como *La época de la imagen del mundo* (1938), no qual ele critica a técnica como poder metafísico que subordina a existência humana.

[...] La esencia da modernidad reside – según Heidegger – en la capacidad de representar el mundo como objeto de cálculo. [...] La “imagen del mundo” incluye por igual a la naturaliza y la historia, al

²²⁴ O “imperativo tecnológico” se apoia no fato de que a tecnologia sendo um *poder de ação no mundo*. (LINARES, 2008, p. 383)

²²⁵ Verbo que indica uma ameaça a uma pessoa com uma pena ou punição se não obedecer a uma ordem ou comando. Obedecer de acordo com certos princípios.

²²⁶ LINARES, 2008, p. 58.

mundo humano. Se trata de una reducción del cosmos entero a una representación que podría ser conocida y explicada exhaustivamente y, por tanto, que está en posibilidad de ser dominada y controlada intelectual y técnicamente.” (LINARES, 2008, p. 67)

Penso que a humanidade não tem outra escolha, a não ser estar a se representar o tempo todo. O que faz de nós seres tão complexos são nossas construções e desconstruções acerca daquilo que nos avizinha e os modos pelos quais nos colocamos no mundo. O ser da presença é o ser que atualiza o mundo que vem ao seu encontro a partir da apropriação deste.

A técnica “des-oculta” “[...] El carácter propio de la técnica no está en la acción de hacer o fabricar, sino en el *desocultamiento* del ser que habla Heidegger. Como *desocultamiento* y no como mera fabricación, la técnica es una producción *poiética*, una auténtica creación *ontológica*.”²²⁷ A este “desocultamento”, que se funda na técnica moderna, Heidegger denomina de *Ge-stell*²²⁸ (*Ereignis*²²⁹) – acontecimento apropriador do ser, ou seja, a estrutura que *dis-põe*, *im-põe* e *pre-dispõe* ao homem o desocultar a realidade. “[...] Ciertamente lo *Ge-stell* es un *a priori*, pero la noción de “estructura” parece conferirle un sentido material. [...]”²³⁰ Assim, acordamos com Heidegger que, a ameaça não está na técnica em si, mas no fazer-se-representar. Na mesma medida que o “*Ge-stell*” impõe, provoca, a fazer aparecer, trazer à tona, ele abre possibilidades de buscas, conferindo a quem dele faz uso uma liberdade de escolhas.

O perigo reside, não na aniquilação, mas exatamente nessa liberdade de decidir qual posição assumiremos no mundo. “Como se ha visto, lo *Ge-stell* designa la provocación simultánea que pone al ente y al hombre enfrentados como objeto y sujeto, pero igualmente compelidos o determinados a entrar en relación técnica. [...]”²³¹ *Ge-stell* é também o pressuposto ontológico que se interpõe, que se dispõe entre o homem e a realidade de maneira “provocadora”.

²²⁷ LINARES, 2008, p. 78.

²²⁸ O verbo *stellen* – dentre outros significados, significa por à disposição.

²²⁹ Combinação do verbo *ereignen* – acontecer mais o adjetivo *eigen* – próprio, apropriação; - se trata de um acontecimento no qual há apropriação recíproca. Linares, 2008, p. 98 – nota de rodapé.

²³⁰ LINARES, 2008, p. 83, nota de rodapé.

²³¹ *Idem*, p. 97.

Para Heidegger²³² a linguagem tradicional está para a técnica tradicional (poiesis) enquanto que a linguagem tecnificada²³³ está para o mundo técnico, cibernético da informática que a reduz ao intercambiar dados. Esta redução representa também perigo, uma vez que, pela redução da linguagem haveria uma deformação também da *mundanidade*. Mais uma vez aqui a questão da representação. Ora representar não é deformar, quando muito, transformar.

Outro perigo é ver apenas a tecnologia em si como resposta única e esquecer outros modos de responder ao “desocultamento” – descobrir, teorizar, poetizar... e assim empobrecer as relações humanas em sua totalidade de ser. Diante de toda oralidade que ainda temos e para além desta, somos os únicos a *testemunhar* de nós mesmos enquanto seres de memória e de história. Outras maneiras de desocultar, propõe Heidegger, podemos encontrar nas formas como *habitamos*, de maneira autêntica, a Terra.

2) Ellul – A transmutação da técnica

A técnica implica o perigo da “fetichização” do fenômeno técnico, este caracterizado por sua autonomia, sua universalidade e a unidade de seus componentes. Ela, a técnica, não é só uma nova mídia ou o entorno – Ellul compreende a técnica como o próprio *meio ambiente* e não apenas o intermediário entre o humano e a natureza. Ela é também a maneira pela qual a sociedade compreende a realidade, atua e intervém. Não se trata de escolher empregar ou não empregar determinada técnica, mas de qual empregar, escolha esta que deve assegurar o máximo de eficiência. Decisões pautadas em critérios técnicos (eficácia e poder) – por razões de “*força maior*”

Conceber a técnica meramente instrumentalista é lhe conferir a autonomia que nega a percepção ética. Interessante observar com Jacques Ellul que, a técnica nunca foi em todas as épocas que procedem a nossa, motivo de ocupação ou preocupação. Somente agora é que ela vem sendo motivo de tantas investigações científicas. “[...] La condición esencial para la autonomía de la Técnica ha sido la universalización del imperativo de la necesidad pragmática y la difusión de este discurso de la Técnica misma (Ellul lo llama el *bluff* tecnológico). [...]”²³⁴

²³² LINARES, 2008, p. 95

²³³ “Língua tradicional e linguagem técnica” – conferência proferida por Heidegger em 1962.

²³⁴ LINARES, 2008, p. 153.

3) Anders

A dissolução da responsabilidade no mundo tecnológico é o maior problema na atual mediatização industrializada da atividade humana, para Anders, porquanto, os homens “atuaram” como meras peças na engrenagem técnico-militar.

Anders demonstra em três teses²³⁵ a obsolescência do homem: a) o homem não está a altura de suas próprias produções tecnológicas; b) o que produzimos tecnicamente excede nossa capacidade de representação e de imaginação e; c) não temos capacidade de reconhecer nossa situação histórica porque perdemos a habilidade de compreender os efeitos do enorme poder técnico que agora detemos.

Tendo conhecimento de sua obsolescência tecnológica, o homem se vê envergonhado, diminuído, mais imperfeito e vê sua condição finita. Assim, busca gerar e consumir, sobremaneira, imagens (símbolos, ícones audiovisuais) e se cerca de todo aparato tecnológico, informacional. A estes recursos que o homem busca, Anders denomina *Icomania*²³⁶ - O mundo das imagens em que tudo pode se transformar em informação e converte a realidade em imagem espectral – fantasmal, afinal, não nos esqueçamos de que toda imagem carrega em si o ausente e o presente. O mundo é reduzido e servido a domicílio. Distância abolida, abolida a experiência da dimensão do espaço de viver o real. Essa produção de “fantasma”, às vezes em série, do mundo constitui a nova “ontologia da economia”²³⁷.

Evidentemente, Anders está falando das imagens televisivas, mas podemos estender esta sua concepção aos dias atuais e os fragmentos de um mundo ausente.

[...] La base ontológica es, creo, la misma: la capacidad tecnológica para reproducir y recrear el mundo, al mismo tiempo que para reducirlo informacionalmente. A fin de cuentas, no importa el soporte material o el formato tecnológico, el mundo de los medios y de la información es un mundo espectral cuya sustancia consiste en una multiplicidad de imágenes (visuales, auditivas, audiovisuales), que cobran sentido sólo para los sujetos humanos capaces de percibir y consumir vorazmente dicho cúmulo de imágenes.[...] (LINARES, 2008, p. 208)

Percebemos nestas teses os limites das faculdades e capacidades do ser humano. Mas quais são os limites para uma consciência humana? Talvez a resposta, ou uma das

²³⁵ LINARES, 2008, p. 193.

²³⁶ *Idem*, p. 208.

²³⁷ *Ibidem*, p. 218

respostas, esteja na sua historicidade, ou melhor, na consciência que tem formado de si próprio. O talvez aguarde o apelo.

Anders é pioneiro na reflexão ontológica sobre as mídias e questiona esta nova forma de se comunicar planetária, onde o protagonista é protagonista de seu próprio *show* e o figurante é o “voyeur”. Assim, nos encontramos com outros internautas solitários e formamos grupos afins, nos quais, muitas vezes a identidade é dissolvida em meio a tantas vozes e a capacidade da ação é anônima.

4) **Eduardo Nicol** – *Razão de força maior*

À razão que guia de maneira imposta toda a atividade pragmática e se impõe a toda ideia, designio, a esta razão Nicol denomina – “*Razão de força maior*”

“[...] Nicol interpreta la situación emergente como la posible anulación o neutralización de la capacidad humana de elegir libremente fines diversos.”²³⁸

Trata-se de uma razão anônima e impessoal que pressiona tanto o indivíduo quanto a sociedade; não é dialógica, pois não surge de uma compreensão discursiva, e é cega às finalidades históricas e, indiferente às verdades. Opera sobre a comunidade, mas não a forma. Diante de tantos pontos negativos ainda há alguns pontos positivos que Nicol aponta: A razão de força maior é útil, ordena e dispõe a estrutura material do mundo; é uniforme e universal e é sistemática.

El sistema racional sin verdad es un sistema con finalidad biológica; la cual, por ser inalterable, excluye la responsabilidad: el fin no es una alternativa. El sistema libre o abierto es responsable de varias maneras: responde ante el ser, por la posible discrepancia entre el ser y el pensar; responde por los procedimientos, que pueden ser inadecuados; responde ante la cofradía de los doctos, y ante la comunidad entera, pues el sistema es una comunicación que tiene un destinatario. Verdad es responsabilidad. (NICOL apud LINARES, 2008, p. 285)

O mundo tecnológico, como sistema de sistemas técnicos²³⁹, é multifacetado e possui alta complexidade. A tecnologia se desenvolve, então, simultaneamente como: *objeto técnico* – capazes de mediações universais; *forma de conhecimento*; *atividade especializada*; conjunto de *fins* intencionais de uma *vontade coletiva de dominação e*

²³⁸ LINARES, 2008, p. 271.

²³⁹ “[...] los sistemas técnicos, sean simples o complejos, están conectados a un sistema global de acciones tecnológicas, muchas de las cuales trascienden las intenciones, los conocimientos y los deseos de los agentes.” (LINARES, 2008, p. 393)

controle.²⁴⁰ Assim, mais do que o “a-mão” o mundo tecnológico constitui uma modalidade de racionalidade.

Baseado nas análises de Don Ihde, Linares²⁴¹ distingue modalidades no sistema técnico de acordo com os níveis de interação entre os seres humanos e os objetos técnicos. Assim, temos:

- a) [SUJETO-OBJETO TÉCNICO] – MUNDO, objeto em seu sentido meramente instrumentalista – “a-mão” – o objeto se “dissolve” no contínuo da ação e, o sujeito possui controle do objeto e pode modificar o resultado da atividade;
- b) SUJETO – [OBJETO TÉCNICO-MUNDO], o objeto técnico, mais complexo – dispositivo, aparece como um “enigma” a ser decifrado, requer uma “hermenêutica” por parte do sujeito para que seja utilizado eficientemente e;
- c) [SUJETO-MUNDO DE OBJETOS TÉCNICOS], o sujeito está “emaranhado” numa trama de ações, valores e decisões de outros agentes que também estão emaranhados, daí a complexidade sistêmica de um *sistema integrado* – *sistemas tecnológicos*.

Dada está nossa *mundanidade tecnológica* e sua particular racionalidade se fazendo cada vez mais onipotente e onipresente. Sua complexidade é produzida em três aspectos: material, formal e funcional. Justamente por conta da complexidade destes três aspectos, nenhum projeto tecnológico está livre ou assegura os riscos que este pode causar.

Para Paul Virillo²⁴² qualquer acidente tecnológico está implicado diretamente em três dimensões (material – revelada na força maior da natureza; cognitivo – previsões científicas se chocam com a realidade e; consciência moral – discrepância entre o que somos capazes de produzir e, o pouco que somos capazes de conhecer e compreender) que superpõem no tempo.

Estes riscos e suas dimensões globais, interconectividade das telecomunicações e também do comércio e da política e culturas coexistindo geram uma consciência estendida que, por sua vez, gera a responsabilidade estendida.

[...] Los rasgos negativos que los críticos en un mundo tecnológico identificaron, como la fragmentación de la vida social, el declive de la razón dialógica, el aplanamiento temporal de la experiencia mundana,

²⁴⁰ LINARES, 2008, p. 390.

²⁴¹ *Idem*, p. 394-7.

²⁴² *Ibidem*, p. 426-7

etcétera, pueden ser revertidos pues las redes materiales de interconexión del mundo tecnológico y la misma uniformidad de la vida social contienen la potencialidad para soportar un conjunto de valores universales que posean eficacia práctica, en vistas de los objetivos cruciales de preservación y de reducción de riesgos tecnológicos. [...] (LINARES, 2008, p. 437)

Ao que parece a realidade tem reduzido seu caráter informacional a um grande banco de dados que seria “*un fondo de reserva informático*”²⁴³. Assim, as tecnologias da informação se mostram como uma nova e poderosa forma de *Ge-stell*.

Ora, que é este fundo de reserva informático senão a grande *nuvem*? Ou seja, os computadores reais, e não os nossos que são, na verdade, mais interfaces informacionais que a informação em si, porque o forte da computação é feito em nuvens, nos *datacenters* como grande fábrica de computação com milhares de computadores. As empresas não têm mais seus computadores em seus próprios prédios, elas contratam estes grandes datacenters. Os dados de todos estão *em nuvem*, tanto de pessoas particulares como de empresas e, as redes sociais são aquelas que lideraram esse tipo de empreendimento.

Pierre Lévy em palestra sobre ciberdemocracia – diz que não temos “mídias digitais” e sim “*mídias algorítmicas*”²⁴⁴, cujas características são:

1. **Ubiquidade das informações** – qualquer tipo de informação disponível “*on line*”, ele está fisicamente em um único servidor e, está também disponível em todos os lugares e passível de acesso desde que haja conexões com a Internet;
2. **Interconexão** – hiperlinks (entre informações, documentos, sites) ‘*linkados*’ por meio dos mecanismos de busca; interconexão entre as pessoas – conversa com várias pessoas (na maioria das vezes estamos falando com pessoas que não conhecemos); conexão entre as pessoas e os documentos; e;
3. Capacidade de **manipular os símbolos automaticamente** (automação da transformação dos símbolos) – software, computação com números, letras, imagens, músicas.

²⁴³ LINARES, 2008, p. 95

²⁴⁴ SENAC. Pierre Lévy no Senac São Paulo: diálogos sobre ciberdemocracia. Disponível em: <<http://www.sp.senac.br/sites/pierrelevy/>> Acesso em 25 abr. 2014.

Ainda, segundo Pierre Lévy, o ambiente é uma grande massa de dados e nós criamos as relações semânticas e as avaliações destes dados e, assim, nos comunicamos neste ambiente comum por algoritmos, os quais nos permitem acessar e transformar esses dados. Envolta destes algoritmos estão as pessoas se comunicando por meio dos dados e, é o banco de dados dos servidores “quem” decide quem vai ter acesso a estes dados. Isto quer dizer que, qualquer equipamento, dispositivos eletrônicos, que estivermos usando estaremos controlando algoritmos que controlam os dados. Assim, as relações estão cada vez mais decididas em níveis de dados, metadados e algoritmos.

Apesar de não termos, de maneira geral, consciência, estamos todos controlando dados. Mas o que aparece na superfície (e é o que interessa à maioria das pessoas, salvo programadores e outros que lidam com sistemas de informação e afins) são os metadados e estes são semânticos, daí dizer que vivemos numa constante “automação da *transformação* dos símbolos” para a qual todas as pessoas, operando um dispositivo eletrônico, estão diretamente gerando os metadados que são, de certa maneira, o meio de lidar, de construir e alimentar uma *memória digital*. Assim, aos poucos vão surgindo também, métodos de controle, de mensuração, de normalização do conteúdo destas memórias. O exemplo popularmente aceito são as *hashtags* (#tag) – no qual “tag” são palavras-chave que caracteriza a relevância do conteúdo que está sendo tratado; antecedendo a esta palavra vem o sinal “#” (cerquilha, jogo da velha). Pois bem, a *hashtag* é um metadado usado nas redes sociais (twitter, Facebook, g+) que, apesar de se considerado com a finalidade de organizar a memória, tem se tornado “um dizer popular” (ex. #partiu#cinema), menos que isso, afinal um dito popular remete a uma moral, no caso da proliferação de *hashtags* remete a lugar algum, não há consenso. Então, onde todos participam na classificação da memória, temos que ter em mente que tal organização de metadados requer responsabilidade, por mais que o ambiente seja uma grande massa de dados e metadados.

Importa que tais dados venham a compor de maneira inteligente a memória coletiva e também das ideias as quais, dentro de um meio digital, podem ser avaliados como gosto ou não gosto, e daí a categorização – metadado semântico – um algoritmo capaz de criar campos de conexões entre esses valores.

Está, assim, nossa sociedade centrada em dados e na sua manipulação, mas não fora sempre assim? O homem que calcula, que conta as pedras, e transforma pedras em

símbolos, seja para louvar, seja para atirar. A diferença reside em que agora, todas as operações que são realizadas pelos homens estão migrando para as máquinas. O homem ganha tempo com isso, mas este tempo continua a se perder em outros tantos fazeres dos quais ele se cerca. A mesma tecnologia que permite ter tempo, ao retirar inúmeras atividades do leque do fazer diário, subtrai este tempo quando rouba a atenção deste homem para futilidades sem fim, haja vista os conteúdos que circulam nas redes sociais. Neste sentido não é a mídia social que perfaz o mesmo caminho das mídias de entretenimento, mas a maneira como nos apropriamos destas tecnologias e quais as finalidades lhes conferimos. Vale lembrar que este “apropriar” está necessariamente atrelado à capacidade cognitiva, todavia, hoje, qualquer pessoa minimamente alfabetizada consegue se comunicar a um custo muito baixo. Bom, mas comunicar não quer dizer apropriar e, também há maneiras e maneiras de se apropriar.

Ainda assim, não é total responsabilidade de seus usuários, até porque é a mídia que define, embora não o determine, o caminho a ser percorrido. Estamos assistindo a esta revolução que leva o tempo da evolução cultural e, ainda não temos parâmetros suficientes para compreendê-la, até porque estamos há uma geração de seu início. É certo, no entanto, que há aumento cognitivo para o ser humano, afinal são tantos os ambientes com os quais temos que lidar. E o ambiente virtual é um meio que requer, assim como os demais, competências. Todavia, as competências aqui requeridas necessitam estar continuamente *atualizadas* com as demandas virtuais que são alteradas sucessivamente. Este é o enfrentamento do ser enquanto presença num *mundo vário*.

Vários ramos se combinam para formar o mundo virtual. Um deles é composto de [*Wet* significa molhado, coberto ou embebido em líquido: logo o neologismo *wetware* seria algo como equipamento feito de, coberto ou embebido em líquido. N. do T.] – tecnologia de computadores, engenhosidade técnica humana e corpos humanos ou seus componentes. Um segundo se enquadra no rótulo de “*software cultural*” das “artes de entretenimento”. Um terceiro diz respeito à noção de transcendência. [...] (HILLIS, 2004, p. 73)

Há cinco características básicas que distingue uma “*mídia digital*” das demais²⁴⁵. Estas oferecem uma definição de mídia digital que a impulsiona nas fronteiras estéticas.

²⁴⁵ PACKER; JORDAM, 2001.

1. **Integração** – hibridismo – constitui a fundamentação da multimídia e de suas práticas. Hibridismo generalizado entre as artes (ex: cinema futurista; Teatro de Bauhaus e a intermídia (nosso interesse)).
2. **Interatividade** – manipulação, experimentação e comunicação com outras mídias – a mídia digital é inteiramente dinâmica e cambiável aqui podemos observar a criatividade no uso de seus recursos (ex: cibernética/1954, a simbiose entre homem e máquina, aumento da inteligência/framework, homem/interface/máquina, ambientes responsivos/1977 requerem tempo real);
3. **Hipermídia** – como nós pensamos – hipertexto²⁴⁶/escrita não-linear, “linkagem”, Hots-pots/Tim Berners-Lee como ícones em documentos áreas “sensíveis” dentro do texto;

[...] *Hypermedia* takes us even closer to the complex interrelatedness of everyday consciousness; it extends hypertext by re-integrating our visual and auditory faculties into textual experience, linking graphic images, sound and video to verbal signs. [...] (LANDOW; DELANY, 2001, p. 231)

4. **Imersão** – simuladores tridimensionais incluem formas arquitetônicas ou geográficas de navegação e;

The transition from real space to cyberspace, from prose to poetry, from fact to fiction, from static to dynamics, from passive to active, from the fixed in all forms to the fluid in its everchanging countenance, is best understood by examining that human effort that combines science and art, the worldly and spiritual, the contingent and the permanent: architecture. (NOVAK, 2001, p. 279)

5. **Narratividade** – formas não lineares de histórias. Arte como solicitação inesperada. A narrativa como desdobramento que se realiza por meio da participação ativa do grupo.

Traditional narratives are being restructured. As result, people feel a greater need to personally participate, in the discovery of values that affect and order their lives, to dissolve the division that separates them from control, freedom; replacing longing, nostalgia and emptiness with sense of identity, purpose and hope. (HERSHMAN, 2001, p. 327)

²⁴⁶ Termo criado por Ted Nelson (1960)

Percebemos que há poucas diferenças entre as características da mídia digital e a “mídia algorítmica” definida por Pierre Lévy.

Em termos de “modo-de-ser” da *presença*, as tecnologias de comunicações virtuais são uma nova forma de „tentar fazer contato’, uma força intermediadora presente na vida cotidiana capaz de por em questão o modo como nos concebemos no mundo como sujeitos *engajados*. “[...] Os ambientes virtuais são uma forma específica de ambiente de comunicações interativas e ajudam a efetivar uma mudança na percepção de nossa relação corporificada com o mundo.”²⁴⁷ No seio destes sujeitos engajados há uma questão: “Por que queremos fazer aquilo que podemos fazer?” Mais uma vez: poder e fazer atrelados a uma voz que o diz. Mas fazer onde e de que modo?

Assim, vamos experienciando, enquanto perfazemos os caminhos, nossos modos de ser, enquanto “presença”, em ambientes híbridos, em realidades recortadas quadro-a-quadro, saltos “*link-a-link*” dos meios de comunicação. Evidente que isso altera nossa identidade, que é cada vez mais múltipla e facetada. As diversas *personas* “[...] um núcleo central do *self* permanece para realizar, ou pelo menos *autorizar*, esse malabarismo com componentes de identidade. [...]”²⁴⁸ Ora, uma parte deste *self*, que é constituído linguisticamente, está hoje sendo forjado nos ambiente *on line* – “Diga-me o que tu curtes e direi quem tu és.” Esta é nova maneira de conhecer o outro, ou melhor, de *pré*-conhecer e também a maneira pela qual o outro se dispõe em ambientes que são puras construções e desconstruções de identidades forjadas, seja do ser, seja da coisa (lugar, objeto móvel, imóvel...). O que importa é a sensação, é o ser afetado e de afetar enquanto o “curtir” determina seus graus.

[...] A correspondência na realidade virtual, não precisa ser com qualquer espaço real da Terra, mas sim com lugares imaginários e com circunstâncias criadas para parecer suficientemente reais mediante um apelo a aspectos da percepção visual que correspondem a gradações na textura das superfícies, e assim por diante. [...] (HILLIS, 2004, p. 29)

Ora, se falamos de movimentos, transformações, evidentemente, dentre as sensações que mais nos afeta é esta, a de estar – num *lugar*. Este lugar que transcende tempo e espaço, que pode, e geralmente o é fugidio e também fixo nas lembranças da memória e que pode ser recuperado em um simples “frame”. Por outro lado,

²⁴⁷ HILLIS, 2004, p. 18.

²⁴⁸ *Idem*, p. 32.

consideremos ainda que, “cada coisa em seu lugar” nos confere parte da sanidade de uma convivência saudável. Aquela, no entanto, nem é sempre possível e, por vezes, nem requerida em ambientes virtuais.

Seja como for, as tecnologias atuam nos lugares nas mais variadas escalas. Elas, enquanto meios de comunicação, os reconstituem e os ressignificam “[...] tornando-os parte deles, conectando-os ou mesmo desarticulando-os. Quanto mais importante for a tecnologia em um determinado lugar, maior é seu potencial para o afeto ou poder transcendente. [...]”²⁴⁹ Em relação aos afetos, os meios e processos audiovisuais encontra nas percepções auditiva, visual e sinestésica – elementos para seu desenvolvimento. Há privilégio destas percepções em detrimento das demais. “A luz produz espaço, distância [e] orientação.”²⁵⁰ Enquanto o “[...] „mundo do ouvido’ é mais „inclusivo e envolvente do que o mundo do olho jamais poderá ser.”²⁵¹

Foge do escopo desta tese e nem é pretendido aqui julgar qual percepção é mais afetada pelos audiovisuais, até mesmo porque numa relação *dialogica* com estes é certo que o corpo como um todo é afetado, afinal as imagens e os sons suscitam lembranças e colocam a memória e a imaginação a trabalhar. Neste sentido os audiovisuais tem a propriedade de ser um “*atualizador*” da memória por mais pontual que for a conexão desta com a realidade. Assim, é que podemos falar da lembrança para com os processos audiovisuais.

Figura 5: Cone de Bergson

²⁴⁹ HILLIS, 2004, p. 82.

²⁵⁰ BLUMENBERG apud HILLIS, 2004, p. 142.

²⁵¹ McLuhan apud HILLIS, 2004, p. 143.

Segundo Bergson, a nossa lembrança: “[...] permanece ligada ao passado por suas raízes profundas, e se, uma vez realizada, ela não sofresse os efeitos de sua virtualidade original, se não fosse, ao mesmo tempo um estado presente, algo que contrasta com o presente, nunca a reconheceríamos como uma lembrança’ [...]”.²⁵² Essa figura do cone é comentada por Bergson da seguinte maneira:

[...] “Se eu represento por um cone *SAB* a totalidade das lembranças acumuladas em minha memória, a base *AB*, assentada no passado, permanece imóvel, ao passo que a vértice *S*, que figura em todos os momentos meu presente, avança sem cessar e sem cessar, também, toca o plano móvel *P* de minha representação atual no universo. Em *S* concentra-se a imagem do corpo; e, fazendo parte do plano *P*, essa imagem limita-se a receber e a devolver as ações emanadas de todas as imagens de que se compõe o plano.” (BERGSON apud BOSI, 1994, p. 48)

Podemos entender por meio da figura acima como se articulam na realidade presente nossa memória e nossa percepção que nunca é “pura” ou desconectada. “[...] Esse esquema busca ilustrar ao mesmo tempo a heterogeneidade das memórias e a maneira como elas se aprestam um apoio mútuo. [...] assim, é a multiplicidade não numérica das lembranças que vem se incorporar no esquema simplificado do cone. [...]”²⁵³ Essa forma de se apresentar da memória é uma atualização que se inscreve numa “liberdade” dentro de determinadas lógicas (desenvolvimentista, de mercado, política...) que as tecnologias de comunicação (*Ge-stell*) têm quanto à manipulação de espaços e tempos. Por outro lado, o modo de conhecer constitui a busca significativa de quem está interessado e também se *dispõe* do que está à mão da sua aplicabilidade. “[...] Somente porque a cura se funda no vigor de ter sido é que a presença, enquanto entelançado, pode existir. [...] Na *disposição*, a própria presença sobrevém-a-si como o ente que, ainda sendo, já foi, ou seja, é contínua e constantemente o ter sido.”²⁵⁴

Visão, cura, ocupação, interpretação, fenômeno, dispositivo... são inúmeras as palavras que nos remetem a *abertura* do ser em sua cotidianidade que, em tomando decisões, fazendo escolhas, *atualiza* situações.

[...] O ser que se abre junto ao que, na situação, está à mão, isto é, o deixar vir ao encontro na ação do que é *vigente* no mundo circundante, só é possível na atualização desse ente. A decisão só pode ser o que é como *atualidade* de uma atualização, ou seja, o deixar vir ao encontro,

²⁵² BERGSON apud RICOEUR, 2007, p. 441.

²⁵³ RICOEUR, 2007, p. 444.

²⁵⁴ HEIDEGGER, 2009, p. 412.

sem deturpações, daquilo que ela capta na ação. (HEIDEGGER, 2009, p. 410)

Trata-se de processos reflexivos para que a escolha aconteça dentro de uma determinada circunvisão e que tem o sentido existencial de uma *atualização*. “[...] Pois o *tornar* atual é somente um modo daquela. Nela, a reflexão visa diretamente às necessidades que não estão à mão. A circunvisão que torna atual não se refere a “meras representações”. [...]”²⁵⁵

Dentro da *conjuntura* heideggeriana, vale lembrar que “*um* instrumento isolado é impossível.”²⁵⁶ Nos vemos assim “à mão” com inúmeros instrumentos cada qual com sua configuração *técnica*. Para esta tese e da maneira como pensamos o arranjo narrativo dentro da poética é de importância salutar observar a raiz da palavra técnica: – *techné* – do grego – um modo de conhecer – diz respeito a dar à luz, produzir, daí sua relação com a “*poiesis*” descrita acima.

Dentro dos termos de *poiesis* das narrativas, das técnicas e dos lugares nos apropriamos dos objetivos da mediatização indicados por Miège, a saber:

- 1- [...] identificar os fenômenos mediatizados pelo intermédio não de numerosas instâncias de mediação social, mas pelo intermédio de médias no sentido específico do conceito;
- 2- [...] a ação de mediatização de conteúdos [...] e a operação prática de aproximar práticas da realização cinematográfica e audiovisual;
- 3- levar em conta tudo o que [...] um dispositivo, interpõe-se entre Eu e Você, Eu e Nós, Nós e Nós, e busca identificar modificações dentro da comunicação;
- 4- a importância da informação produzida e difundida tanto qualitativamente quanto quantitativamente, preocupando-se com a recepção e a relação com os receptores”²⁵⁷

A partir do quadro teórico sobre o ser, o tempo, as narrativas, os lugares e tendo em mente a metodologia colaborativa de pesquisa é que vamos poder responder que as narrativas não morrem, elas *transmutam*, *transversam* em lugares que sempre será de

²⁵⁵ HEIDEGGER, 2009, p.447-448.

²⁵⁶ HEIDEGGER, 2009, p.441.

²⁵⁷ MIÈGE, 2009, p. 83.

memória, quando o homem se reconhece a partir de suas percepções, seus afetos e desafetos. Assim, a posição das mídias digitais são instâncias decisivas em todo o processo narrativo de configuração do lugar e da temporalidade.

[...] Talvez seja necessário acreditar que novas formas de narrativas, que ainda não sabemos nomear, e que já estão nascendo, irão atestar que a função narrativa pode se metamorfosear, mas não morrer. Pois não temos a menor ideia do que seria uma cultura em não se soubesse mais o que significa narrar. (RICOEUR, 2010, p. 50)

Entre a *herança* e a *possibilidade* – Carregada de despojos estranhos (dessignificados) do “passado” a existência *imprópria* busca o “moderno” o “atual”, sem perceber que a interpretação da existência histórica da presença resvala na sombra. À medida que se faz “clarear” por meio da interpretação e da resignificação compreende-se, enquanto compreende o mundo e se põe a caminho, numa busca significativa. “Nesse sentido, o tempo continua sendo a aposta comum à memória-paixão e à recordação-ação.”²⁵⁸

Mas o que fazemos com esta memória-paixão que é recordação? *Deletamos*, *curtimos* ou *compartilhamos*? Ou será que simplesmente “deixamos estar para ver como fica”? Com estas questões em mente vamos nos situar em lugares que estão, a cada dia, transformando toda a forma de se ser e estar. Desses lugares, escolhemos três onde nos aportar, são eles: a rede social – *Facebook*; o canal de vídeos – *Youtube* e; o mapa colaborativo – *Google Engine*

2.3.1. A rede social: Facebook

- *Vc tem face?*

- *Me add.*

²⁵⁸ RICOEUR, 2007, p. 37.

Sedes: [Menlo Park, CA, Estados Unidos](#)
Fundação: 4 de fevereiro de 2004, [Cambridge, Massachusetts, EUA](#)
Presidente: [Mark Zuckerberg](#)
Fundadores: Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz, Eduardo Saverin, Andrew McCollum e Chris Hughes.

O Facebook²⁵⁹ é um site e serviço de rede social²⁶⁰ que foi lançado em 04 de fevereiro de 2004, operado e de propriedade privada da Facebook Inc. Em 04 de outubro de 2012. O nome da rede teve a sua origem a partir do nome do livro que algumas instituições universitárias norte-americanas dispõem aos seus alunos para conhecerem uns aos outros.

O site foi abrindo gradualmente primeiramente para alunos de outras universidades, depois para estudantes do ensino médio e, então para qualquer pessoa com mais de 13 anos de idade. “[...] No entanto, com base em dados de maio de 2011 do ConsumersReports.org, existiam 7,5 milhões de crianças menores de 13 anos com contas no Facebook, violando os termos de serviço do próprio site. [...]”²⁶¹ O Facebook atingiu a marca de **1 bilhão de usuários ativos** e, hoje com mais de 1,19 bilhão de usuários²⁶². O que era para ser apenas um *site* voltado para os alunos de Harvard, EUA, tornou-se, não só a maior rede social mundial como também um dos maiores fenômenos da comunicação e das suas tecnologias, sendo exemplo de *ubiquidade*, *interatividade*, *hipermídia*, *interconexão* e ainda confere ao usuário a possibilidade de *manipular os símbolos automaticamente*.

Um estudo de janeiro de 2009 do *Compete.com* classificou o Facebook como a rede social mais utilizada em todo o mundo por usuários ativos mensais.⁸ A *Entertainment Weekly* incluiu o site na sua lista de "melhores de", dizendo: "Como vivíamos antes de perseguirmos os nossos ex-namorados, lembrarmos dos aniversários dos nossos colegas de trabalho, irritarmos os nossos amigos e jogarmos um jogo empolgante de Scrabulous antes do Facebook?"

²⁵⁹ Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>> Acesso em 22 jun. 2014.

²⁶⁰ “[...] We define social network sites as web-based services that allow individuals to (1) construct a public or semi-public profile within a bounded system, (2) articulate a list of other users with whom they share a connection, and (3) view and traverse their list of connections and those made by others within the system. The nature and nomenclature of these connections may vary from site to site.” (BOYD, 2007, p. 211)

²⁶¹ FACEBOOK, 2014.

²⁶² <http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/facebook-comemora-10-anos-com-retrospectiva-de-usuarios-em-video.html>> Acesso em 22 jun. 2014.

da Internet se tornando o 8º país com o maior número de internautas no mundo. (FACEBOOK, 2014)

O Facebook foi fundamental para o desenvolvimento desta tese em quase todos os seus aspectos. Quando opinamos por desenvolver uma pesquisa colaborativa sobre memória e sua relação com as mídias digitais o primeiro movimento foi saber o que constava sobre Batatuba nesta rede social para ter ideia de qual caminho seguir. Pois bem, logo de início encontramos dois “atalhos” que, estranhamente, levavam à mesma página²⁶³ como relação ao local político geográfico, o que já causa uma “ambiguação” e, além disso, encontramos também outro atalho que nos leva a uma lanchonete em Caraguatatuba homônima, a qual no momento de “*linkar*” (criar conexões) também gera confusão. Vale lembrar que a “página”, ou como se diz no Facebook, a “*page*” é um espaço mais particular, reservado mais para informar/compartilhar às pessoas que o “curtem”. A dinâmica destas páginas é diferente em relação a do grupo e, também, em relação aos “perfis”. Alias todas as ações acontecem a partir de um perfil particular, no caso desta pesquisa e de seus objetivos, o acesso às informações contidas no Facebook se deu a partir do perfil da pesquisadora em questão.

Então entramos a página de Batatuba, enquanto bairro de Piracaia, demos um “curtir” para ter acesso às informações com mais facilidade. Como não tínhamos muito contato em Batatuba, o passo seguinte foi solicitar a amizade de todas as pessoas que “curtiram” aquela página. Havia oito pessoas, das quais duas aceitaram a amizade. O Facebook tem uma particularidade sobre este esquema de “fazer amizades” ou de enviar mensagens a estranhos. Quando solicitamos amizade ou enviamos mensagens a alguém que não temos nenhum ponto em comum, aquela mensagem cai na caixa entrada, porém nem tão visível, como se fosse uma gaveta menor, meio sombreada e logo “atrás” da “oficial”, funciona como um *spam*²⁶⁴ do Facebook. Assim, as duas pessoas que aceitaram a amizade é **porque já tínhamos alguma coisa em comum**. E, estas duas pessoas (Doralice e Francisco), embora não soubessem o que aconteceria a partir dali, foram fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa como se verá mais adiante.

²⁶³ Um atalho que se diz cidade de São Paulo e outro que se coloca como bairro:

<https://www.facebook.com/pages/Batatuba-Sao-Paulo-Brazil/107428975960129?fref=ts>

²⁶⁴ “O termo *spam* pode significar *Sending and Posting Advertisement in Mass*, ou “enviar e postar publicidade em massa”, ou também: **Stupid Pointless Annoying Messages** que significa mensagem ridícula, sem propósito, e irritante. [...]” (SPAM, 2014)

Antes de abrir o Grupo, colocamos a mensagem no perfil da pesquisadora para ter uma prévia de como seria, um ir principiando... Então, criamos o Grupo Aberto (*Open group*): “Batatuba e seus lugares de memória”, cujo objetivo é, tal como está escrito em nossa página disponível em:

<<https://www.facebook.com/groups/540336372680621/>>

Como o uso das mídias digitais interfere na legitimação dos lugares de memórias? Esta é uma questão complexa que não depende apenas do olhar do pesquisador, mas de diferentes olhares, principalmente daqueles que estão diretamente relacionados na produção de seus significados por meio das memórias... mas onde estão estas memórias? Uma das ideias e ideais deste grupo é registrá-las em diferentes meios e conectá-las por redes - não apenas o fb... Vamos explorar ?! Bora!

O Grupo foi criado no início de novembro e conta hoje com 584 membros, dos quais podemos afirmar que ao menos 10% são participativos. As “tags” – palavras-chave deste grupo estão em inglês: *memories, narrative, digital medias*.

Após algumas ações que visavam também o aspecto cultural do bairro foi que criamos (início de março, 2014) a *home page* (página) do “Sarau do Bata”, cuja descrição como está na página é:

Sobre: Acontecimento que celebra a vida na Antiga Vila Operária de Batatuba

Descrição: Sarau do Bata - pra quem é de prosa e de poesia

O homem acorda e segue sua rotina, muitas vezes sem abrir retinas ou cortinas vai passando por uma vida cretina... Mas, a simples pitada disso e daquilo, o desvelar de matizes, nuances, ruídos, odores, dores, asperezas e, é claro, dos amores, dentre outros fatores - vão escancarar para o Ser as surpreendências da vida prosaica e fazê-lo perceber que ela, a vida, é bem melhor quando nela se instala a poesia. Toda poesia é processo de criação - poiesis - que de uma maneira ou de outra alimenta todas as formas de artes e nos permite transcender ao mundo

O Sarau é a apoteose da poesia, é o palco para acontecimentos, foge às regras, às determinações e aos planejamentos. É caminho que se faz ao caminhar. Com algum bom motivo em vista a gente vai. Chamamos os amigos afins, aqueles que curtem as artes de uma maneira geral, aqueles que acordaram e não se contentaram em abrir apenas suas retinas e que, além de abrir as janelas, saltaram ao contexto tão conformado.

O Sarau do Bata é uma manifestação poética do Ser prosaico no lugar.

A home page do “Sarau do Bata” está disponível em:

<https://www.facebook.com/saraudobata?ref_type=bookmark>

- Sobre os recursos do Facebook que utilizamos

1) Mural:

a) Do Grupo: espaço que permite aos membros postar fotos, mensagens, vídeos cujos conteúdos sejam afins com os objetivos do grupo, postagens contrárias são excluídas. Por ser um

Grupo que pretende por meio da interação *reapresentar* o lugar – Batatuba – é um grupo aberto ao público em geral, então: a visualização, os downloads de arquivos, opções de curtir estão liberados para qualquer pessoa. O público é bloqueado para fazer comentários e postagens. Todos os membros do grupo podem adicionar pessoas com liberação do administrador. Os usuários, caso queiram, são notificados de todas as atualizações (aparecem no “*Feed de Notícias*”) assim que estas ocorrem.

b) Da *home page*: enquanto no grupo os membros são adicionados, aqui a interação é a partir do “*like*” – do curtir – para receber as “atualizações” da mesma. Outra diferença é que está não possui “tags” que a conecte com outras páginas. Mas sempre é possível usar a *hashtag* (#tag) em qualquer parte do Facebook.

Neste recurso, como em qualquer outro se obedece à lógica de processamento de dados, ou no dizer de Pierre Lévy, algorítmica. Então, onde todos estão produzindo metadados o mural se assemelha a:

[...] fractal effect and the structuring of a Facebook page is ultimately not decided upon by the user but is constructed by a pre-programmed logic of spatial montage that conjoins disjointed discussion postings in a multifaceted way and is only really meaningful to the user. Hence, it is intensely personal rather than collective and connective. (GARDE-HANSEN, 2009, p.143)

- 2) **Ícone de “curtir”** – é um recurso que permite aos membros expressar se gostaram do conteúdo daquela postagem. Um aspecto curioso é a falta do sinal de negativo do “curtir”. Com isto as pessoas quando não curtem e se desejarem terá que fazer nos comentários o que não lhe agradou. Outro lado do “curtir” é que ele expressa algo positivo e, por vezes o conteúdo tem conotação triste, negativa, desagradável e, mesmo assim, as pessoas “curtem”, o que pode significar que na verdade não se trata se gostou ou não, mas que lhe chamou a atenção.
- 3) **Status** – permite aos membros (no caso do grupo) postar informações (vídeos, fotos e links) que julgue interessante e também compartilhar do

mesmo. No caso da *home page* – só é possível curtir, compartilhar e comentar.

- 4) **Eventos** – em relação ao grupo, este recurso se mostrou limitado porque só o grupo tinha acesso aos eventos que eram, na verdade, abertos ao público em geral. Por isso, optamos por usar este recurso a partir do perfil do usuário que estava de certa forma administrando o evento.
- 5) **Facebook Móvel** – embora não tenhamos explorado tanto quanto possível este recurso (em Batatuba o sinal para celulares não está disponível, não há cobertura de nenhuma operadora, salvo agora nos últimos meses a Nextel está operando), sem dúvida trata-se de um recurso fundamental em termos de localização geográfica dos acontecimentos e não só, uma vez que, junto a estes pontos georeferenciamos as atividades com fotos, vídeos e já compartilhamos, causando as devidas interações.
- 6) **Facebook Messenger** – Este recurso foi indispensável no estabelecimento de contatos de maneira mais particular. Muitas narrativas se desenvolveram a partir deste recurso. As pessoas que não se sentem a vontade para trazer assunto para o Grupo, chamam no “chat” e a conversa se desenvolve.

Nota-se que o “curtir” e os comentários sobre as postagens somados às *atualizações* de *status* dizem da dinâmica de participação e do envolvimento dos membros em relação aos objetivos do grupo. Todos os recursos acima podem ser resumidos em duas palavras de ordem: “curtir” e “compartilhar”. Como se trata de dinâmicas aceleradas, muitas vezes o que é compartilhado não condiz com o que realmente é – não há tempo para verificar autorias, legitimidades de informações – daí muitas versões, distorções que geram ondas de desconfiança. No que diz respeito ao grupo e a *home page* há todo o tempo todo um cuidado (moderação) em relação ao que vai no *feed* de notícias.

No sentido da moderação, também os membros vão pontuando e conduzindo outras postagens e conectando também a outras pessoas, adicionando-as, outros links, outros grupos, neste caso o “Batatuba e seus lugares de memória” participa também do “Piracaia tem histórias” e assim contribui para *comutar* conteúdos da história e da memória. No trabalho de rememoração há uma memória crítica devido à interação.

[...] É que, para vir a completar a percepção, as recordações precisam ser tornadas possíveis pela fisionomia dos dados. Antes de qualquer contribuição da memória, aquilo que é visto deve presentemente organizar-se de modo a oferecer-me um quadro em que eu possa reconhecer minhas experiências anteriores. [...] (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 44)

O reconhecimento como dizíamos, o complemento da recordação pelo qual somos remetidos à lembrança, o *recognizing* (cognição e o esforço realizado) de uma “memória bem-sucedida”, ato de “fazer memória”, ou de “entrar para memória” está diretamente relacionado ao poder, às capacidades e competências do “eu posso”. Com isso em mente e os recursos disponíveis na rede social foi que começamos a desenvolver atividades mnemônicas a partir do Facebook com a inserção constante de fotografias, vídeos e informações sobre o bairro e de seu idealizador Jan Antonín Bata.

O fato de estar numa rede “desenhada” desde o princípio como uma plataforma de fazer e conhecer amigos conferiu a *circunvisão* preconizada por Heidegger, deixando e fazendo vir ao encontro, permitindo ser atingido a partir da *disposição*. Importante ressaltar aqui que esta “permissão” é consciente dos riscos desta abertura, e por isso mesmo desde o início se esclareceu as intenções do grupo e o seu viés acadêmico.

[...] Ora, o ente pode-se mostrar a si mesmo de várias maneiras, segundo sua via e modo de acesso. Há até a possibilidade de um ente mostrar-se como aquilo que, em si mesmo, ele *não é*. Neste modo de mostra-se, o ente „se faz ver como...’ Chamamos de *aparecer, parecer* e *aparência* (*Scheinen*) a esse modo de mostrar-se.[...]. (HEIDEGGER, 2009, p. 67)

Em termos de protagonização dos membros do grupo em relação às suas lembranças veremos mais adiante suas consequências, por ora, cabe-nos verificar como isso aconteceu. A verificação neste sentido se deu entre aquilo que Heidegger chama de *condição histórica* e o que Ricoeur denomina de *consciência histórica* e, se existe um elo entre estas duas manifestações, ele está nas narrativas representativas das memórias que lembram. A questão é como estas narrativas são imbricadas em redes sociais e, já que estas são tão fugidias, como fica o lugar de memória? Assim, o grupo que criamos se constitui num diálogo entre o meio físico real do lugar e o meio digital, virtual sempre necessitado de *atualizações*. Diante desta proposição afirmamos que o Facebook “funcionou” como uma evocação/*apelo* no sentido heideggeriano do termo.

As imagens postadas no Facebook tiveram este caráter de chamar, enquanto mostra, de reapresentar algo que estava esquecido. Trazer à tona o passado numa mídia atual. A *Imagem-lembrança*, “[...] traz à tona da consciência um momento único, singular, não repetido, irreversível, da vida. Daí também o caráter não mecânico, mas evocativo, do seu aparecimento por via da memória. [...]”²⁶⁵ Por via da memória quer dizer que, a *memória trabalhou* – fez o esforço de lembrar, como naqueles momentos que elevamos a mão até as têmporas, fechamos as retinas e falamos “como era mesmo?” “ah sim, claro!” E, então retornamos de posse daquela bagagem que é unicamente nossa, todavia transpassada e permeada por outras existências. E como sabemos? Sabemos, porque contamos “nossas coisas”, nos expomos, enunciamos, narramos. Mas quem ouve? No caso do Facebook, quem lê/assiste? Quantos recortes/edições fazemos antes de nos pronunciar/postar?

Com a telemática pós-nacional, a narrativa fica no caminho dos dados, e o ciberespaço se torna a nova metáfora espacial quanto ao verdadeiro sítio do poder global – poder pelo qual qualquer solitário viciado em tecnologia poderia pensar em desistir de seu corpo em troca de uma dose de comunhão, mediante um cabo de fibra ótica, com “aquele lugar”. [...] (HILLIS, 2004, p. 62)

A necessidade de se relacionar é intrínseca ao ser humano e em seus modos de narrar – a “arte de intercambiar experiências”²⁶⁶, daí a preocupação caso essa experiência deixasse de ser compartilhadas porque não haveria quem ouvisse; conselhos deixando de ser proferidos. Certo que no “compartilhar” do Facebook, por mais “rasa” que se seja a experiência (se é que isso existe) está embutida a necessidade de mostrar quais experiências se está vivendo naquele exato momento. Esta é a mídia do agora, do presente fragmentado e fugidio rolando numa tela. Então, se faz necessário que seus usuários desenvolvam, de acordo seus perfis/desejos, competências para selecionar o que convém aparecer em seus *feeds* de notícias, caso contrário, aquilo que de repente poderia ser importante se perde na avalanche das postagens. Paralela à vontade de se expressar, está a necessidade de guardar, arquivar o que se produziu. Neste sentido o Facebook ainda tem muito que explorar, seu esquema de arquivamento é falho, não é uma mídia para a memória guardada, mas pra memória *reapresentada* – assim torna inédito o que outrora representou algo significativo. “[...] Assim, faz-se a provisão de

²⁶⁵ BOSI, 1994, p. 49.

²⁶⁶ BENJAMIN, 1994, p. 200.

lembranças para os dias vindouros, para o tempo dedicado às lembranças... Mas a forma canônica do *Reminiscing* é a conversação sob o regime da oralidade [...]"²⁶⁷

Diante da *reminiscing* que requer a oralidade e, de uma mídia que requer para si toda a atenção numa a conversação diante da tela, seja de que dispositivo for, vamos retomar aquele ser que é o ser *entre* transitando por espaços híbridos e permitir a interdependência das ações mnemônicas, nesta pesquisa, até mesmo porque nenhuma mídia basta a si própria.

In our fast-paced world of work and play, such sites appear to ensure that personal and collective memories are maintained and preserved. However, these memories are juxtaposed with the global and corporate-designed systems the project them as well as being crafted in rule-bound and homogenous ways despite the addition of applications to enhance a user's profile. (GARDE-HANSEN, 2009, p. 136-137)

Enquanto dispositivo, a rede social Facebook também sofre modificações em si por parte de seus usuários que quebram e desafiam sua arquitetura de dados, mas não só, os internautas o atravessam com suas condutas e seus documentos pessoais ressignificando-o. Isso tem a ver com a “*consignação*” definida por Derrida, como cita Garde-Hansen:

Facebook does not only consign in the sense of providing a home to users who wish to dwell there, but it con-signs, brings together signs. „*Consignation*‘ says Derrida’s aims to co-ordinate a single corpus, in a system or a synchrony in which all the elements articulate the unity of an ideal configuration’. (GARDE-HANSEN, 2009, p. 138)

Por serem tão fugidias as postagens, mesmo as que levam algum tipo marcação, a ordem de arquivamento é comprometida a partir de sua busca, porque não há uma taxonomia adequada. Talvez arquivar não seja o “negócio” da rede que está mais para a evocação. E foi, exatamente, neste sentido que usamos o dispositivo Facebook objetivando uma *consciência histórica*, em termo ricoeurianos.

In the new media ecology, Garde-Hansen argues that memory should be understood as mediated, networked and digital after having been considered in terms of its dynamic relationship between the personal and the collective (149). The creative use of images in social networks provides, therefore, the perfect metaphor to understand “connected memory” as a new form of memory, since entire histories of families are compiled and uploaded in social networks and shared and viewed in each other’s newsfeeds. (GARDE-HANSEN, 2011, p. 3)

²⁶⁷ RICOEUR, 2007, p. 38.

Estamos sempre a pensar uma mídia em detrimento de outra, fazendo comparações, sobrepondo, excluindo uma em virtude de outra. Mas a verdade é que transitamos entre uma e outra e, claro, nos detemos mais naquela que nos diz mais, que se aproxima tocando o que de certa maneira já está disposto a ser tocado, dando respostas ou dialogando. Assim, como é possível cada qual situar sua própria temporalidade na sequência de gerações, com a ajuda mais ou menos de certos recursos.

Anterior à rede social está a rede de associações que “[...] surge, em primeiro lugar, como resposta à necessidade de ordem, que cada indivíduo tem, para estabelecer relações significantes entre a enorme variedade de fenômenos. [...]” (TUAN, 1980, p. 21) Dentro desta rede associações, sem dúvida é a *imagem-vestígio*, o efeito-signo.

A imagem é ao mesmo tempo o instrumento da força, o meio da potência e sua constituição enquanto poder. Desde a “hóstia real”, a hóstia que carrega em si, não só a figura de Cristo, mas o próprio corpo (transubstanciação para os católicos). Então, a imagem é um efeito de força que articula um discurso, imaginário cujo nome é poder; articula uma “justiça” no sentido de se fazer crer. Ou seja, uma imagem existe para se fazer crer e, à medida que se crê, ela é operante do “poder”. Em outras palavras, o círculo do fazer acreditar que traz à tona, além da visibilidade icônica, a sua potência discursiva. Deste conjunto temos o efeito da representação, todavia, toda grandeza tem seu grau/natureza de visibilidade e destas provêm as estratégias argumentativas destinadas a justificar ações para alcançar a reapresentação das narrativas singulares e, assim constituir a narrativa transversal.

Na história local, onde parte dos saberes não está formalizada, a criação do Grupo “*Batatuba e seus lugares de memória*” na rede social Facebook está possibilitando a início de uma organização da informação socialmente produzida – formal e informal. O recurso imagístico foi fundamental, como veremos na Parte – 3, na compreensão de Batatuba enquanto um lugar de memória e que por isso cambia espaços e tempos. “[...] Essencialmente virtual, o passado só pode ser apreendido por nós como passado quando seguimos e adotamos o movimento pelo qual ele desabrocha em imagens presentes, que emergem das trevas para a claridade. [...]”²⁶⁸

²⁶⁸ RICOEUR, 2007, p. 68.

2.3.2. YouTube...

YouTube é um site que permite aos seus usuários carregar (upload) e compartilhar (shared) vídeos em formato digital. Foi fundado por três pioneiros do PayPal, um famoso site da Internet ligado a gerenciamento de fundos.

Fundação: 14 de fevereiro de 2005

San Mateo, Califórnia, EUA

Presidente: Susan Wojcicki

Fundadores: Chad Hurley, Steven Chen, Jawed Karim

YouTube²⁶⁹ do inglês *you: você* e *tube - tubo*, gíria utilizada para designar *televisão*; *You television* = “você televisa”, “você transmite”, “você na tela”. Trata-se de um site que hospeda uma grande variedade de filmes, vídeos e materiais audiovisuais caseiros. O material encontrado no YouTube pode ser compartilhado

²⁶⁹As informações a seguir foram extraídas da Wikipedia, disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube> e constam desta tese com alterações para facilitar a leitura e também evitando, quando possível, termos técnicos que não fazem parte do escopo da compreensão aqui apresentada.

em *blogs* e *sites*, pessoais ou não, por meio de seus aplicativos (APIs). Em 2006 o Google adquiriu o YouTube pela quantia de US\$1,65 bilhão em ações.

A tecnologia de reprodução dos vídeos do YouTube é baseada no “Adobe Flash Player”, que permite que o site exiba os vídeos com qualidade comparável as tecnologias estabelecidas no mercado, dentre eles o “*Windows Media Player*”²⁷⁰, recurso este usado amplamente nesta pesquisa para a edição dos vídeos.

Os usuários podem assistir aos vídeos no modo janela ou tela cheia, e é possível trocar entre os modos no meio da reprodução sem a necessidade de recarregar de novo o vídeo por causa da função *full-screen* do Adobe Flash Player. Os vídeos enviados ao YouTube estão limitados a quinze minutos e arquivos de no máximo de 2 Gb. Esse limite de duração foi introduzido em Março de 2006, quando o YouTube descobriu que a maioria dos vídeos excedendo esse limite eram *uploads* de programas de televisão e vídeos não autorizados. Contudo, o site aceita o envio de filmes na maioria dos formatos (.wmv, .avi, .mov, mpeg, .mp4, DivX, FLV, .ogg).

Desde abril de 2011, todos os vídeos carregados para o site são convertidos para WebM que é “[...] a estrutura de um arquivo, funcionando como contentor, ou container, onde estão contidos *streams* de formatos de vídeo e áudio. [...]” (WebM, 2014) O *stream*, por sua vez, pode ser definido como “[...] um fluxo de dados em um sistema computacional. Quando um arquivo é aberto para edição, todo ele ou parte dele fica na memória, permitindo assim alterações, por isto somente quando ele é fechado, tem-se a garantia de que nenhum dado se perderá ou será danificado.” (STREAM, 2014)

Quanto à **qualidade** dos vídeos o padrão é em *Flash* com 320x240 pixels. Em março de 2008 o YouTube lançou a opção de ver alguns de seus vídeos em formato “*High Quality*” – HD. O YouTube decide quais vídeos são capazes de melhorar a qualidade baseado no padrão do *upload* original, mas o usuário decide se aceita ou não tal a versão. Embora os vídeos tenham um padrão de qualidade automático, variando entre 240p a 360p, esta qualidade pode ser estendida, hoje, até 720hd e 1080hd, porém este último não é recomendado porque compromete a velocidade de carregamento do

²⁷⁰ “O Windows Media Player (WMP) é um programa reprodutor de mídia digital, ou seja, áudio e vídeo em computadores pessoais. Produzido pela Microsoft, está disponível gratuitamente para Microsoft Windows, além de outras plataformas, como, Pocket PC, e Mac OS, mas estes com menos recursos do que a versão para Windows oferece, além de menor frequência de lançamento de novas versões e suporte a uma quantidade menor de tipos de arquivo.” (WINDOWS MEDIA PLAYER, 2014)

mesmo. E, por este motivo o YouTube não considera aquele a melhor opção para visualização, mantendo uma configuração com padrão mais baixo.

Quando perguntado por que YouTube não escolheu o formato HD, o site respondeu: “Nossa filosofia geral é ter certeza que a maior quantidade possível de pessoas tenham acesso ao YouTube e que os vídeos comecem rápido e tenham uma reprodução tranquila. Essa é uma razão para você não nos ver correndo para nos chamar de ‘Super Duper YouTube HD’, porque a maioria das pessoas não querem esperar um longo tempo para o vídeo começar. (YOUTUBE, 2014)

Acessibilidade do conteúdo:

- a. **no YouTube:** aceita arquivos de vídeo com formatos comuns e os converte para vídeos em *Flash* tornando-os disponíveis *online*;
- b. **fora do YouTube:** cada vídeo do YouTube é acompanhado de um “pedaço” de HTML *markup* que pode ser usado para fazer a ligação com o vídeo ou embed²⁷¹, em uma página fora do site do YouTube, a menos que o usuário que fez o upload **do vídeo escolha** desabilitar esse recurso. Uma pequena alteração no *markup* permite que o vídeo comece a reprodução quando a página carrega. Essa opção é especialmente popular em usuários **das redes sociais**. Os vídeos do YouTube podem também ser acedidos por um *gadget* que está disponível na página iGoogle. Embora, os vídeos do YouTube não possam ser visualizados *offline*, há alguns sites/aplicativos (incluindo o *Free Download Manager*) e extensões para navegadores (como extensões para o Firefox) que permitem o *download* dos vídeos.
- c. **Em telefonia móvel:** lançado em seu site mobile, YouTube Mobile, em 15 de junho de 2007 é baseado em xHTML e usa vídeos 3GP com codec H.263/AMR e streaming RTSP.
- d. **Na televisão:** O “*YouTube TV Channel*” começou a ser exibido na “*Information TV*” 2 em 2008.
- e. **Na Apple TV, iPhone e iPod touch**

²⁷¹ Um tipo de *tag* HTML para *media*, áudio e vídeo, por exemplo, uma música pode tocar, quando uma página é exibida, assim, podem-se inserir arquivos de som dentro de um documento HTML.

Em junho de 2008 o YouTube lançou uma versão beta para testes do recurso Anotações, que mostraria notas ou links dentro do vídeo. As Anotações vão permitir que informações sejam adicionadas ao vídeo, por exemplo histórias com múltiplas possibilidades (usuários clicam para escolher a próxima cena), e links para outros vídeos do YouTube. Antes do lançamento do YouTube em 2005, havia poucos métodos simples disponíveis aos usuários comuns da mídias que queriam colocar seus vídeos na Internet. Com sua interface de fácil uso, o YouTube tornou possível a qualquer pessoa postar na Internet seus vídeos. “A grande variedade de tópicos cobertos pelo YouTube tornou o compartilhamento de vídeo uma das mais importantes partes da cultura da Internet.” (YOUTUBE, 2014)

Diante deste quadro evolutivo desde seu surgimento, podemos dizer que o YouTube é um ambiente, assim como o Facebook, em constante mudanças devido, dentre outros motivos, às interações por parte dos internautas, isto porque as práticas investidas tanto em uma como em outra mídia, são práticas sociais e que têm a ver com as identidades.

YouTube is symptomatic of a changing media environment, but it is one where the practices and identities associated with culture production and consumption, commercial and non-commercial enterprise, and professionalism and amateurism interact and converge in new ways (BURGESS; GREEN apud MIELI, 2011, p. 55)

Mais uma vez, estamos diante de um dispositivo que, como tal, está para as aberturas e, portanto, desencadear de processos, sejam a nível pessoal, seja ou de grupo. Junto a estes dispositivos soma se a cultura do *Open Source*, também organizada em redes, o Linux é um destes exemplos que desenvolve soluções voluntariamente. Neste sentido, o YouTube é uma mídia digital e como tal possui aquelas características já conceituadas acima, mas que vale retomá-las sem especificar, sejam elas: integração; interatividade; hipermídia; ubiquidade; interconexão e; manipulação de símbolos automaticamente.

Cada vez mais estamos nos imergindo, este é o termo quando não temos consciência dos ambientes onde estamos nos envolvendo. Fazer parte, sem ter noção, ainda que minimamente, do todo. É o *ser-em* que nos dizia Heidegger. O YouTube é um ambiente, não tão carregado de chamativos como o Facebook, mas com certeza traz seus apelos e nos envolve com um vídeo chamando outros, ao término de um, outros 10 já se apresentam como opção. E opção é o que não falta. Crie o canal, a sua *playlist* também de maneira organizada atribuindo-lhes nomes, descrições, *tags*, compartilhe a

playlist em suas redes sociais, faça *upload* de seus vídeos, ou *download*, seja a partir de um micro, de um dispositivo móvel, ou então edite seus vídeos dentro do próprio YouTube que lhe fornece todas as “ferramentas” para as edições. De fato, cada vez mais esta tecnologia de vídeos aberta e tão “à mão”, tanto aos profissionais como aos amadores, é uma potente incubadora de novos talentos e funciona também na retroalimentação da indústria cultural do audiovisual. Certo que, tudo demanda o tempo de alimentar as habilidades dos usuários e reconfigurar suas capacidades para lidar com toda a complexidade das camadas que envolvem um audiovisual (camadas/*tracks* de áudios e vídeos). Mas, ao término de uma edição e da subida do vídeo, contando a porcentagem do carregamento, enfim... ei-lo no ar, *disponível* ao mundo.

Por isso, alguns festivais audiovisuais já foram promovidos para dar destaque a conteúdos e estimular a sua produção. O YouTube Awards, por exemplo, foi uma tentativa de dar reconhecimento oficial aos vídeos; ocorreu em 2007 e 2008, premiando, a partir das votações da comunidade, as seguintes categorias: mais adorável, comédia, comentário, criativo, inspiracional, música do ano e séries (em 2007), acrescentando-se, no ano seguinte, as categorias: testemunha ocular, instrucional, político, filme curto e esportes. (MIELI, 2011, p. 55-56)

Logo após criar o perfil do grupo “Batatuba e seus lugares de memória” na rede social Facebook e, estando a colher as narrativas de moradores do bairro estabelecemos parcerias com o CRAS – Centro de Referência da Assistência Social de Piracaia e também com o “Trailer do Marcão” (local onde ocorrem os Saraus do Bata). As narrativas foram todas captadas em vídeo e áudio seguidas de edições por meio do programa “*movie maker*”. Ao todo foram captadas imagens audiovisuais de 20 pessoas, compreendendo pelo menos 60 horas de narrativas (tempo médio de cada narrativa de 3 horas). Este trabalho de edição pode ser verificado em nossa *playlist* “Revelando Batatuba” – que pretende se tornar uma web-serie e do qual falaremos a respeito no próximo capítulo. Os 13 vídeos que enviamos para o site do YouTube estão todos disponíveis em *full* HD e perfaz o total de 1hora e 35minutos. Estes vídeos foram apresentados à comunidade de Batatuba em sessão única por duas horas com explicações sobre cada vídeo.

Compete-nos abrir parênteses agora e tratar um pouco da metodologia com a qual lidamos com esta complexidade (memória/narrativas/dispositivos) como se apresentou o objeto. Neste sentido, fomos buscar na “metodologia colaborativa de pesquisa”²⁷² os aportes necessários na construção da *narrativa transversal*. Se pudéssemos desenhar como a metodologia configura a pesquisa, ele a apresentaria intrinsecamente ao objeto permeando todas as suas camadas, fugindo do pensamento linear do primeiro isso para depois aquilo. E este, é o motivo, pelo qual a [metodologia] estamos mencionando neste momento (no meio da escrita, no “entre”); porque no momento das edições e, mais precisamente, nas apresentações dos vídeos, foi que pudemos perceber o desenho da narrativa transversal se formando nos comentários das pessoas que assistiam e se viam na tela de um projetor numa sala que fora construída há, aproximadamente, 70 anos para ser o “Cinema de Batatuba”.

Em suas vozes colhidas e recortadas para formar o arranjo narrativo a ser apresentado, encontramos a interpretação compreendida numa circunvisão do

²⁷² “O termo colaborativo indica um trabalho (ou a participação em obra científica) em comum com uma ou mais pessoas de diferentes procedências acadêmicas e profissionais. Nesse sentido, a metodologia colaborativa, nos termos propostos, incorpora ao fazer científico a complexidade do “tecido em conjunto”; os conceitos e princípios da transdisciplinaridade, dos saberes plurais e dos intersaberes.” (PASCHOAL, 2009, p. 48)

enunciado, aquela que Heidegger chama de *hermenêutico-existencial*. Consideramos as *transições temporais* das línguas naturais, conforme os eixos:

Situação de locução (tensão/engajamento/distanciamento); *Perspectiva de locução* (mundo narrado e mundo comentado) e; *Realçamento* (constante uso do pretérito perfeito). Entenderemos melhor estas transições temporais dentro do contexto da *consciência histórica* que apresentaremos no capítulo seguinte.

Quando essas pessoas estão conectadas em rede, podem ter um impacto enorme na política e na cultura, na economia e no desenvolvimento, atingindo metas anteriormente conquistadas apenas por grandes organizações profissionais. É por isso que a tecnologia desempenha um papel extremamente valioso nesse movimento, que são as redes digitais e o barateamento de equipamentos. O que ocorreu na astronomia ou na música, também ocorre no campo audiovisual, quando vemos inúmeros videomakers emergindo, divulgando seus trabalhos no YouTube, com produtos de qualidade profissional (não somente no que se refere à criatividade, mas também às próprias técnicas de produção). (MIELI, 2011, p. 55-56)

Quem sabe o que falar e diante de quem se deve e pode falar e, principalmente, o momento de calar é aquele que produz o discurso da “memória feliz” segura que pode ser compartilhada, porque as palavras são sementes e, se soltas ao vento, quem sabe onde vão germinar?

[...] Do papel do testemunho dos outros na recordação da lembrança passa-se assim gradativamente aos papéis das lembranças que temos enquanto membros de um grupo; elas exigem de nós um deslocamento de ponto de vista do qual somos eminentemente capazes. Temos, assim, acesso a acontecimentos reconstruídos para nós por outros que não nós. Portanto, é por seu lugar num conjunto que os outros se definem. [...] (RICOEUR, 2007, p. 131)

Não há como e nem porque ser exaustivo na tentativa de descrever a memória comum a todos os membros de um grupo a partir de suas lembranças. A redução e enquadramentos são necessários, porque à sombra daquilo que não é compartilhado descansa também partes da memória. O sentido “[...] do que aconteceu não é determinado de uma vez por toda; além de os acontecimentos do passado poderem ser contados e interpretados de outra forma, a carga moral vinculada à relação de dívida para com o passado pode se tornar mais pesada ou mais leve. [...]”²⁷³

²⁷³ RICOEUR, 2007, p. 392.

Trata-se aqui de uma repercussão do futuro sobre o passado. O audiovisual tem papel fundamental no voltar, na imaginação, a qualquer momento do passado como tendo sido presente e tendo sido vivido por outras pessoas nas condições de seus presentes naqueles passados e com suas expectativas naquele presente. Pessoas sujeitas, tanto quanto nós, a iniciativas, a projeções, e também retrospecções.

A interpretação é uma questão de compreender como a forma ou organização do audiovisual transmite significados e valores. A crença depende de como reagimos a estes significados, ressignificando-os. Sobre as questões éticas que permeiam as representações e rerepresentações falaremos no tópico seguinte, porque trabalhar com imagem de pessoas requer cuidado, no sentido heideggeriano do termo, de curar, de apurar lembranças no cadinho do *lugar*. Sustentar um argumento sobre o mundo histórico, eis a lógica de um documentário, “um acontecimento recontado torna-se uma história resgatada.”²⁷⁴ Fomos alertados, em relação ao termo “resgate”. E, realmente não resgatamos lembranças, mas paramos para ouvi-las, prestar atenção onde aquelas se inscrevem no tecido vivo da história, nos engajamos à elas em busca de maneiras de reapresenta-las, agindo em função de um enredo.

Assim, o YouTube somado ao Facebook com toda as suas versalidades tecnológicas foram instâncias dentro do contexto desta pesquisa, conferindo uma lógica organizadora, seleção/arranjo de imagens e de sons, onde o valor/efeito-signo está inserido na perspectiva tanto de quem ouve como de quem narra – disposição/elocução. O desafio da persuasão consiste no uso da lógica dentro de uma *poética narrativa* e do uso de metáforas – “[...] maneira, muitas vezes, mais significativa e persuasiva de nos convencer do mérito de um ponto de vista em relação aos outros.”²⁷⁵ O “como assim” é próprio do ser “entre” que constrói suas dimensões na existência e na temporalidade.

Estas dimensões no chegaram por meio das narrativas, e dentro da nossa circunvisão, avistamos o “*Google Map Engine*” para principiar a *dimensão comum* de experiência narrativa.

²⁷⁴ NICHOLS, 2005, p. 59.

²⁷⁵ NICHOLS, 2005, p. 109.

2.3.3. Google Map Engine

- *Você entende?*

- *Sim.*

- *O que você entendeu?*

- *Que tudo tá no Google.*

Google App Engine é uma plataforma de computação em nuvem para desenvolver e hospedar aplicações web na infraestrutura do Google. Foi inicialmente lançado como versão preliminar (beta) em Abril de 2008.

Muito diferente das outras duas tecnologias que estão sendo usadas massivamente por todos e registrando tudo por toda parte, nossa pesquisa foi aportar nesta como uma forma de obter um registro mais apurado. Uma maneira de reapresentar o já representado. Constituir assim a metamemória por meio dos metadados. Também um meio de visualização do *lugar* onde tudo se deu. Gostaríamos de ressaltar como encontramos o *Google Engine*, até então desconhecíamos esta tecnologia.

O certo que desde o início desta pesquisa queríamos trabalhar com os mapas colaborativos. Assim, com o desejo partimos em *busca* deste “mecanismo”.

O conhecimento e as práticas tecidas em redes sociais sobre temas históricos alimentam o capital social local ao colocar em cena o discurso extraoficial (como vimos nas conceitualizações acima e, como veremos na prática no capítulo seguinte), ao mesmo tempo em que, favorece a reapresentação da memória e a constituição do lugar, da produção da vida e de suas possibilidades. “[...] São modos de apropriação que constroem o ser humano e criam a identidade que se realiza pela mediação do outro. (sujeito da relação).”²⁷⁶ E como diz Soja:

[...] O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto da translação, da transformação e da experiência sociais.
O espaço socialmente produzido é uma estrutura criada, comparável a outras construções sociais resultantes da transformação de determinadas condições inerentes ao estar vivo. [...] (SOJA, 1993, p. 101-102)

Há diversos modos de se representar este *espaço socialmente produzido*, mas, pensamos que, hoje uma das melhores formas de reapresentação está nas propostas dos mapas colaborativos ou coletivos. Nestes podemos perceber o alcance de ações e os níveis de pertencimento e, ainda no caso desta pesquisa, como as narrativas singulares vão formar ou sustentar a narrativa transversal.

Em nossas buscas encontramos estas duas plataformas e nos detemos nelas por algum tempo. O *Mapa Coletivo*, disponível em:

<http://www.mapascoletivos.com.br/reports/view/296>, parecia-nos bastante viável no início, como o tempo, porém não nos era mais possível anexar os “hotspots” sem que o mapa todo se movesse. A plataforma passou por um tempo de atualização e melhoria dos serviços, mas ainda não respondia às necessidades do Grupo. Nessa mesma época nos aventuramos no *Mapa Colaborativo*, disponível em: <http://wikimapia.org/#lat=-23.4499945&lon=-46.6658&z=10&l=9&m=b&show=/6555834/Piracaia>. Este, todavia tem uma conotação mais mercadológica, o que, definitivamente não é o caso do Grupo.

O Google Earth parecia bem interessante, mas havia dificuldades em anexar as informações. Seguindo uma intuição de que o caminho seria por aí, passamos a pesquisa mais sobre o “como” proceder, até que então encontramos um vídeo tutorial do Google Earth que explicava o uso das ferramentas cartográficas do Google: Google Maps, Google Earth e Google Engine. Quando em um dado momento do vídeo se falou em “storytelling”, pensamos, é este o recurso que vai responder à demanda espacial da

²⁷⁶ CARLOS, 2001, p. 13.

pesquisa. Imediatamente nos colocamos a entender este dispositivo. Vale lembrar aqui que, muito há que ser feito, afinal este aporte nos chegou num momento adiantado (em termos de tempo) da pesquisa. Mas, acreditamos que os mapas conceituais, os mapas complexos respondem à questão de método de investidas, de engajamento, de pertencimento, de situação de lugar de memória, portando o “campo é vasto”.

O Google App Engine²⁷⁷ é uma tecnologia no modelo “plataforma como serviço”. Ele virtualiza aplicações em múltiplos servidores, provendo *hardware*, conectividade, sistema operacional e serviços de *software*. O Google App Engine pode ser usado gratuitamente até um determinado nível de consumo de recursos, no caso desta pesquisa, estamos usando o **Google Engine Lite** que é gratuito até três camadas, a partir daí, tarifas adicionais são cobradas pelo consumo de recursos (armazenamento, banda de rede, ciclos de CPU, etc.) da aplicação.

Nosso mapa colaborativo “Batatuba: Lugares de memória” é formado por três camadas, cada qual com 13 pontos referenciais, a saber: Camada 1 – de vídeos “Revelando Batatuba em vídeos”; Camada 2 – Batatuba: imagens antigas e atuais; Camada três: Linhas narrativas singulares e a linha da Narrativa Transversal.

²⁷⁷ Disponível em: < http://pt.wikipedia.org/wiki/Google_App_Engine > Acesso em: 29 jul 2014.

A grande vantagem deste Mapa é que ele por ser produto Google, participa da *ubiquidade, interatividade, hipermídia e interconexão* que esta tecnologia da informação e comunicação confere aos seus usuários. Nosso mapa pode ser acessado/visualizado por qualquer pessoa que possua o link:

<<https://mapsengine.google.com/map/edit?mid=zoOdRe35JpAl.kbTDOu4ipoi4>>. Para ser colaborador é necessário ter conta no Google e ser convidado. Ainda não temos todas as pessoas responsáveis pelos pontos, mas a ideia está a caminho enquanto as ações mnemônicas continuam a acontecer.

Tecnologicamente a humanidade tem as melhores condições hoje para chegar ao conhecimento. Hoje temos o Google e “enquadramos” em dados e metadados sistemas de lugares e de datação ao mesmo tempo em que objetos que dialogam combinam “saberes” e perspectivas. “Colocar no mapa” é uma resposta para o “*joga no Google*”. Acreditamos que este, é um dos exercícios de memória em tempos de redes sociais e de Google – “Próteses contemporâneas das lembranças”.

Se antes dizíamos: “para todas as coisas, dicionário”, hoje dizemos: “Joga no Google”. Seu princípio animador é ser o grande indicador de onde você encontrará o que precisa, ou o que ele “pensa” que você precisa, dentro de uma lógica associativa de mecanismos de busca. Assim, o Google utiliza apenas os *links* cujos conteúdos em si estão em outros portais. E, para completar, estamos vivendo uma época singular em que os objetos já nascem digitais. São formados por níveis de abstração – “*tudo o que é abstrato se constrói no ar.*”²⁷⁸ – Ora tanto desconstruímos (desmanchamos) construímos a partir de um único ponto – nossa inteligência – este dom de ligar “lê com crê” desde a nossa infância.

A comunicabilidade (inteligência) de uma imagem singular é um fato de grande significação ontológica, uma “fenomenologia da imaginação”. Nela se instala a poética, uma forma especial de construção da alma numa presença, tecendo em meios e pelos meios dos quais se apropria e protagoniza numa espiral criativa e de contínuas *atualizações*.

[...] Para esclarecer filosoficamente o problema da imagem poética é preciso voltar a uma fenomenologia da imaginação. Esta seria um estudo do fenômeno da imagem poética no momento em que ela

²⁷⁸ Frase de Ian Paschoal – jovem envolvido no processo de captação de imagens do Projeto: “Revelando Batatuba”.

emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade. (BACHELARD, 1980, p. 194)

A natureza aberta da Web como *meio* implica, segundo Manovich²⁷⁹,

[...] em que *websites* nunca necessitam estar completos; e raramente estão. Os sites sempre crescem. Novos links são acrescentados àqueles que já estão lá. É tão fácil acrescentar novos elementos ao final como inseri-los em qualquer outro ponto de uma lista. Tudo isso também contribui para a lógica anti-narrativa da Web. Se novos elementos são acrescentados ao longo do tempo, o resultado é uma coleção, não uma história. De fato, como se pode manter uma narrativa coerente ou desenvolver qualquer outra trajetória através do material se ele está sempre mudando? Assim, os mesmos dados davam origem a mais indexadores do que os números de dados em si mesmos (MANOVICH, 2000, p. 220)

Uma HTML – Hyper Text Markup Language “[...] é uma lista sequencial de elementos distintos: blocos de texto, imagens, vídeos digitais e *links* para outras páginas. [...]” (*idem*) O autor traz uma abordagem interessante quando diz que “bancos de dados e narrativas são inimigos naturais” (*ibidem*, p. 221) porque competem pelo mesmo território da cultura quando reivindicam para si exclusividade na maneira de significar o mundo. Será isso mesmo? Voltemos à ideia de mídia algorítmica definida por Pierry Lévy para entender que não se trata de uma “inimizade”, mas uma combinação no trabalho de trazer à tona a mensagem e seu significado, cada qual ao seu modo – dado e metadado exercendo sua função e combinando essas funções entre si. Não vamos entrar aqui no mérito de um sobre outro. Assim, como não vamos dizer que tal mídia é superior à outra. Desde que, entendemos o *ser-entre*, estamos dizendo com isso que ele caminha, transita, entre seus diferentes modos de ser, que podem ser convergentes, divergentes e até justapostos, por que não? Camadas e complexidades dialogando.

Manovich apresenta a ideia da narrativa como um ponto de acesso aos bancos de dados. Ela seria a chave para muitos outros dados, concordamos com o autor, neste sentido. “[...] Em termos materiais, uma narrativa é somente um conjunto de links; os elementos em si mesmos permanecem guardados no banco de dados. Assim, a narrativa é virtual, ao passo que o banco de dados existe materialmente.”²⁸⁰ Mais uma vez,

²⁷⁹ MANOVICH, L. *The language of new media*. London: MIT Press, 2000. (Tradução inédita cedida pelo tradutor: BASBAUM, S.)

²⁸⁰ MANOVICH, 2000, p. 227.

estamos entre dados e metadados. Tanto nestes como naqueles, os recortes necessários, as reduções, as fragmentações necessárias para que caiba nos modos de reapresentações.

Mas o homem com a câmera está inspirado pela ideia de que ele está vendo o mundo para outras pessoas. Você entende? Ele reúne estes fenômenos a outros de outros lugares, que podem até nem ter sido filmados por ele. Como uma espécie de cientista, ele está apto a colher informações em um lugar, depois em outro. E é a partir daí que o mundo acaba por ser compreendido. (MANOVICH, 2000, p. 232)

Planos ou camadas nas narrativas, nos vídeos, nos mapas. O lugar se desvela aos poucos sua memória. É na temporalidade do fazer alguma coisa que seus atores apreendem seu ambiente e descobre as possibilidades de desenvolvimento inerentes aos diferentes sistemas. A intervenção se situa, pois na intersecção entre as capacidades do agente e os recursos do sistema. “[...] Transposta do plano físico para o plano histórico, a intervenção constitui o ponto nodal do modelo de explicação dito quase causal [o qual] articula entre si segmentos teleológicos, correspondentes a suas fases físicas. [...]”²⁸¹

A cada passo nos vemos mais complexos e envolvidos em múltiplas redes de conexões imagéticas, iconizadas. Somos simultaneamente respostas/escolhas/questões dentro de processos que, na maioria das vezes, não percebemos quanto envolvidos estamos. A Mostra "Revelando Batatuba", descrita na Parte seguinte, revelou outros lugares para os quais nossas memórias estão se estendendo e se apropriando significativamente e, aceleradamente, são estes lugares as tecnologias de informação e comunicação, mais apropriadamente as redes sociais, estes lugares são também de memória nas suas mais variadas naturezas.

Daí a necessidade de cada campo/faculdade do conhecimento no trabalho conjunto, na colaboratividade sem esquecer, cada qual, a sua especificidade. Assim, neste projeto transdisciplinar, que aborda: ciência da informação, história, geografia, comunicação – ficou mais que evidenciado o comprometimento do audiovisual, mais especificamente, o uso prático das mídias digitais conferindo apropriações de diversas naturezas. Com isso, queremos ressaltar que projetos que visam o desempenho de comunidades se veem mais fortalecidos, engajados e com maior intensidade em relação ao desenvolvimento local, quando fazem uso destas tecnologias. Porquanto, nestas (para

²⁸¹ RICOEUR, 2010, v. 3; p. 394.

não dizer, todas) vários meandros da vida, da cotidianidade, estão na pauta de seu dia-a-dia.

No espaço virtual, no ciberespaço, uma rede de nós e ligações formadas pelos computadores online pode ser considerada funcionalmente equivalente ao espaço, reproduzindo ao menos algumas de suas propriedades (posição, movimento e direção). Podemos trazer neste momento aquele conceito de “espacialidade do manual intramundano” de Heidegger, quando ele diz que a espacialidade é dada por meio de uma instrumentalidade que está “a mão” no mundo circundante. Nesse sentido, são ressaltadas suas características de virtualidade e de ser um espaço etéreo, simultaneamente infinito e ubíquo, em que todos os participantes são tidos como presentes em um mesmo local.

To speak of the digital is to call up, metonymically, the whole panoply of virtual simulacra, instantaneous communication, ubiquitous media and global connectivity that constitutes much of our contemporary experience. It is to allude to the vast range of applications and media forms that digital technology has made possible, including virtual reality, digital special effects, digital film, digital television, electronic music, computer games, multimedia, the Internet, the World Wide Web, digital telephony and Wireless Application Protocol (WAP), as well as the various cultural and artistic responses to the ubiquity of digital technology, such as Cyberpunk novels and films, Techno and post-pop music, the ‘new typography’, net.art and so on. (GERE, 2008, p. 15-16)

Neste sentido procuramos entender o Audiovisual, não como um meio ou uma ferramenta, mas como um dispositivo tecnológico que se insere como instância dialógica entre cultura e território. “As Gilles Deleuze points out, „the machine is always social before it is technical. There is always a social machine which selects or assigns the technical elements used.”²⁸² O digital não é simplesmente um efeito ou uma possibilidade tecnológica, ele oferece o caminho e a maneira de caminhar, todavia há ainda nele os descaminhos e com eles novas formas de fazê-lo. A Internet vai enredar todos os lugares, por meio de objetos que se comunicam e de conexões *wi-fi* e, o importante, à medida que avança nestas buscas, introduz a noção de “indexação associativa” (ex: *#tag*), permitindo a outros trilharem por meio das informações já trilhadas. E mais, aquelas trilhas podem ser seguidas e anotadas por outros usuários. É esta capacidade, em particular, que caracteriza as áreas conhecidas como hipermídia e

²⁸² GERE, 2008, p. 17.

multimídia. Vivemos o *link-a-link* e a auto-publicização “*selfie*”. A navegação por meio de uma complexidade de conexões, de músicas, ou vídeos de sites como o YouTube e as redes sociais, como o FaceBook e o g+ se oferecem como um tipo de comunidade para além da espacialização física/geográfica, mas ligado por interesses e afinidades compartilhados na mídia.

Vivemos em um mundo em que, estamos cada vez mais unidos e separados pelas redes globalizadas de tecnologias de informações e comunicação, onde o conceito de „amizade’ tornou-se mais visível e importante e novas formas de subjetividade e de conexão estão sendo desenvolvidas. Transformações significativas ocorrem todos os dias na cultura digital, são alterações que mudam nossos sentidos em todos os aspectos do nosso modo de viver e que são cada vez mais difíceis de discernir como eles se tornam imprescindíveis. O dispositivo móvel parece uma prótese em todas as mãos, o deslizar do polegar na telinha lembra o deslizar num colar de contar de um rosário.

Chegamos a um ponto em que as tecnologias digitais são cada vez mais participantes em nossa cultura, para melhor ou para pior. A necessidade em manter, bem como manter e, questionar a nossa situação continua a ser mais urgente do que nunca, especialmente, quando a tecnologia, cada vez mais invisível, se torna parte integrante e inteligente do próprio tecido de nossa existência.

[...] The Internet is the paradigm of the emergent, self-regulating, selforganising structures that can develop and thrive without governmental intervention. In this it is a material realization of the idea of the market as a spontaneous natural phenomenon that lies at the heart of neo-liberal economics. A model of the economy as an evolved and optimized natural system clearly resonated with the cybernetic and ecological concerns of the post-war era. It also militated against hierarchical planning and elevated the role of the individual, while still promoting the idea of the collective and the common good. (GERE, 2008, p. 153)

Percebemos então, que a realidade não se contrapõe ao mundo virtual, mas atualiza-o. A presença dos grupos na rede social questionando e vivenciando os espaços da cidade faz emergir cidades até então invisíveis, ou como considerados por tantos, morta. Tanto o rio (ecologia) como a praça e até mesmo o porão (arquiteturas), trazem histórias, basta que se poste uma fotografia no Facebook para que comentários manifestem diferentes histórias, argumentos ou pontos de vista. Neste sentido, vale demonstrar que tais conhecimentos são exercidos em dois termos imbricados nestas

áreas: *apropriação* não só da informação, mas também, tão relevante quanto, dos meios, e o *protagonismo* desaguando em desenvolvimento local devido à interatividade de seus inter-atores.

Essa apropriação efetiva dos meios reconfigura a política e a economia, apesar de em um primeiro momento estar voltada às consequências imediatas e às demandas locais sendo, neste sentido, limitada. Contudo, se entendermos as tecnologias da comunicação e da informação como dispositivos, que alteram e são alterados nos processos de interações, perceberemos que as competências necessárias em toda essa protagonização nas redes e na vida real são construídas e constitutivas do próprio processo.

O passado como processo e como recurso dentro de um agenciamento (recuperar, moldar/adequar, estender, armazenar, organizar e suprimir as “coisas”) a partir do qual memórias individuais e sociais são feitas e refeitas. “Abundância” é uma dimensão dessa tendência, com uma mudança a partir da mídia, que antes era de transmissão – dominada pela “escassez” de produção e de distribuição – para uma era pós-transmissão impulsionada pelo “poder” e pelo “fazer” na medida de sua acessibilidade e dos modos como se apropria.

O registro histórico da participação de pessoas e seus relatos cotidianos têm sido considerados importantes e são utilizados em bibliotecas, como por exemplo, no Programa BiblioRedes²⁸³ o qual faz parte das **Políticas Nacionais de Conteúdos Digitais** do Chile; outro exemplo vem com comunidades norte-americanas e a *digital storytelling*^{284,285}, na qual ao se narrar histórias tira-se o foco da tecnologia para colocá-lo nas pessoas e em seus contextos históricos. Finalmente, aqui no Brasil temos a experiência já consagrada do “Museu da Pessoa”²⁸⁶.

Mas como indexar tais histórias estabelecendo conexões com outros portais e realidades? O estudo dos meios e processos audiovisuais sobre essa prática e a

²⁸³ Disponível em: <http://www.biblioredes.cl/bibliored/>

²⁸⁴ Para Joe Lambert, segundo Higinio, trata-se de “[...] um importante instrumento para o registro e o compartilhamento da história e da memória, além de uma ferramenta de apreensão da realidade social capaz de ampliar possibilidades de crítica e questionamento da ordem vigente. Sob tal prisma, ela se presta a um consistente trabalho de mediação entre universidade e inovação, pela via da responsabilidade social.” (HIGINIO, 2009)

²⁸⁵ NUTT e SCHWARTZ chamam a atenção da *storytelling* enquanto mobilização de uma economia da informação e uma forma de inclusão social. A história oral permite a inclusão social quando permite a passagem do isolamento ao diálogo. O sujeito constrói o sentido. O narrador emerge da narrativa ao construir o sentido aberto ao passado.

²⁸⁶ Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/home>

transformação desta em conhecimento requer também o olhar do cientista da informação sobre a preservação, mediação e disseminação deste conhecimento. Lembrando que a geração de conteúdo local, tendo em vista o global, auxilia na apropriação da tecnologia social e que a participação na tomada de decisões, elemento de emancipação e de protagonismo, estimula o desejo singular e modifica o que é estar presente.

O uso de dispositivos tecnológicos não representa por si só a salvação para problemas sociais, culturais ou educacionais, mas somado a outras ações permitem transparências de problemas e se insinuam com possibilidades de respostas. Histórias de vidas e as memórias locais, sejam de um grupo ou de outro, intercambiam-se aos saberes globais e ao encontrar ressonâncias na literatura sobre emancipação digital se oferecem como bases objetivas sobre as quais ganham luz a reconstrução da memória amparada por meios e processos audiovisuais.

A convergência das técnicas, não é somente das técnicas, mas comporta:

[...] dimensões econômicas, sociais, jurídicas e políticas tão importantes e decisivas quanto seu comportamento tecnológico. Mesmo sendo tecnicamente possível a convergências dos sistemas de comunicação não se realizará sem vontade política e econômica, sem quadro jurídico e regulamentar apropriado e sem uma aceitação dos usuários [...] A única possibilidade de digitalizar voz, dados e imagens, não conduz necessariamente e inevitavelmente à convergência dos sistemas de comunicação. Esta se apresenta mais como uma construção social ligada às lógicas socioeconômicas dominantes e da ação mais ou menos eficiente de diversos grupos sociais. [...] (TREMBLAY; LACROIX apud MIÈGE, 2009, p. 37)

Ora, não estamos denominando de técnica toda a complexidade vivida pelas tecnologias. A reivindicação que aqui se faz é a apropriação destas tendo vista a produção desde o *eu*, singular, e do *nós* (grupo) que dialoga com outros.

Temos no surgimento de manifestações significativas da memória coletiva o aparecimento no sec. XIX e no início do séc XX a fotografia que revoluciona a memória ao multiplicar, democratizar e dar precisões visuais – guarda a memória do tempo, o álbum de família “Iconoteca da memória familiar”. Hoje este álbum está na rede e todos podem fazer seus comentários, a vida particular – própria está cada vez mais pública – imprópria.

According to Crary the development of photography is enabled by a rupture in understanding concerning the physiology of vision, in which the corporeality of the observer becomes of account in the act of seeing. This also laid the ground for research into the ‘persistence of vision’. This derives from work done in the early nineteenth century into after-images, which showed that images persisted in the optic nerves after what was being looked at was no longer visible. One result of this research was a proliferation of optical devices, which exploited persistence of vision to create the illusion of movement. (GERE, 2008, p.37 - 38)

Estamos presenciando o movimento histórico evidenciado pelas tecnologias da informação e da comunicação que intensifica, potencializa e atualiza todo modo de conectividade. “Parece” hoje, mais do que nunca, que vivemos numa grande “aldeia global”, mas “*será que este acontecimento é de fato novo?*” Quais são o alcance e as consequências das *performatividades* dos agentes desta aldeia? A narrativa transversal de Jan Antonin Bata nos responde um pouco sobre esta questão. Por ora, devemos ter em mente que, a flexibilidade e a especialidade são imprescindíveis porque, enquanto lugares, as redes são incertas, instáveis e complexas.

[...] Essas redes propiciam uma atmosfera rica pela transparência constante de conjuntos de informações (em grande parte informal) a respeito das tecnologias, mercados e concepção de produtos. Assim elas ajudam a incentivar a criatividade e a inovação econômica em muitos setores diferentes, incluindo em particular, alguns dos nichos líderes mais dinâmicos da economia contemporânea, como a indústria de alta tecnologia, serviços e indústrias de produtos culturais. (SCOTT, 2001, p.15)

A criatividade alimenta-se das informações trazidas pelo tradicional, pela cultura e todas as manifestações colocando em movimento todo o processo de produção do que se denomina hoje – “novo”. Contudo, este novo nada mais é que modos de ser da cotidianidade dentro de uma ecologia particular de ações em seus múltiplos lugares. Estamos aqui, apenas a retratar, ou melhor, reapresentar – para usar os termos desta pesquisa – o de memória. Esses modos de ser nas redes também perfazem os caminhos da comunidade, por conta da sua dimensão informativo-digital, sendo filmadas, transmitidas, fotografadas, postadas e comentadas *online*. Expressam, assim, as dimensões não apenas locais ou urbanas, uma vez que a qualidade dessas ações e sua eficácia são o resultado muito mais de suas capacidades conectivas, seja de que local for. “[...] Uma localidade, portanto, não mais expressa pelas contraposições real/virtual,

público/privado, mas conectivas, continuamente redefinidas pelo atravessamento de fluxos informativos e por suas conexões sincrônicas. [...]”²⁸⁷

Essa conectividade somada ao “informalicionismo”²⁸⁸ leva por sua vez, segundo Castells citado por Di Felice, “[...] a um círculo virtuoso constante de geração e circulação do saber e dos símbolos, de produtividade e de possível empoderamento das sociedades e dos indivíduos. (DI FELICE, 2013, p. 52) Castells, assim como nós e tantos outros autores defendem que as tecnologias não são ferramentas, enquanto falamos em dispositivos, para este autor aquelas “são processos a serem aplicadas, mas processos a serem desenvolvidos”²⁸⁹. “[...] Em outras palavras, a sociedade em rede é um sistema social que possui atores, instituições que comunicam entre si disseminando funções, desejos, esperanças e objetivos exclusivamente humanos. [...]” (*idem*, p.61) Daí a ideia de toda protagonização que caminha em todos os sentidos. São movimentações reticulares dos atores.

Ator é aquilo que muitos outros levam a agir. O ator, na expressão hifenizada “ator-rede”, não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de identidades que enxameiam em sua direção [...]. Por uma definição a ação é deslocada. [...] Se se diz que um ator é um ator-rede, é, em primeiro lugar para esclarecer que ele representa a principal fonte de incerteza quanto à origem da ação (Latour, 2012: 22). Nessa perspectiva a ação em contextos reticulares é o resultado do diálogo entre diversos actantes, humanos e não-humanos, que compõe coletivos não estruturados. (LATOUR apud DI FELICE, 2013, p. 64 – supressões de texto do autor)

Ora se conseguimos perceber desta maneira tal que ator é aquele que possui o “poder” de *afetar* e, concordando com os autores, que aquele pode ser tanto humano quanto não, então podemos dizer que há uma imbricação de dispositivos e que, inclusive o ser humano, enquanto ser que afeta outros, o é também.

É desta maneira que autores estão pensando a comunicação dentro de uma perspectiva ecológica e complexa: “[...] quando se menciona a palavra comunicação, não se faz simplesmente referência à informação e à mensagem, mas se define o modo

²⁸⁷ DI FELICE, 2013, p. 58.

²⁸⁸ “[...] a geração, o processamento e a transmissão da informação tornam-se as fontes fundamentais de produtividade e poder devido às novas condições tecnológicas [...]”. (CASTELLS apud DE FELICE, 2013, p. 52)

²⁸⁹ *Idem*, p. 61

que uma época ou uma determinada sociedade se relaciona com os mortos, os vivos e a natureza.”²⁹⁰

Observando a noção de “complexidade” dos meios, veremos nas definições heideggerianas que apresentamos para ser e tempo, que aquela está de alguma maneira posicionada dentro do campo da circunvisão, do vir ao encontro, do ter “a mão”, da cotidianidade, da medianidade, do cuidar, do curar, enfim, das “coisas” do ser em seus modos de habitar. O que se diz “*novo*”, na verdade quer dizer: “transformações”, claro que complexas. Bebemos o tempo todo da memória. Ainda:

Na perspectiva de Heidegger, o Ser é único enquanto plural, enquanto se desenvolve e existe na medida em que habita, isto é, na medida em que realiza a quadratura (*geviert*), desenvolvendo assim a sua condição não a partir de uma suposta essência metafísica, mas a partir do seu realizar-se como projeto e como possibilidade. (DI FELICE, 2013, p. 66)

No espetáculo das representações, a memória vai requerer também seu lugar de inserção nas redes, até como uma forma de ali habitar e fazer emergir suas representações simbólicas numa dimensão reticular e criativa. Em tal perspectiva o uso da forma (habitar) está a indicar a presença da sociabilidade e nesta as *possibilidades*, as *negociações*, as *responsabilidades* e as *reapresentações* firmando assim uma ciranda viva. Com o tópico seguinte, conseguiremos, por fim compreender uma pequena parte daquilo que se passa e se processa em Batatuba. Aquilo que para um é um estado, para outro é condição, voltamos nossos pensamentos naquele entendimento ricoeuriano – *consciência*. Acreditamos que poderíamos *transitar* de uma *condição midiática* para uma *consciência* que, dentre outros modos de estar, *está no ato midiático*.

2.3.4 A possibilidade, a negociação, a responsabilidade da reapresentação de Lugares de Memória

—*Àço a ruína de todo espaço, de vidro quebrado e de paredes que caem, e o tempo,
uma lívida flama final.*”
James Joyce

Uma dimensão *ecológica* é uma dimensão agenciada inteligentemente que expressa um *ser* que é somente enquanto *ser* da *presença* (*Dasein*), isto é, um ser em:

²⁹⁰ KIERKEGAARD apud DI FELICE, 2013, p. 66.

[...] em relação com céu e terra, divinos e mortais, e que é somente sendo, ou seja, como possibilidade e ultrapassagem, ajuda a pensar a ação net-ativista como um *dasein* digital, expressão de uma ecologia que reúne, em forma similar à quadratura, indivíduo, dispositivos de conectividade, circuitos informativos e territorialidades. Uma condição habitativa. [...] (DI FELICE, 2013, p. 67).

Embora não estejamos falando aqui explicitamente de “*quadratura*”, é certo que a tangenciamos, de alguma maneira. Todavia, a nossa posição teórica e prática está centrada na tríade conceitual interativa entre o lugar de memória, mídia digital e narrativa transversal.

Num processo relacional, a dimensão caracterizante das ações mnemônico-narrativas (o nosso “o que”) vinculadas a um meio operacional – as mídias digitais (nosso “como”) fazem ou permitem ressurgir o lugar de memória (nosso “por onde”). Agora, o motor de toda a operacionalidade é o *ser*, o qual em sua *temporalidade* comporta modos de ser que são *processos* que envolvem ações, atributos, acontecimentos, competências, valores. Dentre tantos processos, ressaltaremos aqui estes que percebemos diretamente relacionados às questões éticas que perfazem o fazer, o poder, mas principalmente, em termos de protagonismo – o poder-fazer. Sejam eles: as *possibilidades*, as *negociações*, as *responsabilidades* e as *representações*.

Figura 6: Quadro do processo de abertura à rerepresentação

Da possibilidade à reapresentação os processos vão se intercalando em camadas, onde uma não exclui a outra, todavia se comunicam. Vejamos: a partir das ações, que agora denominamos de mnemônica-narrativa vamos retomar os atributos da narrativa: memória, atenção e expectativa. Estes processos mentais estão vinculados de tal maneira dentro do ato de narrar e é assim que os entendemos, compreendendo “dobras” que se *dialogam*, daí dizer da riqueza narrativa e daquilo que seus atributos podem gerar.

É no tempo presente que as possibilidades se abrem às negociações. Estas, por sua vez, requerem responsabilidades. Ora, ser capaz de cuidar é um modo de se apresentar num mundo que nos solicita cada vez mais atitudes. Cabe aqui ter em si valores éticos que as perfaçam. É próprio do ser, quando feito algo, querer compartilhar. Toda obra já nasce com essa reivindicação – de ser vista, apropriada, comunicada, significada e que, só se completa no olhar, na intensão, nas percepções do outro.

Observamos como recurso aplicado à *atenção* o uso da rede social Facebook, no qual as pessoas vêm publicando comentários, depoimentos e fotos que retratam a arquitetura, as épocas e os costumes de seus lugares. Todas essas reapresentações são maneiras de se apropriar dos espaços. O uso da rede é evocativo, um chamado às

discussões fundamentais sobre assuntos diversos, todavia, tendo como indicador a ordem do dia a dia em diferentes escalas, níveis de abrangência – isso é *cuidar*.

Por meio de fotografias, por exemplo, postada nas redes, sujeitos fazem projeções – os “factos fenomenológicos da visão”, e impõe assim a visão como modo de relacionamento com um mundo ao qual já não sentimos pertencer, mas ao mesmo tempo em que exprime o ceticismo, contém também as condições da possibilidade e da sua superação. Assim, também é, com algum grau de variação de apropriação, com o audiovisual, com uma obra literária e, assim por diante.

Já dissemos que a inovação bebe no tradicional quando há interesses, seja do Estado, seja do mercado. Em todo o caso é visível o poder das narrativas em intervir no sistema. Qualidade do tempo tem a ver com as formas que vemos o tempo, ou melhor, da nossa relação com este. Só é novo à medida que se abre para o novo, daí o “novo” se perguntar, diante da estranheza, onde me encaixo, qual minha ordem, minha classificação? Neste sentido, nomear, já é de certa maneira, dotar de sentido. Assim, como poderíamos “encaixar” a narrativa transversal dentro do quadro acima? Quando nos colocamos no campo de pesquisa colaborativa fazemos encontrar a coordenadas teóricas àquelas das práticas, então, já temos um princípio configurado. Mas isso, de maneira alguma, é o tudo. Pelo contrário, o *objeto vivo* vai respondendo e colocando outras questões, ainda mais tratando de narrativas – que são por natureza, fugidias em suas múltiplas associações – “*do que mesmo estávamos falando?*”

Este “porém” [natureza fugidia da narrativa] é importante e fundamental na edição do material, mesmo agora, na escrita desta tese. Os recortes daquilo são elementos fragmentados que, todavia são como fractais, afinal contém em si elementos do todo e conectam outros.

Em todo o momento da pesquisa estivemos envolvidos com esses processos que caracterizam o modo de ser. Desde as opções do *lugar*, passando pelas redes e, em relação aos vídeos – o modo que escolhemos, dentre tantas outras possibilidades, para reapresentar o lugar, a configuração do mapa, a maneira de postar e se colocar em rede. A todo o momento temos os imperativos das:

- a) Possibilidades – ora, se vamos apresentar um arranjo, um cenário, temos que ter em mente a sua combinação. Elencar elementos, compor uma harmonia racional, mas que também comporte em si uma poética que conduza quem dele se aproxima a outras possibilidades.

- b) Negociações – diante da possibilidade é chegado o momento de negociar, este requer um propósito/justificativa, porque estou fazendo isso, o que ganho em troca. “Por que esse interesse todo pela história de Batatuba?” – o que vou responder determina também o valor de troca, de cambiar informações e mesmo decisões. Trata-se de um propósito com valores e ética permeando-o.
- c) Responsabilidades – “negócio” realizado, que vou fazer com isso? Chega o momento de cuidar, de conferir destinos. Enquanto cuidamos o objeto se desenvolve, mostra a vida que carrega em si. Se revela em prismas. Só quem possui responsabilidade é capaz de cuidar.
- d) Reapresentações – Fomos presenteados com as representações. Estamos diante de informações que podem conotar outras dinâmicas à comunidade. É a ocasião de compartilhar, de colocar no mundo suas grandezas e fazer outros saberem e provocarem-no (*Ge-stell*) a, também, abrir a outras possibilidades.

Bill Nichols²⁹¹ nos fala sobre as questões éticas para o cinema documentário. Apesar de não ser o caso aqui, estamos, todavia trabalhando com um acervo documentado em audiovisual, neste caso, podemos e devemos levar em consideração o que o autor diz sobre o vínculo do documentário e o mundo histórico, do *engajamento* pela representação:

1. Representação reconhecível do mundo;
2. Significam ou representam os interesses dos outros;
3. Depende de um determinado ponto de vista “eu falo deles para vocês” – implica: eu – a voz, o narrador, o cineasta; deles – 3ª pessoa – de quem ou do que se fala, separação/distanciamento entre quem fala – do eu para vocês; o você também está num certo distanciamento.

Se falarei o que vou falar, preciso ter alguma garantia de que minhas palavras estarão guardadas conforme disse, igualmente é a imagem que vai junto com a fala. Já no momento da representação, o narrador precisa consentir com os termos que ali se

²⁹¹ NICHOLS, 2005, p. 28.

pautam. “[...] a repetição autêntica de uma existência passada, o fato de que o *Dasein* escolhe seus heróis, fundamenta-se existencialmente na resolução antecipadora: pois é nela, apenas, que faz a escolha que liberta para o prosseguimento do combate e para a fidelidade repetível. [...]”²⁹²

Se a escolha liberta, a negociação vai nos prender por mais um tempo, e com ela todo o questionamento de valores e princípios. Vale trazer aqui a abordagem ética de Hans Jonas, filósofo estudado por Linares.

São os quatro princípios éticos para o mundo tecnológico²⁹³: princípio de responsabilidade; de autonomia, de justiça e de precaução que obrigam a comunidade mundial a travar um debate público permanente em busca de conhecimentos, deliberações e tomadas de decisões aceitáveis para a maioria. Assim, são preconizados os princípios éticos para o mundo tecnológico e para a sociedade global democrática.

O poderio técnico e a expansão da responsabilidade – *Imperativo moral*²⁹⁴, pelo qual se estabelece um dever ético com os contemporâneos e com as gerações futuras. A responsabilidade não é mais individual, mas coletiva, porquanto se trata da biosfera e da condição humana.

[...] El ser humano es autoconsciente de su propio ser mediante una representación simbólica, mediante una imagen de su esencia. Pero la imagen misma se convierte en el objeto de conocimiento de su propio ser. [...] la *idea del hombre* expresa el carácter *proteico* de lo humano; es decir, la capacidad de transformar su propio ser en la historia.” (LINARES, 2008, p. 303 – nota de rodapé)

Nosso ser não pode ser superado porque lhe é próprio a ambiguidade e a finitude, assim o homem “no necesita transmutarse porque él es siempre *ser de la posibilidad* [...]”²⁹⁵ Por conta desta *posibilidad* é que o homem vale e vale diferentemente de qualquer outro ente. O homem é o ser-do-valor. “La responsabilidad está en función del poder y de la acción intencional. Su base ontológica es la *libertad* inherente al ser humano “[...] La responsabilidad se realiza como un responder ante *alguien* por las consecuencias de las acciones, aunque nadie pida razones y cuentas. [...]”²⁹⁶ A consciência responsável responderá ante o valor do ser. Sem a

²⁹² HEIDEGGER, apud RICOEUR, 2007, p. 391.

²⁹³ Princípios baseados na bioética de Tristram Engelhardt – Linares, 2008, p. 441-494.

²⁹⁴ LINARES, 2008, p. 299

²⁹⁵ *Idem*, p. 316.

²⁹⁶ *ibidem*, p. 326

responsabilidade o valor das coisas não se manifesta e não pode ser reconhecido e, essa consciência responsável é consequência do caráter *simbólico* do homem, da sua independência e de seu sentido moral. Ou seja, sem a responsabilidade a negociação cambia do nulo ao negativo, em termos de valor e, é evidente que isso reflete na reapresentação. Vale ressaltar ainda que, no caso da narrativa, o valor cambia de um sentido que é pessoal e para aquele que pode ser público.

Aqui, podemos incluir a negociação de lembranças, cumplicidade gerada entre duas ou mais pessoas dispostas a ouvir e a contar. Dentro do espaço das experiências habita o horizonte das expectativas. Assim, a história narrada, que é fragmentada e recortada pelo trabalho da memória no lembrar, ao ser trazida para um grupo começa a ser “preenchida” (*trends*)

[...] a ideia de que essas perspectivas fraturadas possam recuperar uma espécie de unidade plural, se forem reunidas sob a ideia de uma recepção do passado, levada até à de um *ser-afetado* pelo passado. Ora, essa ideia só ganha sentido e força em oposição à de fazer a história. Pois ser afetado é também uma categoria do fazer. [...] (RICOEUR, 2010, v. 3; p. 361)

Assim, a pessoa torna-se sujeito ao dizer de si mesma, porque se vê fazendo história – sua narrativa da história – história contada. O fazer e o narrar tornam-se “frente e o verso de um único processo.”

Ecléa Bosi, na introdução de sua obra “*Memória e sociedade*”, questiona: “Por que decaiu a arte de contar histórias?” ao que logo responde: “talvez porque tenha caído a arte de trocar experiências.”²⁹⁷

O narrador parece colocar em ordem e tornar coerente os acontecimentos de sua vida que julga significativos no momento mesmo da narrativa: restituições, ajustes, invenções, modificações, simplificações, sublimações, esquematizações, esquecimentos, censuras, resistências, não ditos, recusas, vida sonhada, ancoragens, interpretações e reinterpretações constituem a trama desse ato de memória que é sempre uma excelente ilustração das estratégias identitárias que operam toda narrativa. (CANDAU, 2012, p. 71)

Memorizar serve para transmitir e a transmissão é útil às estratégias identitárias quando atua no “complexo jogo da reprodução e da invenção, da restituição e da reconstrução, da fidelidade e da traição, da lembrança e do esquecimento.”²⁹⁸ Portanto

²⁹⁷ BOSI, 1994, p. 28.

²⁹⁸ CANDAU, 2012, p. 106.

temos um passado útil que “funciona” como uma *possibilidade* presente. Naquele [passado útil] a memória sempre será conflitiva entre os lados sombrios e os luminosos, o que deve ser lembrado e o que deve esquecido e dentre estes os que deve ser revelado ao público. No entanto, o que ela busca é criar um mundo relativamente estável e verossímil e até previsível cujos desejos e projetos ganham e estabelecem sentidos. Então, a narrativa oscila entre a ficção e a realidade.

Neste oscilar entre ficção e a realidade temos que ter cuidado ao estabelecer expectativas, para que estas suscitem em engajamento responsável. Algo demasiado grande gera desconfiança, então é importante ir aos poucos diante das possibilidades (indicadores de fatores de mudança) que se avizinham e na condução das negociações, sempre se posicionando com clareza, afinal o objeto “memória” é vivo e sensível.

[...] Na medida em que uma presunção de submissão dos agentes sociais parece solidária com uma escolha macro-histórica de escala, a escolha micro-história induz uma expectativa inversa, a de estratégias aleatórias, nas quais são valorizados conflitos e negociações, sob o signo de incerteza. [...] (RICOEUR, 2007, p. 230)

Estendendo o olhar e indagando a respeito da micro-história temos um emaranhado de complexidades onde vacilam mensagens ambíguas e que, em certos casos, se opõem, ou melhor, se manifestam em relação à circulação, à negociação e à apropriação. Essas mensagens estão para aquilo que Heidegger define como “falação” ocorrida dentro da cotidianidade. Nesta, a presença é tomada como “[...] algo à mão de que se ocupa, ou seja, que pode ser gerenciado e calculado. A “vida” é um “negócio”, independentemente se ela cobre ou não os custos. [...]”²⁹⁹ Então, em outro aspecto, dentro do quadro do dizer e do contar, temos este (do falar impróprio) que pode comprometer o desenvolvimento narrativo. É certo que, a micro-história opera continuamente em uma única e mesma escala de uma comunidade, de um grupo de indivíduos e de famílias, “[...] é nesse nível que se desenrolam negociações, conflitos e que se descobre a situação de incerteza que tal história evidencia. [...]”³⁰⁰ Nesse sentido, a micro-história não deixa de se situar num percurso de mudança de escala que ela narrativiza enquanto se faz. A história, tal como contada pelos moradores de Batatuba nos surpreendeu com sua riqueza de detalhes, mas também trouxe a incerteza do “que será” que vai acontecer. É preciso ressaltar também que a maneira como cada qual

²⁹⁹ HEIDEGGER, 2009, p. 370.

³⁰⁰ RICOEUR, 2007, p. 257.

narrou sua versão dos ocorridos, dotou estas pessoas da situação, quer dizer, elas se viram dentro de possibilidades e, portanto diante das aberturas mnemônicas que a narrativa trazia.

Também aqui cabe falar do testemunho, “eu era tal pessoa”, “eu fazia tal coisa” e com estes elementos conectores do testemunho a justificação acrescentando a dimensão da inteligibilidade dentro de normas, de conflitos, de disputas, enfim dentro de um contexto pertinente. São nessas situações de discórdia, as quais podem também gerar a falação, que os agentes sociais aumentam seus pedidos de justificação e de pluralização de vínculos. De certa maneira é o que estamos percebendo em Batatuba. Outra possibilidade gerada é a percepção de si como condição até de operações expressivas dentro da narrativa enquanto ser inseparável da história que se conta.

A negociação se instala naquela narrativa nostálgica colorida “dos bons tempos eram aqueles” e imagina um horizonte a alcançar fincado em raízes comuns a partir de um destino compartilhado (reapresentação).

A “sequência elementar” de Claude Bremond abordada por Ricoeur como sendo uma “reflexão crítica à obra de Propp” aponta para os “desfechos” narrativos:

Paul Ricoeur afirma, diante deste enunciado translativo, a *transmissão circular de valores*: “[...] Podemos dizer sem nenhuma hesitação que essa sintaxe topológica das transferências é verdadeiro motor da narração **„enquanto processo criador de**

valores’.³⁰¹ No entanto, não são apenas os processos aí envolvidos, mas, sobretudo *quem* são os atores de tais processos, ou seja, a virtualidade do fazer cabe ao sujeito, ou seria possível que fatos, reais ou imaginários, pudessem ser apresentados sem intervenção do narrador e, em sua extensão, do ouvinte? Ou a “eventualidade / acontecimento” pode *aparecer* sem que alguém fale a respeito?

Na *ausência de finalização* da eventualidade ancora a *não-finalizabilidade* da dialogia bakhtiniana – termo diretamente relacionado à inovação, à „surpreendência’, ao genuinamente novo, abertura e potencialidade.³⁰²

Em termos bakhtiniano, é interessante neste ponto que tratamos dessas “aberturas” e, em relação à responsabilidade, tomar de empréstimo, também da dialogia desse filósofo russo, a noção de *responsividade*, que é uma tradução da palavra russa “*otvetsvennost’*” na qual está embutida tanto a ideia de „pergunta’ quanto à de „resposta’. “[...] Nossa obrigação na *responsividade* é resgatar o outro do puro potencial; chegar a uma outra consciência faz o outro aglutinar-se e transforma o „mero potencial’ do outro num espaço aberto ao acontecimento vivo. [...]”³⁰³ Ora, responder e questionar com responsabilidade e ética envolvem a *presentidade*, ou seja, estar de corpo inteiro, com todos os sentidos na situação/relação, em outras palavras na linguagem popular: “ser todo ouvido”. Estes termos bakhtinianos nos remetem ao *Dasein* heideggeriano, o *ser-aí* e o cuidado diante do mundo, das possibilidades e das eventualidades que nos afetam cotidianamente.

O *ser-no-mundo*, agindo dentro de sua cotidianidade, está presente por meio da narrativa representativa de sua memória enredada a outros contextos e estabelece vínculos. Não se trata de um vínculo qualquer, afinal está ligado à narrativa, mas um “vínculo indireto” de *derivação* (reconstrução) – “Reconstruir os vínculos indiretos da história com a narrativa é, trazer à tona a intencionalidade do pensamento historiador mediante o qual a história continua a visar obliquamente o campo da ação humana e sua temporalidade básica.”³⁰⁴ Narrar é estabelecer conexões entre variáveis valorativas do todo com a parte, sejam elas temporais e espaciais.

Observamos nas narrativas a emergência de elementos que garantem a organicidade necessária para se pensar a *inteligência*, o arranjo e o agenciamento de

³⁰¹ RICOEUR, 2010, v. 2, p. 87, negrito nosso.

³⁰² MORSON; EMERSON, 2008, p.55.

³⁰³ *Idem*, p.93-94.

³⁰⁴ RICOEUR, 2010, v.1, p. 153.

valores, porque os fatos narrados nascem de pontos de vistas, de enquadramentos. As perspectivas podem ou não estar embasadas em documentos oficiais, mas, independente da prova está quem conta, quem narra e, este narrador está fundamentado em seus valores e os transmite.

[...] Tudo indica que estes valores axiológicos profundos representam mais que estereótipos culturais e ideologias. Os valores respectivos da vida e da morte são assumidos por todos os homens; o que é próprio a tal cultura, a tal escola de pensamento, a tal contador é aplicar esses valores-chave à figuras determinadas [...] (RICOEUR, 2010, v. 2, p. 91)

Aplicar os valores-chave é ação de quem conta e também de quem faz uso deste conto, já que estamos abordando as narrativas com o intuito de verificar e promover a desenvolvimento local.

A apropriação e a negociação que cada qual faz com suas ações passadas possibilitam chegar à identidade individual além de capacitar o sujeito nas investidas da vida de forma consciente enraizada, igualmente, na identidade múltipla e nos processos que a memória evoca.

Diversos fenômenos permeiam as narrativas, principalmente as autobiográficas, mas falar do outro é sempre falar um pouco de si. Nestes fenômenos aportam a trama, arranjos mnemônicos, mitos, déficits mnésicos em virtude da idade ou outros delírios da memória e sonhos e, são por estes fenômenos, dentre outros, que se rejeita estabelecer ou classificar em verdadeiro ou falso, mesmo aquelas narrativas que aparentemente manifestam pouca credibilidade. A verdade será sempre em razão a uma consideração, a uma concordância.

Ora, concordamos aqui que o que nos importa em toda narrativa transversal de Batatuba, são aquelas particularidades encontradas no seio das narrativas singulares, de pessoas que viveram ou tiveram algum tipo de envolvimento com as questões fabris e, ou com seu fundador Jan Antonin Bata. Pois bem, diante desta concordância devemos dizer que nos valem também da topoanálise, a qual tem a marca da *topofilia*. Que quer dizer isto?

A topoanálise seria então o estudo psicológico sistemático dos lugares físicos de nossa vida íntima. No teatro do passado que é a nossa memória, o cenário mantém os personagens em seu papel dominante. Às vezes acreditamos conhecer-nos no tempo, ao passo que se conhece apenas uma série de fixações nos espaços da estabilidade do

ser, de um ser que não quer passar no tempo, que no próprio passado, quando vai em busca do tempo perdido, quer "suspender" o voo do tempo. Em seus mil alvéolos, o espaço retém o tempo comprimido. O espaço serve para isso. (BACHELARD, 1978, p. 203)

Assim:

É pelo espaço, é no espaço que encontramos os belos fósseis de uma duração concretizados em longos estágios. O inconsciente estagia. As lembranças são imóveis e tanto mais sólidas quanto mais bem espacializadas. Localizar uma lembrança no tempo não é uma preocupação de biógrafo e quase corresponde exclusivamente a uma espécie de história externa, a uma história para uso externo, para comunicar aos outros. Mais profunda que a biografia, a hermenêutica deve determinar os centros de destino, desembaraçando a história de seu tecido temporal conjuntivo sem ação sobre nosso destino. Mais urgente que a determinação das datas é, para o conhecimento da intimidade, a localização nos espaços de nossa intimidade. (BACHELARD, 1978, p. 203)

Trata-se de uma “paixão” pelo decorrido, quando as palavras vêm substituir a ausência das coisas acontece o narrar nomeando, reordenando pensamentos/momentos. Reconfigurando a *presença* sobre coisas ausentes. Mesmo o trabalho do historiador é este também, ele não se dedica a ressuscitar/resgatar mortos, mas a re-a-presentar paixões e ações. No nosso caso, reapresentar as paixões em ações por meio do audiovisual e seus processos por meio das mídias digitais. A cada tempo, época, a história da memória tem seus meios de transmissão que são os meios desenvolvidos pela humanidade. Passa-se da oralidade para a escrita e vimos aportar nas tecnologias da informação e da comunicação. “[...] Assim, o enigma da representação do passado no presente se encontraria, simultaneamente, aprofundado e elucidado, na medida de sua determinação cultural. [...]” (RICOEUR, 2007, p. 401)

Nestes atos de lembrar o vivido trazemos a imaginação ou vamos para o reino das imagens, sempre com equilíbrio, narrar é equilibrar-se entre tempos e com isto também evocamos os lugares e os reconstruímos, ora adentrando certos espaços, ora nos desvencilhando, ou até mesmo fugindo de outros. “[...] A imaginação imagina incessantemente e se enriquece de novas imagens. É essa riqueza do ser imaginado que queremos explorar. [...]” (BACHELARD, 1978, p. 196)

Bachelard nos diz que “O interesse tira sua energia da paixão...”. Pois bem, é a paixão que põe o homem a trabalhar com prazer naquilo que faz. A pesquisa científica

não pode ser diferente. Quando meu orientador disse: “Sônia, vá fazer a pesquisa de campo em Batatuba” e eu me aproximando do campo me indagava. “O que vou fazer aqui?” “Parece um nada, nem celular funciona!” “Como vou trabalhar com mídias digitais aqui?” “Pior, eu não sinto nada por este lugar, ele não me diz respeito.” Acreditamos que seja importante trazer estas questões, antes de entrar em campo para dizer que: sem amor, sem paixão não se chega a lugar algum, simplesmente porque não há interesse e se houver, ele é obscuro, de outros padrões que não competem à ciência. Então, estava eu naquele *lugar*, querendo descobrir o meu “*leitmotiv*”. Mas foi por uma dessas incríveis coincidências que perfizeram esta pesquisa que encontrei na Biblioteca o livro: “*O mundo compreenderá*: a história de Jan A. Bata: o Rei do sapato” e imediatamente comecei a ler e me envolver e me enredar... pronto, a pesquisadora já estava apaixonada/interessada e poderia conduzir a pesquisa com o rigor científico e com a alegria humana das descobertas.

... então colhemos as narrativas poéticas, aquelas que constroem e compõem o arranjo a ser apresentado.

Parte 3 – Revelando Batatuba: a reapresentação em mídias audiovisuais

*todo caminho é santo
pois que pisados
por humanos pés
:santa
a trilha dos bichos
e seus entornos
onde vive a flor
mas os poetas insistem
no não:lugar
caminho:profano
onde vivem as pedras
Nydia Bonetti*

Parte – 3 *Revelando Batatuba: a reapresentação em mídias audiovisuais em três tempos.*

Finalmente estamos na última parte e agora podemos apresentar os modos como toda a teoria se comportou em relação ao campo prático. Poderemos também verificar a constituição de novos quadros tanto teórico como práticos permitindo as inferências que este projeto não se encerra nesta tese.

Assim sendo, nesta parte trataremos um pouco da história de *Jan Antonín B'ata* e de seu empreendimento em Batatuba, bairro da cidade de Piracaia, interior paulista. Como este local fora concebido, como ele está hoje e quais suas possibilidades em termos de futuro breve. Faremos isto a partir de duas fontes principais, a saber: a dissertação de mestrado: COSTA, G. C. C. *As cidades da companhia Bata (1918-1940) e de Jan Antonin Bata (1940-1965)*. 2012; e do livro: “*O mundo compreenderá: a história de Jan A. Bata: o Rei do sapato*”³⁰⁵.

Em termos das mídias digitais, iremos pontuando-as conforme as ações foram se constituindo, sempre tendo em mente: o aporte teórico, o aporte narrativo e o aporte midiático. Portanto faremos amplo uso das imagens e de remissivas a vídeos.

3.1 Ontem: Jan Antonin B'ata: Ser de seu tempo e o projeto Batatuba

—[.] *Em sentido estrito, um fato nunca é totalmente público. [...]*”
(CANDAUI, 2012, p. 33)

Acontece, quase sempre, com a narrativa sobre uma determinada pessoa (ainda mais se ela for uma pessoa influente em seu meio) se mesclar e, até se confundir com a narrativa sobre seus feitos (as obras falam). Como vimos na conceitualização de “ser” – quando este diz “eu”, ele já está se pronunciando como ser-no-mundo. Portanto uma compreensão a partir de suas ocupações. Com Jan Antonin Bata, não é diferente. A

³⁰⁵ Segundo o Sr. Edelson Chicaroni este livro fora escrito pelo próprio Bata. Num chafariz, próximo à Vila, “Ele vinha meditar, ele tirava momentos para proporcionar uma calma ao espírito, afinal de contas era ele que tocava tudo sozinho. Disponível no vídeo: Revelando Batatuba: Casarão do Bata. <http://youtu.be/rbilXLn7Sr8?list=PLPwtCvbkahd-NIVwWCS8PhwH1b4qvm_QT>

princípio o entendíamos “envolto” a partir de suas práticas e das relações deste personagem com o mundo de empreendimentos. Portanto, era uma compreensão vaga e mediada pelos seus modos de ser. Assim sendo, procuramos nos desvencilhar ao máximo do relativismo e, em contra partida, buscar entender quem foi Jan Bata, tornando o entendimento deste mais transparente, no sentido de ser, e nas limitações desta pesquisa. A partir da compreensão da pessoa vamos aos seus empreendimentos.

[...] Numa convivência pública, o que vem ao encontro da ocupação cotidiana não é apenas o instrumento e a obra, mas também aquilo que com eles se “dá”: os “negócios”, empreendimentos, incidentes, acidentes. O “mundo” é, ao mesmo tempo, solo e palco, pertencendo, como tal, à ação e à transformação cotidianas. [...] O impessoal sempre conhece, discute, favorece, combate, mantém e esquece, primordialmente, na perspectiva daquilo que se empreende e daí “emerge”. Sempre calculamos, de imediato, o prosseguimento, a interrupção, a inversão e o “resultado” de cada presença singular a partir do andamento, do estado, da mudança e da disponibilidade daquilo que se ocupa. Por mais trivial que possa ser a referência à compreensão de presença, no sentido de compreensibilidade cotidiana, do ponto de vista ontológico, ela não é, de forma alguma, transparente. [...] (HEIDEGGER, 2009, p.480)

É preciso deixar claro que: A história que vamos aqui narrar não tem compromisso com a “verdade”, melhor dizendo, não é nossa intensão apura-la aqui, até porque foge do escopo do que entendemos por narrativas. No entanto, a verdade aqui é aquela que participa de uma *consideração*, uma *concordância*, e estas são reveladas na temporalidade. É certo que trazemos elementos históricos e até dados a respeito, mas o que nos interessa são as narrativas das pessoas reconfigurando seus tempos neste ato.

[...] não temos nada melhor que a memória para falar do que aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela. Os falsos testemunhos [...] só podem ser desmascarados por uma instância crítica cujo único recurso é opor aos testemunhos tachados de suspeitos outros testemunhos reputados mais confiáveis. [...] o testemunho constitui a estrutura fundamental de transição entre a memória e a história. (RICOEUR, 2007, p. 40-41)

Vimos no primeiro capítulo que é por meio deste ato que o *tempo humano* é configurado. É por meio da troca, da negociação entre estas lembranças, estes “instrumentos do pensamento” e a história que vamos nos encontrar com a narrativa histórica sobre Jan Bata e seu Projeto Batatuba e, assim poder entender sobre o tempo deste lugar.

3.1.1 Jan Antonín Bat’a

—*Cherói não existe senão no canto, mas não deixa de existir também na memória coletiva, da qual participam os homens, poeta e público.*”
Paul Zumthor³⁰⁶

Mas voltemos à presença dos jovens deitados na grama em frente à casa de Tomas e ouçamos um que, até então, nada dissera dos planos que lhe iam pela cabeça de 15 primaveras.

Jan o irmão mais moço de Tomas, ao lado deste brincava com a relva verde segurando-a entre os dedos médios, como se estes fossem um atesoura. Enfim Tomas virando-se para ele perguntou:

- E tu? Não queres dizer nada?

- Para quê? Para te irritares comigo, como fizeste com Jorge?

- Não me irritarei contigo, podes dizer sem receito.

- Seja o que for que eu diga? Pela salvação da tua alma?

- Juro pela salvação de minha alma. Confirmou Tomas sorrindo.

- Bem! Eu penso que ainda **serei o dono desta fábrica**. Declarou Jan estendendo o braço em direção da mesma e continuou:

- E **quando eu for** o proprietário desta empresa, a cidade de Zlín crescerá tanto que não poderá caber entre estas montanhas. As casas galgarão as colinas de Leste a Oeste, enquanto as fábricas ocuparão parte do vale. (ARCHANJO, 195?, p. 27, meu negrito)

“Serei o dono...” “Quando eu for” – já pressupõe a disposição de Jan Bata diante daquilo que previa de si, bem como sua disposição em relação ao mundo que o circundava.

Jan Antonín Bata filho de uma família grande – 07 filhos, cuja tradição, há pelo menos 8 gerações (cerca de 300 anos), era fazer sapatos artesanais³⁰⁷. “[...] Era uma profissão que já vinha na massa do sangue dos Bata. [...]”³⁰⁸ E continuaria assim, caso Tomas Bata³⁰⁹ (03/04/1876 – Zlín; 12/07/1932 – Moravia), meio irmão de Jan Bata, não surpreendesse a todos com sua maneira de tratar os clientes e já criando para si, aos 18 anos uma oficina de sapateiro. Estava assim iniciada a primeira indústria Bata em Zlín, essa que se tornaria, trinta anos mais tarde, a sede de uma das maiores organizações de calçado do mundo.

Jan nasceu em Uherské Hradiště, distrito de Zlín³¹⁰ – a então Tchecoslováquia, hoje República Tcheca, em 07 de março de 1898. De seu meio-irmão, Tomas Bata,

³⁰⁶ ZUMTHOR apud LE GOFF, 2013, p. 412.

³⁰⁷ Ver anexo 1 - Tomas Bata 1876–1932.

³⁰⁸ ARCHANJO, 195?, 25.

³⁰⁹ Não nos deteremos na vida de Tomas Bata, basta saber da sua importância retratada nas mídias com inúmeras referências. Em uma busca rápida no Google encontramos pelo menos 294.000 resultados.

³¹⁰ Apresentação de Zlín. Disponível em:

recebeu toda sorte de influência que o conduziria como grande industrial do século passado. Assim sendo, a narrativa da história desse industrial começa bem antes, porque recebe de Tomas Bata este legado de empreendedorismo, que apesar de ser a tradição da família, foi Tomas que o evoluiu.

Figura 7: Emblema: Família Bata - data de início

Figura 8: Emblema da Indústria ao redor do Mundo

Em constante progresso, Tomas Bata resolveu transformar a oficina em indústria, para tanto viajou à Alemanha, Inglaterra e aos Estados Unidos em busca de conhecimentos e técnicas sobre os processos fabris. Em 1904 Tomas Bata trabalhou em uma linha de montagem nos Estados Unidos e trouxe a sua familiaridade com o método de volta para Zlín. Os irmãos costumavam “[...] trabalhar 14 horas por dia, estudando, elaborando planos, mapas de produção, projetavam tarefa, desenhavam máquinas, usinas e levantavam ‘croquis’ topográficos da cidade com o propósito de alargar a fábrica e suas dependências. [...]”³¹¹

Com este desenvolvimento, o local requeria prédios maiores, novos maquinários e o número de operários também aumentava. Todos queriam trabalhar nas indústrias Bata. “O dia seguinte era domingo. E as fábricas estavam fechadas. Em Zlín elas não se abrem também aos sábados, pois desde 1933, a semana de cinco dias, o dia de 8 horas, ou a semana de 40 horas de trabalho, tem sido lei, não checa, mas lei Bata.”³¹²

<<https://www.youtube.com/watch?v=Yxmry8l4Vuk&feature=youtu.be>> Acesso em: 01 ago. 2014.

³¹¹ ARCHANJO, 195? p, 32.

³¹² *Idem*, p. 57.

Figura 9: Zlín 1930 #batavintage³¹³

Então, nos ideais de Tomas Bata, se fazia necessário construir alguns edifícios que respondessem às demandas. E assim o fez. Construiu hotel, restaurante, cinemas e uma rede de lojas para a venda dos produtos, afinal não se fabricava apenas sapatos. Estas ações foram se transformando em cidades que ele construía em torno das fábricas. Concepção esta, como outras, que foi levada a adiante nas realizações de Jan Bata.

Tomas trouxe para a empresa dois de seus irmãos mais novos, Jan e Bohuš³¹⁴ para o negócio. No período entre guerras, Tomas Bata novamente visitou o “Novo Mundo” e, ao retornar à empresa, começou a olhar para as operações de descentralização. Assim, fundou fábricas e empresas em outros países, incluindo Polônia, Iugoslávia, Índia, Holanda, Dinamarca, Reino Unido e Estados Unidos. Estas fábricas eram sempre constituídas de maneira a ser auto-suficientes e autônomas em suas estratégias de design, produção e distribuição. No início da década de 1930, sob a liderança de Tomas Bata, a Empresa Bata e a Tchecoslováquia foram os principais exportadores de calçados do mundo.

Nem mesmo uma crise mundial como a da quebra da bolsa de Nova York, em 1929, foi capaz de abalar as indústrias Bata. Jan Bata tinha um lema: - “Dinheiro é feito para trabalhar, ser investido em produção e não em especulação”.³¹⁵ “Para um checo a

³¹³ Estas imagens e tantas outras nos vieram por meio da Página “Bata” na rede social Facebook <https://www.facebook.com/Bata?fref=ts>, sobre esta imagem o dizer: “What is the springtime weather like where you live? Here's a look at springtime in 1930's Zlin, Czechoslovakia, where Bata was founded. #batavintage”

³¹⁴ Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1%C5%A1_Ba%C5%A5a Acesso em: 01 ago 2014.

³¹⁵ Disponível em: http://www.mzv.cz/brasilgia/pt/relacoes_bilaterais/compatriotas_tchecos_em_brasilgia/jan_antonin_bata.htm> Acesso em 02 ago 2014.

economia é um plano elevado no programa individual. Para Bata é, além disso, um ponto básico na existência humana.”³¹⁶ Todavia, os pensamentos iam para além de planos econômicos. “[...] Jan Bata foi reconhecido também por estimular a vida cultural e artística em Zlín, tendo criado o Salão das Artes, Festival de Cinema, competições literárias, teatros e cinemas e a fundação de um Instituto de Estudos e uma Escola de Artes.”³¹⁷ Já em 1920 a Cia constrói cinema com ingressos gratuitos aos funcionários, além disso, produzia filmes, cinejornais, documentários, comerciais, curtas e filmes educativos. Veremos mais adiante.

Devemos pontuar um fato ocorrido em 1922, quando por sobre toda a Europa Ocidental pesava a investida soviética que, em relação a Checoslováquia, procurava desbancá-la economicamente comprando suas moedas por um preço e vendendo pela metade. Nisto, todos os produtos seriam depreciados gerando a deflação monetária. Alois Rasin, então ministro das finanças,

[...] preparara um plano que ia ferir as classes mais abastadas. Tratava-se da deflação monetária e consequente desvalorização das utilidades e dos gêneros de primeira necessidade em 50%, nivelando o seu custo ao valor da moeda a fim de que esta viesse recuperar, mais tarde, seu valor aquisitivo natural, ou pelo menos proporcional. Os primeiros atingidos foram os agricultores, cuja produção passou a valer menos da metade. Em seguida seriam atingidos o comércio e a indústria. Estes resistiram a todos os apelos que se tratava da salvação nacional. (ARCHANJO, 195?, p. 34)

No caso de os industriais resistirem ao plano de Alois, este resolveu determiná-lo pela força a desvalorização. Em relação aos Bata, Jan ponderava com seu irmão:

- é preciso verificar, se o ministro Alois Rasin está certo em seu plano. Em tal caso, ou apoiamos, ou veremos a Checoslováquia afundar no caos. Fechar as portas da fábrica será concorrer para aumentar a crise, além de permitir pelo desemprego em massa que engrosse as fileiras dos descontentes, e estes confraternizem com os provocadores que esperam justamente isto para dar curso aos seus planos diabólicos. Qual será o fim do governo? E da Checoslováquia? (*idem*, p. 35-6)

Diante do silêncio incerto de Tomas, Jan propõe a também baixar os preços de todos os produtos à metade e supunha que perderiam muito, mas que tudo seria

³¹⁶ ARCHANJO, 195?, p. 64.

³¹⁷ SLAPETA apud Costa, 2012, p. 62.

recuperado adiante e, ainda, sugere o aumento da produção. Jan via no plano da deflação uma oportunidade. Seu plano ia de encontro a todos os princípios das regras comerciais até então em uso. O fato é que Jan e Tomas levaram este plano ao Ministro e este se pronunciou:

- O senhor acaba de tomar uma decisão digna de um patriota, dos mais dignos da nossa pátria, que, agora – mercê de Deus – não mais será ameaçada pelos bolchevistas. O seu exemplo como uma boa semente medrará e os outros acabarão por aceitar a medida do governo que é a única capaz de salvar a nação de acontecimentos muito sérios. Deixe que lhe faça justiça: o senhor salvou a Checoslováquia, mas não só isto, salvou também a Europa, que é o objetivo dos bolchevistas. (ARCHANJO, 195?, p. 36)

As consequências foram inevitáveis, contudo a população, de um modo geral, estava ao lado dos Bata, afinal a redução de preços refletia em todos os estabelecimentos e em todas as suas cadeias produtivas. Todavia, os comunistas ainda tentaram surpreender Zlín e marcharam contra a cidade. A força policial local era reduzida e não poderia conter a multidão e a desordem. As indústrias de Zlín estavam ameaçadas. Ora, Jan Bata que era

[...] um dos membros destacados da organização “sokol” e amigo dos “Orel”; associações de jovens ginastas de notáveis serviços prestados ao país durante a guerra de 1914-18. E sabedor da marcha dos comunistas sobre Zlín, reuniu um grupo dessas duas associações e foi esperá-los fora da cidade, à margem da Estrada de Ferro, armados de cabos de energia elétrica e “cassetete” de borracha. [...] Apesar de em menor número os defensores tinham a vantagem do local previamente escolhido. O encontro deu-se de madrugada. Os membros da “Sokol” e “Orel” carregaram com vigor sobre os assaltantes, que colhidos de surpresa de defenderam mal. [...] Entre os defensores de Zlín haviam alguns feridos. O próprio Jan Bata, que recebera uma pancada desferida por um comunista armado de cano de ferro, sangrava abundantemente na testa, cuja cicatriz, mais tarde, ele mostrava com orgulho, ao narrar essa fase tão perigosa à pátria. (ARCHANJO, 195?, p. 43)

A nós é particularmente interessante observar a metanarrativa do autor sobre a vida dos Bata, ainda mais quando esta nos afeta de maneira que nos transportamos para aquele momento vivido pelo narrador. A percepção de uma cena vivida, a reconstituição dos fatos, ou melhor, de certas particularidades do acontecimento concentrando na fase declarativa.

A vida de Jan Bata³¹⁸ começa a ser enredada numa trama tempos depois da morte de Tomas. Este, ainda em vida, decide por lhe vender a empresa Bata. Assinaram então contrato³¹⁹ de compra e venda de todas as fábricas e propriedades de Tomas, tanto na Checoslováquia como no estrangeiro por 50 milhões de coras checas. Tomas não via em seu filho, herdeiro natural e reconhecido pela lei checa, um administrador adequado às suas indústrias, por outro lado, reconhecia em Jan Bata o líder nato. O fato é que esta atitude gerou uma rede de intrigas ao longo do tempo, por parte de seu sobrinho – Thomas J. Bata – e outros familiares, que veio a se somar aos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial cujo desfecho ainda estamos por ver.

Todavia, anterior à Guerra devemos trazer, resumidamente “alguns” feitos de Jan Bata, visto que sua obra excede qualquer tese. Neste sentido, devemos dizer também que a matéria da vida deste homem é tão vasta e rica que se pode, perfeitamente, estudá-la sobre e a partir de inúmeros vieses. Contudo, para este trabalho estamos apenas referenciando-o, uma vez que, o que nos interessa são as narrativas das pessoas sobre esta personagem desconhecida da história nacional.

Com a morte de Tomas Bata em 1932, em um acidente de avião, Jan Bata assume a empresa. A partir de então, em pesquisa pelos sites na Internet começamos a perceber a *ambiguidade* de informações o que, como dissemos é próprio daquela triangulação (um que fala a outro de um terceiro que não está ali) presente na falação.

Tomas Bata morreu em um acidente de avião (Junkers J13 D1608), em 1932, perto do aeroporto Zlín, tentando voar para Möhlin na Suíça em uma viagem de negócios em condições de mau tempo (nevoeiro denso local).³²⁰ Após sua morte, seu meio-irmão Jan Antonín Bata assumiu a propriedade das empresas de Bata e, em alguns sites encontramos que *ele fugira* para os Estados Unidos devido à ocupação nazista, em 1939, e mais tarde se estabeleceu no Brasil. E, ainda encontramos também que o filho de Tomas Bata: “[...] antecipando a Segunda Guerra Mundial, juntamente com mais de 100 famílias da Tchecoslováquia se mudou para o Canadá em 1939 para desenvolver a Companhia *Bata Shoes* do Canadá centrado em uma cidade que ainda leva seu nome, Batawa, Ontário. [...]”³²¹ É evidente que os discursos são sempre pertinentes a fala de

³¹⁸ Ver Anexo 2 Jan Antonin Bata, Timeline

³¹⁹ Ver anexo 3 Tradução do contrato de compra e venda firmado pelos srs. Tomas Bata e Jan A. Bata.

³²⁰ Ver anexo 4 – Tradução do testamento.

³²¹ TOMAS BATA. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1%C5%A1_Ba%C5%A5a Acesso em: 01 ago 2014.

quem o faz e carregado sempre de intenções. Mas não nos deteremos aqui, até porque ouvimos outras histórias em Batatuba, como por exemplo, este vídeo – *Revelando Batatuba: Casarão Bata*³²² narrado pelo Sr. Edelson Chicaroni que fora amigo do Jan Tomas Bata, filho de Jan Bata.

Anterior à ocupação de 1939, Jan Bata já teria construído seis fábricas no continente americano e enviado grupos de maquinário e de recursos humanos (homens e mulheres egressos das escolas Bata) que tiveram por destinos países como Chile, Peru, Bolívia, Guatemala, Haiti.³²³

A Segunda Guerra Mundial deixou muitas empresas Bata, como tantas outras, na Europa e no Extremo Oriente, destruídas. Após a Guerra, a empresa core business na Tchecoslováquia e outras grandes empresas na Europa Central e Oriental foram nacionalizadas pelos governos comunistas. Por ocasião desta época, Jan já estava no Brasil fundando Batatuba, enquanto que Thomas, aquele sobrinho – filho de Tomas Bata “dedicava-se à reconstrução e crescimento da Organização Bata Shoe, juntamente com sua esposa e parceira Sonja. Ele, Thomas, liderou com sucesso a expansão inovadora em novos mercados na Ásia, Oriente Médio, África e América Latina. Sob sua liderança, a Organização “Bata Shoe” experimentado um crescimento sem precedentes e se tornou a maior fabricante e comerciante mundial de venda de calçados com mais de 300 milhões de pares de sapatos por ano e empregando mais de 80.000 pessoas.”^{324 325}

1938 – 1948 DO ACORDO DE MUNIQUE À EXTRADIÇÃO

Com o Acordo de Munique (1938), a Alemanha passa a controlar a Morávia, assim como as fábricas da Baťa. Na sequência da ocupação Nazi, grande parte dos complexos fabris de Zlín são destruídos por bombardeamentos norte-americanos. A libertação da Checoslováquia pelas forças militares do Pacto de Varsóvia (Romenos e Soviéticos), conduziria à nacionalização das fábricas Baťa e toda a família de Tomáš é forçada ao exílio, mudando-se para Toronto, que se torna a nova sede da Baťa. Desde cedo a actuação de Baťa ia sendo contestada por pequenas facções de extrema-esquerda. Uma ocupação gradual dos cargos de chefia das empresas e da câmara culmina com o controlo definitivo da cidade pelos comunistas em Fevereiro de 1948 e Zlín passa a chamar-se Gottwaldov, em homenagem a Klement Gottwald. Uma prova da importância da cidade para os comunistas,

³²² Disponível em: <http://youtu.be/rbilXLn7Sr8?list=PLPwtCvbkaHd-NIVwWCS8PhwH1b4qvm_QT> acesso em: 02 ago 2014.

³²³ IVANOV apud Costa, 2012, p. 75.

³²⁴ TOMAS BATA. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1%C5%A1_Ba%C5%A5a Acesso em: 01 ago 2014.

³²⁵ Disponível em: <http://www.private-prague-guide.com/article/tomas-bata/> Acesso em 01 ago 2014.

bem como da vontade de desassociar a família Baťa da memória de Zlín. (LOUREIRO, 2009, p. 53)

Em o “Mundo compreenderá” encontramos mais detalhes dos acontecidos deste período na vida de Jan.

Preso em 1938 pela Gestapo, Jan Bata compreendeu que deveria cogitar um plano para deixar a Checoslováquia em companhia de sua família. Por aquela ocasião as fábricas Bata estavam espalhadas em 40 países e todas obedeciam ao comando da sede em Zlín. Obviamente a empresa Bata era considerada ponto estratégico para os nazistas. Em 1939 embarca para os EUA com o pretexto de visitar a “Feira Internacional de Nova York”, só assim consegue licença para deixar a Checoslováquia já ocupada pelos nazistas que declaram:

[...] são declaradas “abandonadas” as empresas Bata que não tivessem a maioria de suas ações dentro do “Protetorado Bohemia-Moravia” [...] Ora, Jan Bata achava-se nos Estados Unidos e era ele o maior acionista e presidente das empresas em Zlín. [...] então responsáveis pela direção da empresa embarcam cada um para pontos diferentes a fim de se comunicarem telefonicamente com Jan Bata, em Nova York, com o propósito de concertarem providências. [...]. (ARCHANJO, 195?, p. 107)

Em novembro de 1939 os diretores sugerem a Bata que transferisse para o nome de cada um 7% das ações em seu poder num total de 35%. Ainda assim, Bata continuava com a maioria das ações então fora convencido a entregar mais 25% à Sra. Maria T. Bata, viúva de Tomas Bata e, portanto, mãe de Thomas Bata, e que residia no Canadá. Enquanto a Guerra a residência de Jan era mantida a sua espera em Zlín, bem como a empresa mais ou menos “livre” com o único propósito de atrair Jan Bata para uma cilada. É nesse ambiente que sua cunhada prepara um golpe que mais tarde o leva aos tribunais não para um julgamento, mas para uma condenação de antemão pronta, segundo Archanjo.

A sentença lavrada foi a seguinte: condenado a 15 anos de prisão, sendo 10 de trabalhos forçados, a uma pena suplementar de passar em cela escura todos os 15 de março de cada ano, data da ocupação da Checoslováquia pelas tropas alemãs, à degradação nacional e ao confisco de todos os seus bens em benefício do Estado, por ter sido reconhecido culpado. [...] (1º) **de ter criado obstáculos** ao movimento de resistência checoslovaca. (2º) **de não ter cooperado** para a libertação de sua pátria, e (3º) **de ter agido de maneira** a ser incluído nas listas negras de países aliados. [...]. (ARCHANJO, 195?, p. 124)

[...] Como se vê, o Conselho de Guerra, presidido por um oficial presidente (um oficial general?) cortou a palavra ao advogado da defesa do acusado. Da mesma forma o presidente do tribunal de Praga, interrompeu o advogado e proibiu que debatessem questões essenciais de direito. Está claro que os dois acusados não se podiam defender. Aqueles tribunais não iam julgar, mas apenas condenar...! (ARCHANJO, 195?, p. 119)³²⁶

Quando Jan Antonín Bata fora informado da decisão se limitou a dizer: “O mundo compreenderá.”³²⁷

E foi o que aconteceu. Jan Bata passou a ser depois da guerra, o traidor da pátria, ao passo que Cipera e Maria Bata os beneméritos. Mas não termina aí a trama Cipera-Maria T. Bata e outros. Era preciso levar Jan Bata à barra do tribunal. Eles conheciam Jan Bata, sabiam de sua capacidade, de sua inteireza moral, incapaz de fazer o mal, mas também capaz de colocar no pelourinho traidores de tão fio crime. Enquanto Bata estivesse em liberdade ou livre para voltar à Checoslováquia, quando quisesse, eles estariam em perigo. Era preciso eliminá-lo ou inimizá-lo com o povo e o futuro governo. Nas fábricas, Cipera e outros se encarregaram de fazer Bata passar por um anti-patriota. Na política e na administração ficou a cargo de Maria T. Bata, Assim o Rei do Sapato não se podia defender. E ele nem desconfiava que Cipera, pessoa de sua confiança e Maria T. Bata, viúva de seu irmão Tomas, conspirassem contra a liberdade e a vida de quem só bem lhes fizera até então. (ARCHANJO, 195?, p. 109)

Logo após sua condenação, Tomas Bata Júnior, seu sobrinho, moveu uma ação em juízo na Corte dos EUA reclamando as propriedades que pertenciam ao seu pai alegando a venda das mesmas realizadas em 1931. E por este motivo, mais uma vez Jan Bata foi detido quando chegou em Nova York, em 24 de agosto de 1950, no entanto ao examinarem a documentação (contrato de compra e venda e testamento) o liberaram.

[...] A 1 de Janeiro de 1949 o nome das fábricas é também alterado para Companhia Nacional Svít. Só com o colapso do comunismo foi permitida a entrada de Thomas Baťa, filho de Tomáš, na Checoslováquia. Do património confiscado, apenas 90 lojas foram restituídas, a Villa Baťa em Zlín (onde Thomas constituiu a Fundação Tomáš Baťa), as florestas na fronteira da República Checa e da Eslováquia e uma pequena fábrica em Domi Nemči. (LOUREIRO, p. 55)

Um agente ímpar da história para quem paixão, ideia produtiva e ideal se sobrepuseram. Poder-se-ia dizer que Jan Antonín Baťa foi este homem descrito por

³²⁶ O autor - Archanjo - compara diversas vezes o caso dos processos envolvendo Jan Bata com o caso de Dreyfus - também acusado e preso injustamente - como narra Zolá.

³²⁷ Sobre este processo ver anexo 5.

Hegel “[...] Homens de paixão, são homens infelizes: a paixão deles os faz viver, o destino deles os mata; esse mal e essa infelicidade *são* as “efetuações do Espírito”. [...]”³²⁸

A presença só pode, portanto, sofrer golpes do destino porque, no fundo do seu ser, ela *é* destino, entendido nesse sentido. Existindo na decisão que para si se transmite num destino, a presença, enquanto ser-no-mundo, é e está aberta para “vir ao encontro” de circunstâncias “favoráveis” e para o pavor dos acasos. Não é pelo choque de circunstâncias e dados que emerge o destino. Ainda mais do que quem escolheu, também o indeciso é enredado pelas circunstâncias e dados, embora possa não “ter” um destino. (HEIDEGGER, 2009, p.476)

Jan Bata, poderia ter continuado nos Estados Unidos, mas achou por bem, e também para seus negócios, vir se instalar no Brasil. Na verdade Jan já estivera no Brasil tempos antes da Guerra. Esteve por aqui, no Brasil, em 1925, para comprar couro para as indústrias de calçados, então ele conhecia bem este mercado brasileiro. Além disso, foi convidado pelo Presidente Getúlio Vargas com o intuito do desenvolvimento no sentido Oeste do país – A “Marcha para o Oeste” dentro da política integralista daquele Governo.

- Em nenhum país do mundo – continuou – tenho encontrado, em estado original, a matéria prima em grande quantidade. Nos outros países onde tenho construído cidades, primeiro faz-se necessário criá-las o que não se verifica no Brasil, pois a matéria prima se acha aqui quase à mão, é só beneficiá-la. (ARCHANJO, 195?, p. 213)

Aqui também, no Brasil, Jan Bata foi vítima de ações movidas pelo governo checo demandando que as propriedades adquiridas por aquele fossem lhe entregues. Nestes casos, porém, o governo brasileiro defendeu Bata, como não poderia deixar de ser, afinal, este apresentará toda a documentação comprobatória de seus bens. Contudo, seus bens foram confiscados pelo governo daquele país e, só recentemente, a partir de 2008, a família pode reaver.

Também a repercussão de seu nome na “lista negra” dos países aliados, o que de certa maneira com livre acesso em relação ao governo brasileiro. Claro que com a “falação” isso também dificultou suas ações. Como vimos, a falação pode gerar o silêncio, a curiosidade e a ambiguidade.

[...] A ambiguidade da interpretação pública proporciona as falas adiantadas e os pressentimentos curiosos com relação ao que propriamente acontece, carimbando assim as realizações e as ações

³²⁸ RICOEUR, 2010, v. 3; p. 337.

com o selo de retardatário e insignificante. Desse modo, no impessoal, o compreender da presença *não vê* a si mesmo em seus projetos, no tocante às possibilidades ontológicas autênticas. A presença é e está sempre “por aí” de modo ambíguo, ou seja, por aí *na* abertura pública da convivência, onde a falação mais intensa e a curiosidade mais aguda controlam o “negócio”, onde cotidianamente tudo e, no fundo, nada acontece. [...] (HEIDEGGER, 2009, p. 239)

Ora, essa “falação” é também um modo de ser e, até de se apropriar do discurso do outro, de um terceiro ausente, pelo viés do impróprio. Onde está a intriga aqui (*mimesis-mýthos*)? Está na imitação, no recontar um fato inserindo neste algum elemento/dado novo e, este é um dos motivos pelos quais dissemos acima que: “não estamos apurando fatos”, que isto é o trabalho do historiador, a nossa questão aqui é outra. Por exemplo, em termos de mídias digitais, como nos damos conta de todo este arcabouço de histórias? Quais são nossos mecanismos de busca para “pescar elementos” neste oceano que é a Internet afim de que nossas narrativas formem um arranjo. Vamos nos perder na cacofonia, ou vamos nos dialogar com a polifonia?

O fato é que os modos de ser de Jan Bata entram para a medianidade, para a cotidianidade das pessoas que têm algo a ver com seus modos de ser. Ao colocar “jan antonin bata+lista negra” no Google temos acesso, ao menos, a 719 resultados, isto só em português. Então, como dizemos: “não sei desta história”. A história está dada, mas ao participar de um *campo de atenção comum*, ela é reconfigurada e apropriada.

Após a morte de Tomás, ocorrida no trágico acidente de aviação em 1932, Jan cumpre a vontade expressa de seu tio Tomás Bata, e assume a propriedade e o comando de todas as empresas Bata na Tchecoslováquia e no exterior. As origens da futura disputa familiar entre o Jan e seu sobrinho, Tomas Bata Júnior, estão aí.

Em poucos anos, Jan multiplica dez vezes o número de empregados da empresa Bata na Tchecoslováquia. Em 1938 já são 118.000 empregados. Dedicar a vida na ampliação do empreendimento pelo mundo desenvolvendo tecnologias revolucionárias e calçando cidadãos de 89 países. Em 1936 é construído o prédio da administração de 17 andares na matriz em Zlín, unindo arquitetura e tecnologia, o mais alto prédio da então Tchecoslováquia. Para administrar o seu tempo de forma mais eficaz, coloca seu escritório dentro de um elevador especialmente projetado para visitar todos os andares da administração de forma a otimizar o tempo de todos.

Dentro da filosofia que foi educado desde menino, revoluciona as relações que há entre capital e trabalho numa antecipação de décadas às conquistas mais espetaculares que qualquer conjunto de trabalhadores tinha conseguido alcançar em qualquer parte do mundo. Jan Antonín transforma a empresa, fundada e criada pelo meio irmão, no maior complexo industrial de calçados do planeta. Em 1937, dá a volta ao mundo pelas indústrias Bata. Desta viagem publica o livro que gera o filme homônimo: “A viagem ao redor do mundo pelas indústrias Bata”

Nos países onde instala suas empresas o Bata investe nos seus empregados. Chama-lhes colaboradores. Os resultados de sucesso florescem e começam a despertar preocupação nos concorrentes, cujo sistema capitalista, corrente no mundo ocidental, é baseado na exploração do homem pelo homem.³²⁹

No site da embaixada Tcheca em Brasília, encontramos uma página que nos diz dos feitos de Jan no período da Guerra. Segundo aquele, o Bata usou a sua empresa para salvar a vida de centenas de seus colaboradores entre eles inúmeras famílias de judeus, criando uma empresa de exportação de nome KOTVA. Além de transferir maquinário, recursos, matérias primas e até fábricas inteiras, fazendo emigrar seus trabalhadores de origem judaica. Ele também contribuiu financeiramente com o governo da então Tchecoslováquia. Assim, ele se surpreende, em 1941, quando é informado que seu

³²⁹ Disponível em:

http://www.mzv.cz/brasil/pt/relacoes_bilaterais/compatriotas_tchecos_em_brasil/jan_antonin_bata.html > Acesso em 02 ago 2014.

nome está na “lista negra” dos países aliados. Para se proteger muda-se com a família dos EUA para o Brasil e perplexo diante de tamanha infâmia, quer saber por quê. Somada a esta notícia vem logo outra quando, em 1945, a Bata SA em Zlín e todas as empresas de Jan na Tchecoslováquia, são nacionalizadas, sem qualquer indenização.

[...] infere-se que a implantação do regime socialista após a II Guerra na Tchecoslováquia, o consequente distanciamento cultural em todo o leste europeu e, sobretudo, o desfecho vivido pela Companhia e por Jan Bata em relação ao seu país natal, contribuíram em muito para que no nome Bata se tornasse ausente da historiografia. (COSTA, 2009, p. 29)

Tal condição perduraria por décadas. Apenas em 15 de novembro de 2007, após ratificação das cortes municipais de Praga e Zlín, a Justiça Superior tcheca anularia o processo que culminaria com a condenação de Bata e a nacionalização de todas as suas empresas localizadas na antiga Tchecoslováquia. Naquele contexto de fins da década de 1940, naquele país a figura de Bata e a imagem de sua Companhia passariam por um processo deliberado de esquecimento e desconstrução. (COSTA, 2009, p. 28)

Diante de tantas acusações (Tribunal Nacional de Praga de 64 crimes), em 1947, Jan Bata é acusado contra a nação Tcheca e sua extradição é pedida ao Brasil. Porém, antes do prazo é naturalizado brasileiro por interesse nacional através de decreto assinado pelo presidente Eurico Gaspar Dutra. O Itamaraty recebe um relatório assinado pelo embaixador brasileiro Décio Coimbra, que tendo acompanhado o julgamento, descreve-o em detalhes denunciando a farsa de que Jan Bata, agora cidadão brasileiro, fora vítima.

Entre 1942 e 1962, Jan Antonín Bata é afastado de todos os recursos financeiros próprios obtidos ao longo de 30 anos de trabalho, através de ações judiciais vitoriosas à custa de fraude e perjúrio, com a conivência criminosa dos diferentes governos no mundo.

Em 23 de agosto de 1965 Jan Bata falece no hospital Beneficência Portuguesa em São Paulo, após o oitavo enfarte.

É feito o translado para Batatuba. Já passa das 23 horas e apesar da noite fria, os dois lados da estrada, desde a capelinha até o acesso à residência de Jan, as pessoas que vieram de longe, se perfilam e acenam, se agrupam e numa fila até sua casa, carinhosamente atiram flores para "o Dr. Bata passar" pela última vez.

Os sonoros toques secos de sua pequena máquina de escrever cessam. Foram escritos cinquenta e oito livros de idéias geniais e primitivas, muitos inéditos, entre eles romances e poemas. A laboriosa lapiseira Parker, companheira de seus pensamentos, registra o último deles: “Apesar da fraude e do perjúrio, a verdade virá à tona como o óleo sobre a água”.

No ano de 2007, precisamente sessenta anos após a condenação de Jan Antonín Bata pelo tribunal popular da Tchecoslováquia, por iniciativa da cidade de Zlín na República Tcheca, é inaugurada uma estátua em homenagem a ele, assim como seu trabalho é apresentado numa grande conferência, que mobiliza toda a imprensa do país.

No dia 25 de junho de 2007, a sentença que o havia condenado em 1947 é anulada e em 15 de novembro do mesmo ano Jan Antonín Bata é finalmente reabilitado na República Tcheca. Como havia preconizado em seu leito de morte 42 anos antes, a verdade veio à tona como o óleo sobre a água... (CENTRO DE MEMÓRIA JINDRICH TRACHTA)

É também pelo fatalismo de pressão inexorável das forças econômicas, e confirmado pelo da permanência em espaços geográficos de povoamento, que inclina a uma visão de homem esmagado por forças maiores que as suas. Ao questionar sobre a relação do dever de memória e o dever de fazer justiça, Paul Ricoeur³³⁰; oferece três elementos como resposta, a saber:

- a) O dever de memória é o dever de fazer justiça, pela lembrança, a um outro que não o si;
- b) A ideia de dívida é inseparável da de herança e;
- c) Uma prioridade moral cabe às vítimas.

Jan Antonín Bata é a própria imagem presente de uma coisa ausente se desdobrando na existência de um passado. Um passado que permanece graças a sua obra e toda a sua extensão, des-dobra não sob o “regime de existência” como tendo sido, mas algo que permanece na carência de uma conclusão, ou de uma solução que se abre em novas possibilidades.

A vida é uma sucessão de experiências que sempre trazem aprendizado. Nessa marcha de altos e baixos quando chegamos ao fim do caminho quase sempre cansados, esquecemos de prestar atenção no que está sendo deixado para a posteridade. É assim que a maioria das pessoas passa pela vida deixando quase nada. Perde tanto tempo como

³³⁰ RICOEUR, 2007, p. 101-102.

se fosse pródigo nele... como é importante o tempo... quem é que sabe quando o caminho vai terminar? Jan Antonín Bat'a³³¹

O que “falaram” sobre Jan Bata em Batatuba:

Edelton Chicaroni - “Eu cresci muito aqui dentro, com eles. [em relação à família Bata]”

Muitos dizem que Jan Bata era um homem para além de sua época. Será? Ou será que era uma pessoa totalmente envolvida com os meios onde se encontrava? Vejamos: Quando houve a questão bolchevista ele soube se posicionar em relação às investidas daquele país e também em relação ao seu, assim foi também em relação ao nazismo. Mas o que mais chama a atenção é que ele não era um homem de um instrumento só. Ele se desdobrava em todas as suas complexidades e se apropriava de maneira ímpar dos meios e os colocava todos trabalhando “conjuntamente” a seu favor. Ele não era só o rei do sapato, dominava a arquitetura, a economia, línguas e, para nossa surpresa: o cinema e as mídias da época, haja vista a quantidade de filmes e vídeos produzidos documentando o desenvolvimento das indústrias.

A mídia impressa foi um dos setores fundamentais da organização industrial Bata, para a realização de seu sistema de vida e trabalho, divulgando-o e consolidando-o. Esta prática trazida de fora, no Brasil teve dimensões mais limitadas, mas não menos significativas. O periódico “Novidades de Batatuba”, editado pela SAPACO, bem ilustrava aspectos do ‘estado de espírito’ reinante, enquanto a ‘pequena Zlín’, a terra dos bons calçados’ – como Batatuba era chamada pelo jornal, dava os primeiros passos em 1942.

[...] A partir da sua cidade-sede, a Cia. Bata lançava mão de uma extensa rede midiática que não se resumia aos jornais. Destes, o periódico ‘Zlín’, publicado três vezes por semana (em Zlín), seria o principal. Seguiam-se a ele cerca de outras 15 publicações especializadas, algumas das quais em idioma estrangeiro [...] Além disto, a Cia, operava outros meios como telefonia, cinema, radiotelegrafo, teletipo, gramofone e rádio, chegando a tentar, por volta de 1936-37, a compra de sistemas de televisão nos EUA e na Grã-Bretanha e a construção de um sistema de transmissão em Zlín. (COSTA, 2012, p. 102)

[...] em 1938, um sistema de conferência telefônica permitia 10 chamadas simultâneas, e no mesmo ano, a Cia. Produziu um filme sobre a utilização apropriada do telefone chamado “Tempo é dinheiro”. O cinema também foi extensamente utilizado: em 1928, foi

³³¹ Disponível em:

http://www.mzv.cz/brasil/pt/relacoes_bilaterais/compatriotas_tchecos_em_brasil/jan_antonin_bata.html> Acesso em 02 ago 2014.

criada uma unidade de filmagem como parte do departamento de propaganda para contratar, copiar e distribuir filmes, que passaram a ser produzidos, em parte, no início dos anos 1930. Em 1935, foi contratado um time de jovens cineastas que incluía o vanguardista Alexandr Hackenschinied; em 1936, foi criado um novo estúdio e laboratório de filmes sonorizados, e distribuída nas lojas Bata uma revista semanal sobre cinema, a “Bata Newsreel”; estúdios cinematográficos em Praga serão locados com o propósito de produção de filmes de ficção (1939-1940); em 1940 ocorreria o primeiro festival de cinema tcheco Filmové zné em Zlín e, em 1941, se daria o início da produção de animações. O início das transmissões radiofônicas diárias das indústrias Bata e uma campanha publicitária conjunta da Cia. Bata e da Rádio Tchecoslovaca ocorreria entre 1937 e 1938. (COSTA, 2012, nota de rodapé, p. 102)

3.1.2 Projeto Batatuba

Diversidade. Uma cidade, um campo, de longe são uma cidade e um campo; mas, à medida que nos aproximamos, são casas, árvores, telhas, folhas, plantas formigas, pernas de formigas, até o infinito. Tudo isso se engloba sob o nome de campo.
Pascal, Pensamentos.

Figura 10 e 11: Casas Bata em Praga (Fonte desconhecida)

Figura 11: "A imagem da cidade" por Kevin Lynch

Figura 12: início da Vila Operária de Batatuba - foto: Jan Bata

O Rei do Sapato ficara encantado com o nosso país, acertando desde logo na construção de 10 cidades tipo Bata além de numerosas fábricas. Para isso adquiriu diversas áreas de terrenos, e numa delas deveria instalar a fábrica de máquinas sapateiras, ao passo que em outras fábricas de papel celofane, fábrica de celulose, fábrica de tecidos, fábrica de produtos químicos, fábricas de sapato, fábricas de meias, fábrica de seda artificial e animal, além de cortumes, beneficiamento de algodão, cultura de bicho-de-seda, criação de gado, etc.

Depois de amadurecer esse plano e de contratar arquitetos para dar início imediato à construção de Batatuba, que seria a futura sede de todas as indústrias Bata no mundo. (ARCHANJO, 195?, p. 179 -180)

O projeto de Batatuba está inserido num quadro bem além do local. A concepção do seu idealizador, Jan Antonín Bata, era estender as fronteiras desse como fizera com Zlín. Alias, segundo os moradores desta Vila/Bairro, Bata chamava este lugar de: “Pequena Zlín”. “[...] Suas dimensões seriam suficientes para o plano de erigir uma cidade industrial de 10.000 habitantes, a qual Bata previa, após 10 anos, tornar-se [...] uma cidade tão importante para o Brasil quanto Zlín foi para a Tchecoslováquia [...]”³³²

Sobre a concepção arquitetônica dos Bata (Tomas e Jan) Costa e Loureiro fizeram um excelente levantamento, além de todo material que há na Web. Então não nos compete tal levantamento, mas no serviremos do que há, até para contextualizar este lugar de memória que, como já o dissemos, “parece” parado no tempo. Estes irmãos, embora não fossem arquitetos se cercavam destes profissionais, dos melhores diga se de passagem, como a aproximação da Cia Bata à CIAM – Congresso Internacional da Arquitetura Moderna e, entre eles, Le Corbusier que fora lhe apresentado por Vladimir Karfík, também arquiteto e chefe da Companhia entre 1930 e 1946. Então, Le Corbusier se declara, em carta, admirador de Jan Bata.

Em Carta a Jan Baťa, 9 Maio 1935. (“Estas palavras de hoje servem simplesmente para vos agradecer uma vez mais do fundo do meu coração pelo vosso tão caloroso acolhimento e para vos repetir de novo o como fiquei exaltado pelo esplendor da vossa empresa. Queira ter-me como um seu devoto”). (LOUREIRO, 2009, p. 2)

Foi a partir do modelo de Zlín, enquanto ‘cidade-linear industrial’, que Corbusier baseou-se para desenvolver um dos três tipos de unidades produtivas

³³² ARCHANJO apud COSTA, 2012, p. 100.

humanas em *Les Tois Établissements humains*, de 1944.³³³ Vale lembrar que a Europa estava com déficit habitacional no pós-guerra e não só, era de acordo com o movimento *moderno* que as cidades começaram a se reconstruir. Então as moradias se faziam necessárias e também as indústrias eram construídas conforme linhas de produção. O mundo era pensado em termos destas linhas. “[...] a ideia de que a máquina, a fábrica e a cidade racionalizada oferecem uma concepção rica o bastante para definir qualidades eternas da vida moderna. [...]” (HARVEY, 2006, p. 39) - Progresso linear, planejamento racional de ordens sociais ideais, sob condições padronizadas de conhecimentos e de produção. O modernismo era, pois, positivista, tecnocêntrico, racionalista e serial. Em 1918,

Tomas Bata iniciou a implantação de moradias para os trabalhadores da fábrica, com o plano regulador para o bairro residencial de Letná, por Jan Kotera [...] Para utilizar mais eficientemente a terra, Tomas Bata começaria por construir casas geminadas para os operários, embora sua preferência fosse por habitações individualizadas no lote. (Ivanov apud Costa, 2012, p. 52)

[...] Na gestão Jan Bata foi erigido um dos maiores ícones da arquitetura de Zlín, o edifício Bata 21, concluído em 1938 considerado, à época, o primeiro arranha-céu moderno construído na Tchecoslováquia e um dos mais altos em toda a Europa. Projetado por Karfik, seu projeto baseava-se no módulo típico de 6,15 x 6,15m, uma altura de 77 metros e 16 andares, sistema de climatização trazido dos EUA e um escritório privativo para Bata (com lavatório e ar-condicionado) na forma de um elevador. O edifício, concretização do ideário Bata de ‘trabalhar coletivamente’, poderia ser considerado uma amostra paradigmática da arquitetura de Zlín: sistema estrutural modular, o uso racional do concreto, do tijolo, do aço e do vidro, a planta livre, a descentralização do controle da produção (oficinas independentes) e a presença mítica do ‘chefe’, expressos na disposição móvel do escritório de Bata. (COSTA, 2012, p. 62)

Associa-se à arquitetura complexa da Companhia Bata o desenvolvimento dentro daquilo que se chamava “capitalismo do bem-estar”. Os empregados ou colaboradores são incentivados a investir uma parte dos seus salários nas ações da empresa. No fim do ano os lucros são distribuídos, 7% aos diretores e 10% aos colaboradores ou “batadores” como os chamava Jan Bata. Vale dizer que este também realizava com seus empregados sessões semanais de *brainstorming*.

A noção de serviço social foi agregada à prática industrial sendo chamada de “código econômico da moral” por Tomas Bata:

³³³ FRAMTON apud COSTA, 2009, p. 31.

[...] que combinava formação profissional e cumprimento dos deveres sociais, aplicados tanto a Zlín quanto aos complexos industriais que viriam a ser implantados em outras localidades. Neste sentido, o recrutamento e a educação dos jovens aprendizes era um dos itens de maior importância para a formação de um corpo homogêneo de funcionários moldados no seu próprio sistema. (COSTA, 2009, p. 46)

Apesar de ter abolido o sindicato das empresas, a partir de uma greve em 1906 que prejudicava os negócios, Tomas Bata tem entre seus admiradores o sindicalista francês Hyacinthe Dubreui, que após uma estadia em Zlín produz a obra *“L'exemple de Bat'a: la libération des initiatives individuelles dans une entreprise géante”*. Na qual, “[...] avaliou a Cia Bata de modo positivo, vislumbrando nela a oportunidade do operário superar a condição de subsistência e alcançar uma condição de grandeza proporcionada pelo trabalho.”³³⁴ “[...] A respeito da formação de cada indivíduo, acadêmica e técnica, diria Tomas Bata: Se você quer construir uma grande empresa, primeiro construa a si mesmo.”³³⁵ Assim, Tomas Bata é considerado o “Henry Ford da Europa Oriental”. Tanto ele, como o Jan tinham um cuidado com a publicização de suas imagens e de suas ações que eram devidamente propagandeadas, isto ainda mais quando Tomas assumiu a Prefeitura de Zlín, o que também lhe permitia uma retroalimentação numa “intricada simbiose.”

O sucesso das empresas Bata no mundo é devido ao planejamento rigoroso. Este é baseado no **“Livro de Produções”**, obra confeccionada e supervisionada por Jan Bata e editada nas oficinas tipográficas de suas indústrias em Zlín. Este Livro é um controle do ritmo fabril de toda a organização que contava com 80 fábricas, 6000 lojas, cerca de duas dezenas de hotéis, hospitais, escolas, restaurantes, armazéns, açougues, usinas hidrelétricas, abastecimento de água em 20 cidades Bata espalhadas pelo mundo.

- Não creio que outro exemplar tenha atravessado a fronteira, por duas razões muito simples. Uma é que este livro foi impresso nas oficinas tipográficas das indústrias Bata em Zlín e só foram tirados 15 exemplares, e isto há 13 anos. E a outra é que os 15 exemplares se destinaram aos mais graduados funcionários de Zlín e de algumas das principais fábricas em outros países.

Na confecção desta obra trabalharam mais de 500 técnicos e cientistas durante um ano ou mais; já não me lembro o tempo gasto. Em 1932, quando tomei posse nas indústrias Bata, achei que era imprescindível padronizar todos os órgãos de produção, ao mesmo tempo que criar uma série de departamentos. Para os técnicos trabalharem em

³³⁴ COSTA, 2009, p. 47.

³³⁵ *Idem*, p. 57.

ambiente apropriado, construí um edifício de 4 andares para a instalação de laboratórios etc. (ARCHANJO, 195?, p. 205)

Anterior a este Livro está a edificação do “Instituto Científico Bata”, por Jan Bata, para que todos os problemas concernentes à indústria fossem estudados à luz da ciência moderna. O quadro de cientistas era composto por especialistas, todos renomados, nas mais variadas atividades humanas.

Diante das dificuldades enfrentadas por Jan Bata, ainda assim, reúne forças para *se lançar* (ser-em-jogo) à obra gigantesca de colonizar as regiões Oeste de São Paulo e Sudeste de Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, resultando desse trabalho quatro cidades: “[...] Batatuba e Mariápolis no Estado de São Paulo e no Estado do Mato Grosso do Sul, Bataguassú e Batayporã. Em terra de sua propriedade no MS assenta 100.000 pessoas em 300.000 hectares. [...]”³³⁶

Em 1º de maio de 1940 com Jan Klátil, Frantisek Klátil e Jan Kosour, procura um local para a cidade industrial e Batatuba³³⁷ foi escolhida por Jan Bata para ser a sede das indústrias que estavam alocadas nos cinco continentes, porque se parecia com Zlín, em termos topográficos e também porque o local estava próximo a estrada de ferro, por onde também passa o rio Cachoeira, portanto água em abundância para uma usina.

[...] Ladislava Hornakova vai mais além, referindo-se a Batatuba, Mariápolis, Bataguassu e Batayporã (no mesmo rol que Batawa e Belcamp) como cidades destinadas a manifestar ‘as mesmas condições econômicas, geográficas e sociais’ que as cidades-satélites europeias. (COSTA, 2012, p. 68)

Em 04 de agosto de 1941, Jan Bata e família chegam oficialmente ao Brasil, em 1947 acontece a sua nacionalização e em 1949 a transferência da sede da Sociedade Anônima “Bata A. S. Zlín” para Batatuba.

ESTATUTOS: CAP I - Nome - Finalidades - Localização e Duração
[...]

³³⁶ Disponível em:

http://www.mzv.cz/brasil/pt/relacoes_bilaterais/compatriotas_tchecos_em_brasil/jan_antonin_bata.html> Acesso em 02 ago 2014.

³³⁷ Ver anexo 6 – Estudo para implantação de Batatuba

Art. 2º - A Sociedade terá sua sede na cidade de Batatuba, no Estado de São Paulo, Brasil, podendo estabelecer ramificações em outras cidades do Brasil e em outros países do mundo, sob observações das respectivas leis;

[...]

Art. 4º A duração da Sociedade não terá limitação.

[...] (ARCHANJO, 195?, p. 91)

Propriedades Bata no Brasil:

SAPACO – Cia Anônima para Comércio (Batatuba – Piracaia/SP) calçados de couro e borracha, meias;

IMPERATRIZ – rede de lojas (cerca de 70) para revenda de calçados Bata no Estado paulista,

CVSP-MT – Cia de Viação São Paulo – Mato Grosso escritório central em Indiana, SP colonização e agropecuária (no antigo MT), e serviços de navegação fluvial (comércio e turismo) sediado em Porto Tibiriçá (atual Presidente Epitácio, SP)

ALPA – Cia Comercial Alto Paraná (escritório central em Indiana, SP) – armazéns comerciais (distribuídos no antigo MT e SP)

CIMA – Cia Industrial Mercantil e Agrícola – (escritório central em Indiana, SP): colonização, agropecuária (algodão, gado) e experimentos, serraria marcenaria (móveis, portas, batentes, pisos, brinquedos), olaria (pisos, telhas, vasos)

Em agosto de 1947, Jan entrega, em audiência, ao Presidente Eurico Gaspar Dutra seu plano de industrialização do Brasil.

[...] Eram mapas, cálculos, cópias de tratados entre nações, de decretos de nacionalizações de suas empresas, de indenizações, relação de todas suas empresas no mundo confiscadas pelos comunistas, créditos congelados pelos democráticos e bem assim os créditos e dividendos pessoais inexplicavelmente ainda em poder dos bancos e fábricas nos países ocidentais. [...]. (ARCHANJO, 195?, p. 186)

Plano este “engavetado” pelo governo brasileiro.³³⁸ Este plano fora elaborado em 1940 quando Jan Bata ainda podia contar com todos os seus créditos. Outros países buscaram pelas indenizações que lhes cabiam, entre eles: França, Inglaterra, Suíça. O governo brasileiro, no entanto, não se posicionou. Jan Bata nunca perdeu a esperança de ser indenizado pelo governo da Checoslováquia, tendo protestado por todas as formas contra a nacionalização de suas empresas naquele país.³³⁹ Na concepção de Jan, uma “cidade industrial” era uma “cidade possível” como o lembrete que envia ao Presidente:

³³⁸ Ver anexo 6 – Esquema para industrialização do Brasil.

³³⁹ Ver anexo 7 – Transferência de Bens Bata

Tomo a liberdade de enviar-lhe um lembrete: Paradoxo do mundo: homem sem terra [] Paradoxo do Brasil: Terra sem homem [] Resultado: Crises no e mundo [e] Crises no Brasil
 Solução: a colonização pré-fabricada e financiada mundialmente na base de 2 milhões de imigrantes anualmente para o interior
 Fundos não aplicados no mundo: 700 bilhões de dólares [] Necessário para a migração financiada no Brasil: 3 bilhões de dólares em 7 anos
 Efeito: PAZ NO MUNDO/ORDEM E PROGRESSO NO BRASIL.

Figura 13: vista parcial de Batatuba a partir da Rodovia "Jan Antonin Bata" Foto - Sônia Novaes

“Sonhando com a Batatuba do futuro” propagava a ideia idílica de Batatuba que perpassa até os dias atuais. “[...] Augusto Nadalutti comentava: „Batatuba cresce... e cresce dentro de nós a convicção de que não demorará muito a realização do projeto que fará dela a mais perfeita cidade industrial do Brasil!”³⁴⁰ E para completar o aspecto florido que Batatuba deverá apresentar, continua “[...] a todos que nos visitam, restam ainda alguns colaboradores a cooperar neste sentido. São os que habitam as casas situadas na parte anterior da pensão. Ali as flores ainda não pareceram, o que esperam ansiosamente os demais residentes.”³⁴¹

As casas de Batatuba fazem lembrar as casas oníricas de Bachelard. “[...] Descrevê-las seria fazê-las visitar. Do presente, pode-se talvez dizer tudo, mas do

³⁴⁰ NOVIDADES DE BATATUBA 20/06/1942 E 18/07/1942 citado por COSTA, 2012, p. 103

³⁴¹ Idem, p. 106

passado! A casa primeira e oniricamente definitiva deve guardar sua penumbra.”³⁴²
Quem passa por Batatuba e ler Bachelard, certamente dirá: “eis um espaço poético”.

“Evocando as lembranças da casa, acrescentamos valores de sonho; nunca somos verdadeiros historiadores, somos sempre um pouco poetas e nossa emoção traduz apenas, quem sabe, a poesia perdida.”³⁴³

³⁴² BACHELARD, 1978, p. 205.

³⁴³ *Idem*, p.202.

Jan Bata deveria ser um homem inspirado. Onde plantava suas ideias, plantava-as com flores e poesias, daí as Cidades Jardins. E os moradores de Batatuba não querem outra vida, talvez um pouco mais de desenvolvimento, desde que esse não os roube de suas nostalgias. Seu Sérgio, ou Fio, como é conhecido disse-nos: *“Aqui é o melhor lugar do mundo.” “Igual aqui não tem.” “Aqui, se você precisar de alguma coisa aparece 20 pra te ajudar.”* Ora, e isso não é anterior à cidade. Será que queremos tanto a cidade que esquecemos a comunidade?

[...] Antes que começasse a existir a cidade, a aldeia já criara o vizinho: aquele que mora perto, dentro de uma distância onde é fácil chamá-lo, compartilhando as crises da vida, velando os que agonizam, chorando solidariamente pelos mortos, rejubilando-se num banquete nupcial ou num nascimento..." (MUMFORD, 1998, p. 21)

Assim, a casa é onde *habita* o orgânico e “[...] não vive somente o dia-a-dia, no fio de uma história, na narrativa de nossa história. Pelos sonhos, as diversas moradas de nossa vida se interpenetram e guardam os tesouros dos dias antigos.”³⁴⁴ Nasce o cuidado, a imaginação, os suspiros, os ais, a lembranças que nos acompanharam pelo resto de nossas vidas. Os medos, as traquinagens (como nos disse Sr. Francisco). Também dela levaremos a memória olfativa, auditiva, visual, tátea...

[...] Ela é corpo e alma. É o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser "atirado ao mundo", como o professam os metafísicos apressados, o homem é colocado no berço da casa. E sempre, em nossos devaneios, a casa é um grande berço. Uma metafísica concreta não pode deixar de lado esse fato, esse simples fato, na medida em que esse fato é um valor, um grande valor ao qual voltamos em nossos devaneios. O ser é imediatamente um valor. A vida começa bem; começa fechada, protegida, agasalhada no seio da casa. (BACHELARD, 1978, p.202)

Assim, Bata pensava no conforto de seus funcionários. Por que, qual funcionário não produziria mais e melhor se tivesse tido uma boa noite de sono?

Outra ideia de Bata que era influenciada pelo meio onde estava era a formação de um operariado que combinasse em si o industrial e o agrário, a bem que dessa ideia fora concebida por Henry Ford, mas Bata apostava nela aqui no Brasil. Tal noção acorda também o conceito de “urbano rural” de Gilberto Freire e de fato, Piracaia é uma cidade que combina estas características.

O distrito de Batatuba, considerado assim desde 1948 está localizado a 06 km do centro de Piracaia e é, em sua maior extensão geográfica, um terreno da Massa Falida, cujo termo legal foi fixado no dia 21 de outubro de 1982. O Sr. Bata construiu aí uma vila operária e tinha para esta três maquetes. A vila compreendia: a indústria de calçados bata, as casas para os operários, clube, escola, hotel. Segundo o Sr. Vanderley, então presidente da Câmara de vereadores: “o Sr. Bata idealizou e construiu as casas voltadas à casa dele de onde podia observar os arcos de suas varandas: os —Arcos do

³⁴⁴ BACHELARD, 1978, p.202.

Sol” por onde uma massa branca formava pequenas ondas que remetiam-no às suas lembranças à cidade de onde viera, a neve...”.

Hoje este patrimônio que obedeceu a uma linguagem arquitetônica da época e perfeitamente dentro do ideal de seu empreendedor está sujeito a especulações diversas que vão desde a falta de consciência (o não apelo) para com aquele e a consequente desfiguração de sua paisagem, portanto, de seu ambiente simbólico. Este confere significado à natureza e ao ambiente, dando ao ambiente uma definição e uma forma a partir de um ângulo de visão particular e por meio de um filtro especial de valores e crenças.

A produção do espaço, do território, do lugar e da paisagem depende em larga medida da subjetividade individual e social. A fragmentação do mundo nas interpretações pode levar, se não houver negociação e política afins, à fragmentação do real, do espaço, da paisagem, etc. Tudo isso depende da subjetividade e de sua produção, uma vez que ela é também industrializada. Porém, independente das condições locais, as subjetividades produzidas são transformadoras dessas condições. Em outras palavras, as forças que atuam nas configurações dos lugares vão além do econômico, porque são intrínsecas à cultura e às subjetividades de seus inter-atores.

[...] o espaço construído é também espaço geométrico, mesurável e calculável; sua qualificação como lugar de vida superpõe-se e se entremeia a suas propriedades geométricas, da mesma forma como o tempo narrado tece em conjunto o tempo cósmico e o tempo fenomenológico. [...] Narrativa e construção operam um mesmo tipo de inscrição, uma na duração, a outra na dureza do material. Cada novo edifício inscreve-se no espaço urbano como uma narrativa em um meio de intertextualidade. [...] Uma cidade confronta no mesmo espaço épocas diferentes, oferecendo ao olhar uma história sedimentada dos gostos e das formas culturais. A cidade se dá ao mesmo tempo a ver e a ler. O tempo narrado e o espaço habitado estão nela mais estreitamente associados do que no edifício isolado. A cidade também suscita paixões mais complexas que a casa, na medida em que oferece um espaço de deslocamento, de aproximação e de distanciamento. É possível ali sentir-se extraviado, errante, perdido, enquanto que seus espaços públicos, suas praças, justamente denominadas, convidam às comemorações e às reuniões ritualizadas. (RICOEUR, 2007, p. 159)

Uma das hipóteses sustentadas por todos é que: se o empresário Jan Antonin Bata estivesse vivo a história de Piracaia seria outra, como se a história aí se finalizasse. Mas é muito provável que seu desenvolvimento econômico e populacional se daria no sentido oposto, ou seja, a oeste da cidade.

Em um estudo sobre Batatuba a engenheira Geórgia Capistrano Costa ressalta o cuidado e intenções de Jan Bata, quando este se comunica com o diretor em Zlín, Joseph Hlavnicka, em 29 de julho de 1939.

Fiquei muito preocupado quando você escreveu, no final da sua carta, que por causa da grande produção estão faltando trabalhadores. Temo que por causa disso cresçam tanto a cidade de Zlín como a firma Bata, até virarem monstros com todas as dificuldades que já conhecemos. É preciso ter cuidado com o aumento da produtividade – como você mesmo pode ver. A cidade [de] Zlín não deveria ter mais do que 24 mil habitantes e eu não gostaria, se vocês aumentassem esse número (TRIBUNAL apud COSTA).

Este desejo/intenção de uma cidade planejada e economicamente autossustentável se perde em um momento do *tempo humano*. A biografia de Sr. Bata tem emergido na história e a partir dela temos alguns elementos apontados por Paul Ricoeur na configuração da narrativa – na qual ficção e não-ficção se inter cruzam no tempo histórico. A intriga inventada por seu irmão ganha dimensões internacionais e leva parte de um império industrial à falência. Os moradores de Batatuba aguardam suas indenizações e, enquanto aguardam *dispõem* do bairro. Muitos são os olhares para Batatuba. As narrativas deste bairro, distrito, subprefeitura apresentam-se tornando necessário *transversá-las* em projetos, políticas públicas, dialogá-las dentro de um arranjo que propomos aqui, narrativo, ou como definimos, de uma *narrativa transversal*.

Um lugar vivo visualiza e é visualizado. A “minha” curiosidade pelo lugar é também a curiosidade do lugar por mim. Embora, o pesquisador seja mais incisivo e rompa de imediato algumas barreiras na tentativa de encontrar as respostas às suas questões. O objeto de pesquisa, quando vivo, responde e também lança questões e uma delas é: “O que você pretende aqui?” “Por que esse interesse todo por Batatuba?” “Afinal de contas por que você está aqui remexendo tudo isto?”

Relatar o caso “Cidades Mortas” nos fez pensar que cada época trás seus modos de articular as coordenadas “tempo e espaço” e de combiná-las dentro de sistemas de representações. São múltiplos e complexos estes sistemas, eles interagem dentro e fora de esquemas arquitetados para tais fins, sendo, portanto, visíveis e invisíveis. Materiais, táteis passíveis de manipulação e ao mesmo tempo fugidios, totalmente aleatórios, criando dimensões próprias, burlando regras e determinismos.

[...] Pode-se falar em traumatismos coletivos e em feridas de memória coletiva, não apenas no sentido analógico, mas nos termos de uma análise direta. A noção de objeto perdido encontra aplicação direta nas „perdas’ que afetam igualmente o poder, o território, as populações que constituem a substância de um Estado. [...] (RICOEUR, 2007, p. 92)

Veremos no tópico seguinte como se encontra estes lugares sonhados, projetados e até certo ponto executados por Jan Bata e seus colaboradores. Bata não conseguiu executar tudo como gostaria por causa da insuficiência financeira, sabemos que seus bens foram confiscados justamente quando iria pavimentar as ruas de Batatuba e, também, como dissemos – com o seu nome na “lista negra” dos aliados, ficou difícil o acesso político e nos meios empresariais.

De restos e relatos temos ainda dados que constituem o “material” *possível* para a abertura concreta da presença que vigora por ter sido presença.

[...] Estes só *podem* tornar-se material *historiográfico* porque, em seu próprio modo de ser, possuem o caráter de *pertencer à história do mundo*. E apenas se tornam material por ser previamente compreendidos em sua intramundandade. O mundo projetado determina-se pela interpretação material “conservado” de uma história do mundo. [...] (HEIDEGGER, 2009, p.486)

- *Te digo mais: se essa fábrica não falisse, Piracaia seria aqui”*
- *Alguém aprendeu em algum lugar, e aprendeu onde? Aqui.*
- *Aprenderam aqui e saíram pro mundo... Franca, a Samelo...*
- *O grande problema dessa empresa aqui, e faliu por 29 mil cruzeiros. Eu fui o encarregado de trazer a intimação para elidir... elidir a dívida, quer dizer pagar em tanto tempo para não decretarem a falência. E eu lacrei essa fábrica. Quer dizer, que eu sou amigo da casa e, com... (embarga a voz, suspira e bate no peito)... isso em 87, 88 mais ou menos, eu lacrei isso daí. – bom, mas já não existia o velho, existia a família que mais tarde deu problema, morrendo a velha Bata.*
- *a conversa aqui era comprada por 247, alqueires.*

Narrativa de Edelson Chicaroni – amigo de Jan Tomas Bata

“A nova cidade seria instalada num lugar que „necessitasse de progresso e desenvolvimento””

As casinhas no morro/ onde o trem corre / morro abaixo rumo à cidade;
Jardins com café / pastos, cercas / abaixo de nós vimos – estrada.
Trem serpenteia / terra vermelha, trabalhada / arroz em carreiras.

Morros ondulados / sempre os mesmos / até quando vem a descida.
 Jardins no vale / nas encostas, em qualquer lugar / É prazer olhar para aquilo.
 Para laranjais, feijão / até o alto dos morros / o mato teve que ceder lugar.
 Embora sempre combatido / sempre renascendo / basta um ano para tanto.
 Por isso o queima / longe ou ao largo / o lavrador apressado.
 As estações ao longo / onde tens que adivinhar / de onde veio o povo
 Que se aperta no trem / com sacos de batatas / para levar à feira.
 Casinhas de terra / terra com bambu / olham da sombra das árvores.
 Maravilhoso verde / se destaca na luz do céu / com o brilho do sol.

(Ve vlaku k Batatube – No trem para Batatuba. BATA, 1941. Trad. Zdenek Pracuch) (COSTA, 2012, p. 101)

Uma pessoa que entrou recentemente no Grupo: “Batatuba e seus lugares de memória, indagou: *"O que é Batatuba?"* – Esta é uma questão intrigante, ainda mais se diferenciarmos o que “é” daquilo que “está”. A história deste Bairro-Distrito de Piracaia começou com a compra de grande parte de terras por Jan Antonin Bat'a - grande industrial do século passado. Batatuba começou sendo sede das Indústrias Bata - que na época chegou a ser considerada 8ª potência mundial. Então, Batatuba poderia ser considerada uma “antiga vila operária”, mas com uma arquitetura mais elaborada, pois além das casas e da fábrica, possuía: Hotel de Trânsito; Salão de Baile, Cinema; Campo de futebol e quadra esportiva, escola e ainda havia no projeto - a edificação de hospital. Todavia, de sede das Indústrias Bata no mundo passou à massa falida e há pelo menos 36 anos está parada no tempo, com a possibilidade de ir a leilão ainda este ano. Mais ou menos isso, quer dizer, bem mais que isso. Batatuba é uma longa história com uma memória ávida por trabalho.

3.2. Hoje: Batatuba e seus Lugares de Memória

—[.] *Que algo persista ao mudar, é isso que significa durar. [...]*”

(Ricoeur, 2010, v. 3, p. 48)

Sr. Sérgio, ou Fio - *Batatuba? Batatuba não mudou muito*³⁴⁵, neste vídeo o “Fio” nos conta que Batatuba não mudou muito, não mudou porque espera uma decisão judicial acerca da massa falida “Sapaco” há 30 anos.

Ao que parece as pessoas ainda aguardam a promessa de Jan Antonín Bat’a “[...] O que não está feito, está sendo objeto de estudo. Mas, tão certo como estou falando, que tudo isso se fará como foi planejado.”

[...] Aqui não funciona com toda regularidade, pois como já acentuei, estamos ainda em período disciplinar operário. Mas encontrará a escola, as casas dos operários, o cinema, o restaurante, o armazém fornecedor. O que não está feito, está sendo objeto de estudo. Mas, tão certo como estou falando, que tudo isso se fará como foi planejado. (ARCHANJO, 195?, p. 223)

A notícia da venda do casarão do Sr. Bata – empresário do século passado responsável pela idealização e construção de Batatuba sobressaltou alguns cidadãos piracaiense. Interessante observar como uma questão revolve tantas outras. Por menos que não se diga ou não se compreenda, a cidade é algo de natureza *orgânica* e as questões que surgem diariamente em suas demandas são exemplos dessa organicidade. Neste caso, a transação a cima citada trouxe para pauta do dia outra questão: a revisão do Plano Diretor da cidade que, segundo os vereadores - foi cópia “tal e qual” do município de Salto – chegando ao ponto de copiar até o nome da cidade; questões referentes ao vandalismo para com o patrimônio público, histórico e cultural; questões referentes ao direito à propriedade e como se dispor dela; sustentabilidade; empregabilidade; enfim uma série de questões – todas elas apontando para resoluções urgentes e todas elas saindo de um único ponto – a venda do “Casarão do Bata”. Se o Casarão do Bata representava alguma espécie de patrimônio, porque não fora preservado? Se Batatuba em si, representa uma obra singular e que carrega a marca de seu autor, por que não cuidar? “A pergunta crítica em relação ao patrimônio é onde se estabelece e se consolida um significado compartilhado, como continua se

³⁴⁵ Disponível em: < <http://youtu.be/f3LfPi1938> >

transformando ao ser utilizado, e se corre riscos de se dissolver na disputa entre os usos políticos e mercantis, culturais e turísticos.”³⁴⁶

Batatuba está no Plano Diretor de Piracaia de duas maneiras: a) como Zona de Preservação Histórico-Cultural (ZPHC), cuja denominação insere Batatuba numa área *non aedificandi* circular de seiscentos metros de diâmetro onde estão incluídos os edifícios fabris, **a antiga residência de Jan Bata** e o núcleo residencial remanescente; o local, a “gleba de terras e edificações pertencentes à antiga empresa de sapatos SAPACO”. b) no artigo 95, como Zona de Especial Interesse Social – (ZEIS), “para operar intervenções urbanas de interesse social notório que favoreçam a população local”, sendo previsto o uso habitacional.³⁴⁷

Ter ciência de que Batatuba está desta maneira resguardada pela Lei confere alguma tranquilidade, todavia não é bem assim que os acontecimentos se enquadram, a começar pela venda do Casarão e a consequente demolição da Casa Rosa e outra.

Figura 14: Casarão Bata - Acervo Massa Falida – Sapaco

³⁴⁶ CANCLINI, 2012, p. 125.

³⁴⁷ COSTA, 2012, p. 114

Figura 15: Casarão Bata Abandonado - Foto de Gabriel Marra

Figura 16: Casarão Bata - Escritório Balagro - Foto Sônia Novaes

Figura 17: Lareira com os emblemas da Família Bata - Foto de Rubens Paschoal

Figura 18: Casa Rosa - foto de Rubens Paschoal

A venda do Casarão Bata nos fez direcionar os olhos para Batatuba de uma maneira inusitada, já que, teoricamente, estávamos nos aportando no conceito de “Lugares de Memória” do Pierre Nora. Então Batatuba “surgiu” como um presente. Afinal, estávamos “à mão”, para usar o termo heideggeriano, com os elementos necessários, dentro da nossa circunvisão e podíamos eleger/escolher – sermos ontológicos, dentro de um campo de ação e ainda “coroados”, se nos permitem, pelos conceitos que trazíamos, principalmente do filósofo Paul Ricoeur. Neste lugar tivemos a oportunidade de verificar a *configuração do tempo* por meio da narrativa e, mais, todo o sentido de *cura*, do *cuidado*, também estava ali, requerendo minimamente atenção.

Mas como tudo começou? Se é que há um começo. Melhor, como tudo *transitou*?

Dada a venda e a sua pronúncia na Câmara Municipal e o pensamento caminhando para Batatuba.

Primeiro Passo: Criar o grupo no Facebook para que pudéssemos começar a nos posicionar em relação ao local virtualmente.

- a) *Criação do Grupo Aberto “Batatuba e seus Lugares de Memória”* com o seu propósito especificado (já citado no tópico sobre o Facebook).
- b) *Agenciamento de Membros*: primeiro nos comunicamos com outros Grupos do Facebook: “Piracaia tem histórias”; MOMA e na página de Batatuba (enquanto localização geográfica) solicitamos amizades, destes conseguimos apenas duas pessoas, mas duas pessoas com alto grau de significação para o Grupo e também, a partir dessas encontramos outras pessoas e mais informações sobre Batatuba e de como era este lugar. Outra pessoa do Grupo resolveu adicionar todas as pessoas que ela julgava interessante, nesta ação foram adicionadas cerca de 150 pessoas ao grupo. Então, o grupo começou a crescer, com solicitações diárias de adição. (Do tópico anterior para este foram adicionadas mais 11 pessoas.)

Neste momento percebemos a autonomia da rede, o que não quer dizer, descontrole. Criar um grupo numa rede social antes de partir para a prática no campo real é importante porque o ambiente da rede, a interação que ali está havendo, serve como uma espécie de termômetro, uma pré-visualização da

disponibilidade sobre o campo real. Diríamos até, como indicador do campo onde irá entrar com maior profundidade seja nas ações ou nas aplicações de determinadas teorias.

Segundo Passo: Contato com as pessoas que começou a partir do “chat” do Facebook com agendamento das possibilidades. Ora, dificilmente uma conversa começa do nada, mesmo que seja para falar da variação do tempo. Então, quando queremos saber, provocamos ou, em termos de Facebook, “cutucamos”. E nossa maneira de provocar foi postar fotos. Assim, uma foto chama outra e, chama também, todo o universo sensorial que está intrínseco à imagem ali apresentada. As duas conversas que se seguem poderiam estar num “anexo”, mas não estão porque foram fundamentais no desenvolvimento desta pesquisa colaborativa. Claro, há outras, mas estas mostram o momento que o objeto começa a tomar um corpo.

O objeto/corpo vivo é tecido no seio do diálogo que, dentre outras coisas, traz para o campo comum da atenção, que é da fenomenologia da percepção, os elementos conectores entre um ser que narra e um ser que ouve. No caso de um —chat— ouvir/responder/falar estão para a escrita e para as imagens que se cambiam, sejam elas quais forem, desde —emotions— às fotos, vídeos e assim por diante. O diálogo é uma atitude prática de natureza aberta.

O diálogo com Doralice

a) Conversation started 16 September 2013

16/09/2013 17:46

Sônia Novaes

oi Doralice

me concederia a honra de uma narrativa sua?
sobre ser moradora em Batatuba?

16/09/2013 17:54

Doralice Domingos Batista

Oí , Sonia tudo bem? Trabalho em Piracaia quando chego do Trabalho é como se meu coração se abrisse. É olhar tudo em volta e pensar que privilégio tenho eu por morar em Batatuba. Não quero outro mundo, porque esse é o melhor mundo!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

16/09/2013 17:54

Sônia Novaes

sabe, estou desenvolvendo minha pesquisa lá... e estou criando uma rede de narrativas sobre o lugar... acho q vc seria bem bacana pra falar a respeito.

16/09/2013 17:56

Doralice Domingos Batista

Sonia, me desculpe eu ainda não sei lidar mto bem com a tecnologia.....

16/09/2013 17:56

Sônia Novaes

entendo, sem problemas

pensa aí, depois vc me diz
pode ser onde vc quiser. Acho q se fosse em Batatuba mesmo, seria mais legal
vc frequenta o CRAS?

16/09/2013 17:58

Doralice Domingos Batista

Seria legal. Não eu moro aqui atrás do trailler.....

16/09/2013 17:59

Sônia Novaes

que trailler?na praça do rosário?

16/09/2013 18:00

Doralice Domingos Batista

Não , aqui perto do cras.

16/09/2013 18:00

Sônia Novaes

estive na sexta conversando com a Vera
amos desenvolver um trabalho juntas.
vc não gostaria de participar?

16/09/2013 18:03

Doralice Domingos Batista

Sim, em tudo que eu puder ajudar!

16/09/2013 18:03

Sônia Novaes

oba!!

16/09/2013 18:03

Doralice Domingos Batista

quem é Vera?

16/09/2013 18:04

Sônia Novaes

é assistente social lá no CRAS de Batatuba

16/09/2013 18:04

Doralice Domingos Batista

Ótimo...

16/09/2013 18:04

Sônia Novaes

estou sempre on, qdo vc quiser marcar pra gente conversar pessoalmente

fique a vontade

vc chegou a ver o vídeo do Seu Sérgio, o Fio?

16/09/2013 18:05

16/09/2013 18:05

Doralice Domingos Batista

Sim, é meu vizinho querido!

16/09/2013 18:06

Sônia Novaes

ahahah, que demais!!!

16/09/2013 18:06

Doralice Domingos Batista

Oque vc faz

16/09/2013 18:09

Sônia Novaes

sou bibliotecária, mas estou fazendo uma pesquisa sobre narrativas, memória e mídia digital

meu campo é Batatuba...

pensar como as narrativas contribuem ou não para o desenvolvimento do lugar

16/09/2013 18:11

Doralice Domingos Batista

Mto legal.Na verdade temos mta carência de Cultura por aqui

16/09/2013 18:11

Sônia Novaes

e tem muito a oferecer tb

pelo q percebi a história é muito rica

pensou ter um centro de memória?
 nada é impossível
 mas vamos passo a passo
 16/09/2013 18:12

[Doralice Domingos Batista](#)

Eu também acho, me fascina tudo oque escuto sobre
 16/09/2013 18:14

[Sônia Novaes](#)

então, bora?
 16/09/2013 18:14

[Doralice Domingos Batista](#)

Mas vamos marcar um dia. Tchau até.....
 16/09/2013 18:14

[Sônia Novaes](#)

tá certo, é só me chamar
 qdo vc puder
 16/09/2013 18:15

[Doralice Domingos Batista](#)

Ok.
 16/09/2013 18:15

[Sônia Novaes](#)

um forte abraço.
 16/09/2013 18:15

[Doralice Domingos Batista](#)

Outro.

4 November 2013

04/11/2013 10:18

[Doralice Domingos Batista](#)

Sonia vc está sabendo que Batatuba vai ser leiloado
 04/11/2013 11:30

[Sônia Novaes](#)

Sim Doralice... q pensa disso?

4 November 2013

04/11/2013 16:50

[Doralice Domingos Batista](#)

um dia teria que ser resolvido mas é triste pensar que dependendo da situação
 teremos que sair daqui.

5 November 2013

05/11/2013 08:34

[Sônia Novaes](#)

Eh um momento de cuidados Doralice... claro e outros momentos tb são, mas acredito
 q agora deve-se cuidar ainda mais. Principalmente por conta de especulações que
 surgem de naturezas diversas...

5 November 2013

05/11/2013 13:28

[Doralice Domingos Batista](#)

è verdade vamos torcer pra Deus estar a nosso favor,pois estamos a merce de outras pessoas

05/11/2013 13:37

Sônia Novaes

Gosto muito da palavra "confiar" cujo um dos sentidos eh fiar junto. Assim penso q podemos confiar trabalhar juntos pra mostrar o qto de vida tem ali...

Memória

tô indo pra lá agora

Ideias chegando

2 December 2013

02/12/2013 18:02

Doralice Domingos Batista

OÍ SONIA

02/12/2013 18:05

Sônia Novaes

Oi

tdo bem?

02/12/2013 18:08

Doralice Domingos Batista

TUDO BEM.

02/12/2013 18:10

Sônia Novaes

02/12/2013 18:10

Doralice Domingos Batista

EU ACHO QUE SEI QUEM RAM OS PAIS DO FRANCISCO

02/12/2013 18:12

Sônia Novaes

é? que legal

estou amando o que esta pesquisa está trazendo

estou aqui para ouvir

02/12/2013 18:12

Doralice Domingos Batista

EU IMAGINO

QUANDO VC PODE VIR ATÉ AQUI

02/12/2013 18:13

Sônia Novaes

Quando me chamar, Doralice

02/12/2013 18:14

Doralice Domingos Batista

QUINTA `AS 19:00 PODE SER?

02/12/2013 18:14

Sônia Novaes

sim!

02/12/2013 18:15

Doralice Domingos Batista

ESPERO VC NO TRAILER PERTO DO CRAS

NA MESMA RUA ONDE SEU SERGIO MORA

02/12/2013 18:16

Sônia Novaes

Hummm

que n. a casa?

02/12/2013 18:16

Doralice Domingos Batista

GOSTA DE PASTEL?

02/12/2013 18:16

[Sônia Novaes](#)

ADORO

quer que eu leve algo?

02/12/2013 18:18

[Doralice Domingos Batista](#)

NÃO , VOU LHE OFERECER O MELHOR O PASTEL DA REGIÃO , MODESTA EU
É

02/12/2013 18:18

[Sônia Novaes](#)

ualll, quanta honra

tb sou super modesta, kkkkkkk

02/12/2013 18:19

[Doralice Domingos Batista](#)

então ta. qual o sabor que vc gosta?

02/12/2013 18:22

[Sônia Novaes](#)

putz grila!!! essa é uma das minhas maiores dificuldades em comer pastel...

sempre fico em dúvida...

acho que o que a senhora escolher está muito bem escolhido

02/12/2013 18:24

[Doralice Domingos Batista](#)

obrigada pela senhora mas eu só tenho 44anos.KKKKKK

02/12/2013 18:24

[Sônia Novaes](#)

a minha idade!!!

então, me desculpa

tb não gosto q me chamem de senhora

02/12/2013 18:25

[Doralice Domingos Batista](#)

Que legal,

02/12/2013 18:26

[Sônia Novaes](#)

posso te fazer uma pergunta?

02/12/2013 18:26

[Doralice Domingos Batista](#)

Sim

02/12/2013 18:26

[Sônia Novaes](#)

é q trabalho com imagens, mídia digital...

pq vc não tem uma foto no seu perfil?

02/12/2013 18:28

[Doralice Domingos Batista](#)

Eu não sei colocar, mas vou aprender,

minha filha vai me ajudar, o meu tempo é muito curto

02/12/2013 18:29

[Sônia Novaes](#)

imagino...

mas acho q estou desatenta não vi trailer por aí

perto do CRAS

02/12/2013 18:30

[Sônia Novaes](#)

e em Batatuba é tão complicada a internet

ainda não sei como vou resolver isso no meu trabalho

02/12/2013 18:32

[Doralice Domingos Batista](#)

ele fica em baixo de uma árvoreparece mais um quiosque.

02/12/2013 18:33

[Sônia Novaes](#)

ele funciona que horário?
posso captar umas imagens dele?
02/12/2013 18:33

[Doralice Domingos Batista](#)

Na esquina da casa do seu Sergio
terça à domingo abre entre às 1800 e 1830. Domingo quase o dia todo
Aqui é só via rádio
A casa da Dona Sinesia é na esquina acima
02/12/2013 18:41

[Sônia Novaes](#)

achei fantástica a casa da dona Sinésia
02/12/2013 18:43

[Doralice Domingos Batista](#)

As casas aqui não tem coluna, umas tem lareira ainda
02/12/2013 18:43

[Sônia Novaes](#)

são tão bonitas
02/12/2013 18:45

[Doralice Domingos Batista](#)

tem detalhes na parede por fora para parecer neve derretendo
Minha mãe mora do meu lado
02/12/2013 18:46

[Sônia Novaes](#)

sim, eu ouvi dizer isso
vc mora aí desde sempre, Doralice?
02/12/2013 18:47

[Doralice Domingos Batista](#)

Trabalhou 8 anos na mansão Bata . Para Marie Bata era chamada de Senhora Bata
02/12/2013 18:48

[Doralice Domingos Batista](#)

morei quando tinha uns 4 anos , depois meu pai retornou eu tinha 7 anos
até hoje
Tinha uns 8 anos quando João Bata faleceu.Meu pai era vigia na mansão.
02/12/2013 18:52

[Sônia Novaes](#)

Nossa Doralice
quanta história, Mulher
02/12/2013 18:53

[Doralice Domingos Batista](#)

todos me chamam de Dora
02/12/2013 18:55

[Sônia Novaes](#)

Doralice era o nome de uma das minhas tias mais queridas
e Dora é tão forte
02/12/2013 18:55

[Doralice Domingos Batista](#)

Legal
02/12/2013 18:55

[Sônia Novaes](#)

vc deve gostar deste nome
02/12/2013 18:57

[Doralice Domingos Batista](#)

Dora não é Dôra
02/12/2013 18:58

[Sônia Novaes](#)

Sei
com o ó aberto, né?
02/12/2013 18:59

[Doralice Domingos Batista](#)

tudo bem chamam dos 2 jeito

tchau então até mais
 02/12/2013 19:01
[Sônia Novaes](#)
 tchau Dora
 obrigada
 quinta estarei por aí então
 para provar do seu pastel e ouvir suas histórias

O diálogo com *Francisco*

• Conversation started 2 December 2013

2/12/2013 11:04

[Sônia Novaes](#)

Bom dia Francisco,
 02/12/2013 11:07

[Francisco Smid](#)

Bom dia, Sônia! Neste momento, lágrimas nos olhos!!... Batatuba, parte importante de minha história de vida!... A "vilinha" e seu povo não me saem da cabeça! Nó no peito, pode crer!!...

02/12/2013 11:08

[Sônia Novaes](#)

sei bem como se sente, pq curiosamente passei por um processo semelhante em relação às terras dos meu pais...
 pude vivenciar o outro lado da minha pesquisa...
 seria muito importante, interessante te ouvir
 estou fazendo uma pesquisa sobre registros de memórias e mídias digitais... mas começo a perceber o qto isto sensibiliza as pessoas... então o cuidado e a responsabilidade dobram...

02/12/2013 11:11

[Francisco Smid](#)

São tantas as vezes em que folheio os álbuns de fotos que pertenciam a meu pai (Frantisek Smid, lá conhecido como "seu Ximite"), revivo minhas caminhadas pelas terras Batatubenses em tais ocasiões! Poderemos combinar uma boa prosa, será interessante e proveitosa para nós, com toda certeza!!...

O Terceiro Passo foi dado em **Ações** que completaram e ainda completam os encontros, porque nada basta em si mesmo e precisamos saber quais ações nos apuram, nos transformam em seres mais capazes e engajados durante a busca por melhores resultados, seja para o que for, assim, ao estabelecer as parcerias criamos as ações e denominamos estas de “ações mnemônicas”.

- a) *Estabelecendo parcerias:* Da primeira conversa com a Doralice, no “**Trailer do Marcão**” (o qual anexamos ao Google Map) já percebemos no lugar algo ideal para um sarau e a ideia foi aceita. Assim surgiu o Sarau do Bata como um acontecimento trazendo mais vida ao lugar e conferindo novas dinâmicas e estranhamentos “Sarau? Que é isso?” – ao todo fizemos

3, sendo que 2 está disponível no YouTube³⁴⁸. A partir do segundo criamos a Página no Facebook. Também por meio da Doralice soubemos de uma “santa” que a Dona Marie Bata havia trazido da Tchecoslováquia e que ficava numa gruta natural e de onde “brota” água. Então, elaboramos passeios os quais nomeamos de “Sta Trilha” – esta santa trilha está para se tornar um bosque de orquídeas. Percebemos aqui uma *passagem* de uma memória que está sendo compartilhada para uma memória que necessita comemorar suas experiências

[...] Da memória compartilhada passa-se gradativamente à memória coletiva e a suas comemorações ligadas a lugares consagrados pela tradição: foi por ocasião dessas experiências vividas que fora introduzida a noção de lugar de memória, anterior às expressões e às fixações que fizeram a fortuna ulterior dessa expressão. (RICOEUR, 2007, p. 157)

Figura 19: Wagner - um dos colaboradores do "Sarau do Bata"

Figura 20: Yasmim - Jovem do CRAS e que participa de todas as atividades

³⁴⁸Disponível em: <http://youtu.be/Rfqal61Z3i8>; e Sarau do Bata #2 em: <http://youtu.be/Vd1c-D0tle4>

[...] O meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais. Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar por amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época. (TUAN, 1980, p.129)

A **segunda parceria** foi com o CRAS – Centro de Referência da Assistência Social de Piracaia. Esta parceria foi fundamental porque encontramos na diretora deste centro uma protagonista nata e sedenta por estimular atividades de memória com a comunidade. Assim, partiu desta diretora a ideia de unir o Grupo de Jovens com as Senhoras da 3ª idade (Suavidade) a fim de que as atividades pudessem ocorrer devidamente.

- b) As **ações mnemônicas** foram propostas a partir do “eu” e em questões-chaves³⁴⁹ que fossem se abrindo para a atividade maior que seria com o bairro³⁵⁰. Assim foram elencados 13 pontos que constituiriam lugares de significados e dos quais partiriam as narrativas. Até então, não entendíamos como estas narrativas se dariam, quais suas variantes, onde convergiriam ou

³⁴⁹ Ver anexo 8 – Diálogos e Memórias

³⁵⁰ Ver anexos 9 - *Revelando Lugares de Memória em Batatuba*

divergiriam. Foram momentos de total experiência, tanto por parte do pesquisador como pelos membros do Grupo que agora era formado por 18 senhoras e 6 adolescentes.

Todas as atividades foram registradas em áudio e vídeo e, exceto o material que não compôs da Mostra e está disponibilizada no YouTube, estão disponíveis no CRAS – Batatuba para fins de pesquisa e consulta com as devidas autorizações.

Um pouco das atividades em álbum

Atividade 1: Por que tenho esse nome e qual palavra me define: Esta atividade se caracterizou pela forma como nos apresentamos. Não conhecíamos nem as senhoras, nem os jovens. O pesquisador também se apresenta da mesma forma. Diz-se o nome, se souber o que significa e também escolheram este nome para ele. Após esta rodada a pessoa deve se definir usando apenas uma palavra. Este exercício mnemônico se mostrou riquíssimo em detalhes da vida que se consegue recuperar.

Atividade 2: O que é a memória para mim e o que faço com a minha memória

Essas duas primeiras atividades foram oferecidas separadamente aos jovens e senhoras. Primeiro, era nossa forma de apresentação e segundo para saber se os grupos gostariam de se “misturar”. Em relação a esta segunda atividade era uma maneira de saber quais os modos das pessoas lidarem com suas lembranças, se deletam, se guardam e, se guardam, se voltam à elas.

Atividade 3: encontro das senhoras com os jovens: “eu sou ele e ele é eu”

Neste primeiro momento entre os Jovens e a Suavidade, foram arranjados grupos de 3 (duas senhora e um jovem). Cada qual se apresentava neste grupo particular sem saber o que iria acontecer depois. Finalmente nos dispusemos em círculo e cada jovem tinha que se apresentar como sendo cada senhora que havia ouvido. Por outro lado, cada senhora apresentava o jovem como se fosse ele falando. Foi um exercício importante para configurar o campo de atenção da escuta. Por ele, podemos entender porque não conseguimos captar tudo o que o outro diz.

Atividade 4: Meu mapa: como cheguei em Batatuba

Nesta atividade levamos mapas do país, do município de Piracaia e do Centro da cidade. Infelizmente não tínhamos o mapa do bairro de Batatuba. Por outro lado, até este detalhe se mostrou positivo depois quando nos deparamos com o mapa digital. A partir deste momento e com o grupo mais coeso, após ele se ver “editado” em vídeos, as atividades anteriores foram *reapresentadas* a eles e *negociado* que não seriam

publicadas, enfim, a partir deste momento do mapa os vídeos passam a ser de caráter público com as devidas autorizações³⁵¹ para tal.

Em todos os encontros aconteceram momentos singulares, contudo neste do “mapa” foi particularmente interessante porque uma das senhoras ao desenhar seu mapa e colocar o nome da rua, pergunta para Lina, moradora do bairro a mais tempo.

- Eu perguntei pra Lina, quem seria João Antônio Bueno... que ela mora há muito mais tempo e eu moro há 7 anos. Acabei de descobrir que é meu tio, que era conhecido como João Mingo.

Este vídeo faz parte dos 13 vídeos que compõem a nossa *playlist*.

Figura 21 Dona Cristina e parte de seu mapa georeferenciado.

³⁵¹ Ver anexo 11 – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa Menor de 18 anos e; anexo 12 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa maior de 18 anos

Realizadas estas atividades e todos cientes das pretensões que acabaram por se tornar comuns, melhor dizendo, o objetivo passou a ser *comum* do grupo, da pesquisadora e de alguns membros da comunidade. A partir da memória de Batatuba identificar quais seus lugares poderiam já ser *reapresentados*.

Atividade 5 – Coleta de narrativas singulares, *upload* no YouTube e Mostra de vídeos

Como dissemos em algum momento desta tese, “colhemos narrativas poéticas”, ou seja, não era qualquer narrativa que poderia representar Batatuba. Aquela tinha que ser singular, afinal como poderíamos compor nosso arranjo no *mapa* que veremos no tópico seguinte?

Foram cerca de 120 horas entre ver, ouvir, captar e editar, isto sem contar o tempo de ir e vir, de encontrar e desencontrar as pessoas. Para facilitar o trabalho e, também porque estávamos trabalhando com pessoas cujas acessibilidades são limitadas por diversos motivos, então, optamos pelas tecnologias de fácil acesso e no caso da edição dos vídeos, todos foram produzidos pelo “*movie maker*” e feito *upload* no YouTube.

Esta quinta atividade se divide em três momentos que vamos narrar por meio da Mostra, a saber: *O que a "Mostra" nos mostrou?*

Revelando Batatuba – Disponível em:

http://www.youtube.com/playlist?list=PLPwtCvbkaHd-NIVwWCS8PhwH1b4qvm_QT

Antes:

- a) o envolvimento da comunidade por meio do CRAS na busca de elementos que compusessem o tal tecido narrativo: fotos, lugares, pessoas, links; onde, como e porque guardar estes elementos; ações como: trilhas e saraus.
- b) a apropriação dos *dispositivos* capazes de responder as demandas desta “*revelação*”, ou seja, tecnologias de Informação e Comunicação de livre acesso:

- youtube: [playlist "Revelando Batatuba"](#)
- mapa engine: [Mapa: Batatuba: Lugares de Memória](#)
- [Grupo no facebook - Batatuba e seus lugares de memória](#)

c) a metamemória *reapresentada* nas falas de pelo menos 30 pessoas que contaram suas aventuras e desventuras por Batatuba suas relações com o Sr. Jan Antóin Bat'a e a fábrica de sapatos até a falência e da situação que hoje se encontra esta vila operária que, apesar dos pesares, continua sendo "o paraíso" o "lugar que não se troca por nenhum outro" "o lugar onde nasci, cresci e pretendo morrer".

Durante: que a partir de *narrativas singulares* surgiam os pontos comuns, a intersecção de falas, de lembranças e assim a composição da memória coletiva e nesta o reconhecimento de si, do outro, do lugar, do pertencimento a um quadro histórico conectado com outros.

Após:

- a) que é necessário manter e desenvolver ainda mais as ações: [Sarau do Bata](#) e Sta trilha;
- b) que o Cine Batatuba deve voltar em forma de cineclube;
- c) que decisões sobre o tombamento e ponto de memória são duas pautas alinhadas a demanda deste lugar e que devem ser articuladas de maneira também colaborativa.

[...] “existe história porque existem o decorrido e uma paixão específica pelo decorrido. E há história porque há uma ausência das coisas nas palavras, do nomeado nos nomes”. Dupla ausência, portanto, “a da própria coisa” que não existe mais e do acontecimento que “nunca foi como se disse”. [...]. (RANCIÈRE apud RICOUER, 2007, p. 379)

Na **playlist Revelando Batatuba**, a qual começa como uma *web serie*, especifica que: Projeto/parte de doutoramento desenvolvido colaborativamente e vinculado à Cidade do Conhecimento - CTR/ECA/USP. Objetiva mostrar um pouco de quanta história e memória cabem num lugar e também entender "como" as mídias digitais reforçam o sentimento de pertencimento ao lugar.

- Fazem parte deste "Revelar" 13 vídeos, a saber:

1. Céus azuis de Batatuba
2. Mapeando: como cheguei em Batatuba
3. CRAS - Centro de Referência da Assistência Social
4. EMEI Marie Bata
5. Escola Estadual "José Siqueira Bueno"
6. Hotel de Trânsito
7. Casarão
8. Casa Amarela
9. Santa Trilha
10. Paróquia São Brás
11. Rádio "Tamanco"
12. Trailer do Marcão
13. A Fábrica "Bata"

Inês - valeu a pena

Cristina - como valeu

I - nossa, essa foto aqui, traz a gente láááá...

C - é por isso que eu guardo (riso)

I - guarde mesmo, porque eu tinha umas coisas guardadas e eu...

A partir da “Mostra”, na mesma sala onde funcionava o Cinema de Batatuba, e de frases recorrentes nos vídeos pudemos elencar os “*elementos conectores*” para a noção de narrativa transversal. Algo que facilitou a “*revelação*” destes elementos foi a seleção prévia de pontos a partir daquelas frases indicativas: “*Você já falou com fulano? ... Então, ele sabe muito!*” Dissemos acima que estes elementos possuem uma função poética, ou seja, de construção. São eles que dão a “*liga*”, portanto partem de vozes que possuem o poder de evocação, ou de poder narrar. É a voz do homem-memória, esse narrador que é suporte de rememoração e de reconstrução *generativa*. A perda dessa voz (ou poderíamos dizer, da escuta dessa voz) implica, de certa maneira, a perda da memória coletiva de uma determinada comunidade. Assim, algumas vozes declarativas do amor pelo lugar:

Vera, assistente social do CRAS: “*A gente vai perder memória e não vai ser só do bairro, vai ser da cidade também*” “*Que isso [as ações mnemônicas] gere um movimento não só no bairro, mas na cidade também.*”

Dona Neide (diretora de EMEEI): “*Batatuba poderia ser o centro de Piracaia em atividades econômicas*”

Dona Mercedes (ex-funcionária da Bata) “*Todo esse período foi muito bom, até a falência.*”

Doralice: - “*Batatuba é assim: um projeto sem término. [...] Toda vida é isso, se não tivesse parado a história seria outra. [...]*”

- “*Quando fala BATA, é orgulho que a gente sente e nem sabe por quê. Eu nem o conheci. É amor ao lugar, não tem explicação. É estranho desenvolver esse elo. É estranho, muito estranho.*”

Dona Sônia, esposa do João Preto. “*... mas eu falo pro João, que se eu for embora daqui, eu acho que eu morro.*”

Benê – “*não esqueço, guardei na memória*”. [falando sobre os presentes de natal na época do Bata] “*Não troco aqui por nada.*”

São os elementos conectores das narrativas singulares, nesse caso de Batatuba:

“o trem”; “a casa”; “a escola”; “Fábrica - a grande escola”; “A festa de 1º de maio”; “Cinema de Batatuba” Em todas as narrativas há um respeito e admiração muito grande

por Jan Bata, mas não é por ele em si, mas sim pelos seus feitos. Trata-se, portanto, do *ser-em*. Ora, a narrativa transversal que pensávamos, de antemão, era do ser, ou seja, do Bata, agora percebemos que a “falação” refere-se, invariavelmente, ao que está em jogo, ao que se diz do que o sujeito fez (relacional), então a narrativa transversal se vincula, neste ao instrumental, ao que está, ou melhor, esteve à mão, ou seja, à fábrica e a todo o seu contexto construído por Jan Antonin Bata.

Assim, construímos a nossa Narrativa Transversal – A Fábrica do Bata.

Figura 22 Visita à Fábrica - fotos de Sônia Novaes

Com estes passos percebemos e comprovamos os quatro momentos da mnemônica narrativa, sejam eles: as *possibilidades*, as *negociações*, as *responsabilidades* e as *reapresentações*.

O ser para a possibilidade, enquanto ainda não acontecimento, mas já *disposto* está numa zona de transição, meio à sombra, meio à vida. Ao se *revelar* começa a passar, a transpor de uma ausência, para um “enquanto isso” a duração ainda é o desvelar. “[...] Ao desvelar numa antecipação esse poder-ser, a presença abre-se para si mesma, no tocante à sua possibilidade mais extrema. Projetar-se para seu poder-ser mais próprio significa, contudo: poder compreender-se no ser de um ente assim desvelado: existir. [...]”³⁵² Ou seja, fazer vir à luz.

Sem dúvida que toda luz produzirá áreas de sombreamento, mas já não será como antes. Aqui também reside uma *negociação* o que devo ou não revelar ou

³⁵² HEIDEGGER, 2009, p. 339.

reapresentar. Ora, sem responsabilidade isto não será possível e cada vez mais se faz necessário uma mídia *responsiva*... (não vamos entrar nesta discussão)

Nosso **Quarto Passo foi a Criação do Mapa Narrativo Mnemônico** o qual trataremos a seguir.

3.3 Futuro do Pretérito: O Mapa Narrativo Mnemônico

*"A cidade, como a história de vida,
é sempre a possibilidade desses trajetos que são nossos percursos,
destinos, trajetória da alma."
Ecléa Bosi*

[...] Estou pensando naqueles acontecimentos que uma comunidade histórica considera marcantes por ver neles uma origem ou uma volta às origens. Esses acontecimentos, chamados em inglês “*epoch-making*”, extraem sua significação específica de sua capacidade de fundar ou reforçar a consciência de identidade da comunidade considerada, sua identidade narrativa, bem como a de seus membros. Esses acontecimentos geram sentimentos de considerável intensidade ética, seja no registro da comemoração fervorosa, seja no da execração, da indignação, da deploração, da compaixão ou até do apelo ao perdão. [...] (RICOEUR, 2010, v. 3, p. 319-320)

São inúmeras as camadas pelas quais o ser transita, já vimos o bastante sobre isso. Contudo ainda é tudo muito superficial. A se pudéssemos virar o bordado dessa trama e nos apropriarmos de seus nós. Transitar por suas linhas difusas, tênues. Tudo é muito superficial, fragmentado, fugidio e vivemos à beira da vertigem. Mas, temos que aprender a mergulhar e, ainda assim, não desconsiderar o que ficou na borda. Até porque se construimos ou demolimos é sobre outras plataformas que o fazemos. Volatilidade, efemeridade, fragmentação, mundo cambiante dentro de um localismo. “[...] Quanto maior a efemeridade, tanto maior a necessidade de descobrir ou produzir algum tipo de verdade eterna que nela possa residir. [...]” (HARVEY, 2006, p. 263)

Mas se quero guardar, onde depositar, ou fazer repousar. Perguntamos ao Grupo de Jovens e de Senhoras: “O que vocês fazem com suas memórias?” – Acreditamos que a nossa dificuldade em “o que fazer com esse objeto” não difere muito daqueles. Mas, talvez a resposta esteja no próprio trajeto das aberturas da narrativa mnemônica. Vamos caminhar mais uma vez no sentido das *possibilidades*, das *negociações*, das

responsabilidades e das *reapresentações* porque, como preconiza Pierre Nora, a razão fundamental de ser de um lugar de memória: “[...] „é a de deter o tempo, bloquear o trabalho de esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte’. [...]”³⁵³. Bloqueamos o trabalho do esquecimento e colocamos a memória para trabalhar por meio da sua melhor forma de representação, ou seja, da narrativa. E vamos *reapresenta-la* em mapas complexos (*deep map*), aqueles mapas que ressignificam localidades por meio da afetividade. Afinal se estamos produzindo algum tipo de documento é porque criamos algum tipo de afetividade com este, nesse sentido, como um filho que nasce, queremos apresenta-lo ao mundo, conectá-lo, fazer suas raízes transcenderem dentro de um esquema cognitivo e inteligente.

O mesmo “porém” que ocorre em outras tics é a proliferação destes mapas porque todos querem expor sua “visão de mundo” com múltiplos trajetos onde cada um é cada um e não está em relação à. Portanto, o que nos interessa aqui é um “desígnio” de conjunto e colaborativo.

Enquanto as tecnologias de comunicação e informação nos possibilitam variáveis de combinação, vamos experienciando e “provando o por onde” e a melhor maneira de tratar não o passado, mas um conjunto de repostas às questões que na cotidianidade se coloca.

[...] Em cartografia, existe um referente externo, o território que o mapa representa; além disso, as distâncias medidas pelos mapas de escalas diferentes são comensuráveis segundo relações homotéticas, ou que permite falar de redução de um terreno pela colocação em uma determinada escala. Todavia, observamos de uma escala para outra uma mudança do nível de informação em função do nível de organização. [...] De um mapa para outro o espaço é contínuo, o território é o mesmo, assim a mudança discreta de escala mostra um mesmo terreno; é esse o aspecto positivo de uma simples mudança de proporção: não há lugar para oposição entre suas escalas. Sua contrapartida é certa perda de detalhes, de complexidade, e, portanto, de informação, na passagem a uma escala maior. [...] (RICOEUR, 2007. P. 221)

É na perda que ocorre na variação de escala que incide a complexidade dos mapas profundos. Assim, como outros mapas, estes também se realizam por camadas.

O mapa que apresentamos aqui tem três camadas, a saber:

- a) Fotografias antigas e atuais;

³⁵³ NORA apud CANDAU, 2012, p. 157.

[...] ao contemplar imagens aprende-se a conhecer e conclui-se que cada coisa é, como quando se diz: esse é ele. Esse prazer do reconhecimento, como dizem os franceses, pressupõe, a meu ver, um conceito prospectivo de verdade segundo o qual inventar é reencontrar. [...] (RICOEUR, 2010, v.1, p.75)

- b) Vídeos, já bastante explorado em tópicos anteriores.
- c) Linhas narrativas singulares convergindo para um único ponto – A Fábrica (nossa conclusão... ou a abertura à outra possibilidade?).

... Os futuros não realizados são apenas ramos do passado, ramos secos.

Você viaja para reviver seu passado? — era a esta altura, a pergunta do Khan, que também podia ser formulada da seguinte maneira: — Você viaja para reencontrar seu futuro?

E a resposta de Marco:

— Os outros lugares são espelhos em negativo. O viajante reconhece o pouco que é seu descobrindo o muito que não teve e o que não terá.

Ítalo Calvino, in: Cidades Invisíveis.

Considerações Finais

Considerações finais

Alegria é chegar às considerações sabendo que ainda há muito por se fazer, seja na teoria, seja na prática. O homem não se cansa de conhecer – seu princípio norteador é buscar o entendimento seja lá para o que for.

E nós? “partimos” de uma ideia, errônea por sinal, mas quem poderia saber sem experimentar? Pois bem, nossa noção era que estávamos a trabalhar numa “cidade morta” – vitimizada pelos ditames políticos da economia. Assim, tratamos nós de recorrer ao singular, saber no interior lá daquele grupo o que ele tinha a dizer sobre.

Da “Cidade Morta” a “Cidade Reapresentada” discurrimos sobre as narrativas singulares das memórias de pessoas que significam o lugar por meio das mídias digitais. Lançamos olhares sobre este bairro/vila/distrito/massa falida de maneira a vincular a outras conexões.

À medida que os diálogos foram se desenvolvendo fomos percebendo riquezas de detalhes, sutilezas, nostalgias, as dificuldades constituintes da vida que aguarda, que espera uma decisão e, enquanto espera vive a *duração*. Suas vozes contam “*Era assim...*”; “*no tempo do Bata...*” “*... até acontecer a falência.*” “*aqui parece outro mundo.*” Quem passa pela Rodovia “Jan Antonin Bata”, na maioria das vezes, não percebe que **tem** um bairro estacionado ali. Que ali reside um lugar que é sustendo pela espera, ensimesmado. Nos parece que, depois de tanto ouvir e revirar documentos (a maior parte disponível na web), Batatuba é, em si, sua própria representatividade circunscrita em si. Então, como poderíamos “revelar” e provocar as tais possíveis conexões? Visões de mundo, que emergem de diferentes níveis de escala, podem ser totalizadas?

Do que se tratou nosso exercício em suas experiências?

- De provar o poder na escala micro de uma comunidade.

[...] O que se vê nessa escala são as estratégias familiares e individuais, confrontadas com as realidades econômicas, com relações hierárquicas, num jogo de trocas entre o centro e a periferia, em resumo, interações que tem por lugar um vilarejo [...] em suma, à certeza – vinculadas ao funcionamento das normas sociais de grande escala, a esses quase-invariantes da história das mentalidades no longo prazo. RICOEUR, 2007, p. 226)

Mais que representação, trata-se de reconhecimento de dimensões... seguindo as pistas, os rastros de Mnemosine vamos lembrar que... certa vez... vi... ouvi... experimentei... aprendi... conectei... adicionei... deletei... curti... compartilhei.

[...] a existências de um discurso metamemorial é um indicador precioso, revelador de uma relação particular que os membros de um grupo considerado mantêm com a representação que eles fazem da memória desse grupo, e, de outro lado, esse discurso pode ter efeitos performáticos sobre essa memória, pois, retomado por outros membros, esse discurso pode reuni-los em um sentimento de que a memória coletiva existe e, por esse mesmo movimento, conferir um fundamento realista a esse sentimento. [...] (CANDAU, 2012, p. 34)

É no interior deste discurso metamemorial, portanto representativo, que vamos encontrar o “*trans*” (movimento).

O transversal não é algo que está sobre, mas que permeia as fronteiras. Não é claro, no sentido de ser evidente. É algo que se sobrepõe, mas também está como ponto origem, ponto de união e ponto de referência. Elemento supra – o *trans* está no todo regido pelo princípio do conhecimento da integralidade e que, todavia, se desloca.

Exemplificando no Caso: Batatuba e seus lugares de memória.

A princípio, pensávamos que nossa narrativa transversal seria o Bata, enquanto o ser-aí – o *dasein*. Mas, agora pudemos perceber que: “o ser” não pode constar como objeto, ainda mais como objeto da “falação”, como ser, só o Bata poderia falar de si ou se pronunciar.

Então onde está a transversalidade de Batatuba?

Está na forma como o ser Bata curou, cuidou do lugar e reconhecido na cotidianidade do impróprio. Tudo isso pra dizer que nosso tema supra é a “Fábrica Bata” – a narrativa que se desloca na transversalidade; enquanto que as narrativas singulares (de cada pessoa que diz) são suas constituintes interdependentes. Já para o contexto da cidade de Piracaia, ou do mundo fabril calçadista, ou ainda para a noção de cidades modernas... – a então narrativa transversal “Fábrica Bata” passa a ser a narrativa singular e o *transverso* será outra proposição, como por exemplo, no caso de Piracaia é a desesperança, a estagnação. Ainda em relação à Piracaia, na sua transversalidade “Piracaia é assim mesmo”, quando acaba a possibilidade de um progresso. – Qual a maior dor/questão de Piracaia hoje? – “Eu preciso de emprego”, então: “eu aceito me colocar em qualquer emprego. Eu me submeto à.” Perco o que me é próprio e caio na medianidade do impróprio.

As singularidades, por sua vez, quebram os paradigmas – subvertem, deslocam, alteram e provocam a abertura de um novo transverso, um novo trânsito; inauguram um espaço. A questão da totalidade, que é própria, passa, então, controvertida quando tem a estagnação e suspensão seja espacial, seja temporal.

A narrativa encontrada é de quem está lá – conformada à situação do local que o reconfigura em lugar.

Assim, as narrativas singulares quando se encontram se reforçam mutuamente, nessa força convergente oferecem elementos de verificação de fatos e potencialidade de eventos.

A narrativa transversal é o movimento de construção que navega do singular para o todo *operando e produzindo o lugar*.

—*A errância do navegador não clama menos por seus direitos que a residência do sedentário.
Claro, meu lugar é ali onde está meu corpo.
Mas colocar-se e deslocar-se são atividades primordiais que fazem do lugar algo a ser
buscado.*
Paul Ricoeur

Referências

Referências

- API. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/API>> Acesso em: 27 jul 2014.
- ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- ARCHANJO, F. M. *O mundo compreenderá: a história de Jan A. Bata – o Rei do sapato*. Rio de Janeiro: Aurora, 195?
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução à antropologia da supermodernidade*. São Paulo: Papirus, 2007.
- BACHELARD, G. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. *A era da incofagia: ensaios de comunicação e cultura*. São Paulo: Hacker Editores, 2005.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BARTHES, Roland. Introduction a l'analyse structurale des récits. In: *Communications*. 1996, v. 8, n. 8, p 1-27. Disponível em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1966_num_8_1_1113# Acesso em: 27 de set. 2012
- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *A vida fragmentada: ensaios sobre a moral pós-moderna*. Lisboa: Relógio d'água, 1995.
- BENJAMIN, W. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Basiliense, 1994.
- BETHÔNICO, Jalver. Signos audiovisuais e ciência da informação: uma avaliação. Disponível em <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/viewFile/370/469>> Acesso em 15 fev. 2010.
- BOSCOLO, L.; BERTRANDO, P. *Los tiempos del tiempo: una nueva perspectiva para la consulta y la terapia sistêmicas*. Barcelona: Paidós, 1996.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 15. ed. São Paulo: Companhia das letras, 1994.

BOYD, D. M.; ELLISON, N. B. *Social network sites: definition, history, and scholarship*. Journal of Computer-Mediated Communication, 13: 210–230. doi: 10.1111/j.1083-6101.2007.00393.x 2007.

BRASIL. [Medida provisória nº 2.228-1, de 6 de setembro de 2001](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2228-1.htm). Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/mpv/2228-1.htm> Acesso em: 23 de set 2010.

BUBER, Martin. *Do dialogo e do dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 2007

_____. *Eu e tu*. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

CANCLINI, N. G. *A sociedade sem relato: antropologia e estética da iminência*. São Paulo: EDUSP, 2012.

CENTRO DE MEMÓRIA JINDRICH TRACHTA: Batayporã; Embaixada da República Tcheca em Brasília. Disponível em:

<http://www.mzv.cz/brasil/pt/relacoes_bilaterais/compatriotas_tchecos_em_brasil/jan_antonin_bata.html> Acesso em 02 ago 2014.

COSTA, G. C. C. *As cidades da companhia Bata (1918-1940) e de Jan Antonin Bata (1940-1965)*. 2012. 241p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

CANDAU, J. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2012.

DÉGUY, M. Poesia sem palavras?. In: NOVAES, A. (org.) *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. São Paulo: Agir, 2008. p. 391-405.

DENZIN, Norman K. et al. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DI FELICE, M. Ser redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas. *Revista Matrizes*. Ano 7 – nº 2 jul./dez. 2013 - São Paulo - Brasil Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/69406/71974>> Acesso em: 13 jan. 2014.

ECHEVERRÍA, J. *Los señores del aire: télépolis y el tercer entorno*. Barcelona: Destino, 1999.

ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminações nas poéticas contemporâneas*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FACEBOOK. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Facebook>> Acesso em: 27 jul 2014.

FERRARA, Lucrécia D'Aléssio. A linguagem dialógica: da teoria à prática. In: _____. *A estratégia dos signos: linguagem, espaço, ambiente urbano*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

FOUCAULT, Michel. *A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

Freyre, G. Palavras às Professoras Primárias de Pernambuco em 1956. In: Rurbanização: Genette, *Figures III*, Paris, Seuil, 1972.

GARDE-HANSEN, J. MyMemories?: personal digital archive fever and Facebook. In: _____. *Save as: digital memory practices*. Palgrave Macmillan, 2009.

GARDE-HANSEN, J. *Media and Memory*. Edinburgh University Press, 2011. (a review by Elena Caoduro).

GERE, C. *Digital Culture*. 2. ed. London: Reaktion Books, 2008.

GOOGLE APP ENGINE. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Google_App_Engine> Acesso em: 29 jul 2014.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. 15. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

HEIDEGGER, M. *O caminho do campo*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1969. _____. *Ser e tempo*. 4. ed. São Paulo: Vozes, 2009.

HERSHMAN, L. The fantasy beyond control. In: PACKER, R.; JORDAN, K. *Multimedia: from Wagner to virtual reality*. New York: Norton & Company, 2001. (p. 327-332)

HILLIS, Ken. *Sensações digitais: espaço, identidade e corporificações na realidade virtual*. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

KEIGHTLEY, E. Engaging with memory In: PICKERING, M. *Research methods for cultural studies*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008. (p. 175-192)

LANDOW, G.; DELANY, P. Hypertext, hypermedia and literary studies: the state of the art. In: PACKER, R.; JORDAN, K. *Multimedia: from Wagner to virtual reality*. New York: Norton & Company, 2001. (p. 225-235)

LATOUR, Bruno. *Reassembling the social: An introduction to actor-network-theory*. Oxford: University Press, 2005.

LATOUR, Bruno; HERMANT, Emilie. *Paris: ville invisible*. Paris: La découverte-les empêcheurs de penser en rond, 1998.

LE DISPOSITIF: entre usage et concept. *Hermes*. Paris, n.25, set. 1999. Disponível em: <<http://www.wolton.cnrs.fr/FR/hermes/ouvrages/h25.html>> Acesso em: 15 set. 2008.

LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Ed. Documentos, 1969.

LE GOFF, J. *História e memória*. 7. ed. rev. São Paulo: UNICAMP, 2013.

LE MOS, André; JOSGRIBERG, Fábio. (org.) *Comunicação e mobilidade: aspectos socioculturais das tecnologias móveis de comunicação no Brasil*. Salvador: EDFBA, 2009.

LÉVY, Pierre. *O que é virtual*.

LINARES, J. E. *Ética y mundo tecnológico*. Ciudad del Mexico: UNAM, 2008.

LOBATO, M. *Cidades mortas*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1956.

LOUREIRO, L. A. C. *A leste da herança moderna: Zlín e na vanguarda do funcionalismo Europeu*. 2009. 149p. Tese (Doutorado em Arquitetura). Departamento de Arquitetura. Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

MANOVICH, L. *The language of new media*. London: MIT Press, 2000. (Tradução inédita cedida pelo tradutor: BASBAUM, S.)

MASSEY, D. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, A. A. (org.) *O espaço da diferença*. São Paulo: Papirus, 1994. pp176-185.

MATOS, O. Mal-estar na temporalidade: o ser sem o tempo. In: NOVAES, A. (org.) *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. São Paulo: Agir, 2008. p. 235-67.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins fontes, 1994.

MIÈGE, B. *A sociedade tecida pela comunicação: técnicas da informação e da comunicação entre inovação e enraizamento social*. São Paulo: Paulus, 2009.

MIELI, A. M. O audiovisual na era do youtube: pro-amadores e o mercado. In: *Sessões do imaginário*. ano xv, n. 25, p. 52-59 Disponível em:

< <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/9258/7133>>

Acesso em: 29 jun 2014.

MINISTÉRIO DA DEFESA. Plano de desenvolvimento local integrado e sustentável: agenda executiva, 2001-2004. Boa Vista, 2001. Disponível em: http://www.seplan.rr.gov.br/index2.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=3&Itemid=67. Acesso em 25 de nov. 2011.

- MORSON, G. S.; EMERSON, C. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens, transformações e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- MUSEU DA PESSOA. *Tecnologia social da memória: para comunidades, movimentos sociais e instituições registrarem suas histórias*. São Paulo: 2009.
- NICHOLS, B. *Introdução ao documentário*. 3. ed. Campinas: Papirus, 2005.
- NOVAK, M. Liquid architectures in cyberspace. In: PACKER, R.; JORDAN, K. *Multimedia: from Wagner to virtual reality*. New York: Norton & Company, 2001. p. 272-285.
- NUTT, Mike; SCHWARTZ, Gilson. The history economy: digital storytelling in economic and economic development. In: *Prato CIRN 2008 Community Informatics Conference: ICTs for Social Inclusion: What is the Reality?* Referee. Prato, 2008.
- OLIVEIRA, L. A. Sobre o caos e novos paradigmas. In: NOVAES, A. (org.) *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. São Paulo: Agir, 2008. p. 65-92.
- ORTIZ, Renato. Legitimidade e estilos de vida. In: *Mudialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- PACKER, R.; JORDAN, K. *Multimedia: from Wagner to virtual reality*. New York: Norton & Company, 2001.
- PASCHOAL, S. B. N. *Mediação cultural dialógica com crianças e adolescentes: oficinas de leitura e singularização*. 2009. 103p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Escola de Comunicações e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- PERAYA, Daniel. (s.d.) *Das mídias aos campus virtuais: um quadro de análise dos dispositivos de formação e de comunicação midiaticizadas*. Genève: TECFA - Université de, Suisse. (tradução de Jairo Ferreira - Unisinos).
- PRETTO, Nelson De Luca; SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- RANDON, Michel, et al. *La pensée transdisciplinaire et le réel*, Dervy, Paris, 1996.
- REYNA, Carlos Pérez. *Vídeo e pesquisa antropológica: encontros e desencontros*. UNICAMP.
- RIBEIRO, José Carlos Santos; LIMA, Leonardo Branco. Mapas colaborativos digitais e (novas) representações sociais do território: uma relação possível. In: *Ciberlegenda*:

Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense. n. 25 Disponível em:

<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/469/283>. Acesso em:

RICOEUR, P. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.

_____. *Tempo e narrativa: a intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2010. v. 1.

_____. *Tempo e narrativa: a configuração do tempo na narrativa de ficção*. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2010. v. 2.

_____. *Tempo e narrativa: o tempo narrado*. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2010. v. 3.

SENAC. *Pierre Lévy no Senac São Paulo: diálogos sobre ciberdemocracia*. Disponível em: <http://www.sp.senac.br/sites/pierrelevy/> Acesso em 25 abr. 2014.

SANTO AGOSTINHO. *As confissões*. São Paulo: Das Américas, 1961.

SANTOS, Denise Mônaco dos. *Espaços híbridos da cidade: interfaces computacionais para comunidades locais*. Escola de Engenharia da Universidade de São Paulo. Tese de Doutorado, 2008.

SANTOS, Milton. *Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Hucitec, 1994.

SCHWARTZ, Gilson. Laboratórios de emancipação digital: pesquisa-programa-ação em laboratórios da Cidade do Conhecimento. In: *UNIrevista*. São Leopoldo, jul. 2006. Disponível em:

<http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_Schwartz.PDF> Acesso em: 08 abr. 2009.

SILVA, F. L. e. Descontrole do tempo histórico e banalização da experiência. In: NOVAES, A. (org.) *Mutações: ensaios sobre as novas configurações do mundo*. São Paulo: Agir, 2008. p. 149-162.

SODRÉ, Muniz. O ethos midiaticizado. In: *Antropológica do Espelho: por uma teoria da comunicação não linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002.

SOJA, E. W. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SPAM. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Spam>> Acesso em: 27 jul 2014.

STREAM, In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <
http://pt.wikipedia.org/wiki/Stream> Acesso em: 29 jul 2014.

TOMAS BATA. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em:
http://en.wikipedia.org/wiki/Tom%C3%A1%C5%A1_Ba%C5%A5a Acesso em: 01 ago
2014.

TUAN, Y. F. *Topofolia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*.
Rio de Janeiro: Difel, 1980.

WebM. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <
http://pt.wikipedia.org/wiki/WebM> Acesso em: 29 jul 2014.

WILLIAMS, Raymond *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São
Paulo: Boitempo, 2007.

_____. *Cultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

WINDOWS MEDIA PLAYER. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em: <
http://pt.wikipedia.org/wiki/Spam> Acesso em: 29 jul 2014.

YOUTUBE. In: *Wikipédia: a enciclopédia livre*. Disponível em:
<<http://pt.wikipedia.org/wiki/YouTube>> Acesso em: 28 jul 2014.

YÚDICE, George. *A conveniência da cultura: usos da cultura na era global*. Belo
Horizonte: UFMG, 2006.

Anexos

ANEXOS

Anexo 1 - Tomas Bata 1876–1932

Anexo 2 - Jan Atonín Bata: linha do tempo

Anexo 3 - Tradução do contrato de compra e venda firmado pelos srs. Tomas Bata e Jan A. Bata

Anexo 4 – Tradução do testamento de Tomas Bata

Anexo 5 – Sobre o Julgamento de Jan Antonin Bata

Anexo 6 – Estudo para implantação de Batatuba

Fonte: COSTA, G. C. C. *As cidades da companhia Bata (1918-1940) e de Jan Antonin Bata (1940-1965)*. 2012. 241p. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo.

anexo 7 – Esquema para industrialização do Brasil.

anexo 9 – Diálogos e Memórias

anexos 8- *Revelando* Lugares de Memória em Batatuba

Anexo 9 – Ofício/convite para a mostra “Revelando Batatuba” em vídeos

Anexo 10 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ Pessoa Menor de 18 anos

Anexo 11 - TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ Pessoa maior de 18 anos

F. M. ARCHANJO

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE PIRACAJÁ

O Mundo Compreenderá

A história de Jan A. Bata — o Rei do Sapato

Esta obra não pode ser retirada

Gráfica Editora Aurora, Ltda.
Rua Vinete de Abril, 16 — Rio

Czechoslovak Self-Made Man

TOMÁŠ BAŤA 1876–1932

Mayor
of Zlín

Work

1895 – 50 employees
1931 – 29 500 employees
1894 footwear production
1903 precision engineering
1909 printing
1915 tannery **Bata**
1915 power station
1916 retail trade
1917 agriculture
1917 domestic shoe shops
1918 forestry
1918 brick manufacturing
1918 newspaper publishing
1919 woodworking plant
1919 shoe shops abroad
1919 company savings bank
1920 advertising
1923 shoe-repair shops
1924 rubber industry
1924 construction industry
1924 railway transport
1924 air transport
1925 construction projects
1926 chemical production
1926 paper processing
1926 lorry transport
1926 publishing house
1926 cinema
1927 film production
1927 food production
1928 chemical research
1929 pedicure
1930-32 tyre production
1930 insurance company
1931 textile production
1931 gas works
1932 coal mines
1932 hotel
1932 shipping

Organization of Work

1924 workshop autonomy system
1924 participation in profit and loss
1924 research department (inventions)
1924-27 technological rationalization
1925 psychological-technical laboratory
1930 five-day working week

1932: 81 % of total shoe production
in Czechoslovakia
75 % of the Czechoslovak
shoe export

Public Sector Administration

Zlín 1900 – 2975 inhabitants
1932 – 26 350
1923 Mayor of Zlín
1929 member of the Provincial Council

Z. Půček, Bataj (malt. Zlín 2012, n. 21)

Bata

Architecture

1910 Architect J. Kotěra
1912 family homes
1919 Architect F. L. Gahura
1924 "A Factory in Gardens" project
1926-27 the town of gardens urbanism
1930 Architect V. Karfík
1931 skyscraper urbanism

National Economy

1922 half price of shoes – impact on price level
in Czechoslovakia
1923 thousands of new job opportunities
1923 replacing craft by mass production
1928 plans for the Prague–Česká Třebová–Kroměříž–
Zlín–Púchov–Košice railway
1929 financing project for Moravia and Silesia
1929 building of the Zlín–Otrokovice conurbation
1930 reorganization plan for water management
of the river Morava
1931 programme for regional development of Central and Eastern Moravia
1931 enquiry about the role of T. Baťa in the national economy in the "Přítomnost" magazine

Employees

1910 canteen
1910-1920 supporting artists: Gahura, Kobzán
1912 houses for employees
1918 company library
1918 company kindergarten
1918 improving education
1921 factory opened for excursions
1921 film screenings for employees
1921 company band
1924 health and social department
1924 SK Baťa sports club
1925, 1930 special education: shoemaking
apprentice school (Baťa School of Work)
secondary education
1925-29 public education reform
(experimental schools in Zlín)
1926 employing the handicapped
1927 Baťa Hospital
1928 Baťa Relief Fund
1928 supporting science – Anthropos Brno
1930 specialised journals
1930 Shoe Museum
1930 zoological garden

From Zlín into the World

1894 Zlín	1919-21 Lynn, USA
1917-23 Pardubice	1931 Ottmuth, Germ.
1929 Otrokovice	1932 Borovo, Yugo.
1930 Krasice	1932 Chelmek, Pol.
1931 Třebíč	1932 Möhlin, Switz.
1931 Bošany	1932 Hellocourt, Fr.
1931 Nové Zámky	Konagar, Tilbury
1917-32 network of approx. 1,800 shops CZ	
1919-32 network of approx. 700 shops abroad (from Chicago to Singapore)	
1921-32 network of affiliated companies abroad	
1931 export of factories and architecture

MANAGEMENT OF THE BAŤA COMPANY

1894–1932 = 38 years

Tomáš Baťa (1876–1932)

- 35 lines of business in the industry, transport and service sectors
- 31,000 employees in the Czechoslovak Republic and abroad
- factories and subsidiaries in 25 countries
- network of 2,500 Bata shoe stores ranging from Chicago to Singapore
- annual production of 36,300,000 pairs of shoes (1932)

Mayor of Zlín (1923–1932)

1932–1939 = 7 years

Jan A. Baťa + Dominik Čipera + Hugo Vavrečka

- 40 lines of business in the industry, transport and service sectors
- 65,000 employees in the Czechoslovak Republic and abroad (1938)
- factories and subsidiaries in 39 countries
- network of 5,500 Bata shoe stores
- annual production of over 58,000,000 pairs of shoes (1936)

"Mussolini bought out the Italian nation for 100 billion Italian liras. From beggars, idlers and the deficient, he made a nation which aspires to become one of the leading nations worldwide..."

(J. A. Baťa, Zlín, January 25. 1937)

"So much of the world is still empty space.Transporting 10 million persons to the South America would cost about 14 billion CZK..." (J. A. Baťa, Zlín, April 4. 1938)

J. A. Baťa (1898–1965)

D. Čipera (1893–1963)
Mayor of Zlín (1932–1945)
Minister of Public
Works (1938–1942)

H. Vavrečka (1880–1952)
Minister (1938)

"Zlín must be great! Instead of America, people have to move to Zlín. (...) If there are no entrepreneurs making their living by the building of comfortable towns...we have to do it ourselves." From a letter by D. Čipera, 1925

"We need to put ourselves in the shoes of foreigners and think of what would, for instance, the Prague butchers do if the Chinese opened a big meat-processing factory at Žižkov with fifty stores in Prague."
From a letter by H. Vavrečka, 1939

World War II 1939–1945

Continental Europe (Zlín)

1939–1945 D. Čipera + H. Vavrečka + J. Hlavnička

- about 85,000 employees (around 1943)

United Kingdom and overseas

1939–1941 J. A. Baťa

1941–1945 T. J. Baťa Jr.

- about 30,000 employees (around 1945)

1945–2001 = 56 years

Tomáš J. Baťa Jr. / Thomas J. Bata (1914–2008)

After the nationalization of companies in Central and South-Eastern Europe (1945), he managed the Bata companies in the democratic world (Western Bata Organisation)

1945 London (Bata Development Limited)

1964 Toronto (Bata Shoe Organisation)

- 1946 – 34,000 employees
- 1975 – 90,000 employees in 89 countries
- 1970 – annual production of 220,000,000 pairs, annual sales of 300,000,000 pairs

1991 return to Czechoslovakia – establishment of the Baťa company with headquarters in Zlín was established

Picture (The Thomas Bata Foundation)

The Zlín – Otrokovice – Napajedla Conurbation Following the Legacy of the Baťa Enterprises

Nadace Tomáše Baťi

CONTINENTAL BARUM, Otrokovice (turnover 53,8 bn/2012)

MITAS, Zlín a Otrokovice (6,6 bn/2009)

PSG INTERNATIONAL, Otrokovice (6,2 bn/2010) / EUROVIA CS, Zlín

D PLAST-EFTEC / D PLAST / SPUR / DURA-LINE CT / PROMENS / EFFBE-CZ /

/ INSTITUT PRO TESTOVÁNÍ A CERTIFIKACI / IGTT / EGO /

/ PLASTSERVIS (total turnover 4,3 bn/2011–2012)

BAŤA, Zlín (1,8 bn/2012)

TEPLÁRNA OTROKOVICE (1,1 bn/2011) / ALPIQ GENERATION CZ, Zlín

TAJMAC – ZPS, Zlín (1,4 bn/2012) / ZPS – SLÉVÁRNA, Zlín

KOVÁRNA VIVA, Zlín (0,85 bn/2012)

SLÉVÁRNA PŘESNÝCH ODLITKŮ / ZPS FRÉZOVACÍ NÁSTROJE / KALÍRNA ZLÍN – CHYTIL /

/ GENICZECH / TRIMILL / FLOW TECH / KONFORM-PLASTIC / FREMA / HAMAG /

/ SVIT MACHINERY / SOLIDVISION

CENTROPROJEKT, Zlín

GRASPO, Zlín

ORGANIK, Otrokovice / VÚK, Otrokovice / TOMATEX, Otrokovice

MOLEDA, Zlín / KOMPONENTY, Zlín

PENAM, PEKÁRNA ZLÍN

ZLÍNSKÉ ATELIÉRY, Zlín

HOTEL MOSKVA, Zlín

PRIOR, OBCHODNÍ DŮM ZLÍN

VELKÉ KINO, Zlín

Nadace Tomáše Baťi

ZLIN AIRCRAFT, Otrokovice

FATRA, Napajedla (2,6 bn/2011)

PIPELIFE CZECH, Otrokovice (0,8 bn/2011)

Dopravní společnost Zlín–Otrokovice

Baťova krajská nemocnice Zlín

Muzeum jihovýchodní Moravy ve Zlíně

Střední průmyslová škola Zlín

Dr. Jan Antonin Bata, Timeline of Events

1933 - 1939

Photo above: Dr. Jan Antonin Bata on glass panel at the Czechoslovak Pavilion at the 1939 World's Fair¹ in New York

The following historical timeline regarding Dr. Jan Antonin Bata, his employees and companies is far from complete, but does capture some significant events that took place before and during the Second World War.

January 30, 1933: Hitler Appointed Chancellor; becomes the leader of Nazis.

March 5, 1933: National Socialists win sweeping victory; no further efforts made to quell violence.

March 10, 1933: Jewish department stores boycotted.

March 15th - March 21st, 1933: Germany - heavy propaganda campaign, calling for revenge if harm comes to Hitler.

March 29, 1933: Germany - Volkischer Beobachter article blaming the boycott on Jewish people.

¹ The Czechoslovak pavilion at the World's Fair became a symbol resistance to Nazi domination. On May, 31st, 1939, former Czechoslovak president Edvard Benes spoke at the dedication of the pavilion, his speech highlighted the struggle of the Czechs and Slovaks. Mayor La Guardia noted that "This pavilion, ladies and gentlemen, is the free and independent Czecho-Slovakia of the near past and the free and independent Czecho-Slovakia of the near future." See link: <http://www.slavsofnewyork.com/2008/11/other-week-slavs-of-new-york-was-lucky.html>

March 30, 1933: Germany - Julius Streicher, editor Der Sturmer, Chairman of the Boycott Committee. Boycott campaign continues on March 31st.

April 1, 1933: Article - Anti-Jewish Boycott (Bata mentioned in the Boycott in book entitled, Preussen, Deutschland und der Westen).

April 2nd, 1933: Article - Jewish shops closed, Bata shoe house locked.
December 17, 1934: Article (Berlin)

Tietz jetzt völlig judenfrei

Der „Angriff“ hetzt gegen Bata

Berlin, 17. Dezember. Die neue Welt des Antisemitismus hat jetzt ein neues Revue geföhrt, das seine Kreise über die Wirklichkeit aufklären mag, der sich die deutschen Juden nach wie vor und jetzt in erhöhtem Masse zerschreiben. Die Familie Tietz, die schon vor einigen Monaten versucht hat, ihre Firma zurück zu ziehen, indem sie 50 Prozent ihres Besitzes an die dazu gegründete „Hochleistungs-Beleuchtung G.m.b.H.“ abgegeben hat, ist jetzt aus dem grossen Handelskonzern der ihren Namen trägt, völlig ausgeschlossen. Da auch die westdeutsche Familie Tietz aus ihrem in Westdeutsche Konstellation A.G. umgewandelten Unternehmen schon vor längerer Zeit ausgeschieden ist, verschwindet damit die Familie Tietz aus dem deutschen Warenmarkt.

In dem Masse, in dem die wirtschaftlichen Schwierigkeiten des Dritten Reiches sich verschärfen und sich die Verschärfung der Situation für die letzten Massen in Aussicht stellt, wird vorwiegend die antisemitische Rhetorik immer lauter. Die nationalsozialistische Propaganda ist in der Lage, dabei die sogenannte Judenfrage zu beherrschen und mit der wenigen im Ausland geleiteten grossen Zeitungen zu kämpfen, die über das Thema ausser Acht lassen. Aber die gegen die Verleumdung der Judenbewegungen, erfolglosen Geschlossenheiten und den antijüdischen Beobachter kann festgestellt, dass von diesen Massnahmen die Wirkung jüdische Firmen betroffen werden.

Neben den antisemitischen Tendenzen im Wirtschaftssystem, die allen Verordnungen und Anordnungen der letzten Jahre zum Trotz bewirkt immer stärker durchbrechen, macht sich auch noch eine sehr auffällige Agitation des radikalen Parteiführers bemerkbar. Hier ist es besonders der Dr. Göttsche, der hinter der Kulisse eine unermüdete Arbeit gegen die Antisemitischen und die grossen jüdischen Wirtschaftskreise.

Nicht nur die Firma Tietz endlich jüdischen gemacht hat, hat Göttsche auch mehr in seinen „Angriff“ zum Sturz gegen die in Deutschland niedergelassenen

ausländischen Firmen. Der erste Angriff ist dabei die jüdische Schuhfirma Bata. Der „Angriff“ beschuldigt die Firma Bata, dass sie, ohne deutschen Arbeiter schliesslich ausbeutet und denjenigen, indem sie in der Produktion ein Fraktionssystem zur Anwendung bringt, von dem in Wirklichkeit nur die Unfähigkeit der Kapitalisten profitiert. Seit dem antisemitischen Krieg, so schreibt der „Angriff“ weiter, habe man sich aufgebracht, die kapitalistischen Methoden zu bekämpfen. Dieser Kampf werde auch von den deutschen Firmen der „jüdisch-jüdischen“ (!) Firma nicht halt machen. Der Werkstoff der deutschen Wirtschaft weigere sich ihm schon, jede Ration der Bata-Fabrik zu genehmigen.

Beerdigung der Verdener Opfer

Berlin, 17. Dezember. Am Montag fand in Anwesenheit der beiden Reichsführer die Beerdigung der 16 Opfer des Zusammenstosses zwischen einem Antisemiten und dem Soldaten des Reichsmarschalls Hitler statt. Die Reichsregierung war nicht vertreten, auf auch sonst wurde die Beerdigung so unaufrichtig wie nur möglich durchgeführt. Selbstverständlich hat die deutsche Presse das Ereignis mit wenigen Zeilen ab.

Gegen die Staatsfeinde

Wien, 17. Dezember. Der Staatsrechtler für die öffentliche Sicherheit Hammerstein-Bauer windet sich in der Rede, die er in Salzburg hielt, sehr gegen das Ausfallen der antisemitischen Tätigkeit. Die Staatsfeinde, so erklärte er, die den Kampf mit Explosivstoffen, ähnlichen Schüssen, Messertischen in der Eile, Lügen und Verleumdungen führen, seien unwürdig, den Namen eines Deutschen zu tragen. Die Regierung wisse, warum sie ihren Kampf führt und, wenn die Feinde des Staates erkannt hätten, dass das Land von starken bewaffneten Kräften geschützt sei, so würden sie die Lust verlieren, ihre Tätigkeit mit ihrem Kopf zu bezahlen.

Tietz now completely free of Jews

“Attack” rushes against Bata

August 15, 1935: Poster (German) - Bata Boycotted as Jewish Shop.

"Deim Juden haben gekauft. August 1935. A public notice listing names of people caught buying from Jewish owned stores (see below). Translation: From Jews they have purchased on 31 July, 1935 at the Schoken Store, the employee Ilse Johanna Uhlmann, typist at the Electrical Company. On 31 July, 1935 at the Tietz Store, the employee Arno Richard Lutzner, city technician at the Electrical Company. On 8 August, 1935 at the BATA shoe store, the employee Johannes Weichert, Department Head at the Kuchwald Hospital. This offence against notice Number 2 reminds every German city employee of their duty and that they have been advised. The declaration shall be posted in all city work rooms until 15 September 1935. Signed by W. Schmidt, Mayor of Chemnitz, August 15, 1935²"

Beim Juden haben gekauft

Am 17. Juli 1935 hat Herr Hans Uhlmann in Chemnitz
bei Johannes Uhlmann
Schokenstraße 10a in Chemnitz
am 31. Juli 1935 bei Herr Hans Uhlmann in Chemnitz
bei Johannes Uhlmann
Schokenstraße 10a in Chemnitz
am 8. August 1935 bei Herr Hans Uhlmann in Chemnitz
bei Johannes Uhlmann
Schokenstraße 10a in Chemnitz

Am 17. Juli 1935 hat Herr Hans Uhlmann in Chemnitz
bei Johannes Uhlmann
Schokenstraße 10a in Chemnitz
am 31. Juli 1935 bei Herr Hans Uhlmann in Chemnitz
bei Johannes Uhlmann
Schokenstraße 10a in Chemnitz
am 8. August 1935 bei Herr Hans Uhlmann in Chemnitz
bei Johannes Uhlmann
Schokenstraße 10a in Chemnitz

Der Stadtrat von Chemnitz

W. Schmidt

March 2, 1936: Article - Measures against Bata also in Germany.

May 15, 1937: Article - Business Week, Bata Out of Germany

In a letter from J.A. Bata to the U.S. Ambassador to Brazil, Bata tells Ambassador that he was forced by Nazis to sell his interests in Germany.

Bata Out of Germany

Czechoslovakian shoe company
is subsidiary but keeps its
retail stores.

Prague, (U.P.) (U.S. Presswire) -
The Bata family of Czechoslovakia has
been its controlling interest in the Ger-
man subsidiary, known as Bata Gm.

may 15, 1937.
month, because the manufacturing unit is
located in the little town of Opatowitz
in Upper Silesia.
significantly, the buyer is not a firm,
but a Norwegian—Mr. Wilberg
of Oslo, one of the largest Scandinavian
shoe distributors. This new unit
is expected to boost Germany's shoe
export to Scandinavian countries.

American Shores

Some interesting details of company
history were revealed at the annual stock-
holders' meeting at which the new stock
in control was announced. The Bata
family, for instance, is said never to
have owned outright more than one-
fourth of the stock of the company,
advisory, though it is possible that
Bata interests retained their influence
through loans and American sharehold-
ers. It is said that no less than 100,000
shares worth of shares—total capitaliza-
tion is \$2,000,000—were represented at
the last meeting on behalf of an un-
named American group, by the Guar-
anty Trust Co. of New York. Young
for Bata will own 100,000 shares
worth of shares, but his participation is
said not to be direct. Appar-
ently, in view of the present state of
Czechoslovakia, control is now the
last advertisement for a German shoe-
making system.

The annual report of Bata Gm.,
which the new Bata Gm. is said to
be operating, is said to be a very
interesting document. It is said
that the company expects the production
of shoes to be partly of synthetic ma-
terials. Special emphasis is laid on the
production of rubber soles made of
leather strips by a process developed by
the Czechoslovakian parent company.
The report further divulges that the
production of the German plant has
never been large enough to supply the
150 Bata retail stores operated in Ger-
many. Consequently, the company had
to purchase last year 100,000 pairs of
shoes from other German makers.

June 11, 1937: Book - States that Bata is a forbidden word in Germany, or that Bata is forbidden from doing further business in Germany.

1938: Letter to U.S. Ambassador (Brazil) 1946 - Jan Bata built up defensive industries for Czechoslovakia at the request of General Syrový, General Cizek, and Minister of Defense Machnik for the creation of gas masks, tires, acticarbon, synthetic rubber, fiber and tannin.

March 1938: Radio Speech by Dr. Jan A. Bata the American People (audio available)

Bata: "The Czechoslovak Republic looks like an anvil, and the people who live there used to play in its history sometimes the role of the hammer, sometimes that of the anvil. In both

² University of Minnesota, Holocaust & Genocide Studies:
<http://www.chgs.umn.edu/educational/brokenThreads/intimidation.html>

instances, the character of these people has been hammered into its present form."

Bata: Czechoslovakia "is not a place which could be held easily by a people with of weak character, or a place in which a people could allow itself to weaken. But a constant presence of powerful and fighting neighbors was not a disadvantage for our people. It brought us also some great advantages which changed the Czechs into the most advanced Slavonic tribe, and turned them into pioneers of Western civilization. The character of our people developed under such circumstances into a character of men on guard. Watchfulness, modesty, a certain determination, and inventive intelligence are the strongest positive qualities which lie at the bottom of our national soul."

Bata: Czechoslovakia's origins "needs to be traced back to the circumstances I first mentioned. And, all these qualities helped us mostly to our keep our nationality, to regain our political freedom, and to form in a comparatively short period of twenty years, a strong central European country which is the outpost of the Western culture and civilization."

Bata: It has been "about five-hundred years since the people in this country has adopted their democratic principles and even suffered for them, and paid for them with their national freedom."

March 1938: Otto Heilig Papers (page 6) - Hours after the Anschluss, Jan Bata sent his private plane to take the Meisel brothers (two of Bata's Jewish employees) out of Austria to safety. Both Meisel brothers were employed in unoccupied territory by Jan Bata throughout the war.

1938: Bata Saves Life of Friedrich Eisenstein (b. Aug 31, 1914) Vienna. "Friedrich worked for the Bata shoe company starting at age 15 as an apprentice in Zlin, Moravia till retirement for over 40 years. Bata Senior saved his life - sent him to the Congo to open up a Bata Shoe shop. 1938 He left Prague, crossed Germany and waited a week at the Belgium port of Antwerp for the boat to travel to the Belgium Congo..the radio announced that the borders of the Czech Republic/Germany had been taken over by the Gestapo...a week later he wouldn't have made it! When he arrived at the port of Matadi, the Belgians, as allied forces had to put him in custody for 2 months as he had a Reichspass from Austria."

May 1938: First Czechoslovak Mobilization

June 1938: Otto Heilig Papers (page 5): Jan Bata returns from Berlin after meeting with the German Minister of Commerce regarding reasons why the schuhjude campaign against Bata continues; Minister tells Bata that reasons are of German national interest.

July 1938: Jan Bata's Director Vavrecka in co-duties becomes Czechoslovak Minister for Propaganda

1938: Dr. Jan A. Bata helps raise funds to defend Czechoslovakia - When the Czech Government called for gifts for the National Defense and

jittery bankers tried to sabotage it. Dr. Bata did the incredible. He focused his skills on fundraising, exceeding the one billion-crown mark, surpassing the government's request by 500 million Czech Crowns, in a period of ten days. Jan Bata and his coworkers were the largest donors, giving more than 1 million dollars; not in bonds, nor redeemable funds, as a gift.

August 3, 1938: Bata Provides the Truth: Under the title "Bata is a Czechoslovak Jew," Zlin Magazine, Dr. J.A. Bata, Chief, Bata Works

PARISER TAGESZEITUNG

überhaupt für alle zur Staatsverteidigung bestimmten bewaffneten Organe... Was aber das köhnste ist, ist die Frage der staatlichen Zuverlässigkeit. Diese wirft die Sudetendeutsche Partei einfach über Bord und stellt über die staatliche Zuverlässigkeit die nationale Zuverlässigkeit, die von besonderen Organen der Nationalität kontrolliert werden soll. Im deutschen Falle wäre dies natürlich ein Organ der Sudetendeutschen Partei... Hoffen wir, dass die objektive öffentliche englische Meinung zu unterscheiden vermag, worin die Vorschläge der Sudetendeutschen Partei mit der Souveränität des tschechoslowakischen States unvereinbar sind."

BATA STELLT RICHTIG

Unter dem Titel „Bata — ein tschechischer Jude“ schreibt in der Zeitschrift „Zlin“ der Chef der Bata-Werke, Dr. J. A. Bata, u. a.:

„Bata — ein tschechischer Jude, so wird Bata immer wieder in der deutschen Presse tituliert. Diese Behauptung wird schon seit Jahren in der deutschen Presse aufrecht erhalten. In der Zeit, da mir noch die Aktienmehrheit der Bata-Gesellschaft in Olomütz in Oberschlesien gehörte, kamen diese Gerüchte zum erstenmal auf. Damals wurden sie von den verehrlichen Konkurrenten im Dritten Reich als Konkurrenzmanöver in die Welt gesetzt. Aber auch in Deutschland gibt es Deutsche, die, soweit ihr Gerechtigkeitsinn in Betracht kommt, noch einigermaßen rückständig sind. Sie haben den Nachweis erbracht, dass Bata der Nachkomme einer alten katholischen Familie ist, deren Vorfahren seit zum Katholizismus ebenfalls sehr weit zurückdatiert, zumindestens bis in das Jahr 1578, aus welcher Zeit die ersten Eintritte in der Kirchenmatr. stammen. Ich würde mich aber auch heute nicht schämen, wenn ich Jude wäre, trotz aller Angriffe in den deutschen Zeitungen. Auch als Jude würde ich mich jedem andern Menschen auf der Welt gleichwertig fühlen. Bei dem kürzlich in Berlin abgehaltenen internationalen Kongress haben sich zahlreiche Persönlichkeiten aus den höchsten Berliner Kreisen, einschliesslich des Unterrichtsministers, davon überzeugt, dass ich keineswegs wie ein Jude aussehe. Ich bin nun neugierig, wie lange diese Leute die lägenhaften Behauptungen sich gefallen lassen und wie lange sie sie unbeantwortet lassen werden. Ich schicke allen meinen neuen Bekannten in Deutschland Artikel und Hinweise für die Lügenhaftigkeit der eingangs zitierten Behauptung. Es liegt mir eigentlich nichts daran. Es würde mir jedoch daran liegen, zu erfahren, ob es heute überhaupt noch jemanden in Deutschland gibt, der den Mut aufbringt, sich gegen die Lüge und den Betrug in der Propaganda zu stellen, oder ob ihnen all das schon gleichgültig ist. Darüber werde ich noch der tschechoslowakischen und der Weltöffentlichkeit Bericht erstatten. — J. A. Bata."

INTERVIEW MIT MOTTA

In der „Prager Presse“ veröffentlicht Motta, dem Chef des Politischen Departements von Hock ein Interview mit Giuseppe Motta, dem Chef der Schweizer Bundesregierung.

„Sie fragen, wie unsere Beziehungen zu Deutschland sind? Gut. Ich bin absolut sicher, der Minister unterstreicht die Sicherheit seiner Überzeugung in Ton und Gestik, was ist alles in Ordnung. Bei allen Schwierigkeiten, die jemals auftauchen, hat Deutschland zum Schluss immer nachgegeben, wenn es erkannt hatte, dass unsere Sache gerecht war. Aber wenn irgend jemand uns angreifen sollte, — es wäre ein mutwilliges Verbrechen, denn es

August 4, 1938 Runciman Mission to Mitigate Sudetan Disturbances.
Runciman Mission begins to break down by August 28th.

A comment from J.A.Bata's personal notes (1949), "JAB [Jan A. Bata] talked to Runciman and his economic adviser when he came to Prague and later talked with General Spears. JAB knew from them that there was danger that if Czechoslovakia made a stand the English might not help.

Jan Bata in 1938 gave notice to the British through the intermediaries of Lord Derby, Lord Carlyle, General Spears and others before Munich that: "the fortifications of Czechoslovakia would perhaps decide the destiny of imperial Britain." Jan Bata knew what he was saying. It was the indomitable son of Moravia who spoke through his own words. The Czechoslovak forces would supposedly have to contain the immense

ambition of the Reich. But the Englishmen were blinded, judging that Hitler would be satisfied with only Bohemia.³

August 11, 1938: Wireless to the New York Times - **BATA RETORTS TO NAZIS;** Shoe Man Not a Jew, but 'Would Not Be Ashamed' if He Were Wireless to THE NEW YORK TIMES.

August 15th - 22nd, 1938: A Time Magazine article reflects that the Anti-Semitic campaign against Bata in the German press had been taking place for the last week.

August 17, 1938: Documents on British foreign policy records; "the words of Dr. Jan A. Bata, a leading Czech industrialist, who had attacked the weakness and indecision shown in high quarters towards irredentists."⁴

September 1, 1938: Documents on British foreign policy records; Benes comments regarding visit from Jan Bata, "he [Jan Bata] has been making lately 'no surrender' speeches.

September 12, 1938: September 12, 1938: (Prague, Czechoslovakia) Wireless to the New York Times - Outbursts of the Nazis. "In Eger Nazi mobs attacked a local Social Democratic workers' club, firing twenty-five pistol shots into a building without hitting any one. With police aid the workers were able to beat off the attackers. Henleinists stormed through the streets, breaking into and plundering a local branch of the Bata Shoe Company and other Czech and Jewish-owned shops.

September 13, 1938: Article - Jan Bata, Is a Czech Jew.

October 5, 1938: Czechoslovak President Benes Resigns.

October 18, 1938: Jan Bata and Czech Diplomats meet H. Goering in Berlin. At the meeting, Goering gives a typical speech of cooperation and integration of Czechoslovakia with Germany; that Dr. Bata is a logical choice to lead the Czech nation; promises Bata certain advantages for his businesses in Germany if he cooperates with the Reich. Jan Bata responds negatively to Goering offers of advantages. In Dr. Bata's opinion, the economies of Germany and Czechoslovakia should remain separate and independent for competitive reasons. Dr. Bata further points out that "Economic co-operation between Germany and Czechoslovakia would be the same as a marriage between two men: it could never beget any children." Following Dr. Bata's comments, Goering gets very excited and puts the meeting to an end. Jan Bata and his diplomatic party drive back to Templehof and fly back to Prague. Dr. Bata verbally reports to Prime Minister, Jan Syrový and Mr. Beran an influential Czech diplomat in Prague.

³ O mundo compreenderá: a história de Jan A. Bata by F.M. Archanjo; 1949.

⁴ An irredentist is a person who advocates the recovery of territory culturally or historically related to one's nation but now subject to a foreign government.

November 20, 1938: BATA HELD BY MISTAKE; Head of Czech Shoe Factory Arrested by Nazis in Error. J.A.Bata was taken off the train by the Gestapo and brought to the Gestapo headquarters at city hall. The Gestapo questioned J.A. Bata for thirty-six hours. During questioning, Dr. Bata was asked dozens of times whether he was Jewish. Dr. Bata was released due to the intervention of the Czechoslovak Foreign Minister Dr. Frantisek Chvalkovsky. Clipping from the New York Times, dated Nov. 21, 1938.

November 30, 1938: After Munich Treaty, Czechoslovak Attorney, Emil Hacha selected as President of Czechoslovakia. Hacha had been president of the Czechoslovak Supreme Administrative Court.

November 1938 - February 1939: Otto Heilig Papers (page 9) - Dr. Bata assists 45 Jewish families in escaping from Czechoslovakia; provides funds living expenses from his personal dollar account.

December 1938: Jan Bata's Director Cipera in co-duties enters Czechoslovak Cabinet as Minister of Public Works.

1939: Bata Aids 300 Jewish Families to Escape from Nazis. Charles Morgenstern Affidavit (May 1, 1957).

January 1939: Jan Bata receives word that Nazi invasion is expected within three to four months.

March 14, 1939: Strussler (later Stoppard) and Other Families Escape with Bata Aid. From the Columbia Encyclopedia of Modern Drama, Volume 2: (p. 1282) "In July of 1938, Thomas Straussler (his natural name) was born to Eugen and Martha Straussler in Zlin (Moravia), Czechoslovakia. the senior Straussler was a physician with the Bata shoe firm, one of the largest employers in the region. On March 14, 1939 - the day the Nazi's invaded Czechoslovakia - the entire Straussler family left with other Jewish families working for Bata and headed for the company's factories in Singapore....At four year old, Tomas, his older brother Peter, and his mother were evacuated to India because of the Japanese invasion. His father remained behind, however, and was killed."

March 15, 1939: Jan Bata Aided escape of 70 to 80 Jewish Families from Czechoslovakia Prior to March 15th (Maria Morgenstern Affidavit)

March 15, 1939: Germans invade Czechoslovakia, Jan Bata outside of Czechoslovakia in Rumania); Dr. Bata's family held captive, under house arrest by German army in Zlin until their final escape in June of 1939.

March 20, 1939: Time Magazine, article on film **Crisis 1939:** "Much of Crisis is thus devoted to shots of urchins playing in summer camps, Jewish refugees from Germany and Austria saying '**Thank you**' to **Czech benefactors, orators addressing crowds**. Nonetheless, pieced together with considerable skill and photographically first-rate, the picture is a reasonably coherent photographic appendix to last summer's headlines. Effective sequence: Czech soldiers lugging cannon up a mountainside for the defense that was never undertaken."

March - April 1939: France, Jan Bata negotiates with German authorities for his return to Zlin. In return for Dr. Bata's return, the German authorities agree that Bata employees get unrestricted travel as they had before the occupation. Dr. Bata uses this ploy to help his last Jewish employees to escape to safety from Czechoslovakia.

June 1939: Jan Bata, wife, young son, and youngest daughter escape by car through Slovakia; one daughter escapes with help of Bata people by train to unoccupied Europe.

June 1939: Jan Bata instructs Bata director in Zlin to set up underground chain with London.

July 1939: Jan Bata visits Czechoslovak pavilion at the World's Fair in New York where a huge exhibit of Bata story is at the forefront of the exhibition. The Czechoslovak pavilion serves as a symbol of Czechoslovak resistance. At the end of the World's Fair, Jan Bata buys pavilion and the money goes to representatives of the Czechoslovak government in exile in the USA.

August 19, 1939: Jan Bata Aids in the Escape of the Morgenstern Family from Czechoslovakia. The Morgenstern's escape from Zlin through Bata Company in Belgium. Jan Bata personally arranged for monthly funds for family, and later made available US \$3,000 for the family's entry into the United States. See Maria Morgenstern affidavit.

1940: Bata Assisted Meisel Family's Escape: I came to discuss with Gerhard his cousin Hanus Meisel, who like him and his family was missing from the many lists of victims which I had analysed. I told him the fate of JUDr. Bedrich Heller, his wife Marie Heller and their son Hanus Heller. I found this family also on the police registrations of departure from Valasske Mezirici. But they went to Prague and I found them to have been deported with the second transport from Prague to Lodz. That led to their killing in Zamość. Hanus' parents obtained for him a student visa to leave for the US. Also with the help of Bata. In 1940, when Hanus left Prague he was 18.

January 29, 1941: Jan Bata answers Smear Campaign.

WHO IS BATA?	
THE STATEMENT IN THE TIME MAGAZINE 1938	HIS ANSWER OF THE SMEARING CAMPAIGN TODAY
Europe's outstanding example of mass production in industry, the great Bata Shoe Co. in Zlin hated itself last week against a dire threat.	The article at the left resulted in my being put into a German prison in November 1938, after Munich. You Americans applauded it.
Recent German press stories have declared: "The Bata Family are Czech Jews".	Recent stories in some American newspapers have declared: "Jan Bata, persona grata in Germany, came to be a Hitler agent".
If this charge can be made to stick, Bata shoe stores in Vienna and other parts of Greater Germany face confiscation.	If this charge can be made to stick, Bata factory in Belcamp, Md., and Bata shoe stores in USA face confiscation.
Even if not made to stick, it may seriously injure their business.	Even if not made to stick, it may seriously injure their business.
Actually, most of the Bata family are tall, big boned, straight nosed, bristle haired blondes.	Actually the Bata's are Czechs and shoemakers by centuries of tradition. -- Never have they been anything else.
But last week in his native Zlin, which lies in Moravia, well back of the Sudeten German district, Shoe Master Jan Bata, half brother and successor of the late Thomas Bata, who was killed when his private airplane crashed, (Time, July, 25, 1932), felt obliged to make an answer.	But last week the smearing press campaign attacked Belcamp for its location, trying to make it appear suspicious. This site was bought by Bata Company in 1933, when there was no problem of National Defense or Hitler. So I felt obliged to make an answer.
He announced in the magazine Zlin, that he had sent German officials genealogical data, tracing his Roman Catholic ancestry back to 1578.	I am asking the State Dept. to investigate: (a) Jan Bata's work on this hemisphere. (b) Origin of the \$100,000 spent by competition for a smearing campaign against Bata in USA.
"Really, I don't care about those false statements," wrote Jan Bata.	"Really I don't care about those false statements," I repeat today.
"I am only curious to see whether there is still someone in Germany today with the courage to place the truth above the lying propaganda".	I am only curious to see whether there is still someone in USA, which I have admired all my life with the courage to place truth above lying propaganda.
"I would not be ashamed to be a Jew, despite all the attacks of the German press".	I need not be ashamed of my Czech nationality, of my work, nor of the 100,000 friends-workers on five continents.
"I would feel equal with all people".	I am a mere visitor here. But I believe in fairness and justice.
"But, I am not a Jew".	I am not Hitler's agent. I am an agent of a 400 years old guild of Czech Shoemakers.
	DR. JAN A. BATA

THE EVENING "SUN" BALTIMORE, JAN. 29, 1941

August 29, 1944: Slovak Uprising begins against German occupation. In a book entitled, *They Chose Life: Jewish Resistance in the Holocaust*⁵, "In Slovakia, a national uprising beginning in August 1944 brought out some 2,500 Jewish participants. During September, a Jewish unit of 161 men who had escaped from a forced labor camp at Novaky fought off SS troops at Batovany⁶ (now Partizanske)." The leader of the resistance in Batovany was Captain Joseph Troyan (Jan Bata's top director in Slovakia). More than two hundred Batamen died in battle during the uprising. Jan Bata's company funded the Slovak Uprising at a national level, funding more than 800 national resistance committees. Without this national organization, the Slovak Uprising would have been impossible.

Throughout the war, Jan Bata and his firms around the world gave material aid to the Czechoslovak cause, giving millions of dollars in donations, boots and other supplies for the Czechoslovak Army, and placing his multi-national business of more than 40,000 employees at the disposal of the allied cause.

Alexandr Hammid took photo above of the Bata glass display called the "**Hymn of Work.**" The photo is from the Bata pavilion at the 1939 World's Fair in New York. Alexandr Hammid changed his name from Hackenschmied upon his arrival to the U.S.A. Before emigrating from Czechoslovakia, and from the mid-1930s, Hackenschmied worked for Jan Bata at the Bata Film Studios in Zlin. Hackenschmied made numerous advertising and documentary films for Bata. One of the most famous was directed by Elmar Klos in 1937, entitled *The Highway Sings*, showing auto tires in motion. Hackenschmied accompanied Jan Bata on the first

⁵ By Yehuda Bauer, 1973 (page 50).

⁶ The city of Batovany was founded by Jan Antonin Bata in 1938. Batovany was renamed after the war to Partizanske (to memorialize partisans) Jan Bata's large shoe industry in the town was renamed to ZDA an acronym in Slovak for the 29th of August, the date the Slovak Uprising began.

ever business flight around the world in 1937, documenting the expansion of Bata throughout the world. Dr. Bata's round-the-world journey started from Zlin and returned to Zlin on May 1, 1937 to a cheering crowd of more than one hundred thousand Czechoslovaks.

After the Munich Crisis, Hackenschmied co-directed a key documentary film entitled, **Crisis 1939** with Herbert Kline. This feature film was about the 1938 Sudeten Crisis, released briefly before the Nazi occupation of Czechoslovakia. This documentary was developed with the full cooperation of the Czechoslovakian government (Jan Bata's key director, Hugo Vavrecka was then the Czechoslovak Minister of Propaganda). The film covered all phases of the life of the Czechoslovak people, their hopes and fears, and the final disaster as the Munich Treaty left the Czechs without the support of their "peace-in-our-time" allies, and unable to stop the takeover of the Sudeten territory by the "Tomorrow-the-World" Nazis.

During the war, Alexandr Hammid directed a documentary called the "**Hymn of the Nations**" produced by the U.S. Office of War Information (OWI).

For more information please contact:

John Nash
Email: batanash@gmail.com
Phone: 603-926-2182

as indústrias Bata. Que fazer? Por sua morte, o herdeiro legal seria o filho — Tomas Bata Jr. — então com 17 anos. Por outro lado uma crise sem precedentes estava a minar o comércio. A falência e bancarrota de sólidas firmas como a Kreuger, Credit Anstalt, Loevenstejn, Bank of U. S. A. acarretando sério prejuízo à indústria e ao comércio, alarmou ainda mais Tomas. Que seria das fábricas Bata, então já com 15.000 operários, se ele viesse a faltar de um momento para o outro?

O filho ao crescer seria um bom administrador? Tomas passou dias e dias a pensar no assunto. Aquelas fábricas e os funcionários e operários eram sua preocupação na vida. Que fazer? uma solução urgia.

O natural sucessor de Tomas era Jan Bata (1), cuja atuação em 1922 o credenciava mais do que qualquer outro. E foi ele de fato o escolhido. Mas como fazê-lo sucessor se as leis checas, consideraram o herdeiro legítimo o filho, o único sucessor legal? Só havia um recurso. Tomas e Jan assinaram um contrato de compra e venda de todas as fábricas e propriedades de Tomas, tanto na Checoslováquia como no estrangeiro por 50 milhões de coróas checas. Esse contrato é do próprio punho de Tomas em idioma checo, conforme se vê nas fotocópias insertas no Capítulo XXXII às págs. 2, 3 e 4.

(1) — Tomas Carlyle — "Latter-Day Pamphlets" — o homem capaz é o homem forte "the strong man"... o homem forte é o homem avisado "the wise man".

É a seguinte a tradução do contrato de compra e venda firmado pelos srs. Tomas Bata e Jan A. Bata:

"Eu, MIGUEL OCOUCNE, Tradutor Público Juramentado pela Meretíssima Junta Comercial do Estado de São Paulo, Republica dos Estados Unidos do Brasil, certificado, que me foi apresentado um documento escrito em idioma checo e, a pedido da parte interessada, o traduzi fielmente para o idioma português.

A respectiva tradução diz o seguinte:

Eu, abaixo assinado, Tomas Bata, vendo a V. S., Sr. J. A. Bata, e o senhor compra de mim, todas as ações da sociedade Anônima Bata Zlin, bem como todas as ações da sociedade Construtora Zlin, todas as ações da Sociedade Tisk, as quotas das empresas Libstat. — Das sociedades estrangeiras vendo-lhe as seguintes ações ou quotas: —

Sociedade Bata Schuh Aktiengesellschaft Zurich nominal Frs. 450.000.

Bata Matschapai Amsterdam	51.000 Hol. zl.
Bave Matschapai Amsterdam	20.000 Hol. zl.
Bata Cipele e couros Zagreb	2.100.000 Dinare
Bata Cracóvia	100.000 Zl.
Bata Bucureste	2.000.000 Lei.
Bata Alexandria	2.250 L.
Bata Kodan	400.000 D. Kr.
Bata Strasbourg	600.000 Fms.
Bata Stocolmo	40.000 S. Kr.
Bata Deutsche Schue A. G. G. — Berlim	110.000 Rm.
Bata Viena	20.000 S.
Bata Schoe & Leather Lyn	15.000 \$.
Bata Nova Iorque	400.000 \$.

Vendo-lhe as ações. —

Depois, ainda, das sociedades no pais: —

Bapoz Soc. S. R. O.	400.000 Kc.
Paris ações soc.	500.000 Kc.
Atlas Seguros	3.000.000 Kc.
Busi Trebic	10.000.000 Kc.
Budisoviski Trebic	10.800.000 Kc.

Dêses valores ficam excluidos os das fazendas de Loucka e Lazy, bem como a minha casa residencial em Zlin. Além desses valores, vendo-lhe todos os meus bens aqui não des-criminados, pela importância de Kc. 50.000.00 — (cinquenta milhões de coróas checas) em moeda checoslovaca. Este preço de venda V. S. fica obrigado a pagar em dinheiro um ano após a sua entrada na posse da Sociedade, pagando o juro de 5% ao ano.

Tomas Bata m.p.

Dos bens vendidos fica excluída a dívida ativa que temos com a Prefeitura, na importância de 4.300.000 — ou seja, com essa quantia fica aumentado o preço da compra, e J. A. Bata é obrigado a pagar essa importância à cidade de Zlin.

Tomas Bata m.p.

13-7-32. Nota: — Concorde e comprou: — resp. concordei e comprei como verbalmente ficou combinado.

J. A. Bata m.p.

Certifico que esta é uma cópia fiel do original não selado. — Zlin, onze de fevereiro de mil novecentos e quarenta e sete (11-11-1947).

O tabelião — (ass. il.)

Certifico a autenticidade da assinatura e do carimbo do Dr. Hugo Forster, Tabelião em Zlin, competente para autenticar estes documentos.

Tribunal Distrital de Zlin, 13 de fevereiro de 1947. — Pres. — 55-28/47. —

O presidente do Tribunal — (ass. il.)

Ministério da Justiça em Praga.

N.º do reg. de legalizações 180/1947.

Certifica-se pelo presente a autenticidade da assinatura e do carimbo supra.

Praga, 17 de fevereiro de 1947.

Pelo Ministro — (ass. il.)

Ministério das Relações Exteriores.

N.º leg. taxa Kcs. 50. —

N.º de ordem: — 1041/47.

Certifica-se a autenticidade da assinatura do Dr. Ferdinand Tischler e a do carimbo do Ministério da Justiça.

Praga, 17 de fevereiro de 1947.

Pelo Ministro — (a) Dr. Kozisek. —

(Constam várias estampilhas checoslovacas e os carimbos checoslovacos oficiais).

N.º 16 — Reconheço verdadeira a assinatura retro do senhor Vaclav Kozisek, — doutor em Direito — Conselheiro da Seção do Ministério dos Negócios Estrangeiros em Praga, Checoslováquia. E, para constar onde convier, mandei passar o presente, que assinei e fiz selar com o selo deste Consulado, digo, desta

Legação. Para que este documento produza efeito no Brasil, deve a minha assinatura ser por seu turno legalizada na Secretaria de Estado das Relações Exteriores ou nas Repartições Fiscais da República. Praga, 17 de fevereiro de 1947.

O Ministro — (a) Décio Coimbra.

Reconheço por assemblhacao a firma supra de Décio Coimbra, Ministro do Brasil em Praga.

Delegacia Fiscal em São Paulo, 5 de maio de 1947.

O Delegado Fiscal — (ass. il.)

Tabelionato Veiga, S. Paulo, rua S. Bento, 41.

Reconheço a firma supra de Atilio Bezerra, S. Paulo, 6 de maio de 1947. —

Em test. (s.p.) da verdade — (ass. il.).

(Constam várias estampilhas e selos, devidamente inutilizados.)

Nada mais. — Dou fé.

São Paulo, 7 de maio de 1947.

a) MIGUEL OCOUGNE.

Os meus testamentos anteriores perdem, em virtude d'êste, automaticamente, o seu valor.
Tomas Bata — de mão própria.

Declarado ao Tribunal Distrital de Zlin no dia 13 de Julho de 1932 — Loucka Bohumil — de próprio punho — I. S. —

A presente cópia está literalmente de acôrdo com o original em 1/2 folha de papel selado.

Cartório do Tribunal Distrital de Zlin, dia 7 de dezembro de 1946 (ass. il.). —

(Consta uma estampilha checoslovaca de 8 corôas) Nada mais. Dou fé. —

São Paulo, 7 de maio de 1947.

a) Miguel Ocougne."

Tradução do Inventário homologado pelo Comissário Judicial de Zlin:

"Eu, Miguel Ocougne, Tradutor Público Juramentado pela Meretíssima Junta Comercial do Estado de São Paulo, Republica dos Estados Unidos do Brasil, certifico, que me foi apresentado um documento escrito em idioma checo e a pedido da parte interessada o traduzi fielmente para o idioma português.

A respectiva tradução diz o seguinte:

Tabellão, Dr. em Dir., Hugo Forster de Zlin, em qualidade de Comissário Judicial.

Ao Tribunal Distrital de Zlin apresento os autos após o encerramento do inventário.

Zlin, 26 de junho de 1933.

O Tabellão em qualidade de Comissário Judicial — (ass. il.) —

Uma estampilha checoslovaca, inutilizada com o carimbo do Tribunal Distrital de Zlin.

PROTOCOLO

do dia 23 de junho de 1933. —
lavrado pelo Dr. em Dir., Hugo Forster, Tabellão de Zlin, em qualidade de Comissário Judicial no processo da herança de THOMAS BATA, industrial de Zlin, falecido no dia 12 de junho de 1932, tendo deixado testamento.

PRESENTE

os abaixo assinados: —

O Objeto do processo é proceder ao Inventário do finado acima mencionado.

Como legítimos herdeiros aparecem, segundo o registro de ôbito: —

I) a espôsa sobrevivente, Marie Batova, de Zlin, Número p. 292.

II) o filho sobrevivente, Tomas Bata, do mesmo endereço, emancipado, conforme o despacho do Tribunal Distrital de Zlin, do dia 21 de setembro de 1932, N.º p. 120/32/17.

Sendo citados, compareceram: — a espôsa sobrevivente, Marie Batova, e o filho sobrevivente, Tomas Bata, que declararam que além dos acima mencionados não há outros herdeiros legítimos.

Foi constatado que, segundo a resolução do Tribunal Distrital de Zlin, de 23 de dezembro de 1932 e de 21 de abril de 1933, foi concedido o prazo até 21 de junho de 1933 para processar esta herança, e que os respectivos autos requeridos pelo Ministério da Fazenda em 3 de junho de 1933, foram devolvidos em 19 de junho de 1933 ao Comissário Judicial para as devidas providências.

O finado deixou três testamentos, como segue: — de 20 de fevereiro de 1908, que foi dado a conhecer pelo Tribunal Distrital de Napaieda, em 13 de julho de 1932; depois o de 29 de janeiro de 1918, com 9 aditamentos e do qual foi dado conhecimento pelo Tribunal Distrital de Zlin em 13 de junho de 1932; e o de 19 de maio de 1931 com o acompanhamento à última vontade, e que foi dado a conhecer pelo Tribunal Distrital de Zlin em 13 de julho de 1932.

Todos os 3 testamentos supra foram lidos aos presentes.

Ficou constatado que o finado, na sua última vontade de 19 de maio de 1931, escrita de próprio punho e assinada, entre outros diz: —

"o meu testamento anterior fica, naturalmente, sem efeito".

Com esta disposição cancelou, pois, o testador, conforme o § 719 do Código Civil, o seu testamento anterior de 20 de fevereiro de 1908 e o de 29 de janeiro de 1918, do que os presentes, devidamente instruídos, tomam conhecimento e declaram que, por conseguinte, reconhecem como codicillo justo e válido a última vontade de 19 de maio de 1931 com o seu aditamento à última vontade.

Pelo requerimento de 8 de junho de 1933, N.º D. 297/32.47, foi constatado que para esta herança apresentaram-se como herdeiros legítimos, sem reserva:

a espôsa sobrevivente, Marie Batova, e o filho sobrevivente, Tomas Bata, e que o seu requerimento relativo à herança foi aceito pelo Tribunal da resolução de 8 de junho de 1933 N.º D. 297/32.48.

Conforme o parágrafo 116 do C.P.C., os herdeiros foram instruídos sobre o requerimento da herança condicional e incondicional, e declaram que conhecem o alcance de seu requerimento de herança, feito sem reserva.

De acôrdo com o testamento de 19 de maio de 1931, o testador, Tomas Bata, tem bens que atingem a importância de Corbas Checas 57.262.131, representados pelo débito

de Jan A. Bata. Como Jan A. Bata lançou essa importância em conta com a firma Bata S. A. Zlin em favor do testador Tomas Bata, aparece no dia do seu falecimento esta propriedade de Tomas Bata como débito da firma Bata S. A. de Zlin.

Dêste seu crédito o testador legou: —

- 1./ à sua esposa Marie Batova, a importância de C.T. 8.100.000
- 2./ ao seu filho Tomas Bata C.T. 22.000.000
- 3./ à sua irmã Anna Schiebelova a importância de C.T. 1.500.000
- 4./ Fundo de Beneficência Bata C.T. 21.500.000
- 5./ à cidade de Zlin C.T. 4.162.131, nas condições detalhadamente mencionadas na última vontade de 19 de maio de 1931.

A irmã sobrevivente, Anna Schiebelova, apresentou em 18 de junho de 1933 um requerimento, reservando para si da importância total a ela legada a quantia de C.T. 100.000. — Renunciando as restantes Coróas checas 1.400.000, em favor dos seus filhos como únicos e perduráveis herdeiros legítimos, como segue: — Zdenka Hozova, C.T. 500.000, Anna Salierova, C.T. 500.000, Vladimir Schiebel, C.T. 400.000, os quais aceitam esses legados ou, então, a renúncia feita em favor deles no citado requerimento.

A esposa Marie Batova, sobrevivente, e o filho sobrevivente, Tomas Bata, aceitam igualmente os legados que lhes foram fixados.

Calculando a sua propriedade no testamento de 19 de maio de 1931, o testador pronuncia-se sobre o seu crédito para com a cidade de Zlin vagamente, com a palavra "certa". Por esta razão é que foi apurada na firma Bata S. A. a importância certa que, conforme a carta desta firma de 27 de setembro de 1932, eleva-se no dia do falecimento do testador a C.T. 4.162.131.

A seguir os herdeiros declaram sob juramento os seguintes:

A. BENS: —

- 1./ Débito da firma Bata S. A. de Zlin, no valor de C.T. 57.262.131.
 - 2./ Relógio de ouro e outros valores C.T. 5.000
 - 3./ Dinheiro C.T. 1.000
 - 4./ Roupas C.T. 5.000
- Valor total dos bens C.T. 57.273.131.

B. DIVIDAS: —

Não há.

O valor total dos bens ao mesmo tempo representa, portanto, a herança líquida.

DÉBITOS: —

1./ Recebedoria de Rendas de Kolin, reclamação dos impostos atrasados na importância de C.T. 27.054.90, conforme a declaração de 5 de novembro de 1932 N.º 791/32 da Recebedoria de Rendas e N.º D. 297/32.23 N.º 1.34.

2./ Recebedoria de rendas de Holic, declaração de impostos atrasados na importância de C.T. 3.054.20, conforme declaração de 16 de novembro de 1932 N.º 1245 da Recebedoria de Rendas e N.º D. 297/32.24 N.º 1.35.

3./ Recebedoria de Rendas de Jihlava, reclamação dos impostos atrasados na importância de C.T. 5.310.25, conforme a declaração de 26 de outubro de 1932 N.º da conta 294 P.C. e de 22 de dezembro de 1932 N.º 2532/33 N.º D. 297/32.22 N.º 297/32.22 N.º 1.33 e D.297/32 N.º 1.54, não só reconhecem, visto que:

o débito sob 1., aparecendo com atrazo incl. do ano de 1930 está em virtude das disposições definitivas pago, e os débitos sob 2. e sob 3. são débitos da firma T. & A Bata, como evidenciam as declarações feitas, e não do testador Tomas Bata.

Os participantes fazem a proposta para os mencionados se dirigirem, no que diz respeito aos seus créditos, à ordem judicial.

Foi constatado que o haver do Eng. Jan Bazant de C.T. 150.000, incluído no inventário pelo requerimento de 8 de Agosto de 1932, N.º D. 297/32-13 N.º 1.22, foi retirado com o requerimento de 17 de setembro de 1932 N.º D.297/32-16 N.º 1.26.

Igualmente foi retirada a declaração da recebedoria de rendas de Napajedla de 5 de outubro de 1932 N.º 2408, reclamando os impostos atrasados no valor de C.T. 6.551.399.55, com o requerimento de 20 de junho de 1933 N.º 1574, visto que, em virtude das disposições definitivas do ano 1931 os impostos atrasados foram pagos.

Em seguida, os presentes fazem a proposta para que a herança seja entregue conforme a lei e de conformidade com a última vontade do finado, de 19 de maio de 1931, como segue:

A. RECEBEM: —

1./ do crédito do testador, Tomas Bata, na firma Bata S. A., de Zlin:

- 1./ a esposa sobrevivente, Marie Batova, a importância de C.T. 8.100.000.
- 2./ o filho sobrevivente, Tomas Bata, a importância de C.T. 22.000.000, sendo que esta sua propriedade será administrada pela sua mãe até ele completar 22 (vinte e dois) anos, com a condição de que a renda seja aplicada na sua educação e o restante depositado em seu favor.

- 3./ a irmã sobrevivente, Anna Schiebelova C.T. 100.000.
- 4./ a sobrinha sobrevivente, Zdenka Hozova C.T. ... 500.000.
- 5./ a sobrinha sobrevivente, Anna Salerova C.T. 500.000.
- 6./ o sobrinho sobrevivente, Vladimir Schiebel C.T. ... 400.000.
- 7./ Fundo de Beneficência com sede em Zlin C.T. ... 21.500.000.
- 8./ a cidade de Zlin C.T. 4.162.131.

II./ todo o restante da herança, i.e., (descrito no protocolo) no valor de 11.000 recebe a espósa sobrevivente, Marie Batova uma quarta parte, e o filho sobrevivente, Tomas Bata, três quartas partes como co-propriedade.

III./ As eventuais dividas do espólio pagarão a espósa sobrevivente, Tomas Bata, na proporção de 1/4 e 3/4 partes, respectivamente.

IV./ As taxas sobre a herança pagarão os herdeiros ou, então, os beneficiados, das suas partes da herança ou do legado.

Lido e aprovado este protocolo, foi êle encerrado e assinado, sendo que os interessados renunciaram a outras formalidades escritas nesta herança e fazem a proposta para que os autos com a relação da herança anexa, preenchidos pelo comissário judicial de acôrdo com este protocolo, sejam apresentados às autoridades competentes para o lançamento das taxas de herança.

(a.a.) Marie Batova — Tomas Bata.

O Tabelião em qualidade de Comissário Judicial (ass. II).

ADITAMENTO OFICIAL

Depois da audiência sobre o inventário, o comissário judicial recebeu um officio da Recebedoria de Rendas de Kolin, datado de 22 de junho de 1933, sob o N.º 791/32, segundo o qual a mesma retira a sua declaração de 5 de novembro de 1932, concernente aos impostos devidos no valor de C.T. 27.054,90.

É pois desnecessário notificar a recebedoria de rendas de Kolin sobre o não reconhecimento da divida dos herdeiros.

Zlin, 26 de junho de 1933.

O Tabelião em qualidade de Comissário Judicial (ass. II.)
Nada mais. Traduzido de uma fotocópia. — Dou fé
São Paulo, 14 de agosto de 1948.

(a) Miguel Ocugne.

CAPÍTULO XIX

ela procure reparar a desconsideração demonstrada para com o nosso país. E a reparação não deverá ser apenas moralmente, mas que restitua ou indenize as propriedades nacionalizadas de Jan Bata, em Zlin e outras cidades daquele país europeu.

Mais um trecho do ofício do ministro Decio Coimbra sobre o que ocorreu no tribunal de Praga. Diz ele o seguinte:

"o público ouviu em silêncio a leitura da sentença. Não revelou nenhuma reação. Na primeira fila dos assistentes, notava-se o dr. Kucera, um dos diretores da empresa nacionalizada de Zlin. O processo, que foi iniciado em uma sala do Tribunal do Comércio de Praga, terminou em outra sala do Tribunal de Cassação.... A imprensa de Praga limitou-se a publicar, ontem e ante-ontem a notícia da condenação sem detalhes da sessão, nem comentários. Unicamente o Boletim da Agência France Press revela o que se passou na sessão do julgamento. A mesma Agência noticiou que Bata foi informado da decisão e limitou-se a dizer: "O MUNDO COMPREENDERÁ..." tendo enviado as instruções aos seus advogados para prepararem uma apelação aos tribunais regulares, baseada em documentos importantes que estão em caminho e que não puderam ser apresentados no julgamento por escassez de tempo."

No capítulo XXXII (fotocópia) no fim deste volume, às pgs. 8, 7, 8, 9, 10 e 11 o leitor encontrará os ofícios do Ministro Hildebrando Acioli, então Secretário Geral do Itamarati e do Ministro Decio Coimbra, plenipotenciário do Brasil na Checoslováquia, narrando o que ocorreu no tribunal de Praga, onde Jan Bata foi condenado.

São esses os ofícios daqueles dois diplomatas referidos nas páginas anteriores, constantes de uma certidão do Cartório do Primeiro Ofício da Fazenda Pública:

"Homero de Miranda Barbosa, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, Escrivão do Primeiro Ofício da Fazenda Pública: Certifico, em atenção ao pedido verbal do interessado, que revendo em cartório os autos da ação de depósito requerida por Bata S/A. Zlin, contra a União Federal e outros — dele consta, ao que me foi pedido por certidão, as peças e documentos juntos aos referidos autos, que são do teor seguinte:

— DOCUMENTO DE FLS. 458 a 461 —

"ARMAS DA REPÚBLICA — Ministério das Relações Exteriores. — Rio de Janeiro, — DPI/S/N502 (oe) — Processo do senhor Jan A. Bata — Em 31 de agosto de 1948. — A S. Excia. o senhor João José de Queiroz — Juiz de Direito da 1.ª Vara da Fazenda Pública do Distrito Fe-

deral — Senhor Ministro. Tenho a honra de acusar o recebimento do ofício n.º 1031, pelo qual V. Excia. solicita informações acerca da situação de BATA S/A. de Zlin, na Checoslováquia, assim como de Jan A. Bata, brasileiro naturalizado, notadamente as relativas ao julgamento deste, naquele país. — 2. Cabe-me em resposta, levar ao conhecimento de V. Excia. que o senhor Bata era industrial em seu país de origem, a Checoslováquia. Em 1941 veio para o Brasil, tendo fixado residência no Estado de São Paulo. Requerem mais tarde, o título de naturalização, que lhe foi concedido por decreto de 25 de fevereiro de 1947, publicado no "Diário Oficial", pág. 2.494. — 3. O senhor Jan A. Bata é sucessor de seu irmão Tomas Bata, fundador e diretor das fábricas de Zlin. Adquiriu deste, toda a parte que possuía na Sociedade Bata a-s., conforme documento hábil que afirma possuir. — 4. Em dezembro de 1938, segundo as suas próprias declarações, foi preso pela Gestapo por não ser simpático ao Eixo. E, a fim de evitar ser vítima de novas violências, resolveu deixar o seu país, seguindo para os Estados da América do Norte, depois de entregar a gestão de seus bens a procuradores devidamente credenciados. Em 1941, como ficou dito acima, veio para o Brasil. — 5. Cessada a guerra, o governo da Checoslováquia, já sob a influência da URSS, processou o senhor Bata, sob o pretexto de haver sido "colaboracionista do Eixo", procurando confiscar-lhe as propriedades. — 6. O senhor Jan A. Bata chegou então para esta Secretaria de Estado, para fazer chegar ao conhecimento da Corte Nacional de Brno, a sua qualidade de cidadão brasileiro naturalizado e que desejava receber legalmente, por intermédio de nossa representação diplomática, a citação para ver-se processar bem como o teor da denúncia, acompanhada dos atos e a legislação, em que a mesma foi fundamentada, a fim de poder se defender. — 7. Este Ministério tomou as providências solicitadas, tendo a nossa Legação em Praga intercedido junto ao governo Checoslovaco, para que o julgamento do mesmo senhor se processasse de acordo com as leis e praxes internacionais. — 8. Esse pedido não mereceu a devida consideração daquele governo e o senhor Bata foi julgado e condenado à revelia pelo tribunal local, conforme informação recebida da nossa Missão diplomática, em Praga, em ofício n.º 70, de 5 de maio de 1947, do qual segue cópia em anexo. — Aproveito a oportunidade para apresentar a V. Excia. os protestos de minha perfeita estima e distinta consideração. — Em nome do Ministro de Estado (assinado) Hildebrando Acioli".

"CÓPIA — DPI/S/N/502 (80e) Anexo n.º 1 e único — Legação dos Estados Unidos do Brasil. — Praga, em 5 de maio de 1947 — N.º 70 — O processo de Jan Bata. — A S. Excia. o senhor doutor Raul Fernandes — Ministro de Estado das Relações Exteriores. — Senhor Ministro. Em aditamento aos ofícios aéreos ns. 64 e 69, transmito novas e mais detalhadas informações sobre a audiência final do processo contra Jan A. Bata, na qual foi proferida a sentença que o condenou. — 2. Como fizera o seu colega Eu-

genio Saller, na audiência anterior, renunciou também o seu mandato o segundo advogado da defesa Alois Prazak, profissional de brilhantes antecedentes patrióticos que tomou parte ativa no movimento de resistência checoslovaca, ao lado do presidente Benes, em Londres. Protestando contra a rejeição sistemática de todos os recursos de defesa e o encerramento intempestivo do processo, sem que tivessem sido ouvidas as testemunhas arroladas pelo acusado, o advogado Prazak abandonou a sala do julgamento, depois de haver formulado contra o presidente do tribunal geral Sramek, uma enérgica suspeição de parcialidade, fundamentadas nas seguintes acusações: — a) que o presidente do tribunal interrompeu os advogados da defesa e os impediu de falar sobre questões essenciais de direito; — b) o presidente proibiu que debatessem a preliminar da falta de notificação do acusado, considerando desrespeito a dignidade do tribunal qualquer tentativa para reabrir essa questão; — c) ameaçou de expulsão um dos defensores sem apresentar razões para essa ameaça; — d) "ajudou" as testemunhas a responder; — e) permitiu que o acusado fosse insultado por uma testemunha com a qualificação de "criminosos de guerra"; — f) nenhuma providência tomou para impedir a continuação da distribuição de um panfleto contra Bata, susceptível de influir sobre o ânimo dos jurados; — g) admitiu a depor unicamente testemunhas duvidosas e parciais recusando-se a ouvir as testemunhas apresentadas para a defesa do acusado. — 3. A defesa protestou também contra a composição do tribunal, constituído por um presidente — o único jurista — e em funções de jurados e assessores, juizes populares representando os diferentes partidos políticos, segundo a força eleitoral dos mesmos: 2 comunistas, 2 socialistas-nacionais, 1 social-democrata e 1 católico. Impossibilitado de comparecer um socialista-nacional, foi substituído por um comunista. — 4. Rechassada esta última impugnação iniciaram-se os debates finais, cabendo ao único defensor que restava, porque não lhe era permitido renunciar como fizeram os outros dois, apresentar razões em favor do seu constituinte. Começou o advogado Myrko Pokorny, recapitulando as irregularidades do processo realçando o fato de não terem sido ouvidas as testemunhas da defesa e do processo ter sido conduzido intempestivamente, a toda pressa "para que o julgamento se consumasse por um tribunal de excepção, cuja legalidade termina em 4 de maio" ... e por que isso? Por falta de confiança em um tribunal regular? Declarou a seguir que os objetivos reais do processo contra Bata estão claros, mas não confessados. O que se visa é a propriedade de Bata. O jornal, editado oficialmente pelos estabelecimentos Bata nacionalizados de Zlin, advertiu expressamente aos jurados: "a absolvição de Jan Bata poderá nos custar centenas de milhões de coroas..." aludindo às indenizações que a empresa nacionalizada teria de pagar. Continuando o advogado acentuou que nenhum tribunal do mundo podia condenar baseado em presunções. Na ausência de provas, teria de pronunciar-se a favor do acusa-

do. Concluiu fazendo um apêlo à consciência dos membros do tribunal. Depois de 2 horas e meia de deliberação, o tribunal proferiu a sua sentença: Jan Bata absolvido das acusações de ter ajudado o inimigo, de ter entrado em entendimento com Goering, de ter planejado a emigração em massa da nação checa para a Patagônia, de ter feito propaganda do nazismo e de ter impedido o alistamento de empregados seus no exército, é reconhecido culpado de ter criado obstáculos ao movimento de resistência checoslovaca, de não ter cooperado para a libertação de seu país e de ter agido de maneira a ser incluído nas listas negras dos países aliados. Em conclusão: condenado a 15 anos de prisão, sendo 10 anos de trabalhos forçados, com uma pena suplementar de passar em cela escura todo o 15 de março de cada ano, aniversário da ocupação da Checoslováquia pelas tropas alemãs, à degradação nacional e ao confisco de todos os seus bens em benefício do Estado. — 5. O público ouviu em silêncio a leitura da sentença. Não revelou nenhuma reação. Na primeira fileira dos assistentes, notava-se o dr. Kucera, um dos novos diretores da empresa nacionalizada de Zlin. O processo, que foi iniciado em uma das salas do Tribunal do Comércio de Praga, terminou em outra sala do Tribunal de Cassação. — 6. No mesmo dia era absolvido o diretor Geral da Bata, durante a ocupação, Domenik Cipera, da mesma forma que havida sido exonerado de culpa o administrador alemão dos mesmos estabelecimentos, senhor Miesbach. — 7. A imprensa de Praga limitou-se a publicar ontem e ante-ontem, a notícia da condenação, sem detalhes da sessão nem comentários. Unicamente o Boletim da "agência France Press" revela o que se passou na sessão de julgamento. — A mesma agência noticia que Bata foi informado da decisão e limitou-se a dizer: "O MUNDO COMPREENDERÁ...", tendo enviado instruções aos seus advogados para prepararem uma apelação aos tribunais regulares, baseado em documentos importantes que estão a caminho e que não puderam ser apresentados ao julgamento por escassez de tempo. Aproveito a oportunidade para renovar a V. Excia. os protestos de minha respeitosa consideração. (a) Decido Coimbra. E cópia fiel — Confere: (a) Elza Martins de Souza — auxiliar de escritório, IX — Confere — (assinatura ilegal) Diplomata classe "L".

damento de não ser válida a venda das mesmas propriedades, realizada em 1931.

Alegou, ainda, que Jan Bata se apossou ilegalmente das referidas propriedades fundadas por Tomas, pai, esquecendo que, um ano após a morte d'este, Jan Bata pagou aos herdeiros 57.000.000 de coroas checas (1), preço este estipulado pelo morto e constante do contrato de compra e venda. Além disso outros documentos em poder de Jan Bata atestam que a transação foi evidentemente legal e cercada de todas as garantias jurídicas. Esses documentos, conforme se vêem nas folhas seguintes, estão devidamente legalizados pelas autoridades judiciárias e executivas da Checoslováquia, inclusive pelo juiz que homologou o inventário do espólio de Tomas Bata, em tempo oportuno.

Porque, pois, somente 17 anos depois Tomas Bata Jr. e sua mãe acharam que a venda era ilegal? Não receberam eles o valor das aludidas propriedades, reconhecendo, nesse ato, a vontade do morto? Com o recebimento do valor da propriedade, estipulado no contrato de compra e venda, no testamento do próprio punho e no inventário, não deram aqueles herdeiros por legal e bem feita a respectiva transação?

Não tendo antes protestado contra o ato, está claro que os dois herdeiros procuraram se aproveitar da situação em que se achava o verdadeiro proprietário das indústrias Bata, para tentar anular um ato legal, realizado há 17 anos. A attitude do sobrinho e da cunhada daquele industrial, é, pois, profundamente lamentável.

Fotocópias relativas a este documento o leitor encontrará no respectivo capítulo, no fim d'este volume, às pgs. 12, 13, 14 e 15.

(1) Inventário do Espólio Tomas Bata.

Tradução do testamento de última vontade, do próprio punho de Tomas Bata:

"Eu, Miguel Ocougne, Tradutor Público Juramentado pela Meretíssima Junta Comercial do Estado de São Paulo, República dos Estados Unidos do Brasil, certifico, que me foi apresentado um documento escrito em idioma checo e a pedido da parte interessada o traduzi fielmente para o idioma português.

A respectiva tradução diz o seguinte:

SI 25/32 — D 297/32 — Cópia. — Primeira página. —

Minha última vontade:

Formada no dia 19-5-1931. — Primeira página. —

Os meus bens em data de hoje consistem em: —

Crédito no J. A. Bata pela venda de todas as ações de sociedade aqui e no estrangeiro — Coróas checas 50.000.000.

Minha casa residencial em Zlin, — C.t. 100.000

Fazendas em Loucka e Lazy, e Schmergerle — C.t. 3.000.000

Crédito com a cidade de Zlin — C.t. 4.300.000

Total — Coróas checas 57.400.000. —

Dêstes meus bens lego: —

A minha espósa, senhora Maria Bata, as fazendas Loucka, Lazy, Schmergerle — C.t. 3.100.000

Além disto, em dinheiro — C.T. 5.000.000. —

Ao meu filho Tom Bata a sua parte legítima — C.t. 22.000.000, com a disposição que esta sua propriedade seja administrada pela sua mãe até que elle complete 22 anos de idade.

A renda d'este capital deve ser utilizada para a sua educação, e o que sobrar deve ser depositado a favor do mesmo.

Total: — Coróas checas 20.100.000. —

Transporte: — Coróas checas 30.100.000. —

Lego à minha irmã Ana Schieblova — Coróas checas 1.500.000

A cidade de Zlin pagará a divida que tem a Bata S. A. J. A. Bata C.T. 4.300.000. O restante coróas checas 21.500.000. —

Lego aos meus colaboradores e deve ser pago durante 5 anos com 5% de juros, esta quantia ao Fundo Cooperativo Bata, e deve ser administrado no espirito dos Estatutos já existentes. —

Entende-se que escrevi esta minha última vontade em pleno gozo de minhas faculdades mentais e sem nenhum constrangimento, de próprio punho.

Tomas Bata — de mão própria. —

Figura 106 Estudo para Batatuba, [s.d.]. Centro de Memória Jindrich Trachta.

Figura 107 Plano de Batatuba a nanquim, 1948. Centro de Memória Jindrich Trachta.

tude da série de golpes que lhe foram desfechados. Eram mapas, cálculos, cópias de tratados entre nações, de decretos de nacionalizações de suas empresas, de indenizações, relação de todas suas empresas no mundo conhecidas pelos comunistas, créditos congelados pelos democráticos e bem assim os créditos e dividendos pessoais inexplicavelmente ainda em poder dos bancos e fábricas nos países ocidentais. O chefe do governo promete-lhe toda a pressão no estudo daquela "papela-da". Mas governo tem seus auxiliares. Estes acham o Rei do Sapato um visionário. E entram os "professores", os "doutores" da "entourage" presidencial a deletrear o plano: "Plano? Isto não é plano. Plano, é o plano SALTE". E o fato é que, plano ou não, deram-lhe sumiço num fechar e abrir de olhos! Ninguém sabe onde foi parar. Jan Bata não lhe fez mais os olhos em cima.

E no entanto foi ele elaborado nos moldes dos muitos outros executados nos diversos países da Europa, da África do Sul, do Oriente Próximo e, também, da América. Sobre a sua exequibilidade não parece nenhuma dúvida, porquanto foi ele decalcado de casos concretos. Os planos Bata jamais falharam, senão por motivo de guerra. Não seria, pois, no Brasil e sobre as vistas do próprio autor que este viesse a fracassar. Ele era portanto, respeitável sob todos os pontos de vista. Aliás ninguém de boa fé ousaria levantar suspeição de um tão completo planejamento (1), prevendo os mínimos pormenores, inclusive os impostos e contribuições a serem recolhidas aos cofres públicos no período de fixação de cada indústria. Além disso já havia o exemplo da cidade e da indústria de Batatuba, iniciada em 1941 (2). Esta o Rei do Sapato estava tocando para frente quase sem recursos. E no entanto ela prosseguia. Também já havia a de Bataguassu, que estava progredindo lentamente, mas com segurança. Por que, pois, duvidar da capacidade de um homem, cujo passado estava semeado de exemplos? Não era suficiente a prova que estava a vista de todos, dentro de nossas próprias fronteiras?

O esquema da página seguinte é relativo à fundação das dez cidades baseadas na fábrica como fonte de economia da população, das quais Jan Bata já construiu 20 em diversos países do mundo:

O MUNDO COMPREENDERÁ

187

CIDADE ESTADO	MERCADORIA A PRODUZIR	Milhões de pares por ano	Milhões de cruzeiros			Data Início
			Total	Capital a ser inv.	Em anos	
BATATUBA São Paulo	Sapatos de couro, borracha, meias e máquinas.	4 5	387	133	55	1941
BATABERÁ São Paulo	Agricultura, criação, florestas, tanino, borracha, papelão, celulose, celofane.		140	60	35	1943
BATAIBUNA Bahia	Sapatos de couro borracha, meias.	8 15	387	60	55	1948
BATAFORÁ Minas Gerais	Sapatos Meias	8 15	387	60	55	1945
BATAIARA Rio de Janeiro	Sapatos Meias	8 15	387	60	50	1950
BATARASSU Pernambuco	Sapatos Meias	8 12	387	60	50	1951
BATAPE Rio Grande do Sul	Sapatos Cortume Meias	8 12	387	60	50	1952
BATAJUBÁ Pará	Sapatos Meias	8 10	387	60	50	1953
BATAGUASSU Mato Grosso	Madeira, artefatos de gado e agricultura, colonização.		120	40	25	1949
BATAVARI Paraná	Sapatos Meias	8 10	387	60	50	1954
	Pares de Sapatos, Pares de meias.	52 105	13.152	653	455	

Neste esquema estão incluídas as dez cidades que Jan Bata pretende fundar no Brasil. Batatuba, já é uma cidade em perspectiva. Bataguassu já tem vida própria e Bataberá está sendo iniciada. As outras ainda não foram começadas porque faltam recursos, que se acham retidos no estrangeiro.

(1) — Plano de Industrialização do Brasil.

(2) — Ibidem.

DIÁLOGOS E MEMÓRIAS

De acordo com a metodologia colaborativa de pesquisa 20 jovens e 20 senhoras se encontrarão para narrar e representar a si, o lugar e seus entornos memoráveis. Serão 08 encontros a principiarem formas de se propagar no tempo e no espaço por meio de registros de suas narrativas em mídias digitais e em redes sociais: Facebook e Mapa Coletivo. Este projeto que se inicia está alocado no laboratório de pesquisa “Cidade do conhecimento” ECA/USP, sob a orientação do Prof. Dr. Gilson Schwartz e conta com o apoio da FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Os participantes deverão assinar termo de autorização para uso de imagem e voz para finalidades de pesquisa científica.

novembro

Dom	Seg	Ter	Qua 27	Qui 28	Sex	Sáb
			o que fazemos das nossas memórias SUAVIDADE	o que fazemos das nossas memórias JOVENS		

Dezembro

Dom	Seg	Ter	Qua 8:30 às 10h	Qui 10h às 12h	Sex	Sáb
			4 Ouvir o outro e o representar	5		
			11 Registros: O lugar e a memória	12		
			18 Formas de compartilhar	19		

Revelando¹ Lugares de Memória em Batatuba

Sônia Barreto de Novaes – doutoranda em Meios e Processos Audiovisuais – CTR/ECA/USP, pesquisadora dos Grupos de Pesquisa “Cidade do Conhecimento” e Grupo de Estudo sobre Novas Narrativas. Bolsista FAPESP.

soniapazqual@gmail.com

Tendo em vista os encontros realizados em Dezembro, nos quais deu-se ênfase à memória de cada participante daqueles e que, no entanto, ficou demarcado a questão do bairro e a representatividade da fábrica Bata nas lembranças, retomamos agora para mais um mês de encontros pelo bairro, onde se pretende revelar e mapear histórias de 12 pontos, a saber: 1 – Fábrica; 2 – Escola Marie Bata; 3 – CRAS; 4 – Escola; 5 – Rua A; 6 – Rua B; 7 – Rua C; 8 – Vila de Baixo; 9 – Igreja “São Braz”; 10 – Pousada Casa Amarela; 11 – Casarão Bata; 12 – Santa Trilha.

Os registros serão realizados em anotações, áudio e em captação de imagens que serão editadas e comporão 12 vídeos de no máximo 5min/cada e serão compartilhados no Youtube e, em partes, na rede social Facebook. Todo o trabalho deverá compor a iniciativa de um mapa profundo de memória (Google Earth) de narrativas transversais sobre Batatuba. A ideia é começar a desenvolver uma memória digital do Bairro para, posteriormente compor também uma memória do lugar em alguma localidade de Batatuba.

Pontos a serem abordados:

1. Apresentação e formação do Grupo (5 horas)
 - 1.1. Breve histórico de Jan Antonin Bata e do Bairro Batatuba
 - 1.2. Mostra do mapa digital e pontos que se pretende revelar

¹ Projeto a ser desenvolvido em parceria com o CRAS - Batatuba

- 1.3. Como ouvir uma narrativa além dos ouvidos
- 1.4.O que se fará com estes registros (mapa digital e Facebook)
2. Entrevistas – ouvindo as narrativas (45 horas)
3. Cuidado com os arquivos e edição de imagens (45 horas)
4. Mapa Digital (Google) Rede Social (Facebook, g+) Youtube (45 horas)
5. Sarau do Bata – (10 horas)
6. Mostra Batatuba de Documento Audiovisual: (20 horas)

Total de horas aproximada: 170 horas – média de 6,5 por dia.

CRONOGRAMA – MARÇO/ABRIL

Narrativa em Batatuba	MARÇO														ABRIL											
	10	12	13	17	18	19	20	21	24	25	26	27	28	31	1	2	3	4	7	8	9	11	12	25	26	
	x	x																								
Apresentação do projeto																										
Entrevistas nos pontos				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					
Edição de imagens				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					
Youtube/Facebook/Mapa				x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x					
Sarau do Bata																						x	x			
Mostra memória-Bata																							x	x	x

MUNICÍPIO DE PIRACAIA

Estado de São Paulo

A 10

DEPARTAMENTO DE ASSISTÊNCIA SOCIAL **CENTRO DE REFERÊNCIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL-CRAS**

Rua Acre nº 30, Bairro: Batatuba – Piracaia-SP
Email: crasbatatuba@yahoo.com.br – Tel: 4036.7702

Of. nº Especial

Piracaia, 16 de maio de 2014.

Prezado Senhor,
ALCINDO BUENO
DD, Diretor do Departamento de Assistência e Promoção Social-DAPS

Convidamos V.Sa. e sua família a participarem da Mostra de Vídeos
“Revelando Batatuba”, que será realizada no dia 23/05/2014, (sexta-feira) às 19:00h.

Informamos que este trabalho foi desenvolvido com a Sra. Sônia Barreto de Novaes, como parte de sua tese de doutoramento em Meios e Processos Audiovisuais sob a orientação do Prof. Dr. Gilson Schwartz CTR/ECA/USP e com a colaboração do Centro de Referência de Assistência Social-CRAS por meio do Grupo da Suavidade e do Grupo dos Adolescentes, promovendo, desta forma, o envolvimento intergeracional na história/memória do bairro de Batatuba-Piracaia-SP.

Atenciosamente,

VERA LÚCIA FERREIRA CAMARGO MARCOTRIGGIANO
COORDENADORA DO CRAS

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E VOZ
Pessoa MENOR de 18 anos

Neste ato autorizo expressamente a utilização da imagem e da voz de _____, meu _____, para fins exclusivamente acadêmicos e culturais em caráter definitivo e gratuito, decorrentes da minha participação no projeto de pesquisa da doutoranda: Sônia Barreto de Novaes cujo título é "Lugares de memórias: tempos midiaticizados em Piracaia" vinculado à Cidade do Conhecimento/ECA/USP, sob orientação do Prof. Dr. Gilson Schwartz.

As imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação audiovisual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O pesquisador, acima citado, fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins aqui estipulados.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Piracaia, ____ de _____ de 2013.

Assinatura

Nome: _____

RG.: _____

Telefone: () _____

Endereço: _____